

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**SUBJETIVAÇÕES EM NOVA LIMA:**  
**(trans)formações de uma cidade operária em acelerado**  
**processo de metropolização**

**Nina Rosa Magnani**

**Belo Horizonte**

**2009**

**Nina Rosa Magnani**

**SUBJETIVAÇÕES EM NOVA LIMA:  
(trans)formações de uma cidade operária em acelerado  
processo de metropolização**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Processos de Subjetivação

Orientador: Prof. Dr. William César Castilho Pereira

**Belo Horizonte**

**2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M196s Magnani, Nina Rosa  
Subjetivações em Nova Lima: (trans)formações de uma cidade operária em acelerado processo de metropolização / Nina Rosa Magnani. Belo Horizonte, 2009.  
209f. : il.

Orientador: William César Castilho Pereira  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Subjetividade. 2. Divisões territoriais e administrativas. 3. Regiões metropolitanas. 4. Urbanização. 5. Segregação. 6. Marginalidade social. 7. Nova Lima – Vida e costumes sociais. I. Pereira, William César Castilho. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.922.2

Nina Rosa Magnani

**SUBJETIVAÇÕES EM NOVA LIMA: (trans)formações de uma cidade operária em acelerado processo de metropolização.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos de Subjetivação.

---

William César Castilho Pereira (Orientador) – PUC Minas

---

Michel Marie Le Ven - UFMG

---

Roberta Carvalho Romagnoli – PUC Minas

**Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2009.**

*À memória de Dazinho, símbolo de resistência,  
conciliação e dignidade em Nova Lima.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor William, orientador e amigo, por sustentar minhas errâncias.

À professora Roberta, presença-potência.

Aos professores Michel Le Ven e João Leite Ferreira Neto pelas críticas solidárias.

A meus filhos pela atenção amorosa.

Aos companheiros de trabalho pelo apoio e pela paciência.

A todos que contribuíram para que esse trabalho fosse realizado,

*gracias a la vida.*

*“– É hora de concluir o século dos ratos e iniciar o das andorinhas – disseram os mais resolutos. E, de fato, sob o sinistro e sórdido predomínio ratinheiro, já se sentia incubar, entre as pessoas menos notórias, um ímpeto de andorinhas, que avançam no ar transparente com ágil movimento de cauda e desenham com a lateral das asas a curva do horizonte que se alarga.”*

Ítalo Calvino, “Cidades Invisíveis”.

*“Liberdade para outros bravos,  
quebrando agora outras formas de opressão”*

Hino do Sindicato dos Mineiros de Morro Velho

## RESUMO

Esta dissertação aborda as (trans)formações espaciais, sociais, políticas e ambientais ocorridas no território de Nova Lima a partir da década de 90 e seus efeitos de subjetividade. Estudou-se o inter cruzamento entre a trajetória de Nova Lima como cidade operária, sua transformação em cidade dos condomínios – “paraíso das elites” – e os processos de subjetivação que nessa passagem se têm produzido. O objetivo da pesquisa foi traçar possíveis conexões entre os macroprocessos de múltiplas ordens que incidem sobre o território novalimense (com destaque para o acelerado movimento de metropolização provocado pela expansão da região sul de Belo Horizonte) e os processos de subjetivação inscritos no cotidiano dos habitantes de Nova Lima, compondo entrelaces entre os aspectos pesquisados e as trajetórias singulares dos entrevistados. Os moradores foram ouvidos através de entrevistas individuais e de Grupo Focal, sendo feito um mapeamento de suas falas e diálogos, agrupados por aspectos abordados, resultando num mosaico de intensidades, idéias, percepções e afetos relatados do ponto de vista dos cidadãos – especialistas em sua própria realidade.

**Palavras-chave:** Processos de subjetivação. Território. Metropolização. Cidade operária. Segregação espacial. Modos de vida.

## **ABSTRACT**

This dissertation leads with the spatial, social, political and environmental (trans)formations that took place at Nova Lima's territory from the 90's and their effects of subjectivity. It was studied the intercross between Nova Lima's trajectory as a worker city, its transformation into a city of condominiums - "elite's paradise" - and the processes of subjectivity in that have taken place this passage. The objective of this research was to establish possible connections between the macro processes of multiple orders that affect Nova Lima's territory (especially the fast metropolization process caused by the expanding of the southern region of Belo Horizonte) and the subjective processes included in the daily life of Nova Lima's inhabitants, making interconnections between the issues investigated and the interviewed people trajectories. The residents were heard through individual interviews and focus groups, and then it was made a mapping of their speeches and dialogues, grouped by covered aspects, resulting in an intensities, ideas, perceptions and emotion mosaic, reported in terms of these citizens - experts in their own reality.

**Key-words:** Subjectivity process. Territory. Metropolization. Worker city. Spatial Segregation. Lifestyles.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Implicações .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Ordenações .....</b>	<b>14</b>
<b>2 PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Dos processos de subjetivação e do território .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Posturas e métodos .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Recursos .....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 O traçado e o texto .....</b>	<b>31</b>
<b>3 (TRANS)FORMAÇÕES EM NOVA LIMA: DE CIDADE OPERÁRIA A PARAÍSO DAS ELITES .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 História .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1.1 A mina .....</b>	<b>43</b>
<b>3.1.2 Movimento operário .....</b>	<b>58</b>
<b>3.2 Mudanças pós-90 e a questão espacial .....</b>	<b>62</b>
<b>3.2.1 A Nova Lima Nova .....</b>	<b>68</b>
<b>3.3 Novos espaços para uma segregação secular .....</b>	<b>76</b>
<b>4 METRÓPOLE E SUBJETIVAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM NOVA LIMA.....</b>	<b>81</b>
<b>4.1 Cidades, metrópoles, megalópoles .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1.1 Periferias .....</b>	<b>96</b>
<b>4.2 Subjetivações quando a Metrópole avança .....</b>	<b>97</b>
<b>4.2.1 Sobre rodas .....</b>	<b>102</b>
<b>4.2.2 Nos vãos da cidade .....</b>	<b>107</b>
<b>4.3 Territorialidades .....</b>	<b>111</b>
<b>4.3.1 Nova Lima são muitas .....</b>	<b>111</b>
<b>4.3.2 Desterritorializações .....</b>	<b>116</b>
<b>4.4 Invasões civilizadas .....</b>	<b>118</b>

<i>4.4.1 Guetos de luxo</i> .....	120
<i>4.4.2 Segregações</i> .....	127
<b>4.5 Alterações ambientais, contato com a natureza</b> .....	129
<b>4.6 Espaços de cultura e lazer</b> .....	134
<b>5 VIVENDO A NOVA CIDADE</b> .....	139
<b>5.1 Jeitos de ser, maneiras de viver</b> .....	139
<b>5.2 Meninos na cidade</b> .....	146
<b>5.3 A cidade do medo</b> .....	151
<b>5.4 Adoecimentos</b> .....	155
<i>5.4.1 Uma ponte entre dois mundos</i> .....	157
<b>5.5 Linhas de fuga</b> .....	159
<b>6 DISCUTINDO O VIVER NA CIDADE: IMPASSES E POSSIBILIDADES</b> .....	165
<b>6.1 Dinâmica das discussões</b> .....	166
<b>6.2 Sobre viver em Nova Lima</b> .....	171
<b>6.3 Palavras, palavras</b> .....	182
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	192
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	197
<b>APÊNDICES</b> .....	203
<b>Apêndice A – Glossário</b> .....	203
<b>Apêndice B – Roteiro das entrevistas individuais</b> .....	205

## 1 INTRODUÇÃO

A região de Nova Lima vem passando, desde a década de 90, por acelerado ritmo de mudanças, bem evidentes nas extensas intervenções e modificações no espaço urbano e no seu perfil sócio-econômico, e por outras alterações pouco delineadas, mas não menos importantes, com relação à produção de subjetividade e às maneiras de ser e se relacionar, às “práticas de si”<sup>1</sup>, aos estilos de vida de sua população. A metropolização da região, fenômeno contido durante um século e meio, pelo fato das mineradoras deterem a posse da maior parte das terras disponíveis, a partir da década de 90 aconteceu de forma vertiginosa, impulsionada por novos interesses econômicos e pela necessidade de expansão da região sul de Belo Horizonte, disparando assim múltiplas e drásticas alterações.

[...] eu lembro Nova Lima com quarenta e dois mil habitantes, nó, levou anos, décadas prá..., aí de repente chegou a sessenta, setenta mil, assim de uma hora pra outra, quer dizer a cidade cresceu né, a população aumentou, as construções aumentaram, as ruas, aumentou tudo, cresceu a cidade. (Irineu)<sup>2</sup>

A década de 90 se impôs como referencial, não só por sua importância para o município com a progressiva extinção das jazidas rentáveis da mineração e a intensificação do processo de urbanização da região metropolitana de Belo Horizonte, mas também por ter sido marcada pela alteração da configuração político-econômica mundial, com a tendência hegemônica neoliberal e a chamada globalização da economia. Todas essas macro-mudanças foram acompanhadas por importantes modificações em todos os níveis, da cultura às relações sociais, das estratégias de sobrevivência às subjetividades.

Em Nova Lima, os moradores mais antigos, ligados a configurações sócio-espaciais pautadas pela presença e domínio da atividade mineradora e a ritmos de vida interioranos, se deparam agora com uma diversidade de paisagens urbanas, multi-influências e ritmos da metrópole que chega às suas portas e invade seu cotidiano, e com novos moradores, pertencentes a grupos sociais e estilos de vida diversos. Multiplicam-se os cenários, persiste a segregação e a pequena autonomia do município sobre os destinos do território, o que se reflete no dia-a-dia dos seus habitantes e em novos modos de produção de subjetividade, “isto é, de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade” (GUATTARI, 1995, p.33).

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Michel Foucault, no livro *Uso dos Prazeres (História da Sexualidade)*, se referindo às artes da existência e à sua proposta genealógica de construção de uma história das problematizações éticas.

<sup>2</sup> Irineu foi um dos entrevistados durante a pesquisa.

No campo psicossocial, novos transtornos, distúrbios pouco conhecidos se apresentam, assim como impasses criados pela exacerbação dos confrontos e pela ausência de práticas que contemplem essa nova configuração.

Este início de século se constitui num momento bastante favorável, uma oportunidade única de se cartografar no ato, enquanto acontecem, de forma pulsante e viva, essas transformações, seus efeitos de subjetivação, suas dificuldades e aberturas. Também, de se identificar, as reproduções, cristalizações e resistências, às vezes revestidas de novas formas, assim como a erupção de inventos e de produções potencialmente transformadoras e restauradoras das trajetórias de vida, singulares e coletivas, na região de Nova Lima. Desta maneira, esta pesquisa buscou mapear alguns cenários, certos traçados de um largo espectro de acontecimentos que se apresenta, em bruto, para registro e análise.

Procurei acessar fenômenos, construções, transformações, pensares e fazeres que se desenrolam neste município do eixo sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte, seus desdobramentos e conexões. Assim, vemos presentificadas, no nível local, as grandes questões do mundo do Capitalismo Globalizado, com suas particularidades e idiossincrasias, miudezas do cotidiano, mas parte de um amplo processo de produção do espaço, do trabalho, das subjetividades, da vida na Grande Cidade. “O mundo está aqui e aqui está no mundo” (Irineu).

As transformações que acontecem em Nova Lima se impõem como tema de fundo para qualquer trabalho de pesquisa que queira localizar adequadamente seu objeto na atualidade do município, usufruindo da oportunidade de se registrar, ao vivo, um processo que se desenrola com aspectos previsíveis ou surpreendentes, às vezes com tonalidades surreais, como a imagem das torres do Vila da Serra e das Seis Pistas<sup>3</sup> surgindo por trás da mata.

Visualizo também a importância deste trabalho como base e referência para futuros estudos nesse território, seja no campo da psicologia, fortalecendo uma abordagem da subjetividade que leve em conta a polifonia, a heterogênesse e as múltiplas causalidades histórico-espaciais, locais e globais; como em outras áreas de investigação que considerem os processos de subjetivação produzidos na região.

Num tema atual estão imbricadas complexas conexões histórico-espaciais, desdobramentos, simplificações, análises, macro e micropolíticas. A história se inscreve espacialmente no tecido da cidade, nas suas construções, nas suas demolições, no recorte das

---

<sup>3</sup> Bairros situados na fronteira entre Nova Lima e Belo Horizonte, onde prédios luxuosos são construídos com grande rapidez.

ruas, no patrimônio preservado ou destruído; sinais de uma rota coletiva e de singulares trajetórias.

O registro e análise dessas transformações implicam em se estabelecer conexões com aspectos importantes da trajetória da cidade e das subjetividades que aí se produzem. Dessa maneira, estudar os processos de subjetivação que acontecem numa Nova Lima em transformação convoca vários saberes, muitos olhares, épocas e cenários variados. Na sua complexidade, um trabalho difícil e apaixonante.

### **1.1 Implicações**

Quando escolhi como tema de meu projeto de pesquisa os processos de subjetivação que se constituem e são produzidos no bojo das transformações pelas quais vem passando o território de Nova Lima, além do interesse por desenhar e abordar as complexas tramas que aí se desenrolam e se apresentam para estudo, fui impulsionada pelas conexões de toda uma vida, com a cidade, sua natureza, sua história, seus percalços.

Minha mãe, novalimense, filha de imigrantes libaneses que vieram parar no município, no início do século passado, atraídos pelo ouro e meu pai, filho de família italiana que chegou a Belo Horizonte por ocasião da sua construção, tendo se enlaçado com a Terra do Ouro ainda jovem como professor do Liceu e mais tarde advogado da Mineração Morro Velho, me forneceram a primeira oportunidade de contato com Nova Lima e seus moradores. Pude sentir desde a infância, nas visitas à cidade, as características arquitetônicas, o gemido da mina, a diversidade étnica, o sofrimento e o bom humor de seu povo, a organização fortemente segregadora do espaço e da vida na cidade.

Moradora de Nova Lima, onde trabalho desde 1978, atuando em frentes diversas, desde o ambientalismo até a cultura popular, passando pelo movimento feminista até a militância política, como profissional do campo-Psi fui multiconstituída por várias facetas e posturas, formações e circunstâncias. Ao escolher esta temática, fui influenciada pelos múltiplos fatores que dizem respeito à minha trajetória profissional, envolvida há 30 anos no trabalho de interface entre cultura, saúde, educação, em especial com crianças e adolescentes. Trabalhando há 25 anos no Centro Psicopedagógico da Prefeitura Municipal de Nova Lima, tenho registrado a interligação das forças presentes na constituição do território e da sociedade com os processos de produção da subjetividade, das maneiras de se viver e também com os impasses, rupturas e adoecimentos do cidadão e da coletividade.

Como freqüentadora de matas, riachos e cachoeiras da região, militante ambientalista por mais de uma década, senti na pele quando vi agradáveis trilhas nas montanhas, bicas, cursos e quedas d'água serem destruídos por tratores e máquinas, para abertura de estradas e expansão da indústria ou das áreas loteadas nos grandes empreendimentos imobiliários. Isso tem a ver pessoalmente comigo, com meus filhos, com meu estilo de vida e de muitos amigos. Tivemos que abandonar, com tristeza e indignação, nossas caminhadas e incursões à natureza, pois as cercas e a degradação estão em toda parte.

A vivência dos efeitos da chegada da grande metrópole e da aceleração de sensíveis transformações nas formas de vida e nos processos de subjetivação, ocorridos nas duas últimas décadas em Nova Lima, me moveu a esta pesquisa, que buscou aquilo que se dissolve, o que permanece, o que se cria, o que se metamorfoseia, o que se disfarça e como isso acontece. Caracteriza-se por ter sido concebida e realizada com grande mergulho e enraizamento, ao mesmo tempo em que tive a oportunidade de praticar um movimento de “estar nômade”, desenraizada, olhando todo o panorama com olhos de primeira vez.

Estando mergulhada na vivência dos acontecimentos da cidade, de sua história de lutas, derivas, sucessos e capitulações, um simultâneo distanciamento crítico, proporcionado pela maturidade e pela maior amplitude teórica, me traz a este propício momento de trabalhar com a multiplicidade de fluxos e capturas presentes nas amplas e aceleradas transformações que ocorrem na região, a partir da década de 90. Momento também de modificação das formas de sentir e estar na cidade e de re-invenção de estratégias de combate e de possíveis movimentos libertários.

Muitos entrevistados têm de mim uma determinada visão e registro de certos ângulos de minha inscrição social, o que envolve e modela as respostas e opiniões, na interação fecunda entre o campo temático e a história do pesquisador e dos pesquisados. Assim, as respostas sofrem, em parte, a influência da interseção do meu espaço existencial com o do entrevistado. Cada encontro com o universo pesquisado é também um encontro da cidade em mim e suas derivações. A inseparabilidade entre conhecimento/vida está configurada no meu próprio corpo. Essa implicação só enriquece o trabalho, desde que essas nuances sejam consideradas e registradas, como aspectos presentes e que produzem efeitos, visíveis ou não. “Do ponto de vista cartográfico, existe uma aliança móvel, uma dança onde o momento do sujeito penetra o momento do objeto, acabando por formar instantes mútuos nos quais sujeito e objeto somem e fazem surgir um testemunho do tempo em algum lugar.” (KIRST et al., 2003, p.99).

## 1.2. Ordenações

O objetivo geral da pesquisa poderia ser dito como: - Traçar possíveis conexões entre os macroprocessos sócio-político-histórico-espaciais que incidem sobre o território novalimense, em transformação, e os processos de subjetivação inscritos no cotidiano dos seus moradores.

Os objetivos específicos podem ser localizados num tripé, em que todos os elementos têm importância para os rumos tomados, a metodologia escolhida e a busca teórica empreendida:

I – Desenhar genealógicamente a trajetória sócio-histórico-espacial do município de Nova Lima, desde sua constituição como cidade-operária a suas novas configurações dentro do processo de expansão da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

II – Mapear e analisar linhas e aspectos das transformações contemporâneas, no nível local e global, em especial as relativas ao processo de metropolização, presentes nas falas dos novalimenses entrevistados.

III – Compor entrelaces entre os aspectos pesquisados e as trajetórias singulares dos entrevistados.

A pesquisa foi desenvolvida em torno de 3 eixos básicos, já traçados no projeto inicial e que se enlaçaram durante todo o percurso:

I – Mapeamento de informações e análises sobre aspectos sócio-históricos e urbanístico-ambientais do território de Nova Lima, seus trajetos e transformações. Para isto utilizei documentos, livros, entrevistas, mapas, sites, visitas, jornais, folhetos, fotografias, consultas a órgãos oficiais, conversas em ambientes informais.

II – Estudo de autores e abordagens que discutem os processos de subjetivação produzidos na metropolização das periferias e as maneiras de se viver nas grandes cidades, que possuam elementos críticos ao capitalismo globalizado e às questões colocadas pela contemporaneidade.

III – Pesquisa empírica com moradores de Nova Lima, ligados a vários cenários existenciais e configurações do território-vida.

Esses eixos foram desenvolvidos simultaneamente, se interinfluenciando e abrindo novas trilhas, desvios, atalhos. Como o mineiro no fundo da mina, apesar do traçado proposto, as errâncias e derivas muitas vezes guiaram meu trabalho, duro trabalho de sondagem e registro, de abertura de galerias e “horizontes”, numa temática cheia de pontos cegos, “chocos”, pedreiras de resistência e possibilidades de se encontrar alguma gema em alguma

perfuração. Como o próprio novalimense, escondido, retraído: “[...] a gente realmente continua encantado com o povo todo, realmente aquela coisa, entra numa gruta, assim, descobre um cristal escondido. Ele não está brilhando pra fora, você entra lá, você vê ele lá, o brilho. Pura mina, com certeza, e a gente vê.” (Rodrigo)<sup>4</sup>.

A dissertação está dividida em sete capítulos, sendo esta introdução o espaço para a localização do tema, objetivos e desenvolvimento da pesquisa, além de uma rápida abordagem das implicações decorrentes do envolvimento do pesquisador com o campo. O segundo capítulo trata dos percursos teórico-metodológicos trilhados no processo de trabalho e o terceiro desenha genealogicamente a trajetória sócio-histórico-espacial do município de Nova Lima, desde sua constituição como cidade-operária a suas novas configurações dentro do processo de expansão da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Os capítulos 4 e 5 mapeiam, desenvolvem e analisam linhas e aspectos das transformações contemporâneas, no nível local e mundial, que envolvem a produção de subjetividade, e que emergiram, como percepções, sentimentos, opiniões, posturas nos encontros com quem habita a cidade. O sexto capítulo relata a discussão entabulada no grupo focal sobre toda a temática, enquanto o sétimo traz as considerações finais, abrindo perspectivas de continuidade e desdobramentos. Há ainda dois anexos, um contendo um glossário dos termos usados no universo dos trabalhadores do fundo da mina, outro com o roteiro usado nas entrevistas individuais.

Citados no decorrer do texto, Irineu, Rodrigo, Rita, Alice, Fernando, Mirtes, Wânia, Sara, Ronaldo, Valter, José, Alda, Lúcia e Maura, são personagens e interlocutores incrustados no cotidiano da cidade que se (trans)forma. Pedras de brilho singular, compõem o traçado dessa história do presente que aqui se delineia. História de lutas e superações, perspectivas de resistência e reinvenção, que a própria pesquisa pode agenciar com sua potência, gerada no fecundo encontro entre as práticas e o conhecimento.

---

<sup>4</sup> Rodrigo foi um dos entrevistados durante a pesquisa.

## 2 PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

*“Muito cascalho há de ser processado para chegar-se ao brilho de uma pinta de ouro” (Bráulio Villela).*

Uma tese panorâmica de início de milênio. Muita coisa por rever, muitas perspectivas a considerar, resgates importantes, excessos a descartar. Várias portas de entrada. A complexidade do tema e o volume de informações me obrigam a passar rapidamente por alguns pontos que são importantes na montagem do grande painel de influências que desembocam na situação problematizada. As dificuldades com o texto: para quem escrevemos uma dissertação de mestrado? O ato de escrever para um público indefinido, passando pela definição de uma banca, como requisito para obtenção de título, carrega a escrita daquele desagradável toque de artificialidade que dificulta a inspiração e barra a escrita como deriva, como militância. Para superar esse e outros impasses, a força do desejo de saber, contribuir com meu ponto de mirada para as estratégias de combate e invenção de possíveis virtualidades numa cidade que não se reconhece.

Busquei o olhar de várias disciplinas, especialmente a geografia, a história, a sociologia e a antropologia, ou alguma coisa que esteja numa confluência de saberes, acreditando que a psicologia não se restrinja a uma pretensa “interioridade” do sujeito, mas amplie seu olhar pelos múltiplos de interinfluência que constituem a subjetividade “entendida como produção, conectada aos diversos componentes e fluxos da vida atual. [...] Para ser capaz de apreender o sujeito brasileiro contemporâneo, a psicologia precisa se manter permeável a outras interlocuções fora do seu campo de saber/fazer”. (FERREIRA NETO, 2004a, p.192) Também procurei articular autores que se dedicaram às questões urbanas, da vida nas grandes metrópoles e suas periferias e ao estudo das dimensões contemporâneas da modernidade, com as produções teóricas, documentos e registros relativos às questões locais, específicas ao território e à vida em Nova Lima.

Os autores da chamada Filosofia da Diferença têm forte presença em todo o percurso, trazendo sempre perspectivas de uma compreensão crítica e ampliada, com a riqueza de suas análises, e de rupturas e re-invenções de mundos possíveis, saindo do determinismo da constatação do poder assujeitador dos sistemas de dominação para a construção de pequenos universos libertários, que rompem as uniformidades e instaurem múltiplos devires-mundo, dissonantes, heterogêneos, singulares.

Dois conceitos estratégicos, *processos de subjetivação* e *território*, permeiam todo o trabalho. Amplos, controversos, norteadores, abrem possibilidades de compreensão do tema, se articulando com os vários elementos que despontaram no universo estudado.

## 2.1 Dos processos de subjetivação e do território

O conceito de *território*, com sua amplitude de vertentes e interpelações, se ramifica por todo trabalho, contendo desde a noção de *território-zona* que se refere ao solo, à materialidade do espaço geográfico onde se desenrolam os acontecimentos até a concepção de *territórios existenciais*, campo da subjetividade e das práticas de si, lugar dos afetos e dos afetamentos. Procuro trabalhar com a idéia de *território-vida* que inclui o substrato material, mutável, solo-natureza, limite e chão dos acontecimentos, objeto-mercadoria do mundo capitalista, foco de concentração do poder e da dominação e além e aquém disto, território como resultantes históricas, cristalizações de processos de luta e de articulações dos homens com o entorno, construções coletivas no espaço-tempo. Também, e principalmente, território ético-estético dos afetos, dos sentidos, das singularidades e das reinvenções criativas dos espaços existenciais; condensação de universos abstratos, ideológicos, artísticos, oníricos, na unidade mínima territorial: o corpo.

Alguns autores me ajudaram a pensar essa variedade de abordagens e como se relacionam com meu campo de pesquisa. Haesbaert trabalha com as idéias de hibridismo territorial e multiterritorialidade, em que co-existem vários territórios sobrepostos, desde o nível etológico, passando pelo sociológico e geográfico, chegando ao nível psicológico e subjetivo e ao filosófico.

Tendo como pano de fundo esta noção híbrida (e, portanto múltipla, nunca indiferenciada) do espaço geográfico, o território pode ser concebido a partir de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. (HAESBAERT, 2006, p.79)

Trabalho também com a concepção de território em Milton Santos, como resultante de um conjunto de sistemas naturais e artificiais, pessoas, instituições e empresas.

Consideremos o território como o conjunto de sistemas naturais mais os acréscimos históricos materiais impostos pelo homem. Ele seria formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou, em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política. (SANTOS, 2002, p.87)

Na sua análise que privilegia a dimensão econômica, o autor traz o importante e controvertido conceito de “território usado”, considerando o caráter híbrido e historicamente mutável do território: “O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo.” (SANTOS apud HAESBAERT, 2006, p.89) Santos discute também as tensões entre o caráter local do território, lugar da vizinhança, da produção, dos recursos e dos comandos em escala técnica e seus aspectos ligados a grandes comandos globais, à distância, lugar da política e das redes informacionais, compondo um território em que fixos e fluxos se interrelacionam, se opõem, na luta pelo espaço. E lança seu olhar iluminador sobre a relação espaço/ desigualdades sociais no território brasileiro:

O território é onde vivem, trabalham, sofrem e sonham todos os brasileiros. Ele é, também, o repositório final de todas as ações e de todas as relações, o lugar geográfico comum dos poucos que sempre lucram e dos muitos perdedores renitentes, para quem o dinheiro globalizado – aqui denominado “real” – já não é um sonho, mas um pesadelo. (SANTOS, 2002, p.48)

Salientando a importância para a configuração das relações sociais e para a vida do cidadão, das demarcações do território, de onde provêm a sua orientação e eficácia, o autor nos diz que “não há pacto social sem pacto territorial concomitante, mesmo que este não venha explicitado.” E nos alerta para o fato de que nos tempos atuais, “essa explicitação se torna cada vez mais necessária, para que todos saibamos para onde nos levam” (SANTOS, 2002, p.34)

Guattari e Rolnik também trazem a dimensão de território em seu sentido amplo, com foco nas relações produtoras de subjetividade:

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido, no seio do qual o sujeito se sente “em casa”. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.323).

Para Deleuze e Guattari, há uma imbricação território-agenciamento, em que todo território se constitui por agenciamentos<sup>5</sup> e todo agenciamento é, em primeiro lugar,

---

<sup>5</sup> Por agenciamentos poderíamos tomar arranjos, montagens, regimes particulares e heterogêneos, modeladores e produtores de subjetividade e de práticas discursivas. “Para Deleuze & Guattari (1995), o agenciamento corresponde a um “entre” coletivo, que convida as subjetividades a se conectarem, sem reduzi-las a sujeitos, a individualizações.” (ROMAGNOLI, 2007, p.10)

territorial. “O território cria o agenciamento. [...] A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma: dentro de sua lata de lixo ou sobre o banco, os personagens de Beckett criam para si um território.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.218).

O território de Nova Lima e de seus habitantes esteve por dois séculos modelado pela mina, subterrânea, invisível à superfície, agenciadora de processos na vida cotidiana da cidade e no poderio internacional das empresas exploradoras. O trabalho na mina e toda a atividade da cidade, circulando em torno da retirada do ouro para enriquecimento de grupos estrangeiros, constituíram territórios existenciais e formas de viver mistas de submissão, irreverência e revolta, humilhação cotidiana e sentimento de corajosa dignidade. Relações de amizade e solidariedade, amorosa cumplicidade de pessoas que vivenciam as mesmas experiências de vida difícil, sacrificada, “pelejada”.

A mão cria um território na ferramenta de que faz uso, assim como a boca cria um território ao ser acoplada ao seio. O conceito de território de Deleuze e Guattari ganha essa amplitude porque ele diz respeito ao pensamento e ao desejo – desejo entendido sempre como uma força “maquinica”, ou seja, produtiva. (HAESBAERT, 2006, p.126)

Os territórios existenciais são aqui pensados como condensações ou encarnações de universos de valor maquinicamente agenciados, potência de heterogênesse, delimitações de um “em casa” que dá consistência à multiplicidade; nos termos guattarianos, tomada de contingência de múltiplos pontos cósmicos desterritorializados, que tomam forma e permanecem, até o próximo movimento. “Entre o eixo dos Fluxos e dos Territórios Existenciais, uma categoria de *necessitação*, ou de tomada de contingência, de finitude, se encarna nas coordenadas de espaço, de tempo e de diferentes matérias de expressão.” (GUATTARI, 1992, p.87).

A concepção de Territórios Existenciais, a que Guattari se refere como “amarrações territorializadas idiossincráticas” (1992, p.14) - ao que poderíamos acrescentar: cristalizações próprias às singularidades e a suas relações com o mundo, organizadoras das aberturas à virtualidade e às processualidades criativas - está intimamente ligada aos processos de desterritorialização e reterritorialização:

O movimento da vida, sua processualidade, está em inventar territórios, em deixar-se afetar pelo que vem de “fora”, desterritorializar e reterritorializar novamente. Vale lembrar que o território existencial é composto tanto pelo que está estabelecido quanto pelo que pode vir a ser. “Um território está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, em vias de passar a outros agenciamentos, mesmo que o outro agenciamento opere por reterritorialização” (Deleuze & Guattari,

1997, p. 137). São as circunstâncias, os elementos que se estabelecem entre os encontros que podem ou não trazer outras marcas, romper com sentidos conhecidos e fundar novos territórios existenciais. (ROMAGNOLI, 2006)

A desterritorialização como momento de renovação das possibilidades de mudança e re-invenção da vida e da sociedade, quando ocorre de maneira abrupta pode romper o tecido que sustenta o território. Ao mesmo tempo em que possibilita as transformações, pode se tornar excludente, quando há impedimentos para que as forças e os grupos desterritorializados se reterritorializem segundo a errância do desejo e a heterogeneidade de fluxos, vencidos pelas massificações homogeneizantes promovidas pelo poder e pensamento hegemônicos. “Você sabe que às vezes eu fico meio perdida na Nova Lima de hoje, eu acho que ela é uma coisa que a gente que é da cidade, da sede, não percebe, a gente não consegue perceber, ela já escapou da mão da gente há muito tempo.” (Rita).

O mercado, em busca de novos e fiéis consumidores de todo tipo de mercadoria, “constrói e destrói territórios de existência como a própria condição de seu funcionamento” (ROLNIK, 2002, p.25), criando novas órbitas de produção e consumo e novas espacialidades habitáveis por quem se territorializa sob os modelos identitários pré-figurados. Guattari e Rolnik, dizendo da incessante montagem e desmontagem dos territórios, salientam a necessidade de um jogo de cintura, equilíbrio precário nas cordas bambas do capitalismo globalizado: “Temos de ser craques em matéria de montagem de territórios, montagem, se possível, tão veloz e eficiente quanto o ritmo com que o mercado desfaz situações e faz outras.” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.12) Essa montagem de territórios diz respeito aos espaços de vida, no sentido material, do habitar o mundo e, no que mais nos interessa, aos espaços existenciais, subjetivos, vulneráveis a modelagens nos seus processos de produção. As forças sociais que administram o capitalismo “entenderam que a produção de subjetividade talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo de produção” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.26) Essa produção de subjetividade através da conexão direta entre a grande maquinaria capitalística de produção e controle social e as instâncias psíquicas definidoras das maneiras de se viver e conceber o mundo, não está restrita ao registro das ideologias, mas atua “no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas”(GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.26). Opera-se assim uma modelização no âmbito dos comportamentos, da sensibilidade, da memória, das relações sociais e no âmbito da intimidade, da sexualidade, dos fantasmas imaginários.

O conceito de *processos de subjetivação* vem então deslocar o foco de uma visão da subjetividade como universal, a-histórica, ligada a uma interioridade apartada do mundo e das maquinações espaço-temporais para uma concepção processual, contingente, plural, polifônica, multideterminada, produzida na heterogeneidade dos fluxos. A subjetividade seria, desta maneira, historicamente produzida, complexa, ao mesmo tempo única e múltipla, não mais localizada no interior de cada indivíduo, mas sim no âmbito das multidimensões coletivas que compõem o campo do sujeito. Cada época, cada configuração histórica, cada cena social, cada composição espacial produz seus próprios processos de subjetivação, em permanente mudança e interação com outras cenas e instâncias de agenciamento.

Um processo de subjetivação traduz, portanto, o modo singular pelo qual se produz a flexão ou a curvatura de um certo tipo de relação de forças. Podemos dizer que cada formação histórica irá dobrar diferentemente a composição de forças que a atravessam dando-lhe um sentido particular. (SILVA, 2003, p. 182)

Descola-se, assim, da concepção moderna de sujeito individual, unificado, isolado dos processos coletivos que o constituem, entidade desencarnada, ideal, totalizante.

Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade. [...] A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é fabricada e modelada no registro do social. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.31).

O sujeito seria, então, constituído por fluxos múltiplos, em que interagem as dimensões sócio-político-econômicas, as dimensões bio-psíquicas e as inter, intra e infra-pessoais, em configurações em contínua mutação. Esses componentes, como em todo jogo de forças, estão em conexão, se misturando, se alterando, se complementando, se anulando, se ampliando.

O indivíduo pode ser visto, assim, em posição de “terminal” no que diz respeito aos processos maquínicos agenciadores da subjetividade, terminal processador de novos agenciamentos. “Assim, a interioridade se instaura no cruzamento de múltiplos componentes relativamente autônomos uns em relação aos outros e, se for o caso, francamente discordantes.” (GUATTARI, 1995, p.17). A interioridade do sujeito, cultivada por séculos e civilizações, seria então um dobramento da exterioridade, mar de fluxos, campo de vetores e intensidades, fragmentos, plissês, formigueiros. Essa dobra, forração, invaginação, deixa surgir escavações agenciadas do si-mesmo, constrói relevos, mundos dentro de mundos, conexões, estabilizações, num movimento em que “o lado de dentro, o subjetivo, é, ele próprio, não mais que um momento, ou uma série de momentos, por meio do qual uma ‘profundidade’ foi constituída no ser humano.” (ROSE, 2001, p.179).

Michel Foucault rompe com a idéia de um eu profundo individual, imutável que conheceria o mundo e propõe uma ética da existência, descolada dos modelos identitários hegemônicos:

[...] encontramos na obra de Foucault em sua problematização da subjetividade contemporânea, um projeto ético-político de desmontagem da forma padrão da individualidade identitária moderna em favor da invenção de outros modos de subjetivação, novas formas de experiência de si.[...] Foucault afirmava não a busca interior de um verdadeiro eu, mas o movimento de diferenciar-se de si mesmo, modificar-se continuamente num processo de resistência contra as subjetivações modeladas. (FERREIRA NETO, 2004a, p.49-51).

Provavelmente inspirada em Guattari, que invoca o surgimento de modalidades de subjetivação que engendrem territórios existenciais singulares, únicos, potentes, capazes de “receber cara-a-cara o encontro com a finitude, sob a forma do desejo, da dor, da morte...” (GUATTARI, 1995, p.55), Rolnik (2002) propõe um modo antropofágico de subjetivação, brasileiro, irreverente, inventivo que tem como características: exposição à alteridade, restauradora da energia vital; sintonia com a vibratibilidade do corpo conectado com o desejo; construção de um “em casa” a partir de conexões do desejo nômade; singularidade impessoal, voltada para o campo social e por fim, ou por princípio, gênese por aliança e por contágio rizomático<sup>6</sup>. Uma subjetividade que tem por marca a alegria, “prova dos nove”, a ruptura com todas as colonizações do corpo e da alma e a devoração de tudo que passar pelo crivo ético-estético.

## 2.2 Posturas e métodos

*“De que forma o esquizo faz história? Tornando-a imediatamente geografia”.* (Peter Pál Pelbart).

Adotei, como forma de trabalho, uma postura que poderia ser denominada *genealogia cartográfica* ou *cartografia genealógica*, numa tentativa de unir aspectos que são fundamentais para se abordar as questões propostas: as abordagens espaciais, territoriais, geográficas, ambientais e os processos históricos, as trajetórias no tempo, construindo atualizações historicamente mapeadas.

---

<sup>6</sup> Para Deleuze & Guattari, “[...]o rizoma é um sistema a-centrado, não hierárquico e não significante [...] diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um dos seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza [...] Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995-1, p.32).

É importante entender as configurações do momento como interrelação entre conteúdos históricos rizomaticamente atualizados e disposições geográficas que pressupõem enraizamentos e cristalizações em alguns pontos. “[...] ali onde a linha do tempo se quebra, projetando-se sobre um mapa de estados intensivos” (PELBART, 2000, p.164). Daí a elaboração do conceito-método-estratégia, em que utilizo com a mesma importância e força, a genealogia em Foucault, relacionada ao poder, e a cartografia, em Deleuze e Guattari, relativa ao desejo.

A genealogia em Foucault se coloca como tática em que os saberes da erudição se unem aos saberes locais, desqualificados, descontínuos. “Chamemos provisoriamente genealogia o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais.” (FOUCAULT, 1979, p. 171). Diferente de uma escavação arqueológica que recupera construtos do passado em sua rígida inteireza histórica, que pouca interação podem ter com o momento presente, a genealogia traz a história como atualização, como ela se revela, se desdobra e se dispersa no presente e como nossa própria visão da atualidade se forja num processo de múltiplas influências.

Esses vários saberes possibilitariam a ruptura com a verdade única, as totalizações, as afiliações ditas científicas, construindo outros saberes e fazeres históricos a partir de descontinuidades e particularidades. A genealogia seria então “um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico.” (FOUCAULT, 1979, p. 172).

Esses saberes menores, não estariam ligados ao senso comum, mas a um saber diferenciado, regional, incapaz de unanimidade e não estariam submetidos a ordenações hierárquicas que lhes dariam coerência com o discurso científico vigente, tido como verdadeiro. “[...] são os efeitos de poder próprios a um discurso considerado como científico que a genealogia deve combater.” (FOUCAULT, 1979, p.171).

Interessam-me os conceitos de Proveniência e Emergência, trabalhados por Foucault, como dois momentos de um processo de constituição genealógica, assim comentados por Robinson (2003, p.310): “[...] a proveniência, ao contrário da origem, é o *campo de força-cenário*, onde se produz o acontecimento, é a emergência como acontecimento, o atual.” A multiplicidade das proveniências desloca o foco da pesquisa de um encadeamento lógico e “completo” dos fatos, próprio das racionalizações reducionistas a serviço de uma lógica do poder instituído, para a noção de percurso genealógico, traçado das diversidades históricas presentificadas “[...] a tarefa é buscar as múltiplas proveniências, fragmentando e expondo sua

heterogeneidade, ou melhor, como ela processou a atualidade histórica no contexto da dispersão e do acaso” (ROBINSON, 2003, p.309). Não há um resgate histórico de conteúdos jogados no esquecimento, aguardando para serem retomados e vivificados, nem uma verdade a ser descoberta, mas uma proliferação de acontecimentos, que se dispõem, se contradizem, se atropelam, se encorpam.

Seguir o filão complexo da proveniência é[...] manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós [...] (FOUCAULT, 1979, p.21).

Assim acontece o encontro do percurso do pesquisador com um certo percurso histórico, teórico, metodológico em um determinado território, territórios de vida, território-corpo testemunha e detonador de mundos. “A genealogia como análise das proveniências está portanto no ponto de articulação do corpo com a história.” (FOUCAULT, 1979, p.22). Podemos, assim, apontar conexões dessa articulação genealógica com a postura cartográfica: “Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações.” (KIRST et al., 2003, p.91).

A genealogia, como concebida por Foucault, a partir de Nietzsche, não se apóia em bases identitárias originárias, nem na demarcação seqüencial da linha do tempo.

A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos [...] ela pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam. (FOUCAULT, 1979, p. 35).

Inspirados em Deleuze, chegamos, então, à multiplicidade de singulares particularidades, corpo sem órgãos<sup>7</sup>, que rompe com uma temporalidade normativa e se dirige a uma outra topologia temporal. “Não se busca a origem, mas os deslocamentos, as redistribuições de impasses, de limiares, de devires. Não há afundamento arqueológico na memória, mas deslizamento cartográfico na superfície: criação de caminhos sem memória.” (PELBART, 2000, p.172) Os processos proveniência/emergência podem ser relacionados às

---

<sup>7</sup> Baremlitt se refere ao *Corpo sem Órgãos*, em Deleuze e Guattari, como recurso para tratar e pensar o Caos em relação ao Cosmos, em que o Caos é pensado em sua positividade, não como ausência de ordem. Corpo potencial “incriado”, “improdutivo”, apartado das organicidades, sustentáculo de toda produção desejante, está percorrido por fluxos, “que formam áreas energéticas móveis caracterizadas por graus de intensidade”. (BAREMBLITT, 1998, p.99).

linhas de análise na cartografia, se vemos a genealogia como pesquisa-dispositivo<sup>8</sup>, que abordaria a trama de linhas que despontam nos cenários estudados. “Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, levantar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, e isso é o que Foucault chama o ‘trabalho no terreno’.” (DELEUZE e PARRET apud ROBINSON, 2003, p.310).

A postura cartográfica se mostrou a indicada neste trabalho, dado o grau de envolvimento do pesquisador com o campo e o tema, sendo mesmo necessária uma inversão, que poderíamos chamar de “outramento”, também característico da perspectiva cartográfica: “o objeto pode instaurar no sujeito, um estado de outramento, que consiste em tornar-se estrangeiro de si mesmo, possibilitando-lhe experimentar-se em novos espaços e modos de existência.” (KIRST et. al., 2003, p.96). Um problema surge na escolha do método: a cartografia, propondo a unificação sujeito/objeto e o envolvimento pesquisador/pesquisados poderia exagerar meu mergulho e implicação, impossibilitando novos emergentes, configurações e enlaces? O meu movimento, ao contrário da maioria das pesquisas com esta orientação, foi de buscar criar um “de fora” que me possibilitasse novas visões, menos reprodutoras. Se habitualmente a quebra das delimitações pesquisador/pesquisados constrói um “entre”, rico e fecundo, no meu caso, em que o compartilhamento já é dado, uma tentativa de afastamento produziu a renovação da capacidade de conexão com meu objeto, que se apresentou sob novas formas ao meu olhar rotineiro “[...] a cartografia deve apresentar-se de alguma forma distante de seu autor, pois a pesquisa deve ter estabilidade sozinha. Assim a cartografia é uma semelhança produzida e não “a semelhança”, é uma extrema continuidade, um enlaçamento.” (KIRST et. al., 2003, p.91). Nessa pesquisa o autor e seus vínculos deram espaço para que as situações muito marcadas por contatos padronizados, rígidos e esvaziados sejam bem analisadas e ao mesmo tempo se permita que encontros inusitados aconteçam. Aí também se encontram a abordagem cartográfica e a genealógica, já que “a articulação da abordagem genealógica com um problema preciso do nosso presente [...] exige, sim, um árduo trabalho de dimensão ética que desaloja o sujeito de sua identidade, e supostas certezas, lançando-o ao encontro da diferença, do surpreendente.” (FERREIRA NETO, 2004a, p. 71).

A opção por uma postura cartográfica, possibilitou articular vários cenários, fluxos, atores, teorizações, informações, discursos, lembranças, imagens, colocados em conexão,

---

<sup>8</sup> O *dispositivo*, em Foucault, pode ser definido como uma formação, em determinado momento histórico, com função estratégica, englobando, em redes que se rearticulam, “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”, o dito e o não dito. (FOUCAULT, 1979, p.244).

apresentados em montagens e desmontagens que se misturam. A complexidade e extensão do tema indicam que seja feita uma abordagem transversal, que consiga mapear múltiplos e variados feixes das forças presentes no campo e suas relações, num determinado momento, para o qual convergem a história e a disposição no espaço.

A cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas. (ROMAGNOLI, 2009).

A construção rizomática da pesquisa permite uma liberdade de movimentos e de análises, que exigem rigor e trabalho para que se mantenha o tom vivo e pulsante. A cartografia possibilitando uma leitura não hierárquica do mundo, o desdobramento e a circulação dos dados, ações, temas, conceitos, é tomada como “método de construção do presente, experimentação das misturas que a vida é [...] procedimento das emergências, do acompanhamento dos pontos de insurgência dos devires no estrato histórico.” (BENEVIDES, 2003, orelha).

As entrevistas, as fotografias tiradas no meio da estrada, as visitas às fontes oficiais, as buscas na Internet, nos noticiários de jornal, a pesquisa bibliográfica, pontos de insurgência no tempo, encontros, trajetos que ajudam a compor a montagem de cenas e cenários, links que se abrem quando demandados pela análise.

Na pesquisa cartográfica, o tempo pulsa, pois se evidenciam os modos pelos quais os sujeitos percebem, experimentam e narram a passagem do tempo em suas próprias vidas e naquilo que estudam. [...] a cartografia propõe-se a capturar no tempo o instante do encontro dos movimentos do pesquisador com os movimentos do território de pesquisa. (KIRST et. al., 2003, p.99/100).

### 2.3 Recursos

Foram utilizados como recursos de pesquisa qualitativa as entrevistas individuais semi-estruturadas e o grupo focal, além do registro fotográfico de elementos espaciais significativos. As observações, feitas a partir de um lugar de pertencimento ao campo pesquisado, possuem aspectos singulares. Sendo um trabalho que vem embebido nas características *etnográficas* de investigação e de análise, tentei, como pesquisadora, criar condições de identificar e compreender os processos sócio-ambientais em que minha vida cotidiana se desenrola, em um movimento que poderia ser chamado, como contraponto, de “*participação observante*”. A imersão, nesse caso, não acontece no “campo do outro” (etnoe:

termo grego para designar os outros povos, não-gregos), mas no próprio campo de vida e trabalho do pesquisador, que, conectado com o campo teórico, deve emergir para se tornar um observador.

Também foram realizados contatos com equipamentos institucionais que pudessem fornecer dados e estatísticas que promovessem maior visibilidade das questões da cidade: Projeto Vida Nova de Transferência de Renda, Secretaria de Habitação de Nova Lima, Setor de Cartografia da Secretaria de Planejamento de Nova Lima, Observatório de Políticas Urbanas da PUC-Minas.

As fontes bibliográficas, documentais, jornalísticas, de mídias eletrônicas, tiveram relevante importância, assim como conversas informais e observações aleatórias em deambulações pelos caminhos e descaminhos da cidade.

Essa variedade dos recursos estratégicos surgiu do contato com o objeto/campo de trabalho, através de sugestões de algum entrevistado ou na leitura de alguma publicação. Os entrevistados, citados no decorrer do texto, receberam nomes fictícios e foram abordados através de entrevistas individuais, na primeira fase e do grupo focal, na segunda.

Sete entrevistas individuais foram realizadas no período de Agosto de 2008 a Janeiro de 2009, na casa dos entrevistados ou no seu local de trabalho, algumas na minha casa, com a duração média de 1 hora e meia, cada contato. A seleção dos nomes para as entrevistas se deu dentre uma lista inicial de 40 pessoas, com idades variadas, ligadas a atividades, locais de moradia e de origem diversas, pertencentes a diferentes camadas sociais e que possuem aspectos significativos com relação à vida e história da cidade, importantes para a construção da pesquisa. Cada pessoa compõe, assim, uma multiplicidade de trajetos, montagens, inscrições, afetos, que por sua vez se articulam com os vários cenários da vida na cidade, compondo certos territórios existenciais reveladores, na beleza de sua diversidade. São eles:

- Fernando, 39 anos, cozinheiro, morador do bairro José de Almeida, desde o nascimento;
- Alice, 32 anos, psicóloga, belorizontina, mora em Nova Lima há 14 anos, no bairro Campo do Pires;
- Irineu, 64 anos, funcionário público aposentado, morador do bairro Vila Passos, nascido no Mingú;
- Wânia, 65 anos, pedagoga aposentada, nascida no bairro Retiro, mora no BNH;
- Rodrigo, 49 anos, fiscal da receita, veio de Pedro Leopoldo para Nova Lima há 15 anos, morador do Condomínio Jardim de Petrópolis, trabalha em Belo Horizonte;

- Rita, 59 anos, jornalista, nascida em Nova Lima, na Vila Operária, mora em Belo Horizonte e trabalha em Nova Lima no Areião do Matadouro;
- Mirtes, 44 anos, professora de artes cênicas, veio de Belo Horizonte para Nova Lima há 6 anos, morando e trabalhando no bairro José de Almeida.

Esses entrevistados foram selecionados por possuírem marcantes trajetórias de vida e inscrições sociais singulares dentro da multiplicidade de cenários que a cidade nos apresenta, numa das diversas composições possíveis dentro da amplitude de conteúdos e de formas de expressão presentes no território novalimense.

O objetivo dessas primeiras entrevistas, que, a princípio, chamei de preliminares, foi mapear percepções, sentimentos, opiniões, dúvidas, sugestões sobre as transformações acontecidas, em vários âmbitos, na cidade de Nova Lima, e como se vivencia tudo isso. A intenção inicial seria levantar idéias e um traçado básico para a montagem do grupo focal, mas o material coletado se mostrou tão rico que passou a constituir importante fonte de relatos substanciais sobre o viver em Nova Lima. Durante as entrevistas, pesquisador e pesquisados, tivemos oportunidade de organizar as idéias, os afetos e as percepções sobre a vida na cidade, os traços que a história vai construindo, os sentidos que a configuração espacial revela e como tudo isto se entrelaça com cada trajetória de vida. Desse ponto de vista o roteiro apresentado (ver o anexo) se mostrou didático, flexível. Cada entrevista alterou em algum aspecto o roteiro, acrescentando e eliminando itens e alterando a forma de abordagem.

O grupo focal foi montado com 7 componentes (um dos 8 convidados não compareceu) escolhidos entre cidadãos comuns do município, com diversas inserções sociais, idades, locais de moradia e de trabalho: Sara, José, Lúcia, Maura, Alda, Ronaldo e Valter (maiores descrições no capítulo 6).

O *grupo focal*, estratégia metodológica de pesquisa qualitativa, foi criado por Robert Merton a partir do artigo “*The focused interview*” e desenvolvido por ele, Fisk e Kendall na década de 50. Algumas definições situam o grupo focal como entrevista coletiva ou em grupo, mas o aspecto interativo e de produção de sinergia entre os participantes o coloca ao nível dos grupos terapêuticos ou de intervenção como é o caso dos “grupos operativos”, também surgidos na década de 50, na Argentina.

O Grupo Focal que constitui o objeto do presente estudo, se assemelha ao “grupo operativo” de Pichon-Riviére e Bleger, tanto na sua estrutura quanto na sua operacionalização. Ele tem indicações terapêuticas, educativas e para pesquisa. È recomendado para pesquisa de campo, já que, em pouco tempo e com baixo custo,

permite uma diversificação e um aprofundamento dos conteúdos relacionados ao tema de interesse. (ASCHIDAMINI e SAUPE, 2004, p.9).

Os grupos focais têm por objetivo gerar uma gama diversificada de respostas e formular hipóteses, não necessariamente chegar a um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas. Isso os torna preciosos instrumentos de trabalho para quem quer explorar as múltiplas facetas dos acontecimentos, a partir da palavra de quem entende do assunto: a população envolvida, especialista em relação à própria vida, integrando uma “nova e significativa forma de fazer ciência, frente à nova racionalidade científica que vislumbra possibilidades em detrimento das certezas.” (SUANNO, 2002).

Como recomenda a técnica, busquei agrupar pessoas que tenham restrito contato entre si e com o pesquisador, coisa difícil numa cidade como Nova Lima. A idéia é procurar estabelecer uma conversa como a que entabulamos com companheiros desconhecidos numa viagem, com a sinceridade que o anonimato permite. As características, que determinam a formação dos grupos focais, variam de acordo com o objeto em questão, devendo haver um balanço entre uniformidade e diversidade. No caso, um conceito interessante é o de *ambientes relevantes* para a pesquisa, definidos a partir de variáveis como gênero, idade, categoria social e configuração geográfica, dentre outras.

Como técnica participativa, dinâmica, ativa, motivadora, de adesão voluntária, o grupo focal assegura e privilegia o discurso e as percepções dos atores sociais da realidade estudada. Gaskell, no cap. 3 do seu manual de pesquisa escrito com Bauer, falando sobre entrevistas individuais e grupais, suas semelhanças e distinções, frisa a importância da escolha da modalidade adequada a cada situação de pesquisa e distingue os processos que ocorrem dentro dos grupos que não são vistos na interação diática da entrevista em profundidade: “Em sua essência, a pesquisa mostra que o grupo, distinto de determinado número de pessoas em um mesmo local, é mais do que a soma das partes: ele se torna uma entidade em si mesma”. Diz ainda que, nos grupos, as pessoas estão mais propensas a acolher novas idéias, explorar suas implicações, assumir riscos, polarizar opiniões e ao mesmo tempo assumir um “destino comum”. (BAUER e GASKELL, 2002, p.75).

Dentre outros, podemos elencar como **objetivos** dos grupos focais:

- Entender processos de construção da realidade de um grupo social mediante coleta e interpretação em profundidade, para detectar comportamentos sociais e práticas cotidianas.
- Estimular a fala e a reação dos participantes ao que os outros dizem.

- Maximizar a oportunidade de explorar o espectro de opiniões (variedade e fundamentos) e de compreender as diferentes posições tomadas pelos membros do meio social.

A essas poderíamos acrescentar a oportunidade de construção da palavra coletiva, de novos sentidos e de possíveis ações transformadoras.

A *análise* dos dados das entrevistas individuais e coletivas foi montada a partir de alguns referenciais, que forneceram importantes elementos para o estudo. Desses utilizei algumas elaborações e certos procedimentos, modificados para a situação específica dessa pesquisa, misturados para compor uma corpo de análise próprio:

- *Análise temática do conteúdo*, considerando, não só o texto obtido com as transcrições dos encontros, mas as fotografias, os documentos e textos provenientes de várias mídias, buscando distinguir unidades significativas para observação e análise, já delineadas no roteiro de entrevistas. Sem a rigidez das categorizações usuais, vários aspectos e linhas foram identificados e propiciaram uma classificação bastante esclarecedora, sem comprometer a complexidade inerente ao tema. Essas linhas se interpenetram e compõem uma trama que pode ser lida em várias direções e sentidos.

- *Análise microetnográfica*:

Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, “o que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’”. (MATTOS, 2002, p.3).

A análise microetnográfica pretende relatar, em detalhes, situações restritas, momentos, encontros, de uma parcela da população, conectada com as questões do amplo campo de estudo da etnografia. Com perspectiva holística, pequenos fatos sociais, acontecimentos de curto espectro se revelam grandes enunciadores dos macro-processos em que os fluxos do discurso social se inscrevem. “A etnografia em geral serve de *background* para a microetnografia.” (MATTOS, 2001, p.5).

- *Abordagem cartográfica dos dados*: Como principal elemento de análise, traz a proposta de se mapear territórios de diferentes inserções, capturar forças de diferentes intensidades tais como os dados sócio-espaciais, traçados urbanísticos, percurso histórico, teorizações e trajetórias pessoais, que dêem conta das múltiplas (trans)formações em processo em Nova Lima, compondo um desenho do presente, com ramificações de toda ordem.

A cartografia registra as paisagens que se conformam segundo sua afetação pela natureza, pelo desenho do tempo, pela vida que ali passa. [...] São pelos desvios que se começa a jornada, pelas linhas mal/bem traçadas do desejo que se realiza a cartografia, potencializando vidas em territórios complexos e heterogêneos de forças que se imiscuem umas às outras num constante jogo de poder e afeto, característicos de qualquer grupo composto por sujeitos. (MAIRESSE, 2003, p.260/271).

Esses procedimentos contribuíram para a organização e explicitação dos elementos contidos nos discursos e nas relações estabelecidas nos encontros. Os referenciais da Pesquisa-Intervenção também foram contemplados já que algo se mobilizou a partir dos contatos nas entrevistas e, principalmente, no Grupo Focal. Idéias, atitudes e articulações para uma ação no campo foram manifestadas pelos entrevistados, me convocando à reflexão sobre meu papel e meu desejo frente a tais propostas.

## **2.4 O traçado e o texto**

A pesquisa foi se desenrolando de forma rizomática, em que aspectos de ordem diversa se apresentam e compõem novas aberturas para a compreensão do tema, se conectando, se interpenetrando e construindo configurações em movimento.

Tudo isto se expressa no texto através de montagens de itens que, não fugindo de uma certa linearidade, apresentam também possibilidades de leitura por conexão e por focos de interesse. Assim, pequenos ensaios se justapõem, com vida própria, mas articulados ao conjunto do texto, buscando uma linguagem agradável para veicular um tema denso e amplo. Assim alguns aspectos aparecem em vários pontos do texto, alinhando uma idéia, outros se apresentam rapidamente, introduzindo questões que serão trabalhadas depois em profundidade.

Esses recortes cartográficos do tema pretendem expressar a multiplicidade dos agenciamentos presentes no cenário novalimense, montando um mapa-mosaico dos acontecimentos que se interconectam, se afetam, se recompõem.

Para facilitar a compreensão, foi montado um glossário com termos peculiares à vida em Nova Lima, apresentado no apêndice A.

As falas dos 14 entrevistados, individual ou coletivamente, foram profusamente usadas, por se entender que o coração da pesquisa aí se expressa, trazendo a atualização de todas as questões trabalhadas nesta dissertação, sob a ótica de quem as vivencia. São histórias de vida, trajetórias articuladas pela história local, pelas questões espaço-ambientais, por

formas particulares de viver na região metropolitana. Buscou-se preservar o ritmo e o tom espontâneo do que foi dito, às vezes mantendo algumas incorreções ortográficas.

A experiência do grupo focal, que discutiu os aspectos estudados, se apresenta aqui na forma de trechos de diálogos, pinçados do conjunto, e que desenham, com bom humor e esperançosa perspectiva de futuro, uma possível Nova Lima, objeto da admiração de seus moradores, paraíso a ser acessado por todos que nela habitam e que aí construíram, com suor e dedicação, não só a riqueza, fruto do trabalho de muitos, mas rotas singulares de vida e montagens coletivas enunciadoras de devires.

### **3 (TRANS)FORMAÇÕES EM NOVA LIMA: DE CIDADE OPERÁRIA A PARAÍSO DAS ELITES**

*“Toda mina é uma linha de fuga.”* (Deleuze e Guattari, “Mil Platôs”).

Os países da América do Sul foram por séculos explorados e usurpados num processo alongado de colonização que, no caso do Brasil, praticamente extinguiu a população nativa e retalhou e dividiu o território nacional em nome de interesses europeus.

A região do estado de Minas Gerais, marcada pela presença dos metais preciosos, recebeu, desde o século XVI, a visita de gananciosos caçadores de riquezas de várias partes do país e do mundo, que abriram picadas em suas matas, poluíram os rios, esburacaram o seu solo.

O processo de extração mineral, desde o garimpeiro solitário, às megatecnologias multinacionais, deixou rastros de destruição da natureza e desconfiguração do locus e modus vivendis de vastas regiões. Grande parte do estado de Minas teve suas cidades e seu estilo de vida moldados e produzidos pela presença da colonização e da exploração das riquezas minerais. Dentre as cidades mineradas, Nova Lima possui facetas inusitadas, se constituindo em rico campo de pesquisa pela multiplicidade de influências e por marcas únicas, no âmbito da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Como grande diferencial, temos a colonização inglesa, que, por mais de um século, imprimiu em seu território e na sua população características *sui generis* para uma cidade da Grande BH, como o marcado perfil do início do século XX na arquitetura de seus bairros operários e das mansões coloniais de seus dirigentes, a manutenção de maior parte de seu território distante da chamada “expansão da pobreza” ou do processo de industrialização do município de Belo Horizonte e, destacadamente, pela inscrição no espaço urbano, de um sistema feudal de segregação e de perpetuação das desigualdades.

Nova Lima se encontra face a uma encruzilhada dramática: ou aproveita os elementos positivos de fortes fatores exógenos em benefício de sua população e do desenvolvimento local, ou assistirá a uma ocupação desregada que porá em risco sua paisagem, seus valores tradicionais, sua água, pondo a perder as oportunidades novas que são igualmente previsíveis. (NOVA LIMA, 2005).

A região ligada ao município de Nova Lima, setor sul da região metropolitana de Belo Horizonte, sente o impacto do acelerado processo de transformação pelo qual vem passando, na última década, sob diversos pontos de vista. A alteração na estrutura econômica e na

modalidade básica de produção – que, do secular extrativismo do ouro e do ferro, através das suas minas subterrâneas e de superfície, passa a ser focalizada no setor de serviços, na especulação imobiliária e no parcelamento da terra e da natureza para a criação de condomínios para as classes médias e altas – trouxe várias conseqüências, dentre elas, a mudança nos ofícios, hábitos e cultura da população, o subemprego, o agravamento do processo de privatização e poluição de recursos naturais, assim como o de industrialização e urbanização sem planejamento.

A diminuição da importância da atividade mineradora no município, tanto no que diz respeito à arrecadação, quanto à influência modeladora das subjetividades e da sociedade, coincide com o desejo das novas gerações de buscar outros espaços de trabalho e de vida, que não circulem em torno da mina, que tantas marcas deixou nas famílias operárias.

[...] o trabalhador era trabalhador da mina, vinha de fora para trabalhar na mina, mas tem um negócio em Nova Lima que aquele que foi, que trabalhou na mina, ele fez de tudo para os filhos dele não trabalhar. Então os filhos de Nova Lima mesmo, eles estão fora, eles foram fazer SENAI, eles foram fazer escola técnica, ou foram fazer faculdade, foram fazer alguma coisa para..., aí foram trabalhar fora, foram trabalhar em Contagem, em Betim, Cidade Industrial, em Acesita, Ipatinga, Volta Redonda, o pessoal saiu daqui e foi para estes lugares. (Irineu).

Apesar da proximidade da capital (12 km em linha reta), a cidade se manteve com características diferenciais em relação aos outros municípios do entorno de Belo Horizonte. A absurda porcentagem de terras em mãos das mineradoras, chegando a mais de 90%, no período de maior concentração, manteve seu meio ambiente preservado enquanto foi do interesse das empresas. Onde a extração de ferro foi desenvolvida, os estragos se mostraram bem visíveis, com significativas fraturas do relevo e do horizonte, como na Serra do Curral e outras devastações a céu aberto, como é o caso da região da Mutuca e Macacos. A mineração de ouro provocou degradações ocultas, subterrâneas, perfurando, a mais de 2500 metros, uma outra cidade, dinamitada, incrustada no coração da terra com suas galerias, túneis, cavidades.

Outras feridas, também pouco visíveis, se configuraram na exploração do homem e no processo colonizador de fundas marcas sociais, expressos pela ausência de cidadania, num território cujo destino é definido, na sua quase totalidade, pelas grandes empresas. Assim, a exuberante natureza da região, com suas cachoeiras, nascentes, campos e matas nunca pôde ser usufruída adequadamente pela sua população, pois nunca foram bens públicos. Do mesmo modo, o extenso território urbano, controlado pelas mineradoras, que mantiveram a sua quase totalidade como território-estoque para futuras utilizações e, destacadamente, a riqueza

produzida por milhares de mãos operárias, que engordou cofres internacionais, deixando profundas feridas no relevo e nas subjetividades.

### 3.1 História

Conta a lenda, que existia, nas margens do Rio das Velhas, uma terra mítica, Ita Beraba Uçu, Grande Montanha Brilhante, que ocultava imensas jazidas de ouro, prata e pedras preciosas e que os bandeirantes, já no século XVII, perseguiram, buscando as terras de Sabarabuçu. O sonhado Eldorado se materializou no chamado Quadrilátero Ferrífero, principalmente no Vale do Rio das Velhas, onde as riquezas foram encontradas, disputadas, saqueadas, exploradas, enriquecendo nações estrangeiras, pouco acrescentando às riquezas nacionais ou locais. Nova Lima, que já foi chamada Congonhas das Minas de Ouro e Congonhas de Sabará, realizou para o capital estrangeiro, o sonho do enriquecimento, com sua mão de obra escravizada ou mal remunerada, e com as benesses de governos pouco interessados em soberania ou zelo pelo patrimônio público.

O nome Congonhas (do tema *cong*, em tupi-guarani, engolido, deglutido<sup>9</sup>) já revelava a outra característica da terra, sempre relegada ao segundo plano, pela costumeira falta de visão das elites dirigentes na busca avassaladora pelo lucro e pelo “progresso”. As congonhas abarcavam várias espécies de plantas medicinais, de agradável sabor, que antes do uso do café se generalizar, forneciam a bebida mais usada na região. Eram encontradas nos campos e matas, ricos reservatórios da diversidade, junto a espécimes raras da fauna, madeiras nobres, essências, plantas de potencial curativo e ornamental, frutos, fibras resistentes para o artesanato e a indústria, e um elemento tão precioso quanto o ouro: a água pura de seus mananciais, de fundamental importância para a região metropolitana de Belo Horizonte.

Nova Lima surgiu em torno da extração mineral, quando bandeirantes, no século XVII, percorriam a região em busca de pedras preciosas, ao longo do Rio das Velhas e afluentes. Desde esta época, com escravos ou operários assalariados, com ingleses, portugueses, franceses ou sul-africanos, a atividade econômica em torno da qual a cidade girou foi a mineração de ouro (mais recentemente a de ferro), atividade primitiva, brutal, subterrânea, em que o corpo a corpo homem/natureza ia aos extremos, a 3 500 metros de profundidade, com temperaturas de até 60 graus, pó de pedra, explosões.

---

<sup>9</sup> “*Congonha*, conforme Batista Caetano, é denominação de origem tupi-guarani, do tema *cong*, engolido, deglutinado, o que se bebe, erva para chá (*luxemburgia polyandra*).” (MINAS GERAIS, 2000, p.13).

Quando a jovem e moderna Belo Horizonte foi construída, a velha Nova Lima extrativista, de características feudais, já tinha mais de 200 anos de exploração e se manteve impermeável à metrópole que se desenvolvia ao seu lado, estando protegida e aprisionada pelo domínio das empresas mineradoras.

A *St. John d'El Rey Mining Company* (depois Mineração Morro Velho) manteve durante séculos uma estrutura de dominação e de controle dos empregados, que se estendeu por todo o território do município, com relações hierárquicas fortemente segregativas.

Há registros do espanto e do desagrado da família real, em especial da princesa Isabel, em visita à região no ano de 1881, frente às precárias condições de trabalho encontradas nas minas de ouro de Nova Lima, o que teria de certo modo impulsionado o ato abolicionista.

Sabe-se que a Princesa ficou horrorizada com o ambiente pouco iluminado da grande caverna e do modo como os escravos trabalhavam num lugar feio, ora quente, ora frio e minando água. Os escravos sem nenhum conforto, trabalhando seminus e pendurados em correntes, quebrando a pedra aurífera com martelos e talhadeiras. Reprovou o sistema adotado pelos diretores da Companhia que foi considerado por ela como anacrônico, pelo avanço das liberdades que já havia no País. Esperava que a Companhia de Morro Velho fosse um paradigma das empresas humanitárias, porquanto tivesse sido a Inglaterra o primeiro país do mundo a combater o tráfico negreiro nos oceanos. No entanto, o que se via ali, era uma notável Companhia inglesa ainda mantendo uma linha de escravatura tão rígida como aquela que existiu nos primórdios do Brasil-Colônia. (SOUZA, 1999, p.116).

Essa estrutura de características feudais resiste à abolição da escravatura, que para a Saint John chegou com anos de atraso: “[...] a fumaça venenosa da escravidão na Morro Velho perdurou por muitos anos, sendo totalmente abolida no Estado Novo, com os primeiros movimentos que deram origem às leis trabalhistas.” (SOUZA, 1999, p.77). Resiste também aos movimentos pela república democrática, às mudanças no capitalismo e nas relações de trabalho no nível mundial e às lutas sindicais e dos partidos de orientação socialista. A partir da década de 50, com a mudança da direção inglesa, ares de modernidade permeiam a cidade, com a ampliação dos direitos trabalhistas, a ascensão de pequenos comerciantes e profissionais liberais e a grande atuação de movimentos progressistas da igreja católica, do sindicato e da sociedade civil, que culminariam com a eleição, em 1962, do operário Dazinho para deputado estadual.

Tal processo foi fortemente atingido pelo golpe militar de 64, que desbaratou toda a organização sindical e os movimentos sociais, semeando terror, mortes e incentivando delações, traições e acomodações. Durante as décadas posteriores a palavra “comunista” despertou na população medo e desconfiança, como negação da traumática situação vivida pela cidade.

Em Nova Lima foi possível observar, em nível local, como em poucos lugares do Brasil, o desenrolar das lutas, vicissitudes, desenlaces, ligados à história da classe operária, do Partido Comunista, da esquerda religiosa, do *apartheid* social, da colonização ostensivamente segregacionista, com similaridades, talvez, com a Índia, o Peru e a África do Sul. Também acompanhar, com espanto cívico, a convivência irrestrita dos governos com relação ao esvaziamento e expropriação de riquezas e materiais estratégicos, assim como à apropriação territorial, com a transferência para empresas privadas internacionais, de áreas de inegável importância para o país. “O caso brasileiro ilustra de forma explícita essa entrega ao privado da regulação dos usos do território, sobretudo naquelas suas fatias, pontos e articulações essenciais” (SANTOS, 2002, p.89).

As terras de Nova Lima deixaram progressivamente de pertencer efetivamente à cidade e ao país, para ser controladas pelas empresas e pelo capital estrangeiro, cujos interesses não coincidem com o da população local. Como comenta Milton Santos, em seu artigo *A guerra dos lugares*: “é desse modo que áreas inteiras permanecem nominalmente no território, fazendo parte do mapa do país, mas são retiradas do controle soberano da nação” (SANTOS, 2002, p.89).

#### *Cidade operária, cidade incompleta*

*“Recuperar a história desses núcleos no Brasil é, sob muitos aspectos, entender o sentido das rápidas transformações de sua configuração espacial.” (Telma Correia).*

As chamadas vilas ou cidades operárias encontradas, no século passado, por todo o país, traziam, no seu traçado e no seu funcionamento, registro de uma forte estrutura de dominação, que, ao mesmo tempo em que protegia a região das investidas exteriores, impedia o aparecimento de novas possibilidades econômicas, sociais e de construção de subjetividades mais livres, mais conectadas com outros estilos de viver e produzir. Por causa do monopólio, essas cidades operárias, em torno de uma única atividade, são denominadas feudos, cidades-latifúndio ou “cidades incompletas”, e geraram extenso debate sobre a pertinência, ou não, do estatuto de cidade a esses núcleos.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, difundiu-se largamente a prática da construção, por empresas, de moradias para seus operários em cidades ou em localidades rurais. Tal prática deu origem a comunidades habitadas principalmente por empregados de uma única companhia que possuía parte

substancial do mercado imobiliário e das casas e, com frequência, também detinha o controle sobre os equipamentos e serviços coletivos. (CORREIA, 2001, p. 83)

Tal fato, espalhado por todo país, levou à inclusão, em 1947, na constituição de Pernambuco, de um artigo aludindo à inadequação dessa situação para a autonomia municipal e federativa: “as sedes dos Municípios e Distritos não podem ser localizadas em terras encravadas em propriedades pertencentes a pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, salvo quando patrimônio de instituições religiosas ou beneficentes.” (CORREIA, 2001, p.91).

Houvesse tal lei se difundido para legislações mais abrangentes e a história do Brasil, e especialmente de Nova Lima, teriam se alterado significativamente. O município de Paulista, em Pernambuco, com movimento sindical expressivo, foi um dos primeiros a se beneficiar com a lei, desapropriando 50 hectares, dentre as terras da empresa única, para criação da “cidade livre”.

O questionamento da condição de cidades a sedes de municípios encravadas em terras de um único proprietário, e que se conformaram de aglomerações criadas para abrigar funcionários de uma mesma empresa, não esteve restrito ao caso de Paulista. Nova Lima, em Minas Gerais, era definida por Roberto Costa, em 1955, como uma “cidade-latifúndio” e como um “feudo”, baseado no fato de a Companhia Morro Velho ser proprietária de 495 quilômetros quadrados de terras contínuas, que representavam mais de 80% das áreas dos municípios de Nova Lima e Raposos, cujos moradores dependiam direta ou indiretamente das atividades da empresa de mineração. (CORREIA, 2001, p.92).

Essa forma de dominação, que se estendia a todo o território e à sua população trabalhadora, se apresentava como alternativa favorável aos interesses das “Companhias”, muitas vezes bem recebida pelos operários por significar melhores condições de habitação e saneamento, principalmente para a força de trabalho oriunda do meio rural.

Nas primeiras décadas do século XX, as “vilas operárias” surgiam como modelo privilegiado de reforma da habitação do pobre urbano, a qual era apontada como um dos problemas centrais da cidade. As “vilas operárias” definiam-se como um padrão de moradia popular oposto à favela, ao mocambo e ao cortiço, supondo ordem, higiene e decência. O termo sugeria casas salubres e dotadas de ordem espacial interna, que se distinguia da falta de higiene, de espaço e de conforto atribuída às casas dos pobres urbanos. Também sugeria casas de famílias de trabalhadores estáveis, em oposição às misturas entre estes últimos e os indivíduos afastados dos empregos regulares (autônomos, vadios, prostitutas etc.), favorecidas pelas formas de moradia e relações de vizinhança nas habitações coletivas e em moradias precárias. (CORREIA, 2001, p.84)

Essas cidades e vilas operárias apresentavam um padrão serial de organização do espaço, com suas casas iguais, seu traçado conservador e o impedimento de que o trabalhador fizesse alterações na arquitetura e na conformação das áreas coletivas. Tal proximidade e

similaridade entre moradores favorecia os vínculos e a sociabilidade, mas permitia que o controle da empresa sobre a vida do trabalhador se estendesse à sua vida íntima, às suas opções pessoais e ideológicas.

Assim, o modelo logo revelaria suas contradições, ao construir uma reputação de restringir fortemente a liberdade individual e familiar e ao se revelar um mecanismo suplementar de subordinação e exploração do trabalhador pelo patrão, desencadeando conflitos e contribuindo para o agravamento das lutas sociais. [...] Não é à toa que lugares como Paulista, em Pernambuco, e Nova Lima, em Minas Gerais, notabilizaram-se pela força de seu movimento sindical e pelo elevado grau de politização de sua população, tendo sido o local de sucessivas greves e constituindo-se em importantes bases eleitorais dos partidos de esquerda. (CORREIA, 2001, p.86).

O desenvolvimento da atividade rural na região de Nova Lima, que poderia se tornar uma alternativa à mão única da mineração, foi abortado pela presença monopolizante da *St. John Del Rey* também na pecuária e no plantio de árvores frutíferas, com a posse de várias fazendas.

São significativos os exemplos nos quais a implantação de uma grande empresa – fábrica e mineradora – em uma antiga fazenda não impede que o lugar continue a ser qualificado como uma fazenda. As terras da Companhia Morro Velho, em Nova Lima – incluindo as áreas residenciais e de mineração –, eram referidos no século XIX como “Fazenda Morro Velho” e “Fazenda Raposos”. Só em 1891, quando foi promovido de freguesia a vila, o local da sede da Morro Velho passou a se chamar Vila Nova Lima. (CORREIA, 2001, p.88).

No livro “As minas de ouro de Morro Velho”, Souza (1999), relaciona os vários setores em que os ingleses eram donos absolutos, deixando toda a população dependente de seus produtos e do seu beneplácito: a criação de gado de corte e leiteiro, criação de suínos, produção de derivados do leite, abatedouro e frigorífico, produção de frutas de múltiplas espécies, rebanhos eqüinos e asininos, salientando-se o adestramento dos burros que se tornaram companheiros de labuta e de sofrimentos dos mineiros no fundo da mina. Além de tudo isto a “Companhia” tinha proeminência no comércio atacadista de carnes e cereais para todo Brasil e mantinha, com seu favorecimento, o que o autor chama de primeiro *shopping-center* do Brasil: a Casa Aristides, antigo Armazém da Mina, onde os trabalhadores utilizavam uma caderneta de compras a serem descontadas no fim do mês, o que reduzia significativamente o salário a ser recebido e mantinha o trabalhador em débito e atrelado à empresa. Nas palavras de Dazinho, mineiro de Morro Velho, líder sindical, deputado estadual cassado pela ditadura militar: “Tudo, tudo era da Empresa. Ela tinha o controle do corte de cabelo, da lenha que o pessoal queimava, dos alimentos, tecidos, jóias, tudo, inclusive do

armazém que fornecia tudo isso, para poder fornecer a prazo.” (LE VEN, 1998, p.93). Ao que Souza acrescenta:

Em síntese, pode-se dizer que a vida econômica do distrito e mais tarde município criado em 1891, é a vida da Companhia Saint John Del Rey, pois dependem exclusivamente dela por mais de cem anos. Quando havia uma crise na companhia, a cidade entrava em colapso porque tudo dependia das atividades da mina de ouro. (SOUZA, 1999, p. 109).

Como exemplo extremo dessa estrutura feudal, a Companhia chegou a ter uma moeda própria, de circulação interna em Nova Lima, onde estava cunhado o nome Morro Velho. “[...] claro que é a Morro Velho né, ela que comandava, tanto é que juiz, o promotor, o padre, o escrivão, todo mundo morava na casa da Morro Velho, então os outros sofriam por causa deste mando da empresa.” (Irineu).

Outro aspecto indicativo do domínio quase absoluto que a mineradora exercia na cidade diz respeito à forma como a empresa se tornou dona das terras que compõem seu patrimônio. Segundo o autor, a Companhia vivia em demanda com outros donos de terras: “conta a tradição que ela os forçava a vender suas propriedades pelo preço mais humilhante que se possa imaginar e lhes tomava os escravos mediante ameaças de morte ou através de lutas terríveis, onde o mais forte engolia o mais fraco. Era a lei do leão.” (SOUZA, 1999, p.70).

Wânia, entrevistada durante a pesquisa, relata a longa disputa pela terra, empreendida por sua família:

A minha família está sofrendo com isto, você sabe que nós temos um processo há quarenta anos na justiça, e justiça no Brasil fica, assim, séculos para resolver um problema. Nós estamos há quarenta anos lutando para reaver terras que foram cercadas pela Morro Velho, que eles não têm documento delas e eles se apoderaram delas. Desde a época em que os ingleses vieram para Nova Lima que eles se apoderaram de terras que não eram deles e isto é uma política vamos dizer estrangeira. É a política dos mais espertos, quem tem dinheiro corrompe, consegue um papel, consegue uma escritura e você sabe que aqui tudo tem preço, então foi muito fácil apoderar de tudo. (Wânia).

A isto se acrescenta a existência de uma milícia responsável pelo controle de escravos e trabalhadores, pela segurança da empresa e pelos abusos autoritários, à revelia das leis:

A Companhia Saint John d’el Rey tinha uma polícia forte armada de rifles e cartucheiras, de fazer medo aos governadores de Minas Gerais da época. Como dona da situação não conhecia lei brasileira, tampouco interessava conhecer, porque se conhecesse também não lhe daria respeito. (SOUZA, 1999, p.70).

Tudo isto contraria a noção de liberdade e autonomia que se esperaria para as cidades numa federação republicana, o que está expresso no comentário abaixo, formulado em 1949 por Torres Galvão, deputado, pastor e líder sindical da cidade pernambucana de Paulista:

[...] a principal característica de uma cidade é justamente a liberdade na mais ampla acepção do termo: liberdade religiosa, liberdade política, liberdade de comércio e liberdade de construção; e todos nós sabemos que estas liberdades não existem para uma população como a de Paulista, que vive sob o guarda férreo de uma empresa industrial, que, além de senhora da terra, é ainda proprietária de todas as casas que formam a cidade. (LEITE LOPES, *apud* CORREIA, 2001, p.92).

A partir da década de 70 e, aceleradamente, a partir de 90, as terras do município de Nova Lima, em poder das mineradoras, estocadas para negócios futuros, foram transferidas de mãos, em grandes transações do capital fundiário, inaugurando um novo momento para a região, que, no entanto, não altera o monopólio privado das terras e não implica em autonomia da administração pública sobre essas áreas.

A perda do monopólio da fábrica sobre a propriedade fundiária e sobre os serviços coletivos e a independência da administração local em relação à empresa são condições indispensáveis para garantir à população a autonomia inerente a uma cidade. Assim, tal situação geralmente só se configura quando está em andamento um processo de desmonte; quando a empresa que construiu a aglomeração está se desvencilhando da propriedade e do controle do lugar, mediante a venda de imóveis e o repasse dos serviços ao Estado ou a outras empresas privadas. Nesse sentido, trata-se de uma situação intermediária – em diversos sentidos – entre um núcleo fabril e uma “cidade-aberta”. (CORREIA, 2001, p.95).

Desse ponto de vista, a cidade permanece então uma cidade incompleta, pois a transferência de posse do território não implica em autonomia de gerenciamento ou interferência da população e do poder público nas suas destinações.

Nova Lima tinha uma empresa, hoje Nova Lima, só o Jardim Canadá tem seiscentas. Por um lado é muito bom para a cidade porque há diversificação, mas apesar de hoje Nova Lima não ter uma empresa só, sessenta por cento da renda da prefeitura, e quando se fala prefeitura você espalha, é da Vale do Rio Doce<sup>10</sup>. [...] Mudou a empresa. Nova Lima ganhou uma série de empresas novas, inclusive importantes, você tem empresas aqui que você conta né, você tem empresas de ponta, de tecnologia de ponta. Você tem empresa que faz marca-passo, você tem empresa que faz o coração de um raio x, o cerne do raio x, então são empresas de alta tecnologia, mas continua na mão de uma grande empresa, se essa grande empresa afundar um pouquinho ela arrasta a cidade. (Rita).

---

<sup>10</sup> A mineração de ferro, pertencente às Minerações Brasileiras Reunidas (MBR,) foi transferida, em grande transação econômica, para a Vale do Rio Doce (VALE), a partir de agosto de 2007.

### *Cidade Alta & Cidade Baixa*

O principal modelo sócio-espacial, historicamente presente na configuração urbana de Nova Lima não foi o Centro-periferia como em Belo Horizonte e grande parte da região metropolitana. Provavelmente por influência da topografia da região, um vale cercado por belas montanhas, o padrão básico novalimense de delimitação e segregação espacial foi e dá indícios de continuar a ser, o “cidade alta”/“cidade baixa”.

No seu início como povoação, Congonhas de Sabará, já se constituía de dois principais núcleos habitacionais: Arraial das Congonhas, correspondendo à região baixa da cidade, próxima à desembocadura do Ribeirão dos Cristais, onde se construiu a capela de Nosso Senhor do Bonfim, e o Arraial do Morro Velho, gerado pelos serviços de mineração e situado na área mais alta, nas redondezas de onde se instalou a companhia inglesa.

Como a cidade está incrustada num vale, os dirigentes ingleses ocuparam a parte alta da cidade, construindo o bairro das Quintas, com suas casas de típica arquitetura britânica, com varandas de treliças e jardins com cercas vivas. Ficavam também, no “lado de cima” os equipamentos sociais britânicos (igreja anglicana, cemitério, armazém, escola, entrada da mina). Nas encostas e regiões próximas foram construídas as casas dos encarregados, pessoal técnico, de escritório e no centro se localizaram pequenos comerciantes, profissionais liberais, professores. A parte baixa, onde a cidade começou, em especial os bairros do Bonfim, o Matadouro, o Areião, o Cascalho, habitados pela população mais pobre e imigrantes espanhóis, típicos redutos dos negros recém-saídos da escravidão, da zona boêmia, do pequeno comércio e dos trabalhadores informais, com arquitetura, urbanização e movimentação que lembravam o burburinho da Bahia, permaneceu como “lugar do povão”. Tal divisão se estendeu para as manifestações culturais e religiosas, sendo emblemática a disputa entre as escolas de samba de “cima” e de “baixo”.

Porque aqui é o seguinte, eu sempre falo: Nova Lima, da Santa Cruz pra cima é um tipo de pensamento, tem mais a influência da Morro Velho, tem mais influência inglesa, e da Santa Cruz para baixo já é outro tipo de pessoa e de pensamento, era mais do povo, mais operários mesmo, então tem isto, você pega a história, todo prefeito daqui de baixo que se elegeu, ele sofreu pressão, de cima. (Irineu).

A cidade operária, propriamente dita, se espalhava por morros e encostas, em bairros de estrutura fortemente homogeneizada, com suas casas geminadas ou seus bonserás seriados, onde só moravam trabalhadores da mina, sendo comum que viúvas e filhos de operários mortos tivessem que desocupar suas casas, mesmo sem ter outro local de moradia.

“Entre 1930 até meados de 1950, excetuando-se o centro de Nova Lima, a empresa e o bairro dos ingleses, diretores e funcionários categorizados, no dizer dos entrevistados, ‘o resto era tudo nosso; cidade feita por nós, os mineiros de Morro Velho; milhares de operários ativos mais os dependentes’”. (GROSSI, 1981, p.69).

[...] você pode ver que todo jornal que criam em Nova Lima, sempre tem lá “nossa gente, a história de...”, não tem história de operário, só tem história de família fulana, família não sei quem, tudo gente lá de cima, não tem ninguém daqui de baixo. De operário a não ser Dazinho que foi um deputado e os mais conhecidos... como Yone veio aqui, ela também estava fazendo uma pesquisa, ainda na época da ditadura. (Irineu).

Até na estrutura sindical se deu essa dicotomia: em paralelo ao sindicato dos mineiros, autêntico, fundado e gerido pelos trabalhadores em defesa da classe, denominado “sindicato de baixo”, foi criado outro sindicato, o “sindicato de cima”, patrocinado pela Companhia, que oferecia privilégios e benefícios aos associados, automaticamente filiados quando contratados pela empresa. “Devido à localização geográfica de sua sede, em um elevado, esse sindicato, considerado pela maioria dos mineiros como de tendência patronal, recebeu deles a titulação de Sindicato de Cima, em contraposição ao outro, denominado Sindicato de Baixo, situado na praça principal da cidade, onde ainda está instalado.” (GROSSI, 1981, p. 99).

Esse modelo permanece nos condomínios e loteamentos de luxo, espalhados pelas colinas e montanhas, formando um anel de riqueza em volta da “Velha Nova Lima”, instalada no vale, com suas ruelas sem passeios para pedestres, seu trânsito estrangulado, seus moradores espremidos em multimoradias num mesmo terreiro. A Nova Lima “de baixo” se ampliou agora por quase toda a sede, que sente as dificuldades de uma cidade que toma rumos alheios à sua trajetória sócio-histórica e aos interesses de sua população.

A fragmentação dos vários condomínios que se dispõem nos arredores, alguns, como o Alphaville e o Vale dos Cristais, buscando oferecer um conjunto de serviços e equipamentos que os enquadraria no conceito de *edges cities*, constituem novas centralidades, em torno das quais a vida se organiza. Esse modelo fragmentado, chamado por alguns de cidade fractal, se articula com os antigos padrões, resultando em formas particulares de produção do espaço e das subjetividades.

### **3.1.1 A Mina**

*“As minas são uma fonte de fluxo, de mistura e de fuga, que quase não tem equivalente na história”* (Deleuze & Guattari, “Mil Platôs”)

Seguir o veio, ir pelas encostas, perfurar e mergulhar nas profundezas, esse é o fluxo da mineração. Nos primeiros momentos fluxos livres, anárquicos, libertos da apropriação do trabalho de uns por outros; no garimpo é cada um por si na aventura cotidiana de buscar a maior pepita, a maior “pinta”. Artesão e nômade, o minerador se desloca para onde está o ouro, a prata, o estanho. “O artesão metalúrgico é o itinerante, porque ele segue a matéria fluxo do subsolo” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 95).

A antiga relação entre a ferramenta, a arma e a jóia, o trabalho, a guerra, o poder, é palpável para quem trabalha com metais. De uma função à outra é um pulo. Assim, os símbolos do comunismo internacional, a foice e o martelo, vibram o poder da máquina de guerra dos trabalhadores. Na extração mineral, a matéria bruta está muito próxima do valor final e a chamada vida inorgânica é perpassada por sentidos e poderes de toda ordem, pulsantes formas presentes na dureza da pedra, no trabalho rude, no calor de 50 graus, no brilho do ouro.

Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs*, no capítulo “Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra”, falando sobre a itinerância artesanal do ato de minerar, destacam a onipresença do metal como condutor em todo material, lhe conferindo o lugar de consciência da própria matéria. “Em suma, o que o metal e a metalurgia trazem à luz é uma vida própria da matéria, um estado vital da matéria enquanto tal, um vitalismo material que, sem dúvida, existe por toda a parte, mas comumente escondido ou recoberto...” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.94). Desta maneira o metalúrgico estaria próximo do alquimista, em contato direto com a força e a potência imanentes da corporeidade da matéria e seus correspondentes psíquicos, sociais, culturais. O metal não seria uma coisa ou um organismo, mas um corpo sem órgãos, pleno de devir, pura produtividade da matéria.

O itinerante, por excelência, seria o homem do subsolo, híbrido de uma vida de fluxos, rompendo a rocha, e do ferrenho controle da vida de superfície, demarcada em suas relações sociais e de trabalho.

O homem aqui consente, sem combate, à sua força e a seu nada. Não exige da forma a afirmação de um ideal determinado. Ele a extrai bruta do informe, tal como o informe quer. Utiliza as cavidades da sombra e os acidentes do rochedo. (ELI FAURE, *apud* DELEUZE & GUATTARI em *Mil Platôs*/5, p. 98).

As desterritorializações acontecem de diversas formas, com a remoção e deslocamento do que há de mais sólido na matéria, com a construção de uma cidade sob a cidade, com a arte inacabada de criar espaços e não-lugares, com o esgarçamento dos limites

entre a vida e a morte. “Nosso mundo real é outro. Pesado. Tem cheiro de morte.” (LE VEN, 1998, p.80).

Embaixo da terra, uma outra cidade se desdobra sob nossos pés, com seus canais, *shafts* (poços), galerias, salões, avenidas. Lá as regras e as relações são outras que não as de superfície. A contigüidade com a morte e o perigo, o ambiente inóspito, a falta de ar, revelam seres humanos diferentes.

[...] lá embaixo da terra parece haver um mundo estranho ao da superfície, a gente se transforma, uma força diferente surge e ninguém sabe explicar. Mas o certo é que a carência de ar puro modifica o organismo do trabalhador. Os operários tornam-se frenéticos, violentos, profanos, tristes. (SOUZA, 1999, p.48).

Quanto mais se aprofunda o mineiro dentro das entranhas subterrâneas, mais próximo de imagens arquetípicas primitivas, no ventre úmido, quente e escuro da Grande Mãe, em que poderosos instintos se enlaçam ao mal-estar das péssimas condições físicas, evocando dantescas visões do inferno.

No fim da quinta gaiola, os mineiros estão a mil e oitocentos metros abaixo da superfície. O silêncio é dominante. O barulho vindo das máquinas que ressoam em outros “horizontes” ao longe é rouco por falta de espaço para repercussão do eco. Nessa profundidade os mineiros estão a novecentos e setenta e quatro metros abaixo do nível do mar, numa sauna de 38 graus. (SOUZA, 1999, p.57).

Nos níveis mais profundos, a temperatura sobe mais ainda, como relata Dazinho: “[...] o calor lá na mina, nas partes mais no fundo da mina, lá nos 3700 metros de profundidade, onde nós estávamos nesta ocasião, [...] era entre 45° e 60°.” (Le Ven, 1998, p.60) A área mais abafada e de alta temperatura é chamada pelos mineiros de Nova Lima de “zona rabo quente”:

Quando os mineiros vão se aproximando da “zona rabo quente” gritam: “estamos chegando ao purgatório”. Outros dizem que é o “inferno brabo”, mas fora da mina quando alguém pergunta em que lugar estão trabalhando, ironicamente respondem: “pra lá da casa do caralho”. (SOUZA, 1999, p.57).

As sensações físicas no limite das possibilidades humanas provocam, dentre outros, processos regressivos, levando os mais fracos (“ioiôs/vovôs ou siá-marias”) a desistirem da empreitada e muitos a saírem ‘sambados’.

A goela fica seca demais, seca o cuspe que o mineiro engole, a língua fica um trem esquisito, seca, áspera como língua de boi. O lugar onde eles vão trabalhar todos os dias, lá no fundão da terra é sacrificante, e conforme dizem: “Lá onde o filho chora e a mãe não ouve”. (SOUZA, 1999, p.58).

As mais elementares necessidades humanas eram ignoradas pelos donos das minas, cujo único interesse era a produção: a sede que era aplacada com água quente, a proteção contra a poeira, improvisada com o pano amarrado no rosto, a falta de instalações sanitárias. As necessidades fisiológicas eram satisfeitas no mesmo espaço em que se trabalhava e se alimentava.

Não havia instalações sanitárias, nem esgotos. Ali também se comia. O ambiente não se tornava insustentável porque, devido à temperatura elevada, as fezes se petrificavam. Junto com a terra eram apanhadas com a pá e usadas para calçar o realce, “mas o cheiro penetrava no corpo”. (GROSSI, 1981, p. 64).

Tudo criava condição para que aspectos mais rudes e animais dos trabalhadores viessem à tona, na forma de vinganças e competições violentas, ou aridez e indiferença ao sofrimento do outro. “Depois de algum tempo, eu não tinha palma da mão, eu tinha um calo na mão que era das pontas dos dedos até o punho... Tudo era um calo só.” (LE VEN, 1998, p.62). Por outro lado, as condições adversas do trabalho exigiam alto nível de interação e a construção de uma rede bem afinada: “Era preciso que todos, cada um no seu lugar, respeitasse a organização do trabalho e as ferramentas, mas, sobretudo as condições coletivas de trabalho, senão eram o perigo e a ameaça de morte certa.” (LE VEN, 1998, p. 58)

Assim, algo sempre escapa e ali no caldeirão do inferno se forjaram também vontades férreas e corações solidários e o sofrimento do dia-a-dia constituiu a matéria-prima de um sólido movimento emancipador:

Não se passa impunemente 15 anos no fundo da mina com as mãos feitas um calo só. A cabeça erguida e a inteligência operária fizeram o resto, o chão da política continuou o fundo da mina, mas uma mina na cidade de Nova Lima, em Minas Gerais, numa Pátria chamada Brasil. (LE VEN, 1998, p.90).

### *Eldorado*

Fora do padrão dos outros municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Nova Lima recebeu migrantes de vários estados do Brasil e de muitos países, em busca do sonho de enriquecimento fácil ou de trabalho braçal sem exigências quanto à formação, cujo principal requisito era um corpo forte, disponível para o trabalho brutal e insalubre do fundo da mina. Com a grande oferta de mão de obra, a seleção de candidatos a mineiros era feita nos moldes da escravidão:

Na seleção dos candidatos, a empresa empregava, então, um método singular, que persistiu até meados de 1940: pela manhã, os que desejavam emprego se dirigiam a uma ponte de Nova Lima, situada perto da mina. Um funcionário da Companhia se encarregava de escolher poucos pelo físico. Os rejeitados eram dispensados a jatos d'água de mangueira: “os gringos faziam isso para não ter que dar explicações e mostrar força aos que ficavam mais revoltados, os escolhidos iam para o rojão do realce”. (GROSSI, 1981, p. 57).

O ouro atraiu, para a cidade, imigrantes de várias partes do mundo, com destaque para os espanhóis, italianos, franceses, libaneses, chineses, além dos portugueses e ingleses, responsáveis pela colonização da região e pela exploração das riquezas. “Outros empregados da *St. John d'el Rey Mining Co. Ltd.*, de origem portuguesa, italiana, alemã, francesa e polonesa e os próprios ingleses fizeram de Nova Lima um *melting-pot* de raças e culturas, assaz interessante” (VILLELA, 1998, p.45).

A importante participação dos africanos trazidos pelo regime da escravatura, baluarte onde se apoiou todo o trabalho bruto de escavação e de extração do minério, e dos grupos indígenas, muitos já escravizados pelos bandeirantes paulistas, em contraponto às tribos da região, que resistiram à invasão do seu território, se constituiu em linha de montagem para os processos de luta e acomodação que se configuraram na cidade. “Cada ano vem nas frotas quantidades de portugueses e de estrangeiros, para passarem às minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil vão brancos, pardos e pretos e muitos índios de que os paulistas se servem.” (ANTONIL apud VILLELA, 1998, p. 111).

A história das populações indígenas da região não é contada, estando registrado, como início oficial da história da cidade, a vinda dos bandeirantes portugueses e descendentes, em busca de pedras preciosas ou na captura de “aborígenes” para seu serviço, na labuta do trabalho ou no “alívio sexual do homem branco”. Tem-se vaga notícia de Puris, Coroados e Botocudos que se postavam como guardiães do ouro e dos aguerridos canibais do grupo Gê ou Tapuia, despejados pelos paulistas para o nordeste mineiro, para o Rio de Janeiro ou Espírito Santo. (VILLELA, 1998, p.114).

A negritude da cidade se evidenciava para visitantes acostumados com o padrão português das cidades históricas:

O inglês Richard Burton, em 1867, presenciou uma festa de reinado em Nova Lima. Ficou impressionado com o caráter africano dos negros ali presentes. Para ele Nova Lima nada parecia com as demais cidades mineiras. Tinha um aspecto de cidade africana. (MINAS GERAIS, 2000, p. 11).

A partir de 1834, a *Saint John d'El Rey Mining Company Ltda.* passa a explorar as minas de ouro, instalando na região todo o artefato cultural da Grã-Bretanha, utilizando,

sempre que necessário, a tecnologia e o *know-how* de outros povos, como foi o caso dos alemães e canadenses, responsáveis por significativas mudanças nos processos de produção e administração ou dos estadunidenses, presentes a partir da década de 50.

A alta rotatividade da mão de obra, em alguns momentos da história, trouxe para a cidade retirantes de várias partes do Brasil, em especial os nordestinos, que com sua garra e sua resistência a condições adversas, contribuíram com sua força de trabalho para a riqueza da Companhia. “Nova Lima sempre foi referencial de trabalho... trabalho muito duro, de alta periculosidade... era para quem vinha da roça, que não tinha especialização [...]” (LE VEN, 1998, p.54) Esses grupos migrantes, quase todos vindos do meio rural, de uma vida de privações e miséria, sem escolaridade, “cheirando a capim”, eram surpreendidos pela dureza do trabalho no fundo da mina, e como os outros mineiros, desenvolviam comportamentos agressivos, muitas vezes violentos e criminosos, o que conferiu à cidade a fama de selvagem, “terra de índios”, estendida a seu principal time de futebol, o Vila Nova, cuja torcida se incumbia de ganhar “no braço”, o que o time não ganhasse no campo. Há notícia de verdadeiras guerras de torcidas, inclusive com mortes, que se espalhavam pela parte baixa da cidade, próxima ao campo, o “Alçapão do Bonfim”.

Souza pinta um quadro extremo e controverso do caráter belicoso da cidade:

A Morro Velho tornou-se o centro de convergência dos gentios de todas as partes do Brasil, assim como ficou sendo o empório dos crimes hediondos, dos furtos, dos roubos e dos assaltos à mão armada. Nova Lima tinha de um lado a fama de ser um pedaço de Londres no Brasil e do outro a capital do crime, da injustiça social e da desordem organizada. (SOUZA, 1999, p.86).

Os perigos ligados à atividade mineradora serviam para encobrir crimes motivados por rixas pessoais e disputas de trabalho:

Então o papai como nós éramos quatro, quatro filhos, ele teve que trabalhar na mina onde o salário era melhor, e saiu de lá, ele foi para Rio de Peixe, para tocar a mina de amianto e foi onde ele foi assassinado. Eles falam que ele morreu em um desastre, mas nós sabemos que ele foi assassinado. Por causa de chefia, pela chefia, porque Rio de Peixe era aquele.., era como diz, aquele ninho, era uma caldeira, Nova Lima era uma caldeira do diabo, né. (Wânia).

Há relatos desde o século XVIII de uma ampla e curiosa gama de contravenções registrada no município: “De modo geral, os tipos de contravenção levantados indica uma efervescência típica de aglomerados urbanos de alta densidade como lenocínios, incestos, bigamias, cartomancias, jogos, tavolagens, danças supersticiosas, curandeirismo e benzeduras” (MINAS GERAIS, 2000, p.15).

Em estatística de 1940, 1,6% da população era de estrangeiros, o que, aliado à característica semiflutuante da população, à hegemonia inglesa, à escravidão prolongada, deu à cidade traços culturais bem diversos das cidades históricas mineiras, o que seria considerado por alguns como “descaracterização cultural do município” ou em termos antropofágicos, um município “sem nenhum caráter”.

Desse cadinho de hibridações, algo diverso e dissonante se mistura com uma história consistente de lutas e superações, que unificou origens e etnias e resultou no traço político-revolucionário que distingue o município. O sindicato dos mineiros de Nova Lima, fundado na década de 30, que se tornou, com sua postura combativa e sua força organizativa, modelo e espelho para outras organizações sindicais, atraiu atenções e aliados e se ligou a movimentos dentro e fora do país, consolidando a tendência da cidade a se tornar um caldeirão de raças e nacionalidades, mas agora sob outra perspectiva, que não a da carência, do crime e da desigualdade: a perspectiva da libertação e da justiça social.

Nova Lima, nesse sentido, se situa numa linhagem, é a parte do Brasil no mundo, dando as mãos de seus mineiros aos milhões de mineiros que também produziram ‘as riquezas das nações’, ou melhor, de suas elites e dos capitalistas em progresso no mundo. (LE VEN, 1998, p.55).

Com a força da diversidade e da heterogeneidade, Nova Lima superou poderosas forças de assujeitamento e homogeneização, saindo do lugar de depositária da exploração britânica, da mão de obra embrutecida e discriminada, para a gênese de um movimento singular, em que as diferenças tiveram seu espaço.

#### *A cortina de ouro*

“[...] o mundo de Nova Lima é o fundo da mina e as relações que se constituem a partir dessa realidade.” (Michel Le Ven).

A vida da cidade, por três séculos, circulou em torno da mineração de ouro, incluindo, mais recentemente, a mineração de ferro. Ao mesmo tempo em que sustentava a vida econômica da região, com seus 8000 empregos diretos, além da arrecadação para os cofres públicos e de todas as atividades comerciais e de serviços que se desenvolveram à sua volta, a “Companhia”, como era chamada pelos novalimenses, produziu subjetividades subservientes ou lutadoras, amedrontadas ou revoltadas pela opressão, todas fortemente marcadas pela presença monopolizadora.

[...] a empresa era centenária e durante esse tempo todo ela dominou tudo lá, até as formas das pessoas agirem e pensarem, e ninguém, em sua consciência, contestava. A subserviência, ela, é de tal forma incrustada na sociedade que é muito difícil as pessoas enxergarem o outro lado, isso vinha de pai pra filho. Então acabava-se aceitando todas essas coisas como verdade. (LE VEN, 1998: p.69).

A cidade permaneceu, em muitos aspectos, na pré-modernidade, na pré-história do mundo do trabalho e a presença feudal da St. John d'El Rey e depois da MMV no município, moldou, com uma estrutura fortemente centralizadora e controladora, uma forma de ser humilhada na sua dignidade, onde a extrema pobreza estava em contato direto com o supremo símbolo da riqueza: o ouro. Nas palavras de Dazinho: “Segundo os donos, saía de Nova Lima 450 quilos de ouro por mês. Muito ouro, muita silicose. Nós não sentíamos orgulho disso não. Mas nós fizemos duas marchas sobre Belo Horizonte... Mas tudo isso é silenciado.” Ao que Le Ven acrescenta: “O ouro dos mineiros é outro: a memória dos mortos pelos vivos. Isso também é cultura, é o culto dos mortos, das vidas ceifadas pela idolatria de homens.” (LE VEN, 1998, p.73)

Yone Grossi, no seu livro “Mina de Morro Velho: a extração do homem”, nos relata aspectos da vida dos trabalhadores nas minas, na família, nas brincadeiras com amigos, no sindicato, que revelam as várias modelagens e clivagens que constituíram coletivamente os modos de ser e viver de uma cidade operária e seus moradores. Falando sobre a postura dos ingleses frente aos “nativos”, a autora diz que “o comportamento segregativo dos ingleses, externalizando ostensivamente um estado de desigualdade econômica e social”, se mostrou presente em todo período pesquisado, tornando mais visível a oposição de classe e contribuindo para agravar os conflitos. (GROSSI, 1981, p.81). Essa postura discriminadora se estendeu, quase sempre, a técnicos e chefias de outras nacionalidades, inclusive brasileiros, que, ocupando postos de poder na empresa, reproduziam o emproado comportamento aristocrático e autoritário para com empregados e população da cidade.

Era uma hierarquia que era exercida com muita pressão mesmo, porque escolhiam as pessoas de pior reputação para colocar de encarregado [...] no início, o sujeito tinha que ter um bom porte físico, uma boa dose de ignorância para poder se transformar em arrancador de choco, em um feitor, em um patrão, em um fiscal. (LE VEN, 1998, p.60).

Os ingleses tinham seu mundo à parte, sua escola, sua igreja, seu clube, seu bairro, seu cemitério. Esse mundo era cercado por guaritas e por “rondeiros” a cavalo que se incumbiam de manter afastados os curiosos ou inconvenientes.

A discriminação dos mineiros pelos ingleses ultrapassava a vida. Enquanto os mineiros eram enterrados no cemitério da cidade, os ingleses tinham seu Campo Santo particular, o que feria os operários. De acordo com suas observações, “o cemitério isolado dos ingleses era um escárnio para nós; mesmo em caso de morte de inglês, mineiro não era convidado; ia algum chefe; o nosso cemitério era cheio, o dos ingleses vazio. (GROSSI, 1981, p.81).

O bairro das Quintas, com seus casarões em estilo colonial, suas cercas vivas, seu clube onde se jogava *cricket* e *squash* e se tomava chá das cinco com *scones*, contrastava com as residências operárias: as familiares, quase sempre geminadas, os bonserás de estrutura coletiva, também denominados barracões, e os alojamentos para acolher a mão de obra de alta rotatividade. Nesse pedaço britânico do Brasil, a população era proibida de circular, se constituindo grande aventura, para as crianças brasileiras, penetrar às escondidas no bairro inglês para espiar a vida que ali se desenrolava.

Wânia, antiga moradora do bairro do Retiro, contíguo às Quintas, bairro dos ingleses, relembra a segregação e os privilégios que seu avô não repassou aos descendentes :

Naquela época, você lembra que havia casa pros chefes, Morro Velho cedia a casa, tinha a casa dos operários e tinha a casa dos chefes. Você lembra que aquele bairro ali era fechado, você não podia passar nem na rua, e meu avô freqüentava ali. Agora ele não olhou os filhos, ele não deu oportunidade aos filhos, ele falava que filho tinha que começar ralando, você entendeu? Olha como era a mentalidade da outra época. (Wânia).

José Moura, que no texto *Humilhação Social: Humilhação Política*, fala de sua experiência com Nova Lima e novalimenses, diz que “a cidadezinha conheceu, na distribuição dos bairros, a mesma hierarquia que vinga no interior da mineradora” e abordando o processo de humilhação que se cola às segregações: “Humilhação social é sofrimento longamente aturado e ruminado.”, é dor velha, repetida, dividida entres irmãos de destino. (GONÇALVES FILHO, 2007, p.192 a 194). Sofrimento de mineiros, por nascença ou por labuta.

### *Vida de Mineiro*

*São esses homens, mulheres, milhares e milhões que constroem a cidade, renovam a sociedade, deixam sua memória na cultura da humanidade: “o movimento operário da Mina de Morro Velho foi a minha vida”.* (Michel Le Ven).

Com o ruído ensurdecador do trabalho da mina que reduzia a comunicação a gestos e gritos, os mineiros desenvolveram formas de expressão rápida, baseadas em mímica e ação,

mais que em verbalizações, já que os perigos do fundo da mina exigiam atenção permanente, nervos sensíveis e pronta resposta. “Esse traço cultural dos mineiros irá contribuir, até certo ponto, quando constituírem seu movimento, para que as suas propostas não se diluam no comodismo das discussões intermináveis e paralisantes.” (GROSSI, 1981, p. 71).

Palavrões, expressões de irreverência e “gozação” foram cunhadas no dia a dia do trabalho e se espalharam pela população. Os mineiros resistiam à apatia e à humilhação com o comportamento agressivo e a rudeza dos gestos e palavras, em que se incluíam os palavrões e as blasfêmias. O humor e a irreverência ajudavam a suavizar tudo isto com os apelidos hilários colocados em brasileiros e “gringos”, as piadas e histórias que brincavam com o ridículo e o grotesco de sua realidade. “Mineiro é igual à matéria prima: bruto. Só de se perguntar: “vamos comer?”, a resposta é um gesto pornográfico.” (GROSSI, 1981, p.62).

As relações de companheirismo e amizade, evidenciadas nos apelidos e nas expressões jocosas calcadas nas palavras inglesas e na terminologia do fundo da mina, geralmente tinham por cenário, botecos e “bitacas” resultando, muitas vezes no gasto de grande parte do salário com bebidas e prostitutas, que eram disponibilizadas, também de acordo com a escala social: as melhores para os encarregados, os “carreiros” ficavam com as piores. “Os mineiros criaram relações de amizade, configurando uma cultura de rua adensada particularmente pelos contatos em bares, compensando a fantasia no ‘deleite da cachaça, que dá devaneio e faz esquecer o trabalho’.” (GROSSI, 1981, p.71). O alcoolismo, ao lado da silicose, se constituiu numa das principais patologias do município.

No carnaval os mineiros se esbaldavam, expressando nos blocos sua vida, revestindo de forma debochada e grotesca suas mazelas, na descontração da folia. Dentre os blocos, se destacavam o Dos Prontos, com seu coronel, boneco gigante, semelhante aos de Olinda, representando os “duros”, os sem-dinheiro ou o bloco da Vitória, das prostitutas, patrocinado pelos feitores, com especial destaque para o Bloco dos Sujos, em que os mineiros saíam direto da mina para cair na farra. Esse bloco está presente até hoje no carnaval da cidade, com seus milhares de seguidores, vestidos de mulher ou com fantasias de crítica social. Yonne Grossi relata a existência de um bloco diretamente relacionado à mina:

Existiu um bloco idealizado pelos mineiros, que talvez fosse um esboço de cultura da classe. A fantasia consistia na indumentária usada na mina. O canto e os gritos expressavam a situação do subsolo. O bloco reproduzia o ambiente de trabalho: o carreiro imitava o feitor, o sambado, o maricas entre outros. Levava também uma ala dos picapaus e outra dos trabalhadores do tráfego. (GROSSI, 1981, p.80).

As festas religiosas, o *footing*<sup>11</sup> e as lutas de boxe, muito apreciados, aconteciam na praça da matriz; as reuniões, nas casas, para a dança com sanfona, violão e cavaquinho ou para o “carteado”, o jogo de “truco” em família: “Cada bairro tinha o seu clube de truque e se faziam torneios. Essas reuniões seriam também aproveitadas pelos organizadores da classe para testar, em conversas informais, a receptividade dos mineiros quanto ao lançamento de campanhas reivindicatórias.” (GROSSI, 1981, p. 80)

Dazinho relata seu único vício, além do trabalho:

[...] eu gostava de jogar cartas... às vezes por falta de outras coisas, um jogo um pouco inocente, era o jogo de truco que não tinha muito problema jogar. Era muito bom por causa do convívio, a convivência que tinha com um maior número de famílias, maior número de pessoas. (LE VEN, 1998, p.66).

O jogo inocente e barulhento que até hoje persiste na cidade, tendo como local privilegiado um grande e frondoso fícus defronte a entrada da Mina Grande, na Praça dos Mineiros, podia se revelar perigoso: “Cheguei a ficar em uma situação de inteira miséria, eu não tinha uma roupa inteira, perdia tudo no jogo, então resolvi um dia parar e parei definitivo, parei, parei mesmo...” (LE VEN, 1998, p. 66).

Os casados se orgulhavam de suas mulheres e de suas casas que primavam pela limpeza, em contraste com o ambiente de trabalho: “a gente precisa de limpeza para esquecer o ambiente da mina. O homem da mina é como um animal: sujo...” (GROSSI, 1981, p.71).

Souza relata no seu livro a experiência das mulheres escravas no fundo da mina, no período anterior à lei Áurea:

A tradição não guardou a quantidade de mulheres escravas que trabalharam na Mina Velha por mais de cinquenta anos, contudo, sabe-se que a mina consumiu batalhões. Foram verdadeiras heroínas, pois trabalhavam dia e noite, transportando as pedras que os homens iam quebrando. [...] a partir de 1890, a Companhia Saint John d’El Rey dispensou o trabalho da mulher no interior das minas por muitas causas, duas delas de maior urgência, devido à forte pressão imposta pela Lei Áurea: a hemorragia provocada pelo fluxo menstrual e a tuberculose, ambas se tornaram devastadoras. (SOUZA, 1999, p. 30).

Persistiu, contudo, a lenda de que mulheres na mina é desastre e desmoronamento na certa, o que as afastou desse campo de trabalho e as restringiu às atividades de superfície. Tal proibição se estendeu aos padres e foi respeitada por trabalhadores e chefias.

Nas lutas cotidianas, no entanto, as mulheres dos mineiros tiveram importante papel,

---

<sup>11</sup> Verificar Glossário, no apêndice A.

compartilhando sua vida de perigos e sacrifícios para sustentar a família, muitas participando também da luta sindical.

A mulher nunca desceu à mina, mas sabe explicar direitinho onde o marido está trabalhando, o vizinho, o companheiro. Ele vive dentro da mina. O trabalho significa morte a todo instante. É comum uma mulher dizer de seu marido: “Hoje está trabalhando num lugar muito perigoso, há muito gás, pode explodir.” É o que a gente diz: conversar com mulher de mineiro é conversar com mineiro. (GROSSI, 1981, p.70).

O risco e a iminência de um acidente na mina pairavam sobre a cidade e sobre a família do mineiro. Como os jangadeiros, a ida era certa, a volta só Deus sabia. A lembrança dos graves acidentes ocorridos durante toda a história das minas de Morro Velho somada à cotidiana experiência de pequenos acidentes que roubavam vidas preciosas, mantinha as famílias em suspense: “Quando as turmas desciam na mina, a cidade inteira ficava com o ouvido na escuta. A ida era feita de corpo e alma, mas a volta nem sempre, porque diariamente um montão só voltava o corpo, porque a alma já tinha ido para os cafundós-dojudas.” (SOUZA, 1999, p. 87). Tal sentimento era reforçado pelas explosões que diariamente sacudiam a cidade vindas do subsolo e pelo constante gemido do maquinário que ressonava, ao fundo, no dia-a-dia da cidade. Os apitos demarcando os turnos de trabalho eram ouvidos por todo o vale e dirigiam o ritmo de vida diário.

Os acidentes podiam vir de arriamentos, explosões das “panelas de gás” ou de “fogo falhado”. Souza relata o macabro quadro dos constantes acidentes:

Saía um monte de gente esmigalhada ou queimada. Na verdade, os montes de cadáveres irreconhecíveis. O hospital da Companhia não tinha lugar para agasalhar tanto morto. Os médicos ajuntavam os pedaços de uns, de outros emendavam ou costuravam, numa tentativa de fazê-los parecer gente... (SOUZA, 1999, p.87)

Em vários morros da cidade foram plantadas grandes cruzes iluminadas, os cruzeiros, que teriam a função de zelar pela segurança dos mineiros. “[...] os mineiros olhavam para o cruzeiro da Boa Vista para ver se estava todo iluminado, pois se alguma lâmpada se apagasse aconteceria algum acidente. [...] vai ver que é por isso que a companhia sempre mandou trocar as lâmpadas.” (MINAS GERAIS, 2000, p.182).

A silicose (“poeira”, “peste branca”) e outros problemas pulmonares ainda marcam o cotidiano novalimense, como herança do trabalho pesado no fundo da terra. Nas palavras de Dazinho: “A silicose, que é aquela poeira mais fininha que pousa no pulmão... irreversível,

porque depois da poeira pousar no pulmão e solidificar, ela nunca mais deixa o pulmão da pessoa, a não ser quando ela morra.” (LE VEN, 1998, p.62).

Hélio Pellegrino, no texto “A grande tosse dos pobres”, fala sobre o desassossego das noites de uma cidade silicótica:

Nas noites de Nova Lima, quando buscava repouso, a cidade era sacudida e inquietada por uma trovoadas surda e cava que, nascendo dos casebres operários, rolava em ondas recorrentes até as fraldas das montanhas em torno. Era a grande tosse dos pobres, sintoma e denúncia da silicose que os roía. (LE VEN, 1998, p.62).

Comenta ainda, com fina ironia, a habilidade dos britânicos em transformar a desgraça alheia, a grande “trovoadas brônquica”, em lucro:

Os ingleses, perturbados em seu sono e em sua boa consciência, ao invés de adotarem medidas hábeis para que a silicose cessasse, resolveram enfrentar o problema pelo exclusivo ataque ao sintoma. Montaram em Nova Lima, com banda de música e foguetes, uma fábrica de xarope contra tosse, que ao mesmo tempo produzia para consumo dos colonizadores matéria-prima de refrigerantes não encontrados no país. A fábrica andou de vento em popa... juntando o útil ao agradável. (LE VEN, 1998, p.63).

Em Agosto de 1995, a revista Isto É publicou reportagem “As viúvas do ouro” em que entrevista silicóticos e viúvas, em luta na justiça para serem devidamente indenizados. No primeiro semestre do ano da publicação, 78 mineiros de Raposos e Nova Lima já haviam falecido com os pulmões enrijecidos. Andréia Silveira, professora da UFMG e na época médica do Sindicato dos Mineiros diz à reportagem: “A cada semana, diagnosticamos pelo menos três novos casos. Nos últimos 20 anos a Previdência Social notificou a existência de cerca de cinco mil mineiros portadores da silicose na região metropolitana de Belo Horizonte” Nas palavras da viúva Isabel Barbosa: “O João de Deus tirou ouro da terra sem faltar um dia sequer ao serviço até morrer. Hoje, recebo apenas a pensão da Previdência de dois salários mínimos, sem nenhuma indenização da Morro Velho”

Alice, psicóloga, atende os mineiros sindicalizados e seus familiares:

[...] o público que eu atendo, a maioria, os chefes da família que já estão mais velhos hoje em dia, são daquela época que a mina ainda estava ativa, então geralmente são pessoas que estão doentes, que têm a silicose, até cem por cento em alguns casos, estão muitos doentes, alguns falecidos, aí muitos se aposentaram por invalidez. Outros não, são filhos desta geração que constituíram família e eu atendo os netos.[...] Tem um pequenininho que eu atendo que ele fala: “que bom né tia, que agora não tem mais mina”, porque o avô dele faleceu com a silicose. (Alice).

Os silicóticos vão desaparecendo junto com os traços de uma forma de vida penosa, geradora de riquezas e de profundas desigualdades. Suas famílias ainda lutam para receber a justa indenização pelo sofrimento de tantos anos e pela perda do ente querido, quase sempre sustentáculo da família. São os últimos sinais de uma história que não se conta, que se dissolve frente às modernidades e ao domínio das aparências.

Dodóra, irmã e filha de mineiros, encantada pela mina que povoava seus sonhos de criança, se tornou, pelas voltas que a vida dá, defensora dos direitos dos silicóticos e continuadora da luta de Dazinho. “A mina sempre esteve na minha vida... Eu cresci com a mina, vivendo também a participação dela na minha vida” (LE VEN, 2005, p.238).

Levada pelo irmão para a reunião dos mineiros que lutavam na Justiça pela indenização relativa à silicose, adquirida no trabalho nas minas de Morro Velho, se transformou em líder de um novo movimento, que cria em 2002, a ABRAVIM - Associação Brasileira de Vítimas de Danos Causados por Atividades de Mineração -, de alcance nacional e que se propõe a ter uma atuação independente, que Dodóra diz faltar ao sindicato.

A Associação foi fundada no dia 16 de Janeiro de 2002. Ela é muito recente. Ela só foi fundada porque não existia, até aqui, ninguém para estar defendendo e estar gritando pelos direitos dos trabalhadores. [...] O Sindicato dos Mineiros[...]depois que ele fechou e de novo reabriu, ele não foi mais o sindicato dos trabalhadores. Ele foi o sindicato patronal. Hoje ele é totalmente da empresa. (LE VEN, 2005, p.244).

Os associados, preocupados com a situação de penúria e sofrimento de aposentados e de novos empregados, se articulam com políticos do nível local e estadual para levar adiante a luta pelos direitos dos trabalhadores.

Eles trabalham com muito ouro, com muita riqueza e hoje não resolve nada. Todos morrendo à míngua. Tem uns que não têm dinheiro para comprar um litro de leite, para tomar um litro de leite. [...] uma empresa rica, que tem coragem de dar 150 mil por mês a um time e não tem coragem de cuidar das pessoas que estão morrendo. (LE VEN, 2005, p.242).

Dodóra vê nesse movimento a oportunidade de retomada da trajetória de lutas dos mineiros e do “povo de Nova Lima”: “Olha, sim, o Povo de Nova Lima voltou a ser o Povo de Nova Lima! Voltou, sim, a buscar os seus direitos. Eles achavam que os direitos deles estavam perdidos. Mas eles voltaram à luta. Voltaram a buscar o que são os direitos deles...” (LE VEN, 2005, p. 245).

*Uma mística do trabalho*

*“Eles todos têm o ‘mapa da mina’ no corpo e na mente” (Michel Le Ven).*

Se o sofrimento desses trabalhadores e suas famílias, produziu extremos de violência e passividade acrítica, gerou também um orgulho operário, o culto aos heróis do fundo da mina e a valorização do trabalho coletivo, à parte das precárias condições ambientais e salariais.

Gostava, não tanto do uniforme, mas do que ele representava. Da representatividade dele, do operário, do trabalhador comum, do peão de obra. Nunca tive vergonha de ser trabalhador a vida toda. O que gosto no trabalho é de estar junto com os companheiros. (LE VEN, 1998, p.71).

Na Morro Velho a brutalidade do trabalho, a pobreza e a discriminação produziram um ethos de bravura e virilidade que nos casos extremos resultou em violência, crimes, perseguições, homens lobos de homens, mas também produziu heróis do cotidiano, festejados e cultuados pela sua coragem e sua força. Eram chamados “cuiudos” ou “cunhudos”, aqueles que não “afinavam” e enfrentavam com coragem as feras da mina: a falta de oxigênio, a poeira das pedras, a fumaça das dinamites, os chocos, o fogo falhado, os desabamentos, as explosões de gás, os fios de alta tensão, a angústia das profundezas. Os fracos, que “não davam no couro”, os “sambados”, tinham que agüentar toda sorte de achincalhes, da parte de colegas e encarregados: “Os que sambavam recebiam dos próprios colegas apelidos desqualificadores de sua condição de homens: ioiô, sá-maria, maricas. Ouviam também a expressão ferina dos feitores : ‘Por que sua mãe não te comeu no ninho, quando te pariu tão mole assim?’” (GROSSI, 1981, p.64)

Essa discriminação era usada pela empresa para garantir disciplina e produtividade:

O valor consagrado entre os trabalhadores da mina era a resistência física para o exercício de sua atividade. De fato, a empresa manipulava a discriminação entre fortes e fracos, estabelecendo-se um clima de competição extenuante entre os operários, que só beneficiava a produtividade, além de submetê-los a uma rígida disciplina de trabalho. (GROSSI, 1981, p.68).

No entanto, efeito inverso era produzido, quando a situação de quase animalidade era comparada às amenas relações familiares e de amizade.

A oferta de casas para os funcionários funcionava “como um meio de fixar o trabalhador, impedindo-o de retornar ao campo ou demandar outras cidades, onde os salários fossem mais compensadores e os riscos de trabalho menores.” (GROSSI, 1981, p.69). Assim a maior parte da população habitava esses bairros, compartilhava da difícil vida por turnos de trabalho, dos horários calcados no ritmo britânico anunciado pela sirene que ecoava por toda a

cidade, dos equipamentos coletivos, como tanques, chafarizes e banheiros, no caso dos bonserás. Toda essa proximidade e compartilhamento propiciaram o nascimento do sentimento e da consciência de classe, como também de articulações para a melhoria das condições de vida, como os Grupos de Compra que funcionaram durante 20 anos, reduzindo os gastos e melhorando a qualidade da alimentação, tão necessária à manutenção da saúde nas precárias condições de trabalho do subsolo.

A descoberta e a construção da força coletiva foi para os mineiros resgate de uma nova virilidade, outras formas de combate, de saída das condições animais para a dignidade de trabalhadores e seres humanos.

É o trabalho braçal do mineiro Dazinho e de seus companheiros que marca o fim da “escravidão”, a conquista da auto-estima, da “inteligência operária”, a formação do vínculo social e político, a redenção do trabalho material e social, a elevação à condição humana e política, enfim, à uma mística do trabalho. (LE VEN, 1998, p.74).

Inaugura-se assim uma nova etapa na história do trabalho nas minas de Morro Velho e no Brasil, com efeitos prolongados na vida da cidade e seus moradores: o movimento sindical de características particulares e exemplares, que trouxe potentes vitórias, muitas dores e rupturas; máquina de guerra dos trabalhadores construindo seu destino.

### ***3.1.2 Movimento Operário***

Na década de 30 emerge, em Nova Lima, o movimento operário que iria resultar, em 1934, na criação da União dos Mineiros de Morro Velho, futuro Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Ouro e Metais Preciosos. Essa movimentação coincide com o início da atuação local do Partido Comunista Brasileiro, chamado pelos mineiros de “o partido”, e com uma conjuntura nacional de forte centralização do governo Vargas, com a cooptação e o controle do fruto das lutas operárias, ao mesmo tempo em que a Constituição de 34 assegurava, no seu artigo 120, a pluralidade e a completa autonomia sindical. A legislação trabalhista pós 30 e as estratégias de poder do governo Vargas, atrelaram a classe operária ao Estado paternalista e manipulador, cerceando sua livre organização e a formação de uma consciência de classe.

Em Nova Lima, apesar do regime da quase-escravidão que vigorava nas relações trabalhistas, o movimento operário conseguiu manter um nível de autonomia sindical, que impediu, por muito tempo, a burocratização e elitização do poder e o peleguismo, construindo

a coesão entre os companheiros e se articulando para as principais reivindicações. “A situação penosa de trabalho, a dominação arbitrária da empresa, o desamparo a que se expunha a família do operário, constituíam uma condição suficiente para despertar princípios de coesão entre os trabalhadores.” (GROSSI, 1981, p. 94).

A organização coletiva e a vida sindical trouxeram, para os mineiros, possibilidade de mudanças, que dependiam de sua ação solidária: “Então nós é que lutamos contra tudo e contra todos. E a supremacia nossa foi por causa da força do trabalho. Quanto mais perigoso, quanto mais difícil o trabalho, mais união; cria-se mais elo de união, cria-se entre os trabalhadores a união” (LE VEN, 1998, p.79).

No movimento operário de Nova Lima, política e religião estiveram unidas, em função das necessidades e lutas da classe, principalmente através da figura de Dazinho, cristão militante, jocista: “[...] na fundação da JOC, fui seu fundador, reunimos 5 ou 6 sujeitos da mina e o padre Lage leu o Evangelho e o disse em termos operários: amor, justiça, trabalho. Colocou o Evangelho na vida do operário. Nasceu o nosso ideal.” (LE VEN, 1998, p.85).

Esse ideal, unido ao dos militantes comunistas e de trabalhadores de boa vontade, constituiu o movimento sindical dos mineiros de Nova Lima, plural, inventivo, bem organizado, potente. “Os mineiros comunistas e cristãos nos deixaram [...] uma lição política. Sindicalistas iguais e diferentes, com ideologia, mas que não se tornasse totalitária [...] unicamente ligados à mina e à classe, unidos antes de tudo pela classe e pelo trabalho.” (LE VEN, 1998, p.88).

Nova Lima era chamada, pelos detratores do movimento operário, “cidade vermelha”, estigma rechaçado pelos trabalhadores “porque prejudicava a nossa ação e aumentava a repressão” e justificado na forte presença do Partido Comunista, que a partir da década de 30 trouxe para a cidade sua experiência de organização das massas. Nas palavras de Dazinho: “Os comunistas foram o baluarte do grande sindicato que foi o Sindicato dos Trabalhadores de Nova Lima” (LE VEN, 1998, p.86).

Apesar das orientações do Comitê Central, o partido agiu na cidade com certa independência, atuando na organização das bases operárias e populares, no preparo de quadros dirigentes e nas lutas sindicais. “A estratégia do Partido, em Nova Lima, era palmilhada na conquista da unidade de classe, desenvolvendo formas de resistência às condições iníquas de trabalho e vida da comunidade.” (GROSSI, 1981, p.209).

A luta sindical em Nova Lima, que uniu cristãos e comunistas, transformou a vida de humilhações e subserviência de 8000 mineiros e suas famílias em resgate da dignidade, da solidariedade, do poder coletivo, da capacidade organizativa de uma classe. Às assembleias,

no Teatro Municipal, compareciam milhares de mineiros, que tinham voz e possibilidade de intervir nos rumos do movimento. Nova Lima se tornou, nas palavras de Dazinho, “espelho para o Brasil”, com a força de suas greves, de suas passeatas sobre Belo Horizonte. “Queriam uma mão de obra calada, fez-se uma cidade em marcha.” (LE VEN, 1998, p.90).

As lutas sindicais, durante os 30 anos de intensa atividade do sindicato, antes de 64, se caracterizaram pela coragem e pela ruptura com o padrão de subserviência ao domínio da empresa que vigorava no município: “O sindicato de Nova Lima primou pela coragem dos trabalhadores porque lá nós enfrentávamos os jagunços contratados pela Empresa... É coragem física.” (LE VEN, 1998, p.91). Apesar dos constantes boicotes e perseguições, várias campanhas e bandeiras, se mostraram bem sucedidas, dentre elas as que buscavam garantir a segurança no trabalho, a higiene e salubridade nas minas, outras que buscavam garantir os direitos trabalhistas ou apoiar movimentos e causas de outros sindicatos, se ligando a redes brasileiras e internacionais, além das ações de características francamente políticas, como a campanha contra a bomba atômica e pela entrada do Brasil na 2ª guerra mundial.

Em 1947 o movimento operário elegeu 4 vereadores à câmara municipal e se firmou como força política no nível local e estadual, aumentando a preocupação da empresa e a conseqüente repressão, culminando com a eliminação física de líderes expressivos, dentre eles o atuante vereador William Gomes, e com a demissão de 51 militantes, sob a alegação de prejuízo à produção da mina. Além disto, aumentou a pressão da igreja católica conservadora e, por outro lado, as interferências do “centralismo burocrático” do PC nacional.

Com o acirramento da situação, desponta a figura de Dazinho, unificadora, representativa da classe e que durante uma década atuou na direção do sindicato, liderou greves e marchas políticas, se elegendo deputado estadual em 1962.

As greves envolviam toda a cidade e recebiam o apoio das mulheres, noivas, viúvas dos mineiros aposentados e ativos: “entravam na campanha junto conosco. iam às assembléias e na cidade procuravam o apoio do comércio” (GROSSI, 1981, p.220). A imprensa mineira e do Brasil noticiava o fato com os matizes ideológicos de cada publicação. Por ocasião da chamada “marcha sobre Belo Horizonte”, durante a greve dos 33 dias de 1953, em que toda a mina parou, o jornalista Newton Carlos assim relatou o acontecimento, na Revista da Semana:

Acompanhando a picada que corta o estreito vale entre dois montes, na Serra do Curral, a coluna se estendia por quase dois kms, uma extremidade perdida de vista da outra. [...] Vinham juntos crianças, que mal conseguiam andar, acompanhando os pais; mulheres carregando crianças de colo acompanhando os maridos; casais jovens aos braços. Cada um com a mochila de comida a tira-colo. [...] Desciam à Capital não apenas para dizer ao cidadão de gravata que sustentavam uma greve de 20 dias, sem que ninguém se dispusesse a ajudá-los numa solução, irão mostrar, em toda

amplitude, o drama de uma população escravizada às minas de ouro. (LE VEN, 1998, p.96).

E conclui ressaltando, que assim os mineiros haviam realizado a primeira passeata grevista do Brasil. Ao que se poderia acrescentar passeata das famílias mineiras, apesar das dificuldades, apoiando as lutas operárias, e de uma cidade mostrando que a história oficial, vazia de sentidos, não pode conter a força dos desejos, agenciadores potentes de novas configurações e de acontecimentos inusitados.

### *O Corte*

“Em 1º de abril de 1964, os mineiros de Morro Velho representaram um dos únicos núcleos do país que tentaram resistir à intervenção das forças político-militares do regime vigente.” (GROSSI, 1981, p.215). Os fatos que se seguiram, repetidos em vários lugares do território nacional, romperam com um processo de emancipação, não só da classe operária, mas de todo o município, com relação ao domínio e ao monopólio das empresas mineradoras.

Nova Lima foi duramente atingida. Presos e afastados seus líderes. Paralisada a classe operária. Sindicato sob intervenção. [...] O depoimento dos mineiros sintetiza a mesma expressão: “após 64 foi uma fase de terror; o povo ficou acuado, os trabalhadores acuados, sem rumo...” (GROSSI, 1981, p.231).

Depois de 64 o movimento operário foi submetido a 14 anos de silenciamento. O operário Dazinho, deputado “cassado e caçado”, foi detido e condenado, sendo libertado em 1966, permanecendo com sua vida política, profissional e pessoal cerceada até 1974. Foi recebido com carinho e respeito em Nova Lima apesar do medo da repressão e da tentativa de demonização de que foi vítima, acusado de planejar o envenenamento da caixa d’água de Belo Horizonte e de importação de armas da Tchecoslováquia para o sindicato. Os dias difíceis que se seguiram foram compartilhados com outras famílias atingidas pelo golpe de 64 e por companheiros de luta de todo Brasil. Em 1972 se muda de Nova Lima, mas continua ligado ao movimento sindical e partidário da cidade, sendo referência de coragem, dignidade e resistência para velhas e novas gerações, sintonizadas com as lutas dos trabalhadores e das classes desfavorecidas, exploradas pelo capital. Em 1986, candidato a senador pelo PT, dos 538.000 votos que recebeu, 15.000 foram em Nova Lima.

A partir de 1978, com a influência do novo sindicalismo do ABC e com o apoio de movimentos da sociedade civil, principalmente de uma esquerda jovem, se articula em Nova Lima, um movimento sindical com novas cores, marcado também pelos tons arrojados ou

perversos da emergente pós-modernidade. Jornais independentes, projetos culturais, movimentos ambientalistas se tornaram parceiros e co-autores na lutas por melhores condições de trabalho e vida digna. O Partido dos Trabalhadores, fundado na cidade em 1980, se revela mais um espaço de luta, em alguns momentos em íntima relação com o sindicato.

Da mesma forma o movimento ambientalista, que se tornou opositor de peso à hegemonia das mineradoras, se uniu ao sindicato em várias ocasiões para defender causas comuns chegando a ter um encarte no jornalzinho do sindicato, para tratar de questões ecológicas. Movimentos, como o Renascer Nova Lima em 1986, uniram representantes de vários movimentos e partidos do município e do estado, para traçar ações comuns e discutir as novas expansões da Mineração Morro Velho, dentre elas a usina de produção de ácido sulfúrico. Essa intensa movimentação da sociedade novalimense, na década de 80, coincide com articulações, já a caminho, de finalização do processo extrativo mineral na região e das mudanças que se instalariam na década de 90.

### **3.2 Mudanças pós-90 e a questão espacial <sup>12</sup>**

*“Eu vejo mais como uma visão do que tinha, que era o valor, que era o ouro, que era o minério, quando eles conseguiram ir acabando com tudo, agora vão acabar com as terras.” (Fernando).*

Cercados na pequena área de perímetro urbano da sede do município (cerca de 7% da área total), sem espaço para moradia, sem áreas de lazer significativas, a população da sede de Nova Lima se aglomera nos “puxados” e nas multimoradias no mesmo “terreiro”.

De um município que até poucos anos atrás possuía extensa área verde com campos, cerrados e trechos remanescentes da mata Atlântica, além de água, muita água, se esperava que sua população pudesse ter a seu dispor boas áreas dedicadas ao contato com a natureza. Não há, contudo, um parque municipal protegido, com espaços reservados a caminhadas, ao ciclismo, às brincadeiras infantis, à contemplação, a eventos culturais, nem cachoeiras ou lagoas destinadas ao acesso público, com a infra-estrutura necessária.

As mineradoras que detiveram a posse da terra por todo esse tempo, se desdobraram em múltiplos empreendimentos imobiliários para a classe A da Região Metropolitana. Ao

---

<sup>12</sup> Os dados estatísticos usados nesta seção foram retirados dos textos de MENDONÇA e PERPÉTUO, 2006; BRITO e SOUZA, 2005 e BRITO, SOARES e SOUZA, 2005 (ver Referências)

mesmo tempo, o centro de negócios de grandes empresas, a área hospitalar e universitária, casas noturnas e points da indústria do lazer, shopping-centers se postaram na zona limite entre BH e Nova Lima, modificando substancialmente a configuração espacial e política do município, ampliando oportunidades de trabalho e criando embaraços de toda ordem. O crescimento, sem planejamento, fora das possibilidades e características da estrutura viária do município, ocasionou grande transtorno no trânsito com engarrafamentos monumentais.

Tem estas dificuldades que vão acarretando, por exemplo o trânsito, nesta estrada de Nova Lima. Esses condomínios, eles fazem isto, eles não pensam que o pessoal daqui tem que trabalhar lá, então você sai daqui, você vai para escola, você vai trabalhar ou qualquer outra coisa, é uma dificuldade para você chegar, porque chega ali na trincheira ali e pronto. BH Shopping pára, porque é Belvedere. São esses condomínios que tem aqui, então, eles não pensaram em uma via, agora é que eles estão pensando, vai ter que mexer muito. Agora que eles estão pensando, mas já está pronto ... está liberado os condomínios. Não estava preparado né, então a coisa foi acontecendo assim, de uma vez né, então até acertar isto vamos ter que sofrer. (Irineu).

Tudo isto aliado à chegada de um modo de vida de metrópole e às alterações de médio prazo, como as mudanças no clima, nos níveis de poluição, na qualidade de vida podem ocasionar rupturas profundas nas formas de sentir, pensar, se relacionar da população novalimense. “Você sabe que às vezes eu fico meio perdida na Nova Lima de hoje, eu acho que ela é uma coisa que a gente que é da cidade, da sede, não percebe, a gente não consegue perceber, ela já escapou da mão da gente há muito tempo” (Rita).

### *A Questão Metropolitana*

O processo de urbanização brasileiro se deu com grande velocidade, se potencializando a partir da década 50, com o incremento da industrialização e a expansão da malha viária e dos meios de comunicação, sendo que na segunda metade do século XX a população urbana passou de 49 milhões para 138 milhões, multiplicando-se 7,3 vezes. Esse excepcional crescimento demográfico das cidades se explica pelo intenso fluxo migratório rural/urbano, já que as taxas de fecundidade decrescem a partir da década de 60. Entre 1960 e o final dos anos 80 saíram do campo, em direção às cidades, cerca de 43 milhões de pessoas. O censo de 1970 já revelou uma população urbana superior à rural, ao mesmo tempo em que o processo de metropolização acompanhava esse ritmo acelerado.

Essa maciça redistribuição da população favorável às cidades e, em destaque, às cidades metropolitanas, contribuiu para definir um novo perfil para a

sociedade brasileira. Desde sua criação, no início dos anos 70, até os dias atuais, as regiões metropolitanas sofreram inúmeras transformações com a incorporação de novos municípios. Como essa decisão é da competência das Assembleias Legislativas, frequentemente a delimitação de uma região metropolitana obedece muito mais a critérios políticos do que aos sociais, econômicos e demográficos. (BRITO; SOUZA, 2005, p.49).

Esse novo perfil, do Brasil urbano e metropolitano, vai prevalecer sobre outras realidades, mesmo sobre a vida rural, atravessada pela crescente mecanização e pela grande ausência da reforma agrária. Prevalecem também problemas de toda a ordem, gerados pela inadequação e despreparo dos equipamentos administrativos e sociais para comportar tal crescimento.

Mais do que uma realidade em números, o fenômeno das Regiões Metropolitanas no Brasil chama também atenção por se verificar a partir de um processo de urbanização demasiadamente rápido. Verifica-se, assim, em consequência do crescimento acelerado e com indesejada normalidade no dia a dia das Regiões Metropolitanas, a escassez de serviços sanitários, deficiências de moradias e serviços básicos, falta de segurança e degradação ambiental, além da vulnerabilidade a acidentes e desastres naturais. É a cidade explodindo em si mesma, expandindo-se sem limites. (GUIMARÃES, 2004, p.4).

Para alguns autores, a crescente urbanização da sociedade brasileira deve ser entendida como “construção irreversível da hegemonia do urbano”, seja como concentração de população e de atividades econômicas como também “como difusora dos novos padrões de relações sociais – inclusive as de produção – e estilos de vida.” (BRITO; SOUZA, 2005, p.49).

Milton Santos (2002, p.124) falando do inchaço das metrópoles, relata que entre 1970 e 1980 as 9 regiões metropolitanas brasileiras (incluindo o Distrito Federal) foram responsáveis por quase 44% do crescimento total da população do país. Esse número corresponde ao índice atual, com 33 regiões metropolitanas oficialmente reconhecidas pelo IBGE, habitadas por cerca de 70 milhões de pessoas. A Grande-BH, tem 34 municípios e perto de 5 milhões de habitantes.

No final do século passado um terço da população brasileira residia nos aglomerados metropolitanos. No entanto, há um declínio no crescimento da população metropolitana, com redirecionamento de parte das migrações internas para cidades médias do interior. Dentro das regiões metropolitanas se assistiu, a partir de 80, à redução acentuada no ritmo de crescimento dos seus núcleos, as capitais, como foi o caso de S. Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, simultaneamente ao acelerado crescimento das periferias. “Os dados indicam que o processo de metropolização tem sido marcado pela redistribuição da população metropolitana favorável

aos municípios periféricos, certamente estimulada pela emigração da capital em direção às demais cidades das aglomerações metropolitanas” (BRITO; SOUZA, 2005, p.52).

Ao mesmo tempo, os municípios-núcleo detêm a capacidade de influir diretamente nos destinos das periferias e municípios contíguos, aí localizando equipamentos e extensões que lhe são favoráveis, muitas vezes impedindo os movimentos autônomos que retirariam essas regiões da sombra da capital.

Com o peso relativo do município-núcleo da região metropolitana, suas decisões de investimento econômico e social arrastam os demais, gerando distorções em cadeia, cujo resultado final é a ineficácia das administrações municipais, sobretudo no que toca ao interesse da maior parte da população. (SANTOS, 2002, p.121).

No contexto em que foram criadas as regiões metropolitanas no Brasil, em plena ditadura militar – “retratando uma triste situação de fato no Brasil de então, isto é, a cidade sem cidadãos” (SANTOS, 2002, p. 120) – serviram para reproduzir e ampliar o espectro das mazelas da metrópole sobre uma maior extensão territorial, já que foi um rearranjo destinado a favorecer a produtividade dos novos capitais voláteis e a eficácia na sua administração. “Pela forma que as regiões metropolitanas foram constituídas, somente os grandes interesses podem merecer soluções estruturais, duráveis, enquanto para os outros, deixados ao deus-dará, os remédios são apenas funcionais, tópicos, provisórios.” (SANTOS, 2002, p.121).

Os aglomerados humanos das grandes cidades se estendem, aceleradamente, por espaços contíguos, seja trazendo a paradisíaca segregação dos condomínios, ilhas de conforto dentro de áreas verdes; seja atraindo retirantes do interior, de áreas menos desenvolvidas ou populações expulsas pelos grandes empreendimentos monopolizadores. As regiões metropolitanas atraem milhares de pessoas em busca das possibilidades de estudo e trabalho e de um estilo de vida glamourizado pela mídia. Muitos continuam na margem, aguardando a oportunidade de se inserirem, de alguma forma no grande ventre devorador ou se estabelecem, precariamente, no centro da cidade, nos cortiços, “terreiros” e favelas.

O adensamento demográfico das metrópoles e suas formas agressivas de ocupação do espaço provocam efeitos nas relações entre cidadãos, nas configurações familiares, nas produções de subjetivação. A contigüidade dos territórios existenciais, aliada à lógica capitalista, produz sujeitos de exacerbado individualismo, alienados dos processos coletivos, avessos à colaboração e anestesiados com relação ao sofrimento dos seres e populações que os cercam. Milton Santos diz que

[...] nas metrópoles, cada vez mais carregadas de gente e cada vez menos capazes de renovar o capital, o conflito é permanente e sem trégua, por que a metrópole pode abrigar, ao mesmo tempo, os mais diversos tipos de classe de capital, desde os muito grandes até os médios e os minúsculos, e os mais diversos tipos de trabalho, desde o mais especializado até o mais banal. (SANTOS, 2002, p.125).

Para o homem médio urbano ganhar dinheiro, muito dinheiro, é fundamental para inscrevê-lo no universo dos consumidores de todo tipo de mercadoria, desde quinquilharias *hi-tech* até paz de espírito e boa educação. Principalmente, para garantir a sua privacidade e o seu “direito” a um padrão de vida diferenciado, o que é materializado nos condomínios fechados que as classes médias e altas adotaram como estilo de “morar bem”.

A privatização dos espaços públicos e da natureza provoca o empobrecimento da vida cultural e de lazer das populações menos favorecidas que ficam com o bagaço da laranja.

### *Região Metropolitana de Belo Horizonte*

A formação da região metropolitana de Belo Horizonte, comportou várias tendências provocadas pela migração dentro do próprio estado de Minas Gerais, em direção às periferias da capital. A partir da década de 70, a RMBH tem crescido aceleradamente em vários eixos. Configuraram-se, desde então, espaços de reprodução e moradia de grande parte da população e da força de trabalho de baixa renda, na chamada “mobilidade dos pobres”, nos eixos Norte, Leste e Oeste de expansão. Cidades como Ibitaré e Ribeirão das Neves se constituíram em cidades-dormitório, com a maioria da população trabalhando em Belo Horizonte, enquanto Contagem e Betim, com forte implantação industrial, atraíram nova população fixa e trabalhadores de outros municípios, nos chamados movimentos pendulares. Essas regiões tiveram seu pico de crescimento entre 70 e 80, o que não aconteceu com o Eixo-Sul, que manteve baixas taxas de crescimento até a década de 90, em função da grande concentração de terras nas mãos das mineradoras, aí secularmente instaladas, que mantiveram seu estoque do chamado “território de engorda”, acumulando valor para futuros negócios, o que se concretizou a partir de 90, com a especulação e venda das terras no mercado imobiliário.

[...] a população fica à mercê da redistribuição espacial das atividades econômicas e das leis do mercado imobiliário. Verifica-se um processo de “metropolização da pobreza”, marcado por uma expansão espacial da exclusão social, o que leva a um deslocamento em direção às periferias metropolitanas. Aliado a isso está a mobilidade da população de alta renda a qual migra para municípios da RMBH, em busca de maior qualidade de vida proporcionada por um maior contato com a “natureza”. (BRITO; SOUZA; SOARES, *s.d*, p.5).

Toda essa área, que pertence principalmente aos municípios de Nova Lima e Brumadinho se torna alvo do interesse do setor imobiliário, visando criar ali empreendimentos com destinação residencial ou de negócios, para as camadas mais altas da Grande BH, em especial para as elites de Belo Horizonte.

A análise micro-espacial da expansão ao vetor sul de Belo Horizonte indica uma fuga relativa dos serviços avançados dos centros tradicionais da capital mineira em direção às franjas do município de Nova Lima, principalmente na região das Seis Pistas (devido, em grande parte, a incentivos fiscais concedidos por este município ao terciário belo-horizontino) (LINHARES; MAGALHÃES; MONTE-MÓR, 2006, p. 410).

Apesar da visível alteração do padrão Centro-Periferia em Belo Horizonte, com o aparecimento de novas centralidades, no nível macro está havendo a distensão do padrão de segregação, com a expansão dos espaços de moradia e trabalho dos segmentos de alta renda para o eixo-sul e os da pobreza e da precariedade para os eixos norte e oeste. Isto tem provocado um crescimento populacional socialmente polarizado, concentrando enorme gama de problemas em certas áreas e ironicamente, grandes volumes de investimento em outras.

### *Eixo Sul*

O Eixo Sul de expansão da Região Metropolitana de Belo Horizonte representa uma periferia *sui generis*, em processo de ocupação acelerada, na qual coexistem fragmentos de vários tipos de urbanização: empreendimentos imobiliários na forma de loteamentos fechados; várias tipologias de unidades de conservação ambiental; áreas de adensamento não controlado; núcleos urbanos tradicionais em transformação; várias áreas de mineração. (COSTA, 2006, contracapa).

Em Nova Lima e Brumadinho se assiste, a partir dos anos 90, ao fenômeno de “periferização da riqueza”, com os moradores dos condomínios mantendo com o núcleo metropolitano os vínculos de trabalho, educação, cultura e lazer.

Vários fatores convergiram para essa expansão acelerada da ocupação desses municípios pelas elites belo-horizontinas:

- A expansão urbana da zona sul de Belo Horizonte;
- Disponibilização das terras concentradas na mão das mineradoras para o mercado imobiliário classe A;
- A prodigiosa natureza da região, com matas, cursos d’água, montanhas, em ótimo estado de conservação, clima ameno, belas paisagens;

- Facilitação através de políticas públicas e legislação dos municípios envolvidos, favoráveis ao processo de expansão.

Nessa região, grandes e aceleradas transformações se desenrolaram nos últimos 15 anos, com a proliferação dos condomínios fechados para as elites, principalmente de Belo Horizonte, assim como a instalação de um novo centro de negócios e lazer na divisa entre Nova Lima e a capital. As fronteiras se rompem em nome de uma lógica não mais regida pela geopolítica, mas sim pela dominância do capital e das grandes empresas, que com incrível rapidez ocupam espaços, destroem e constroem em ritmo de urgência.

A grande diversidade e a multiplicidade que marcam as subjetividades nas metrópoles estão intimamente associadas aos variados processos de urbanização que demarcam e modelam os territórios. No caso do Eixo Sul da RMBH vários cenários se agrupam, constituídos pelo perfil histórico secular, pelas tendências do capitalismo globalizado e do mercado imobiliário, pelas lutas preservacionistas, pelas resistências culturais.

### ***3.2.1 A Nova Lima Nova***

Bom, em termos assim de espaço, vamos dizer aí área, Nova Lima é maior do que Belo Horizonte, então é lógico que a tendência era crescer, esta área não iria ficar desocupada mesmo, mas é como eu falei para você, acho que tinha que ser planejado. A sede ficou sufocada, estrangulada. (Wânia).

Tudo era da Mina, tudo girava em torno dela, tudo era por ela permitido ou proibido. Isto até fins do século XX, mais especificamente na década de 90, quando de um salto, a cidade foi atingida pelas ondas do capitalismo líquido, situado em lugar nenhum e em cada pequena localidade do planeta. Com o final da exploração do ouro e a previsão de extinção das atividades de exploração de ferro dentro de poucos anos, etapas foram suprimidas. Os ideais modernos de igualdade, de humanidade, de coletividade, de racionalidade nas relações sociais e de trabalho, não chegaram a se configurar na sociedade novalimense, em termos de organização sócio-econômica. De uma estrutura altamente controladora e centralizadora, pulamos, para uma realidade em que não há centro visível, padrões, ordenadores.

A impessoalidade e a transitoriedade estão presentes tanto na direção das empresas, sem rosto, sem identidade, pertencendo a grandes grupos econômicos internacionais, dentro do que Félix Guattari chama de “Capitalismo Mundial Integrado”, quanto nos novos trabalhadores que a Companhia ainda utiliza, vindos de vários pontos do Brasil para contratos temporários, morando precariamente e sem vínculos com a cidade.

A organização dos trabalhadores nos sindicatos, de combativa história, é esvaziada pelas terceirizações e contratos temporários, dentro do modelo neoliberal, desmontando possibilidades de construções identitárias coletivas baseadas na dignidade, na cidadania e na solidariedade. As formas de convivência e articulação social ligadas ao trabalho nas minas, que durante séculos foi o lócus organizador da cidade, tanto no sentido econômico, quanto no político, social e afetivo, se esfacelam sem produzir as mudanças libertadoras pelas quais tantos operários lutaram e se sacrificaram.

Nova Lima não tinha uma rua com nome de trabalhador, então quando eu fui vereador, eu que denominei, fiz um projeto, na época do aniversário, acho que cinquenta anos do sindicato, então eu dei nome a umas ruas do Mingú, aqui dos Cristais e da Chácara, com ex-presidentes, fundadores dos sindicatos, os dezessete, mais os ex-presidentes falecidos. O Milton nesta época era o presidente do sindicato, agora eu acho que tem uma rua, ele faleceu depois. (Irineu).

Atualmente, cerca de 50 % do território municipal estão nas mãos de duas Companhias de Mineração: *AngloGold-Ashanti* (ouro) e Vale do Rio Doce (ferro). Com a exaustão da mineração de ouro, encerrada em 1990, e a de ferro, prevista para os próximos anos, as empresas se utilizaram de nova estratégia empresarial, dando novo destino à sua propriedade fundiária, indo ao encontro da demanda habitacional e de serviços do setor de mais alta renda da capital, com a venda e loteamento de extensas áreas para enormes empreendimentos imobiliários que já ocupam grande parte do território.

Muitos cenários urbanos se desenvolvem no município, dentre eles podemos destacar:

- A região do Jardim Canadá e do Vale do Sol, que de área semi-rural passa a ter grande crescimento demográfico e da indústria e comércio, concentrando pequenas empresas e a população pobre, migrantes de várias regiões do estado e do país, numa típica configuração de *fronteira urbana*.
- A região de Honório Bicalho e Bela Fama, se consolidando como periferias consolidadas em crescimento.
- O centro da cidade, estrangulado espacialmente e com crescimento demográfico quase nulo.
- O processo de periferização da riqueza, com a conurbação da zona sul de Belo Horizonte com a zona Norte de Nova Lima, apresentando grande crescimento demográfico e estabelecimento de novo centro de negócios na rica zona de fronteira.

Segundo dados do censo do IBGE de 2000, 37% da população do município é de migrantes, metade deles há menos de 10 anos na cidade e 45% vindos de Belo Horizonte.

Desses migrantes 57% ganham menos de um salário mínimo, taxa que cai para 44% se pegamos os migrantes recentes (menos de 5 anos); da mesma maneira, os migrantes que ganham mais de 15 salários (1,5 %), aumentam para 11,7% se tomamos os migrantes dos últimos 5 anos, o que demonstra a mudança no perfil econômico dos que chegam ao município. Os migrantes recentes têm renda e escolaridade bastante superior à dos novalimenses nascidos no município, com grande número de empregadores e dirigentes (30%). Em contraste, há um alto percentual de pessoas com rendimentos menores que o salário mínimo, trabalhadores manuais e prestadores de serviços pouco qualificados (50%), que acompanham e possibilitam a fixação da população de alta renda e repetem o padrão de exclusão e polarização da metrópole, morando precariamente em pequenas áreas sem estrutura.

Nova Lima continua, em situação subalterna, oferecendo espaço e mão de obra barata para as elites. A ausência de atividade econômica expressiva e emancipadora leva os filhos do município com potencial e condições mais favoráveis a saírem para trabalhar fora.

Acho que isso tem que ser acompanhado a meu ver de outras medidas, que favorecessem o pessoal do local, pro pessoal não ser reles serviços. Pois acaba acontecendo que vão virando domésticos, jardineiros e tal, do pessoal dos condomínios. Fica um horizonte muito limitado, normalmente com salários baixos, a grande maioria deles, com poucos horizontes, horizontes muito limitados mesmo, você não consegue avançar muito. (Rodrigo).

Encontramos altíssimos percentuais, (superiores a todos os municípios da Grande BH, incluindo Belo Horizonte) para os que moram em Nova Lima e trabalham em Belo Horizonte, que ganham mais de 10 salários mínimos (16,2% com vínculo empregatício e 34,6% sem vínculo empregatício). Os números confirmam que Nova Lima vem se constituindo em local de moradia para empresários e profissionais liberais sem vínculo empregatício.

Há de fato uma relativa periferização das elites belo-horizontinas, que saem da capital por motivos diversos, entre os quais parece destacar-se o medo da violência urbana, e na esteira de um marketing imobiliário que utiliza a imagem da natureza e a possibilidade de uma vida tranqüila (que significa, na verdade, a apartação do outro indesejável), vão adensar os loteamentos fechados, exclusivamente residenciais. (MENDONÇA; PERPÉTUO, 2006, p.33).

A falta de laços desses novos moradores com o município provoca estranhamentos e incomoda os antigos moradores:

É uma pressão muito grande, excessiva, da questão da expansão imobiliária, essa opção aí de usar Nova Lima como uma expansão da zona sul metropolitana de Belo Horizonte. Vai empurrando o povo pra cá e o povo na verdade fica por cima da

cidade, não faz contato, fica na sua. E a cidade de Nova Lima mesmo, que seria a produtora, a que devia estar gerindo esse pensar, esse destino, não está gerindo, né. (Rodrigo).

### *A Pobre Cidade Rica*

A imagem de Nova Lima na mídia vem sendo associada a *status*, alto poder aquisitivo, qualidade de vida, mansões hollywoodianas, a prazeres ilimitados, inimagináveis a quinze minutos da capital.

O município, atualmente goza de situação privilegiada, em termos financeiros, principalmente em função dos *royalties* pagos pelas mineradoras.

E até mudou a questão da legislação tributária no Brasil, porque antigamente a Morro Velho explorava o ouro, o ouro era imune de imposto, de 1988 pra cá que mudou, Nova Lima passou a receber pela exploração do ouro e minério também, minério de ferro, a cidade até parece que enriqueceu né. A receita da prefeitura hoje é fabulosa, então melhorou muito. (Irineu).

A grande arrecadação que faz de Nova Lima uma “cidade rica” se comparada com outras da região metropolitana e do estado, mascara uma situação de exclusão e segregação que os ocasionais e bem intencionados esforços das administrações municipais não conseguem reverter: a falta de domínio da administração pública sobre o destino de 90% do território, antes de posse das mineradoras, hoje divididos com os grandes empreendimentos imobiliários. Pequena parte desse território se encontra nas mãos de pequenos empresários, muitos deles através de concessão de terras e isenção de impostos, via Prefeitura Municipal.

Essa ausência de autodeterminação manteve a cidade defasada em termos sócio-econômicos, culturais, urbanísticos, ambientais, educativos, arquitetônicos e patrimoniais, apesar e por causa de sua riqueza. Quando o “progresso” chegou, na década passada, às suas portas, foi um progresso imposto, com o ritmo e o modelo da metrópole, em função das necessidades da elite da capital mineira e não dentro de um projeto de sociedade novalimense.

A partir de 90, foi criado no município um “clima de negócios” impulsionado pelo fim da extração do ouro, que procurou atrair novos investimentos e novas empresas, através da redução ou isenção de impostos, cessão de áreas para instalação de empreendimentos, capacitação de mão de obra, investimentos em infra-estrutura, em especial na malha viária. Dessa maneira, os recursos públicos são mais uma vez utilizados para aumentar o lucro e a produtividade do setor privado, inclusive de empresas transnacionais, sob a alegação de aumento do número de empregos. Com isto se atraiu principalmente os serviços de comando e

controle (indústrias de escritórios) e espaços de consumo e lazer, além de pequenas empresas ilhadas, pouco participantes na vida política e social da cidade. De 1990 a 2002, 366 novas empresas se instalaram no município, sendo os principais ramos: consultoria e assessoria, serviços médicos, construção civil, distribuição e representação e serviços de arquitetura. (COSTA; PACHECO; 2006, p. 135).

Na busca de inserção numa economia globalizada, Nova Lima adotou as chamadas “estratégias de empresariamento urbano”: legislação tributária favorável, flexibilização nas negociações com empresários, incentivos fiscais seletivos, estabelecendo como critérios a sustentabilidade ambiental e a oferta de empregos para moradores em Nova Lima, critérios estes burlados com a costumeira sagacidade do capital, quando se trata de proteger seus interesses. Na prática, como mostram os dados, cresceram realmente na cidade os empregos de baixa qualificação e a questão ambiental foi silenciada através da institucionalização e burocratização dos movimentos ecológicos.

### *Fraturas Sociais*

Em Nova Lima a pobreza foi sempre invisível. O brilho do ouro ofuscou a visibilidade das populações à margem ou estabelecidas em precárias condições, seja habitando residências cedidas pela mineradora, que com isto mantinha o contingente trabalhador nas suas mãos, seja nos enfavelamentos e aglomerados ou na realidade pouco conhecida dos milhares de migrantes que aqui não conseguiram se fixar para viver.

Atualmente, a rica Nova Lima dos condomínios mascara a realidade da falta de espaço territorial para a população e para as áreas públicas, o aumento do custo de vida, em especial no campo imobiliário, o domínio crescente do capital sobre o território e a vida política, o caos no trânsito, a precariedade do transporte coletivo, as incertezas quanto ao futuro.

Bons projetos de promoção social, desenvolvidos pela administração municipal, atenuam a gravidade da situação, atraindo migrantes em busca dos benefícios que a cidade oferece.

O novo padrão que a pós-modernidade trouxe, nestes tempos de globalização desenfreada, em que as elites se encastelam em enclaves hiperprotegidos, encontrou sua forma em Nova Lima na interação com o modelo construído de cidade. Os condomínios, os grandes empreendimentos imobiliários, as “mansões”, estão dispostos no entorno da cidade, nos morros e colinas, pressionando ainda mais a região central, onde a carência por espaços de moradia e o alto preço dos imóveis impede que o cidadão novalimense médio se estabeleça

com dignidade. A cidade passa então de uma longa história de humilhação e discriminação dos novalimenses em sua própria terra, fruto de uma colonização excludente, para um modelo com os matizes pós-modernos, que através da exclusão de classe, mantêm sua população apartada das possibilidades de ocupação do espaço e de fruição da natureza.

Alterou-se o perfil da segregação das camadas mais pobres, antes impedidas pelos “rondeiros” das mineradoras de circular livremente no território em seu poder (inclusive no “bairro dos ingleses”), mas com permissão informal, através das relações de amizade e solidariedade de classe, ou por pressão de movimentos ambientalistas, para frequentar os recantos naturais bem preservados pela tradição britânica. Com a nova destinação dessas terras para a especulação imobiliária e com a implantação dos condomínios fechados, “enclaves fortificados” – na expressão de Tereza Caldeira (1997) – o processo de segregação se acirrou, ganhou muros, guaritas, segurança interna, enquanto que a degradação de grandes áreas se tornou realidade.

A cidade, antes arquitetonicamente estruturada entre os casarões coloniais ingleses do bairro das Quintas, onde moravam os chefes, o *staff* da mineração, e os bonserás seriados dos bairros operários, passa a ser cercada por mansões e construções modernas dos condomínios de acesso restrito. A população desses bairros nobres se isola, mantendo como seu centro de referência Belo Horizonte, com quase ou nenhum contato com Nova Lima e seus moradores, a não ser com empregados que venham a ter. Os empreendimentos, em implantação, escondem dos compradores em potencial o fato de estarem em território novalimense, pois atendem ao mercado de Belo Horizonte, realizando na prática um antigo projeto belo-horizontino de unir os dois municípios por um fantástico viaduto que atravessando a Serra do Curral, uniria a Av. Afonso Pena a Nova Lima.

A auto-segregação sócio-espacial das elites é apresentada assim como parte de um contrato espacial compatível com o baixo grau de diversidade social desejado para as áreas de moradia, onde a capacidade de pagamento é utilizada para privatizar serviços e limitar a entrada de estranhos e a passagem de vizinhos externos. (ACSELRAD, 2006, p.144).

Apesar de contra a lei, essas prerrogativas se mantêm na prática, com a silenciosa conivência das administrações a quem interessa esse tipo de moradores, como é o caso de Nova Lima. A preferência pela população de alta renda e pelo estilo de vida dos condomínios vem justificada pela necessidade de preservação ambiental, que a baixa densidade demográfica e o nível de escolaridade desses núcleos podem sugerir.

A tudo isto se soma a privatização dos recantos naturais da região, até pouco tempo utilizados pela população para a prática de esportes, lazer, para colher plantas medicinais e para rituais religiosos. A região, que já foi chamada de “pulmão” e “caixa d’água” da Grande BH, tem agora suas matas (remanescentes da Mata Atlântica), suas cachoeiras e cursos d’água cercados e recortados pela malha viária, pelos loteamentos e pelo aparato logístico que a metrópole exige. Isso traz problemas para toda a região metropolitana já que 50% da água consumida na Grande BH se originam em Nova Lima, com captações comprometidas, como no já citado Jardim Canadá.

O Plano Diretor do município, aprovado em 2007, foi feito após os planos diretores particulares das mineradoras construírem suas projeções para o futuro de suas extensas áreas, e o que sobra desse rateamento é um restrito território público, disperso entre áreas com ocupações diversas, insuficiente para suprir as necessidades urbanas de seus habitantes.

Todo esse processo teve seu preço. A população da sede do município, cada dia mais espremida nos 7% do território que lhe resta e nas periferias pouco estruturadas, desenvolveu atitudes e posturas de estranhamento com o espaço e o cotidiano, estrangeiros na própria casa, atados a vícios clientelistas e pouco propensos a se envolver em movimentos e práticas associativas.

As camadas mais pobres são empurradas para áreas ainda disponíveis no perímetro urbano, co-habitando precariamente em “puxados”, num mesmo lote, já que os “arredores” estão em processo de ocupação pelas classes abastadas da Grande BH.

A metrópole avança sobre localidades, recantos, vilas, lugares de convivência e vizinhança, alterando o ritmo do cotidiano, as configurações familiares e a vida em sociedade. A perda dos referenciais históricos, paisagísticos e societários produz novos sujeitos, submetidos a processos característicos, ainda pouco compreendidos.

Os processos de subjetivação que se gestam no bojo dessas transformações trazem a marca da transitoriedade, da inconsistência, da descartabilidade; principalmente são marcados pelo desenraizamento e pela fragilidade dos vínculos. Em nome do progresso, se desfazem os laços que sustentam a idéia de comunidade, do cotidiano compartilhado, do espaço público como lugar de encontro e de produção desejante. Como diz Bauman, “a decadência da comunidade nesse sentido se perpetua; uma vez instalada, há cada vez menos estímulos para deter a desintegração dos laços humanos e para procurar meios de unir de novo o que foi rompido.” (BAUMAN, 2003, p.48).

As famílias das classes empobrecidas têm que responder à nova realidade com mais trabalho (mal-remunerado) e menos convívio, às voltas com a proliferação da violência

doméstica, dos abusos, do adoecimento psíquico e com os equipamentos psicossociais do Estado.

### *Zona de Fronteira*

Na região de limite entre o município de Nova Lima e o de Belo Horizonte, prédios, cada dia mais altos, avançam sobre o que resta das matas e campos, no frenético ritmo das obras impulsionadas pela expansão do Capital, imprimindo um perfil surrealista à região, coroado recentemente por uma apoteótica torre onde se pratica esportes radicais. Ali, estabelecimentos comerciais, *shoppings* e *points* da vida noturna, provocam enormes engarrafamentos, perturbando a vida de trabalhadores e estudantes novalimenses que necessitam se deslocar para a Capital.

O bairro belo-horizontino Belvedere, no limite sul da cidade, afastado do centro da capital, inaugurou, a partir da década de 70, um novo padrão de morar bem, o “estilo de vida Belvedere”, incrementado pela instalação, na mesma década, do BH Shopping, marco desse novo perfil de ocupação, que trouxe para Nova Lima novas possibilidades de trabalho e de consumo, além do contato de todas as classes sociais com formas glamourizadas de ser e viver. Pela proximidade com a sede do município (15 km) o BH Shopping modificou substancialmente o estilo de vida de Nova Lima, dando um toque cosmopolita ao dia-a-dia dos cidadãos novalimenses, consumidores em potencial ou ao grande número de trabalhadores ali empregados em atividades variadas. Em Nova Lima todo mundo vai “ao shopping”, podendo-se detectar um pequeno ritual de passagem na vida dos adolescentes quando lhes é permitido ir com amigos, sem os pais, ao shopping, para lanchar no Mac Donald’s, ver as vitrines ou simplesmente participar da “azaração” dos garotos.

Quando do fechamento da mina de Morro Velho, foram contadas histórias de mineiros e suas famílias que gastaram sua indenização num dia, nas atraentes lojas de departamentos, nos faiscentes brinquedos e lanchonetes. O fruto de anos de suor e trabalho insalubre trocado por quinquilharias e efêmeros prazeres, exprimindo bem essa passagem de um mundo regido por regras rígidas e pesadas estruturas de trabalho para uma realidade onde a leviandade e a fugacidade se aliam à ausência de perspectivas e sentidos.

O Belvedere III, com a permissão de residências multifamiliares, teve ocupação rápida e intensa a partir do final de 90, no que foi seguido pelo Vila da Serra e Seis Pistas, construindo o perfil verticalizado que desponta atrás das montanhas e sugere uma enorme boca de tubarão, pronta para engolir outros cenários.

A extensão do território do município de Nova Lima, maior que o de Belo Horizonte, acarreta dificuldades administrativas e contribui para a sensação de não-pertencimento da população, como é o caso do bairro Jardim Canadá, situado às margens da Rodovia 040, em área de preservação ambiental, que abriga centenas de pequenas empresas, de comércio e indústria e recebe um grande número de migrantes de vários estados em busca da fronteira da Capital. São personagens de variadas histórias de abandono de terras natais, de estilos de vida na roça, no sertão, de longos trajetos, muitas vezes ligados à criminalidade e à violência. Como traço comum a pobreza. Décadas atrás estariam engrossando o contingente da mina, morando humildemente na sede do município, o que hoje se torna difícil com a enorme valorização dos imóveis na cidade e com a ausência de frentes de trabalho que absorvam essa mão de obra.

### **3.3 Novos espaços para uma segregação secular**

Em Nova Lima, a dimensão absurda da posse do território pelas mineradoras, impediu que mecanismos usuais de ocupação do espaço como o processo de industrialização, a atuação do poder público, dos agentes imobiliários e dos movimentos sociais, pudessem ir se constituindo como determinantes do processo de urbanização.

A grande extensão de terra, guardada e preservada para se transformar em mais-riqueza para as elites nacionais e internacionais, se revelou a segunda safra da mineração. A postura colonial e imperialista, em desuso nas nossas análises de conjuntura nesses tempos neo-liberais, permanece e continua colhendo seus dividendos, agora, em total liberdade, sem deveres trabalhistas, sem compromissos com a população local, sem greves ou levantes. Alguns poucos movimentos civis se constituem como de afrontamento a essa situação, e, afora isto, a resistência a esta fase extrema e perversa do capitalismo aparece como violência urbana, em que a população segregada, refugio do sistema, na sua maior parte despolitizada, mostra a sua cara, engrossando o caos social.

A população de Nova Lima sempre esteve à margem, no espaço cindido da cidade, alijada anteriormente das terras em posse das mineradoras, que preservaram, com cuidado britânico, aquelas que não foram destruídas pela atividade extrativista, para destiná-las à especulação imobiliária, excluindo mais uma vez, dos novos espaços urbanos, aqueles que produziram a sua riqueza.

Nova Lima sempre foi uma cidade de diferenças, né, de estratos e camadas da sociedade. Você tinha onde morava o staff da Morro Velho, onde era a Vila dos Operários, a vila do staff de meio intermédio. Nova Lima sempre isso historicamente, tanto que o lugar em que a minha família mora, eu era a última casa, vamos dizer, civil, da Vila Operária. Você andava mais um pouquinho, você batia ali pela Rua Chalmers, por ali que eram as casas do staff médio, um outro tipo, depois você ia para as Quintas. Isso em Nova Lima, essa segregação eu acho que ela se faz, continua se fazendo, continua sendo, numa cidade. (Rita).

O caso de Nova Lima, com relação à segregação social, é mais grave que o usual nas grandes cidades, pois as áreas nobres e os “espaços de valor” estão reservados aos grupos de alta renda de fora da cidade, se praticando, além da segregação de classe, também a de origem. Extensas e bem cuidadas áreas, acumuladas durante séculos pela mineração, se valendo do poder e da riqueza construídos pelas mãos de seus milhares de trabalhadores, sem bens, sem casa própria, são repassadas às elites de Belo Horizonte, que se apropriam, assim, do território novalimense, sem nenhum compromisso com a população ao redor, sem rosto, sem identidade, sem *pedigree*. Emblematicamente, nos coquetéis de lançamento dos mega empreendimentos imobiliários da região, não se vê um rosto novalimense, nem mesmo de autoridades. A elite faz a festa sem preocupações com os moradores que passam a ser parte do entorno.

Na junção entre a zona sul de BH e a zona norte de Nova Lima acontece o que podemos chamar de *conurbação das elites*, já que a demarcação política do território é o que menos importa, fazendo-se, ao contrário, o possível para se esquecer que aquelas paradisíacas áreas mostradas em folders publicitários, ou que o hospital de ponta onde nascem os bebês metropolitanos, pertencem a Nova Lima.

O descompasso é enorme entre o global e o local e a balança pende fortemente para o poder de decisão das grandes empresas internacionais, com quase ou nenhuma participação dos poderes políticos locais, e muito menos dos cidadãos, nas decisões quanto ao rumo dado ao espaço e ao meio construído do município. O secular domínio que as empresas mineradoras tiveram sobre toda a região criou uma prática de subserviência e acomodação em toda a sociedade, que se reflete na postura dos cidadãos e dos poderes oficiais.

O poder público municipal e estadual, impotente com relação ao poderio do capital internacional, barganha pequenos benefícios para a cidade, nas chamadas parcerias entre o público e o privado, se restringindo a ajeitar, da melhor maneira, os efeitos funestos da avassaladora fúria por lucros, que acomete os grandes grupos econômicos que têm negócios e interesses na região e que passam, literalmente, por cima de estilos de vida, patrimônio histórico e natural, espaços públicos e de convívio, engolindo tudo no seu disforme corpo

acéfalo. A bela natureza da região, acessível a poucos, passa a compor o conjunto de diferenciais de status que contribuem para ampliar os processos de segregação e exclusão.

Na urbanização elitizada do Eixo Sul, o capital imobiliário vem sendo bem sucedido na apropriação de mecanismos de preservação ambiental, que, embora pensados para propriedades particulares, trazem em si a noção de um valor de uso coletivo, transformando-os em mercadoria e agregando valor à terra e ao produto. (COSTA, 2006, p.120).

Apesar dos novos empreendimentos se adequarem à legislação vigente, os impactos de seu conjunto na totalidade do território e na vida da população não é estudado, discutido e avaliado. Os moradores dos condomínios, em defesa de sua qualidade de vida, se alienam dos danos e degradações que não chegam à sua porta, ou melhor dizendo, à sua portaria. Nos conflitos ambientais com empresas poluidoras, defendem com habilidade “seu quintal”, não ampliando essa luta para o quintal dos mais fracos, no caso os moradores da sede e de bairros e localidades economicamente desfavorecidos, sem poder político.

A criação, em 1990, da figura jurídica das RPPN – Reservas Particulares do Patrimônio Natural, visando à conservação integral de áreas privadas, com o aval do IBAMA e órgãos estaduais de regulação, evoluiu, em seguida (1996), para uma flexibilização das restrições de uso, se permitindo “o desenvolvimento de atividades de cunho científico, cultural, educacional, recreativo e de lazer” . Além disto, essas áreas estão isentas do Imposto Territorial Rural, sendo consideradas terras legalmente produtivas para efeito de Reforma Agrária e funcionando como condicionantes para a aprovação de empreendimentos de alto impacto. Isso era tudo que o capital imobiliário precisava para unir “qualidade de vida” a grandes lucros. “[...] o que se compreende por proteção ao meio ambiente, integra decisivamente os circuitos de valorização do capital que se constituíram através da produção do espaço.” (FREITAS, 2006, p.187).

O grande loteamento Vale dos Cristais, lançado pela parceria da AngloGold e Odebrecht, bastante próximo de áreas densamente ocupadas, utiliza da RPPN para manter o entorno do condomínio livre de indesejáveis vizinhos , enquanto valoriza o empreendimento com o marketing da preservação ambiental.

Dessa forma, a legislação respalda a impactação de uma determinada área (rica em minerais, por exemplo), enquanto outra área (pobre em minerais), geralmente próxima à área do empreendimento, passa a ser preservada na forma de RPPN, não sofrendo tributação, sendo agraciada pela manutenção do direito de propriedade e ainda, podendo ser objeto de empreendimentos imobiliários altamente rentáveis. (FREITAS, 2006, p.186).

Assim como não há projeto de nação, não há projeto de município ou projeto de vida que não sejam atravessados pela voracidade, pela aceleração e pelo descompromisso neoliberal. Tudo se faz com aparência aleatória, mas na verdade há um grande roteiro perpassando tudo, que é o do Capitalismo, na sua forma extrema, em que o Consumo substitui a Produção como foco de poder.

A descentralização global, mudanças inter-regionais e a desconcentração urbana, tanto da população quanto da atividade econômica ameaçaram os modelos anteriores de vida urbana. Entretanto, seria falso pensar que essa descentralização foi moldada através da dispersão do poder econômico. Companhias multinacionais e transnacionais aumentaram seu poder justamente por conseguirem coordenar tomadas de decisões e mantê-las internas num contexto mundial instável. (HARVEY, 1996: p.175).

Muitas posturas tidas como ecológicas reforçam a segregação. Freitas (2006), em artigo que aborda o movimento ecológico e a (re)produção social no Eixo Sul de Belo Horizonte, chama de “totalitarismo urbano” às práticas que, através de uma ideologia de segurança e de “preservação” de áreas particulares, fortalecem a segregação espacial.

Há toda uma prática de higienização do espaço urbano, de aglutinação entre ciência e capital, um revigoramento da segregação espacial e controle dos “indesejáveis”, e uma importante retomada da metamorfose da renda fundiária em capital para elevação dos ganhos econômicos de diversos grupos / pessoas cujos exemplos vistos ao sul de Belo Horizonte são apenas a ponta de um imenso iceberg. Processo que se arvora num discurso de “renovação urbana”, mas que é na realidade, uma prática totalitária. (FREITAS, 2006, p.190).

Nova Lima reuniu as condições necessárias para uma abrupta transformação: os interesses do capital saltando de uma condição primitiva, pesada, centralizadora, para outra descentralizada, fragmentada, desregulamentada; e os interesses da urbanização expansiva na região metropolitana de Belo Horizonte, com a explosão da capital sobre os municípios vizinhos. A cidade vive, nesta passagem de milênio, muitas passagens: de modo de produção, de modalidade econômica, de disposição do espaço urbano, de relação com a natureza, de configurações sociais e da subjetividade. Assim a cidade operária se transforma abruptamente, com formas de ocupação do espaço traçadas pelos interesses do capital globalizado, gerando novas maneiras de se viver, demandando novas estratégias de sobrevivência e resistência às forças segregadoras, que permitam outros fazeres e invenções. A idéia de avassaladora invasão se impõe, mesmo se considerarmos que a cidade já era uma cidade sitiada, tolhida na sua liberdade de organização e de concepção de seu futuro.

Nesse processo de mudanças e de deslocamento acelerado dos modelos e das relações, um vácuo se forma: as antigas estruturações se diluem, os grupos de referência se desfazem, o futuro chegou antes do presente construído e desejado. Se perguntarmos hoje a uma criança novalimense o que é **mina**, Serra do Curral ou Mata do Jambreiro, provavelmente receberemos um olhar de espanto como resposta. A Velha Nova Lima, circunscrita pela rodovia de Contorno, está rodeada pela Nova Lima dos empreendimentos fabulosos, da população sem cara. Os silicóticos da Mina estão morrendo todos, sem indenização digna e sem reconhecimento, últimos vestígios de uma história de lutas que não foi contada para as novas gerações. Como se posicionam os cidadãos, habitantes dessa Nova Lima em dissolução? Como percebem, sentem e expressam esses impactos sobre seu cotidiano? Como acontecem as reinvenções e as remontagens?

Nesses movimentos de desterritorialização e reterritorialização poderíamos vislumbrar o que Deleuze & Guattari chamariam procedimentos de descodificação dos códigos culturais das situações invadidas e de recodificação das culturas locais por novos fluxos coletivos de enunciação. Enunciados por sujeitos produzidos em situações-limite, num momento histórico de extremos, na carência e no excesso, no luxo dos condomínios desodorizados e na penúria de cidadãos sem perspectiva. Nova Lima se apresenta como espaço de hibridações e capturas, possibilidades diversas, como ser engolida, deglutida a exemplo das congonhas, pelas forças da inércia e do poderio econômico ou recompor trajetórias de coragem e união, reinventadas no cotidiano da grande metrópole que chega às suas portas, cruel, instigante, ampla e assustadora.

#### 4 METROPÓLE E SUBJETIVAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM NOVA LIMA

*“O drama urbanístico que se esboça no horizonte deste fim de milênio é apenas um aspecto de uma crise muito mais fundamental que envolve o próprio futuro da espécie humana.” (Félix Guattari).*

É sempre importante lembrar que o acelerado processo de metropolização vivido em Nova Lima está inscrito, articulado e atravessado por movimentos e configurações em nível mundial que alteraram substancialmente as relações de poder internacionais e no nível local. Tais mudanças, potencializadas a partir da década de 90, vêm sendo delineadas pelas formas como o Capital se inscreveu no território novalimense, desde o século XVIII, no início como pequenas e isoladas empreitadas dos primeiros exploradores das minas e dos garimpos, até o momento em que o capital estrangeiro aí se instalou, ocupando e dominando não só toda a extensão territorial, mas também os espaços sócio-políticos e as maneiras de se viver e de se conceber o mundo. “Tudo que acontece em Nova Lima, acontece no mundo inteiro, tudo que acontece no mundo, acontece aqui. Tudo, do bom, do ruim, tudo.” (Irineu).

Os entrevistados pela pesquisa, moradores de Nova Lima, falaram extensamente de suas percepções, sentimentos, vontades e idéias sobre a vida da cidade, seu crescimento vertiginoso e sobre as características da grande metrópole que se misturam, se chocam ou invadem a sua atmosfera interiorana. Alguns percebem e comentam as relações entre o que aqui ocorre e as macropolíticas transnacionais que influem, pressionam, modelam no nível molecular, as micropolíticas do cotidiano. Os processos de subjetivação produzidos na Nova Lima de hoje têm conexões tanto com a história de sua (trans)formação enquanto cidade, espaço vivido, território usado por seus habitantes, como com as instâncias mundiais do império capitalista, que, nas suas formas atuais, transborda a metrópole e ganha novos contornos.

Pequenas ilhas de Primeiríssimo Mundo por toda a parte, constituindo a cidade da elite global, rodeada de Terceiro Mundo por todos os lados, constituindo o mar dos excluídos, dos inempregáveis, dos inúteis e sem préstimo. A cidade é desmembrada e satelitizada pelo capitalismo. (PELBART, 1997, p.34).

Modernidade, capitalismo, grandes cidades estiveram acoplados desde o início, uns alimentando e sustentando outros no seu poder de expansão e na sua eficácia.

As transformações do século XX, ocorridas nas cidades, nos sistemas político-econômicos, nos modos de produção, na vida social e nos processos de subjetivação, foram perpassadas pela constante contraposição, muitas vezes sangrenta, entre socialismo/comunismo e capitalismo, até o final de 80, quando a Perestroika e a queda do muro de Berlim, selaram a derrocada das forças que se contrapunham ao sistema capitalista, que passou a imperar solitário, como tendência hegemônica, globalizando seus domínios, varrendo ideologias e instaurando o unilateralismo que invadiu todos os âmbitos. Após a década de 90, esses processos foram impulsionados, dentro do chamado neoliberalismo, em que as potências detentoras do poder econômico, lideradas pelos Estados Unidos, agora sem a “ameaça vermelha”, impõem seu ritmo às “nações periféricas”.

[...] você tem que convir que o mundo mudou, o mundo agora é capitalista, você já ouviu falar em alguém socialista? A China não está tendo que ir aos poucos aderindo ao capitalismo assim disfarçado para poder chegar aos grandes? Isso aí, em Nova Lima, é consequência, na minha opinião, é consequência. (Wânia)

Essa chamada “nova ordem”, baseada em princípios liberais de flexibilização de regras, abertura dos mercados à livre concorrência e desregulamentação da vida político-econômica, traz no seu bojo uma impermeabilidade às mudanças. Reduz-se a necessidade de coerção ou repressão, no nível político, pois a visão de mundo e a forma de vida hegemônicas se colocam como única opção visível e viável. Milton Santos se expressando sobre as novas dinâmicas da modernidade, diz que, diferente de períodos históricos anteriores, a modernidade de nosso tempo é irrecusável, não sendo posta a opção de ser desprezada ou não aceita. “A modernidade dos nossos tempos [...] é uma modernidade que não se pode recusar.” (SANTOS, 1988, p.24). Isso serve para todos os campos, desde as mais primitivas sociedades até as estratégias de conquista do espaço sideral, e principalmente, para o campo das tecnologias virtuais, onipresentes e intimamente ligadas às novas concepções de mundo.

Na chamada, por alguns, pós-modernidade, se instala o movimento de fluidificação da legislação, das instituições, das relações de trabalho, enfim de todo o aparelho do Estado e da vida dos cidadãos a ele circunscritos, estratégia de manutenção do capitalismo tardio. Esse projeto político se estende, a partir da década de 90, pelos quatro cantos do mundo, que se pretendeu homogeneizar, dentro de uma proposta de globalização que Milton Santos prefere chamar de Globalitarismo, para salientar seu caráter impositivo e totalitário.

Essa nova ordem se estabelece como indiscutível e inquestionável, com pouco espaço para posturas éticas, vínculos duradouros, escolhas que priorizem o humano. Nesse processo,

o derretimento das instituições e das tradições se estendeu, em seguida, aos elos entre as escolhas individuais e os projetos e ações coletivas.

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se recolocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem... (BAUMAN, 2001, p. 13).

Com a redução do papel do Estado e o crescente domínio do Mercado, esgarçaram-se as fronteiras político-geográficas e novos territórios se constituíram baseados em interesses do campo econômico e de rotas transnacionais poderosíssimas, que alteraram a vida de países e localidades, desde os edifícios de Manhattan até os povoados da China. A própria idéia de nação é na prática esvaziada já que a grande soberania é a do lucro imediato e todos os sistemas e práticas devem a isto se adaptar para sobreviver. Como um grande e voraz Midas, o sistema transforma tudo que toca em mercadoria, aí incluídas a cultura, a natureza e a humanidade, desconstruindo os campos da ética, do humanismo e dos ideais de igualdade social.

[...] valores éticos, valores morais, deveriam ser os mesmos, mas não sei não, eu acho que as coisas mudaram. Hoje em dia você falar com uma pessoa assim: “não faça isso que não é certo”, ele vira para você e diz: “Uai! Mas como é que fulano faz e está aí no alto, sendo recebido com tapetes e festas e foguetes?” É difícil, né. (Wânia).

Na esteira das modificações que o processo de globalização trouxe para o mundo são engolidas e eliminadas as diferenças, as especificidades, as singularidades em nome de uma liberdade de escolha regida pelas leis do Mercado.

A partir da década de 90 assistimos à ampliação da dispersão social do trabalho, provocada pela transnacionalização dos sistemas produtivos, pela precarização das relações salariais e dos direitos trabalhistas, pelo aumento do trabalho autônomo e da informalidade, ocasionando a diluição e o enfraquecimento dos sindicatos e processos de silenciamento ideológico e de supressão da atividade política. Ao mesmo tempo, o regime de urgência e aceleração, imposto pela desenfreada busca por resultados imediatos, atrelados ao mercado financeiro, instala no seio das empresas e de toda vida social, a velocidade e a competitividade geradoras de tensão, insegurança, insatisfação.

Em Nova Lima, em que o sindicato dos mineiros representou um baluarte de estratégia política e de resistência às imposições do capital estrangeiro, essa nova configuração provoca o esvaziamento da atividade sindical e o surgimento de um sindicalismo muito envolvido com

a imagem e com resultados imediatos, apartado dos efeitos que a secular exploração mineral legou ao município, como a silicose, o desemprego, o passivo ambiental, o estrangulamento espacial e a avassaladora expansão imobiliária.

A globalização da economia exacerbou a desigualdade entre países desenvolvidos (centrais) e os periféricos, no chamado vetor norte/sul, com o domínio das empresas multi/transnacionais no mercado global, a partir da desregulação do mercado financeiro, da erosão do poder dos Estados e da dependência tecnológica dos países do Terceiro Mundo. A chamada “abertura das economias”, empurradas para a exportação e o assujeitamento aos programas de ajustes do Banco Mundial e do FMI, trouxeram para os países da América Latina o recrudescimento do desemprego, da fome e da miséria (quadro recentemente modificado, por alguns países, dentre eles o Brasil), junto a novos efeitos, como a progressiva degradação ambiental e a violência urbana, ligada principalmente ao tráfico de drogas.

Falando sobre o capitalismo globalizado dos nossos dias, Milton Santos aponta que o período atual é atípico, pois é ao mesmo tempo um período cujas variáveis tudo influenciam, por toda parte, se superpondo a uma crise de fortes contornos e generalizada, permanente e de amplo espectro. Daí falarmos de uma “normalidade da crise”, podendo-se dizer que neste período histórico a crise é estrutural. “Na verdade, trata-se de uma crise global, cuja evidência se faz tanto por meio de fenômenos globais como de manifestações particulares, neste ou naquele país, neste ou naquele momento, mas para produzir o novo estágio da crise. Nada é duradouro.” (SANTOS, 2002, p.91) Os interesses hegemônicos, buscando soluções, criam mais crises, já que o dinheiro é intocável e o sistema que tiraniza o planeta é extremamente permissivo com os atores hegemônicos.

A associação entre a tirania do dinheiro e a tirania da informação conduz, desse modo, à aceleração dos processos hegemônicos, legitimados pelo “pensamento único”, enquanto os demais processos são deglutidos ou se adaptam passiva ou ativamente, tornando-se homogeneizados. (SANTOS, 2002, p.91).

Há então uma centralização e concentração da economia se apoiando na flexibilidade dos comportamentos e numa “política” disseminada por todo o corpo social que não passa de “normatizações particularistas, conduzidas por atores privados que ignoram o interesse social.” (SANTOS, 2002, p.92) A crise que o sistema deseja afastar é a financeira, o que aprofunda e agrava ainda mais a crise real do nosso tempo: econômica, social, política e moral.

As soluções imediatas, remendos num sistema que vive de crises e delas tira estratégias de maior lucratividade, vão se tornando cada dia mais impotentes para cobrir os

rombos e as quebras, sejam eles financeiros, no meio ambiente, na vida das populações ou na intimidade das subjetividades despedaçadas.

A busca de remédios eficazes não parece possível sem que o modelo global imposto a cada país seja revisto. Assim, mais cedo ou mais tarde, todos os países submetidos ao jugo da globalização perversa serão forçados a rever os termos atuais de sua dependência. (SANTOS, 2002, p.116).

Cogita-se, percebe-se, identifica-se um novo paradigma emergente, que romperia com o que a modernidade e o capitalismo trouxeram a nossos caóticos dias e tentaria dar conta de uma outra globalização, um outro mundo, uma nova humanidade. Esse novo paradigma romperia com a racionalidade instrumental, com os dualismos epistemológicos (sujeito/objeto, meios/fins, fatos/valores) e com a concepção mecanicista da natureza e da sociedade, que, com sua pretensa neutralidade e objetividade científica, se mostrou insuficiente para abarcar a complexidade e a heterogeneidade dos grandes problemas da vida coletiva e das relações interculturais.

No seu livro “Pela mão de Alice”, Boaventura Santos fala da crise do modelo civilizacional e do paradigma da modernidade, identificando uma transição paradigmática, nas suas dimensões sociais, políticas e culturais, propondo o que ele denomina de paradigma eco-socialista, que viria a recolocar e redimensionar a democracia e a capacidade emancipatória, sobre uma nova subjetividade e uma nova cidadania, trazendo de volta a vontade de transformação pessoal e coletiva. Dentro do novo paradigma se encontra em primeiro plano a questão ecológica que está assentada na contradição entre a finitude do ecossistema terrestre e a suposta infinitude da acumulação capitalista, com foco nas condições de produção, ou seja, tudo que é tratado como mercadoria apesar de não ter sido produzido como mercadoria, ressaltando-se a tendência do capital de apropriar-se de modo autodestrutivo, tanto da força de trabalho, como do espaço, da natureza e do meio ambiente em geral. (SANTOS, 1997, p.44).

Milton Santos aponta a ausência da dimensão humana e cidadã no projeto de mundo da globalização:

Essa globalização por enquanto não leva em conta o homem. De modo que esse espaço do cidadão tem que ser recriado a partir dos níveis abaixo do mundo. Não é o mundo que vai criar o cidadão. O chamado mundo quer acabar com as cidadanias, mas cada nação e cada espaço e cada cidade é que vai ter a força de recriar esse cidadão – que vai contribuir, creio eu, mais tarde, para sugerir uma outra globalização. (SANTOS, 2002, p.141).

Outras formas de se apropriar e se responsabilizar coletivamente pelo mundo são discutidas em instâncias das quais o Fórum Social Mundial é a mais representativa e abrangente, mas iniciativas menores proliferam em toda parte, algumas utilizando de forma criativa e transformadora a Internet e as tecnologias digitais.

Nunca houve no gênero humano uma tão acentuada potência capaz de articular e de levar a cabo conjunções praticamente ilimitadas entre forças presentes no homem e os mais variados mini conjuntos do seu universo ambiente; ao mesmo tempo, nunca se viveu tão sistemático, cotidiano e envolvente sucateamento da humanidade. (ORLANDI, 2001, p.39).

### *Acelerações*

*“Hoje é relógio no braço e tempo pra correr”* (Fernando).

O processo de globalização, em alguns aspectos, rompe com a organização do espaço mundial, suas fronteiras se dissolvem, suas distâncias são suprimidas. Novas redes de intercâmbio se formam, outras se desfazem, configurando as bases da inovadora noção de “espaço virtual”. Ao mesmo tempo, se desenvolvem as novas concepções de tempo virtual, tempo flexível, instantaneidade, tempo real, que inauguram o domínio da urgência na pós-modernidade.

Nicole Aubert, no seu livro “O culto da urgência”, aborda as manifestações da nova cultura do imediato e da urgência no trabalho nas empresas e as conseqüências que ela introduz. A autora relaciona as mudanças na abordagem do Tempo ao momento sócio-econômico de extrema exacerbação do Capital e da competição, levando à temporalização do espaço mundial e à frenética busca por lucros imediatos e por um crescimento sem limites. O livro sinaliza para a radicalização do relacionamento com o Tempo, ocorrida desde a última década do séc. XX, com a emergência de novas formas de expressão: velocidade, urgência, imediatismo e instantaneidade, geradas pela globalização econômica e possibilitadas pela revolução nas telecomunicações.

Quanto mais veloz o Capital, maiores os lucros, resultando daí a aceleração da globalização e da conquista de novos mercados.

Os últimos anos do séc. XX, assim como os primeiros do novo milênio, parecem marcados pela ascensão irresistível do reino da urgência, em vias de se estabelecer como um modo privilegiado de regulação social e de uma modalidade da organização da vida coletiva. (AUBERT, 2003, p.34) [tradução nossa].

A transformação do modo de regulação de nossas sociedades ocidentais passa do controle exclusivo do Estado para uma regulação, em grande parte, assegurada pela instantaneidade da lógica do Mercado Financeiro, se apoiando sobre a revolução no domínio da Informação, com a fusão entre Telecomunicação e Informática. “Utilizando a instantaneidade induzida pelas novas tecnologias, a lógica do Mercado, com suas exigências, impôs então sua temporalidade própria conduzindo ao advento de uma urgência generalizada.” (AUBERT, 2003, p.38) [tradução nossa].

O sistema capitalista, na sua expressão atual, exige um ritmo acelerado de vida, de produção, de comunicação. Tecnologia, arquitetura, urbanização convergem e conspiram para que os lucros, cada dia concentrados em menos mãos, cresçam e gerem necessidades cada dia mais disseminadas por todas as camadas sociais. As inovações em todos os campos, mesmo que para efeitos de manutenção da velha ordem das elites, exigem adaptações constantes e atualização é a palavra “da hora”.

Alguns órgãos que foram feitos e preparados para nos atender, um banco por exemplo, você tem que..., você agenda qual o horário que você pode ser atendido, o tempo está tão corrido, que a gente tem que agendar até o dia que a gente pode ir no banco resolver alguma coisa, né. Eu não estou conseguindo entender estas coisas não. (Fernando).

A efemeridade dos planos e projetos, a superficialidade dos contatos e a constante renovação deixam “pouco espaço para a vida vivida como projeto, para planejamento de longo prazo e esperanças de longo alcance”. (BAUMAN, 1998, p.50).

Os sistemas de informação, em tempo real, colocam em contato realidades diversas, homogêneas pelo modo de vida capitalístico que tem na velocidade seu ponto de referência.

[...] quando não havia televisão, satélite, nada, você ficava sabendo das coisas da Europa e dos EUA, lá para o norte, você ficava sabendo quanto tempo depois? Então a gente ficava sabendo era muito tempo depois, agora é um segundo, passa alguns segundos e você sabe o que o terrorista fez ali, o que aconteceu, e outra coisa, de uma certa forma a publicidade no Brasil, eles colocam os crimes lá, “ ah! aconteceu isto! puseram fogo num mendigo”, daí a pouco chega o povo copiando aqui. Ensina o comportamento da pessoa, entendeu? (Wânia).

O curto prazo das operações financeiras se estende por toda a malha social, instaurando, por contágio, uma urgência ideológica, disseminada por todo o planeta. O espaço e tempo virtuais inauguram uma era em que as materializações se tornam dispensáveis, já que as virtualidades, os simulacros se bastam a si mesmos. As novas paisagens, hibridações em permanente mutância, mesclam influências, contágios, tendências e constroem mundos dentro

de mundos, realidades múltiplas, que podem massificar e assujeitar ou abrir espaços de singularizações. O impacto dessas aceleradas mudanças, em vários níveis, é sentido também pelas populações periféricas das grandes metrópoles, como é o caso de Nova Lima na Grande BH.

Eu acho que o crescimento da cidade é uma mudança muito grande, é o crescimento onde ninguém conhece mais ninguém, ou seja está entrando nesse ritmo de coisa ... Porque Nova Lima sempre foi uma cidade de migrantes, de gente que veio e gente que foi, mas as pessoas se conheciam de uma certa forma. Isso veio em um período de tempo muito curto, muito curto, se você pensar, dez, vinte anos atrás, você não tinha essa expansão última que você está tendo agora dos novos condomínios e mais do centro da cidade também. É menos de uma geração, é menos que o período de uma geração. (Rita.)

As grandes cidades, ponto de confluência das maravilhas e das misérias de todo sistema, grande caldeirão das diferenças, levam aos extremos as conquistas e fracassos do nosso momento histórico, acolhendo a frenética busca de multidões por oportunidades, templos de consumo, anonimato e, principalmente, pelo progresso, possibilidade de crescimento e ampliação de posses e de poder. Nelas o tempo urge e os espaços se multiplicam, forjados pelas mesmas maquinacões que modelam também as subjetividades.

Eu acho que é aquela corrida! A pessoa corre o dia inteiro, trabalha o dia inteiro, chega estafado, oito horas, nove horas da noite, não quer aposentar, porque se aposentar morre, porque o ordenado cai mesmo, então você só vê a preocupação de cunho material. (Wânia).

Na metrópole, as configurações espaciais estão a serviço do Capital e do reino da Urgência. Edificações, malha viária, disposições estão, todas, montadas pela maquinaria de controle para que se produza mais, em menos tempo, sem muitos gastos, sem dispersão e com máximo aproveitamento. No mecanismo da aceleração, da simultaneidade, da urgência, a sociedade, os grupos e as pessoas se curvam a um ritmo que poderia ser classificado de desumano, pois, no seu reducionismo que visa o lucro, quase sempre elimina a complexidade dos afetos, desejos, movimentos, encontros que compõem a trajetória humana, aí incluídos o acaso, o inesperado, a errância do desejo e as inutilidades produtivas.

Ninguém dá bom dia, boa tarde, boa noite, porque não está tendo tempo. A gente tinha prazer, era uma cidade família, hoje já não é mais. As pessoas que nasceram há um tempo atrás elas tinham um fim de semana, era um tempo de se encontrar um ao outro, ter um diálogo com o outro, hoje é relógio no braço e tempo para correr. (Fernando).

Mudanças na organização sócio-econômica e inusitadas configurações espaço-temporais, conectadas com as tendências do capitalismo globalizado, trouxeram para Nova Lima ritmos de vida e de trabalho mergulhados na agitação e no stress, no trânsito caótico, na poluição sonora, nas extensas jornadas e grandes deslocamentos, formas de se viver típicas das metrópoles. Com isto se alteram as rotinas, as oportunidades de convívio e de relação com a cidade e com os “conterrâneos”.

A mudança está sendo muita, não só pelo lado econômico de querer ter alguma coisa, de possuir, mas a gente tinha muito mais tempo de ir lá na pracinha, comer uma pipoca de tio Wilson. Todo mundo sabia o nome de um por um e sabia de tudo que estava acontecendo, mas o avanço veio tão correndo pra cá que está fazendo a gente fugir daqui. (Fernando)

#### 4.1 Cidades, Metrôpoles, Megalôpoles

*Se é o Estado moderno que dá ao capitalismo seus modelos de realização, o que se encontra assim realizado é uma axiomática independente, mundial, que é uma só e mesma cidade, megalópolis ou “megamáquina”, de que os Estados, são partes, bairros. (DELEUZE & GUATTARI).*

É na cidade que a modernidade se concretiza e se amplia, nos aglomerados humanos, nas linhas retas do traçado das ruas, na verticalidade de seus prédios, na proliferação dos espaços de compra e venda. A cidade moderna reuniu em si todos os atributos da racionalidade com suas divisões funcionais, os indivíduos se aglomerando para trabalhar nas indústrias, a vida circulando rapidamente, a concorrência, as novidades e a multiplicidade de encontros e de oferta de serviços.

Se a modernidade se configurou em volta do trabalho e do lucro, o entorno das atividades econômicas se constituiu no palco em que surge o *homo urbanus*, regido pela velocidade, pelo imperativo das máquinas, pelas repetitivas rotinas das linhas de produção e pelo contato com a diversidade multifacetada da cidade moderna.

A grande cidade é antes de tudo um espaço integrante da modernidade capitalista. É privatizada, segregada e segmentada, não obstante as tentativas de gestão democrática e participativa em muitas regiões urbanas. É dinâmica, excludente e desigual, mesmo que permeada de possibilidades e de novos tipos de arranjos institucionais envolvendo práticas inclusivas e novos atores (MATOS, 2006, p. 58).

Durante o século XX, a tecnologia encheu as cidades com seus artefatos de locomoção, de produção industrial, de telecomunicação, de conforto doméstico.

Principalmente aí se localizou o dinheiro e as possibilidades de a ele ter acesso. Atrás de tudo isto, milhões se deslocaram do campo chegando, em 2000, ao índice de cerca de 50% da população mundial nas cidades, sendo que no Brasil, segundo censos do IBGE, esse índice sobe para 81%, com 15% dos brasileiros vivendo nas 8 cidades mais populosas.

A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo. [...] Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm umas das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças. (LEFEBVRE, 1999, p.109).

A cidade contemporânea transborda seus próprios limites e invade todo o território num processo que

[...] reflete o caráter do capitalismo tardio em sua tentativa de industrializar todos os ramos e setores da economia, onde tudo se torna matéria vendável, inclusive as ‘novas raridades’ – nas palavras de Lefebvre, aquilo que era abundante e se torna escasso: o espaço, o ar, a água, a terra, a luz. (LINHARES; MAGALHÃES; MONTE-MÓR, 2006, p. 395).

A essas raridades poderíamos acrescentar outras, como os direitos, a cidadania, o desejo, o tempo, todos sujeitos ao sucateamento e à banalização, próprios à superficialidade e à labilidade propiciada pelas relações do Mercado e pela vida nas grandes cidades.

Roberto Monte-Mór denomina urbanização extensiva à extensão do tecido urbano e das relações de comando da metrópole sobre todo o território. Com isto se disseminam as condições e relações requeridas pela economia capitalista e diversos outros aspectos socioculturais e espaciais, característicos da urbanidade, transformando a rede de cidades em área de influência da metrópole, no que Lefebvre denomina “sociedade urbana”, marcada pelos conflitos e exigências do modo de produção capitalista.

Não está no calcanhar não, Belo Horizonte está dentro, está dentro, eu estou falando que está dentro, assim o número de pessoas que moram lá e trabalham aqui, moram aqui e trabalham lá, mas continua sendo Nova Lima à parte. (Rita).

Eu consigo perceber mais gente subindo pra Belo Horizonte mesmo, virou cidade dormitório mesmo, pessoal tem que sair. Acho que essa proximidade muito grande com Belo Horizonte, ainda mais com o shopping logo ali, um Carrefour, um Extra, realmente é muito fácil pro pessoal daqui comprar lá, então consegue preços melhores. Aí a gente vê que os supermercados, as lojas de Nova Lima não conseguem avançar muito. (Rodrigo).

A metrópole atual se constitui assim no retrato da flexibilização, da precarização e desregulamentação dos mercados de trabalho pós- modernos, em que a riqueza convive lado a

lado com a pobreza, ambas produzidas e desenvolvidas nas grandes cidades do capitalismo contemporâneo, estratificadas no espaço urbano através de muros e aparatos ostensivos ou de sutis códigos de pertencimento difundidos pelo corpo social. Sobre o fato novo da produção do espaço pelas forças hegemônicas do capitalismo globalizado, Henri Lefebvre, diz em seu livro “*A Revolução Urbana*”:

Há poucos anos não se podia imaginar outra ‘produção’ que não fosse a de um objeto, localizado, aqui e ali, no espaço: um objeto usual, uma máquina, um livro, um quadro. Hoje o espaço inteiro entra na produção como um produto através da compra, da venda, da troca de parcelas do espaço. (LEFEBVRE, 1999, p.140).

Nessa obra de 1970, o autor distingue os contornos da grande mudança, já a caminho, nas relações entre o fenômeno urbano e a crise permanente do sistema capitalista, que encontrou na especulação imobiliária, nas obras faraônicas e na compra e venda do espaço, um novo filão, em escala mundial para adiar o esgotamento das suas possibilidades de sustentação.

A situação de Nova Lima, nesse início de século, se encaixa marcadamente nesses contornos premonitórios de Lefebvre, tendo sua economia, ainda definida e sustentada pelas mineradoras, sido traçada para um futuro imediato ligado aos grandes empreendimentos imobiliários e às grandes obras para sua viabilização. Dispor da natureza, dos espaços de convívio e de ampliação, à revelia de sua população nativa, impedindo outros possíveis rumos a serem definidos por quem construiu a cidade e nela habita, é algo que choca e angustia seus habitantes, mesmo considerando que esta terra nunca foi efetivamente “a nossa terra”. Sempre em mãos privadas, que direcionaram o uso de seu território em proveito do capital internacional, o que havia era uma ilusão de pertencimento.

Eu acho que tem a ver com a falta do cidadão no destino e tem a ver com os latifúndios, porque quem determina o que vai..., o que está acontecendo na cidade não é a cidade. Extra, é tudo extra cidade, é tudo de fora, que determina que vai ter um bairro ali, vinte e cinco mil pessoas aqui, trinta mil ali, cinco mil acolá, se vai ser classe A, B, C, D. Numa rapidez muito grande que a cidade não tem como nem perceber, é muito rápida para ter essa história de sustentabilidade. (Rita).

Lefebvre fala da perniciosidade da situação em que a mais-valia formada e realizada na indústria decresce enquanto a formada e realizada na especulação e pela construção imobiliária aumenta, em que o circuito secundário suplanta o principal: “o capital imobiliza-se no imobiliário. A economia geral (dita nacional) logo sofre com isto.” (LEFEBVRE, 1999, p.144). E critica o urbanismo “de classe” que mascara e “azeita” toda essa situação, apesar da percepção dos efeitos nefastos das investidas do capital imobiliário: “O urbanismo propicia o

presentimento e, às vezes, a exploração das novas raridades: o espaço, o tempo, o desejo, os elementos (o ar, a água, a terra, o sol) [...] Sua leitura do espaço o conduz a ler a natureza, isto é, a conceber a devastação e o fim da natureza” (LEFEBVRE, 1999, p.145).

Nessa vertente o urbano se opõe à preservação dos ecossistemas, dando vazão à relação de exploração do capital sobre a natureza. Essa relação, secularmente pautada pelo desrespeito às atuais e futuras gerações, desde o início da colonização brasileira dilapidou nossa biodiversidade, enviando para a Europa riquezas inestimáveis. “Até então exploravam só o ouro, as minerações estão destruindo mesmo toda a nossa região, eles estão procurando pelo lucro.” (Fernando).

O cuidado com o meio ambiente, tardiamente presente na agenda dos poderes dominantes, ainda é visto, por estes, como entrave ao progresso e ao crescimento, à industrialização e à urbanização, sendo criados impasses muitas vezes insolúveis, enquanto prevalece a hegemonia do mercado e do lucro sobre as necessidades e carências das populações e dos ecossistemas que nos abarcam.

A criação e a gestão de unidades de conservação, o licenciamento ambiental de atividades tipicamente urbanas / metropolitanas são processos que revelam a complexidade dos conflitos envolvidos entre os agentes presentes na produção do espaço, usualmente explicitados na permanente contradição entre valores de uso e valores de troca, espaços públicos/coletivos e privados, entre as lógicas da reprodução social e da acumulação. (COSTA, 2006, p.15).

Assim sendo, cada ampliação da metrópole implicaria em negociação de espaços, entre interesses, populações, gestões, se incluindo aí as questões ambientais, regidas por vários âmbitos, desde os planetários aos locais.

Ao se referir à ideologia e ilusão urbanística, que mascara e dissimula a estratégia capitalista de domínio do espaço sob a aparência humanista e tecnológica, Lefebvre pontua: “A estratégia vai muito mais longe que a simples venda, pedaço por pedaço, do espaço. Ela não só faz o espaço entrar na produção da mais valia, ela visa uma reorganização completa da produção subordinada aos centros de informação e de decisão.” (LEFEBVRE, 1999, p.141).

A isso podemos acrescentar que esse novo produto posto à venda, o espaço, vem mergulhado no *marketing* que apela para os desejos e sonhos envolvidos no ato de habitar, revestindo-o de paradisíacas imagens e sugestão de plenitude, ligadas à localização, à arquitetura, ao urbanismo e aos novos conceitos de morar.

A produção do espaço urbano/ metropolitano encontra-se completamente imbricada com e embebida por dois outros processos usualmente vistos de forma separada: a produção social da natureza, como ambiente transformado, muitas vezes

materializada como paisagem na expansão urbana, e a produção e reprodução de valores, modos de vida, desejos e padrões de consumo, em particular aqueles associados à habitação em sentido amplo. Ambos os processos têm sido mediados por relações sociais de mercado, crescentemente 'naturalizadas' e incorporadas como valor pelo aparato de regulação urbanística e ambiental. (COSTA, 2002, p. 14)

Assim o mercado imobiliário gesta consumidores adequados para determinados espaços, que se adéquam por sua vez às prerrogativas do capital e do lucro, protegidos e estimulados pelo Estado e suas instituições.

### *A Cidade e seus tentáculos*

O espaço urbano deixou assim de se restringir a um conjunto denso e definido de edificações para significar, de maneira mais ampla, a predominância da cidade sobre o campo. Periferias, subúrbios, distritos industriais, estradas e vias expressas recobrem e absorvem zonas agrícolas num movimento incessante de urbanização. No limite este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo (ROLNIK, 1988, p.12).

O crescimento e o inchaço das metrópoles é uma tendência mundial, a ponto de se falar em arquipélagos de metrópoles interligadas virtualmente, disseminadas por todo o tecido social, como tentáculos de um grande polvo insaciável. Em 2006 a população urbana do planeta se equiparou à do campo, selando assim uma tendência iniciada com a revolução industrial. Estima-se que nas próximas décadas 80% da população mundial estarão nos aglomerados urbanos, sujeitos aos efeitos de complexas conformações espaço-temporais, arquitetônicas, sócio-políticas e a uma gama de problemas ligados à segregação, à exclusão e ao domínio da urgência.

As metrópoles avançam sobre comunidades estruturadas em modelos econômicos e sociais ainda ligados a outros períodos históricos, trazendo impactos variados: sociais, ambientais, psicológicos. Seu modo de vida se instala, então, nos arredores, nas periferias e se expande pelos municípios vizinhos, imprimindo suas marcas na paisagem, nas formas de habitar, moldando as maneiras de ser e sentir, a linguagem, os desejos.

No seu texto sobre a cidade e o urbano W. Pereira fala sobre a expansão do processo de urbanização:

Com o desenvolvimento do mundo urbanizado, os limites da cidade gradativamente vêm perdendo a sua legitimidade. A cidade deixa de ser perceptível ao olhar, ou mesmo ao conjunto dos sentidos, e, do simples local restrito se estende a um continuum processo de urbanização difuso, real e virtual, com múltiplos espaços e tempos. A fragmentação do espaço e o estilhaçar do tempo, dos limites e das fronteiras encontra correspondência no campo de vários conceitos: suburbanização, área metropolitana, megalópoles. (PEREIRA, 2006, p.2).

Esse esgarçar dos limites, que resguardam as regiões ainda ligadas a outras configurações espaciais e societárias, tende a se configurar como invasão de espaços sócio-geográficos e de territórios existenciais, do ponto de vista ético e afetivo das populações suburbanas, em especial das menos favorecidas economicamente. Estas, por sua vez, se deslocam para os núcleos de grande atividade econômica, buscando chances de ascensão social e sobrevivência e a manutenção do novo padrão que lhes é apresentado, muitas vezes imposto.

Nas grandes cidades o conflito entre interesses de várias espécies e origens instaura a tensão entre as necessidades das diferentes camadas sociais, os investimentos públicos, as prioridades governamentais, as movimentações da sociedade civil.

Um dos aspectos mais decisivamente regressivos do nosso tempo de *globalização globalitária*, como a chamou Milton Santos, é a crise das grandes cidades, cada vez mais forçadas a mimetizarem a ordem capitalista e as suas conseqüências: a fragmentação, a hierarquização perversa, a ‘guetificação’, que tanto significam a redução e o amesquinamento dos espaços públicos, quanto a privatização de espaços que demandam ser coletivamente apropriados. (PAULA, 2006, p. 9).

A disposição do espaço urbano tende à sectarização acentuada entre as classes sociais, destinando as melhores regiões (do ponto de vista topográfico, ambiental e do prestígio social) às classes altas e expulsando a pobreza para regiões distantes dos equipamentos sociais e para áreas de risco, mal servidas em termos de infra-estrutura, transporte, lazer.

As populações, que resistem a esse processo de expulsão social, se aglomeram junto aos centros das cidades, em favelas sem planejamento, com precárias condições sanitárias e habitacionais, se dedicando a atividades econômicas sub-remuneradas ou criminalizadas, como é o caso do tráfico de drogas ou do comércio de mercadorias sem nota fiscal.

O capital produz corpos e mentes dóceis ou rebeldes, reprodutores ou disruptores; monta seus modelos e suas ordenações, efeitos perversos e possibilidades de inversões de rota. “Se o capital tem sido o senhor da cidade, essa dominação nunca foi absoluta, sempre houve forças que reivindicaram a cidade como espaço da liberdade e da solidariedade, da diversidade cultural e da imaginação” (PAULA, 2006, p.10). A força dessa diversidade, causadora de estranhamentos, pode, no entanto, propiciar as almejadas mudanças de postura individual e coletiva, mobilizando resistências:

A cidade tem sido um locus de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem. Mas também foi nela que essas imagens se estilçaram, no contexto de agrupamentos de pessoas diferentes – fator de intensificação da complexidade social – e que se apresentam umas às outras como

estranhas. Todos esses aspectos da experiência urbana – diferença, complexidade, estranheza – sustentam a resistência à dominação. (SENNETT, 2006, p.24).

A cidade agrega e coloca lado a lado as multiplicidades, produzindo assim uma nova realidade, a das diferenças que se tocam, interagem, se confrontam, se estratificam. “A lógica do espaço, submetida às exigências do crescimento, a lógica do urbanismo, a do espaço político e da moradia entrecrocavam-se, às vezes se espatifam uma contra a outra.” (LEFEBVRE, 1999, p.82).

Falando sobre o agravamento da crise nas cidades brasileiras, Milton Santos (2002) cita a enorme extensão territorial do país cotejada com a imobilidade a que estão condenados os pobres, confinados em frações da cidade, subordinados à lei do mercado com relação ao emprego, bens e serviços. No seu artigo sobre os fixos e os fluxos da cidade, o autor aborda a transformação dos pobres em fluxos, tendo que se deslocar por longas distâncias atrás de serviços de saúde, escolas, emprego, produtos essenciais. Depois de serem expulsos para regiões distantes têm que fazer diariamente o longo caminho até o centro, gastando o que não têm em transporte precário. Propõe então o desenvolvimento local de células autônomas, em vários pontos da cidade, conjugadas com a instalação de serviços essenciais e de fontes de empregos, o que traria a renovação da vida econômica, social e cultural e uma organização apropriada do espaço, gerida pelos próprios cidadãos.

A cidade, especialmente a cidade grande, é o locus de todas essas confrontações, por ser também o lugar essencial do afrontamento das forças desencadeadas no processo violento de mudança. Trata-se, agora, de impor uma rearticulação que faça velozmente aflorar a tão decantada nova ordem mundial. (SANTOS, 2002, p.124).

Tal configuração difere bastante do que é visto normalmente nos aglomerados metropolitanos, em que o destino dos moradores e da região é decidido por instâncias políticas pouco representativas, ou, quase sempre, por interesses econômicos distantes e opostos aos das populações das periferias pobres. “Não é à toa que as grandes empresas (incluindo os bancos) governam mais a vida e o destino das pessoas e coletividades, lá onde moram e trabalham, do que mesmo os governos legalmente constituídos.” (SANTOS, 2002, p.101).

O cidadão comum se desloca então, para regiões distantes e desassistidas ou se transfere para novos núcleos e aglomerados que o recolocam no jogo da metrópole.

### 4.1.1 Periferias

Um momento decisivo da luta pela construção do urbano como projeto emancipatório está sendo travado hoje, na periferia das grandes metrópoles, entre as forças do capital e os que resistem a ele, em nome da democracia e da solidariedade, da valorização da diversidade cultural e da sustentabilidade ambiental. (PAULA, 2006, p.10).

Mais do que nunca o território urbano é um espaço de luta. Luta política entre as populações excluídas, seus movimentos organizativos, suas lideranças e a força das elites dominantes, do mercado imobiliário, do poder globalitário do capital exercido em cada localidade. O território metropolitano se torna então campo de uma guerra surda pelo espaço, em especial nas periferias eleitas pelo mercado como passíveis de se encaixar no conceito de bem-viver da classe A.

Vários movimentos se distinguem nessas periferias:

- movimentos emancipatórios de bairros, populações e lideranças em busca de seu direito de moradia, trabalho, equipamentos urbanos;
- formas violentas de ocupação do espaço, de sobrevivência e de relação entre as camadas sociais;
- isolamento das classes abastadas nos chamados condomínios fechados, exclusivos e excludentes, com a ocupação de áreas nobres;
- atuação do poder público na criação de infra-estrutura para a instalação de condomínios e centros de negócio para a elite dominante;
- transformação das regiões mais pobres, vilas, cortiços e favelas em espaços sectários, atravessados pelo narcotráfico e seu exército, sua hierarquia empresarial, suas relações de proteção e violência;
- atuação do poder público no sentido de atenuar desigualdades e mediar conflitos ou na instauração da “guerra às drogas e à violência”, com forte aparato repressor.

Ao mesmo tempo em que políticas urbanas de caráter progressista (orçamentos participativos, urbanização de favelas, regularização fundiária, processos auto-gestionários) são implantadas nas periferias pobres, com a atuação de movimentos reivindicatórios e de longos processos de negociação, emergem no tecido urbano, como uma excrescência que se espalha rapidamente, territórios fechados, ilhas de bem viver, feudos pós-modernos, justificados pelos crescentes níveis de insegurança e violência e estimulados por um dinâmico mercado imobiliário. Com a ilegalidade consentida desses loteamentos fechados, para os

quais as administrações fazem vista grossa, de olho no aumento da arrecadação e nos votos da próxima eleição, há uma apropriação de paisagens, bens naturais, serviços e infra-estrutura, caros e exclusivos, cujos custos indiretos são socializados, pagos pelos investimentos do poder público.

Fala-se então de uma elitização das periferias ou periferização da riqueza, em que a segregação existente no antigo modelo centro /periferia se estende por todo o tecido urbano, em que as várias centralidades reproduzem o cenário excludente construído pelas classes dominantes.

Dentro das próprias periferias pobres se reproduz a estratificação característica da cidade, com o aparecimento de uma periferia dentro da periferia, a hiperperiferia, bolsões de miséria e exclusão, em contraste com áreas já desenvolvidas, com acesso aos bens sociais e ao consumo. Aí se localizam populações submetidas a alto risco, ao lado de grupos sociais bem estabelecidos, com padrão de vida, infra-estrutura e serviços de bom nível.

Assim a metrópole se estende e se reproduz segundo a modelagem do capital e dos interesses das elites, o que se expressa no conceito de metropolização, conformação de grandes áreas aos preceitos, normas e injunções do modelo de desenvolvimento e acumulação capitalista. Nas denominadas regiões metropolitanas, vários municípios se unem, muitas vezes conurbados, sob a liderança do município de maior poder político-econômico, formando grandes blocos de poderio e influência, repletos de conflitos e problemas urbanos potencializados.

#### **4.2 Subjetivações quando a Metrópole avança**

*“A cidade produz o destino da humanidade: suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios”.* (Félix Guattari).

As metrópoles engolem as vizinhanças, as redondezas, as cercanias no seu grande gargalo unificador e padronizador, com a insaciável busca do desenvolvimento constante. Lembram aqueles fungos que se reproduzem incessantemente com a simples presença do ar. Reproduzem também a crescente exigência do Mercado por resultados e índices cada dia mais altos, prazos cada dia mais apertados e trabalhadores submetidos a ritmos desumanos.

Ruas, vielas, recantos, comunidades, são incorporados à malha urbana em que a regra geral é a velocidade, o pragmatismo, o descuido com os ambientes naturais e com os espaços de convivência. A metrópole, com suas formas de vida baseadas na aceleração e na

impessoalidade, no alto grau de consumo e descartabilidade, nas relações superficiais e no isolamento, na violência generalizada e na segregação, invade as localidades pressionando para a instauração de seu *modus vivendi*.

Nossa tradicional comida mineira acabou. A gente podia criar galinha, talvez até um patinho que voava e sumia e hoje em dia um animal que se pode criar é cachorro e de preferência pitbull para dar proteção. A diferença mesmo é o tipo do nível de pessoa. Porco há mais de quinze anos que não se pode mais criar, porque a cidade era pequena e ela cresceu com a cidade toda diferente. Todo mundo podia criar e dividir no fim de ano, não tinha problema nenhum, mas do jeito que está vindo, a gente vai ter que procurar mesmo é Carrefour, é o shopping, para usar só a química para alimentar. É onde quem lembra da cidade não tem mais tanto prazer de viver, onde entra o problema da saúde mental. (Fernando).

O desaparecimento dos lugares de memória e dos marcos da história local vai deslocando as pessoas de seu eixo relacional, de seus territórios existenciais, impedindo os contatos criadores de novas formas de sociabilidade, anestesiando a potência inventiva e transformadora, barrando as montagens políticas, éticas e estéticas que transmutam a existência em vida, plena de fluxos heterogêneos, desafios, vibrações.

As grandes cidades do nosso tempo são também o lugar onde a ética da competição e a pressão pelo status mais depressa conduzem ao individualismo aberto e possessivo, ao mesmo tempo que a massificação materialista termina por levar à fragmentação e à perda da individualidade. (SANTOS, 2002, p.126).

Um individualismo compulsório é imposto ao cidadão, com suas rotinas de consumo, sua busca incessante do prazer, sua vida privada apartada dos enlaces coletivos e da participação política, se atrofiando o campo intermediário entre o grande poder do Capitalismo Globalizado e o indivíduo, que destituído de sua função pública, só está livre para consumir. “Há um desagradável ar de impotência no temperado caldo de liberdade preparado no caldeirão da individualização.” (BAUMAN, 2001, p. 44).

Gente, era tão diferente a vida aqui. Eu vejo o povo aqui agora só preocupado em se dar bem, então realmente, se dar bem pessoalmente. Eu acho que a preocupação mais é essa, não tem mais aquela de fazer amigos sabe, de sair para passear na banqueta<sup>13</sup>, não tem muito isto mais não. (Wânia).

O consumo, nessa virada de século, assume, muitas vezes, o lugar das lutas coletivas e das ideologias baseadas na solidariedade e no compartilhamento. Como ato individual, substitui

---

<sup>13</sup> Banquetas são canais construídos para a condução de água para utilização industrial, no caso para o processo de mineração, os chamados regos: Rego Grande, Rego dos Carrapatos, Rego dos Amores, etc. Tornaram-se, com o tempo, os últimos espaços, no centro da cidade, para caminhadas e passeios, apesar da sua má conservação.

grande parte das relações entre pessoas e grupos por relações pessoa/objetos e vampiriza pulsões que poderiam estar voltadas à busca de rotas e derivas provocadoras de mudanças sociais e de abordagem dos problemas coletivos. O consumo possibilita efêmero escape do medo e da insegurança, como busca incessante de um querer e de uma identidade de consumidor que tenta dar forma ao disforme e tamponar as duras realidades da violência, do desperdício e das desigualdades. “Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência do consumidor – a dependência universal das compras – é a condição sine qua non de toda a liberdade individual.” (BAUMAN, 2001, p. 98).

Não há possibilidade real, pelos limites do ecossistema planetário e pelo desenvolvimento desigual do capitalismo, de que toda população mundial tenha o padrão de consumo dos países desenvolvidos. No entanto, o desejo de consumir está disseminado por todas as camadas sociais, de todos os países, imersos na ideologia global consumista, independente de suas práticas concretas de consumo. “Esta dupla armadilha coloca uma grande parte da população mundial numa situação dilemática: não está dentro da sociedade de consumo e tão-pouco está fora dela” (SANTOS, 1997, p. 313). Essa impossibilidade atinge grandes massas do Terceiro Mundo “duplamente vitimizadas por este dispositivo ideológico: pela privação do consumo efetivo e pelo aprisionamento no desejo de ter” (SANTOS, 1997, p. 313).

Fizeram tudo descartável hoje. Você compra um som hoje, ele atrapalha, você manda arrumar, o cara não consegue peça mais. Isso pra pessoa comprar mais, pra movimentar o Mercado. Só que não criou-se as condições pra isto, que é poder de compra. Não tá certo. Porque eu poderia, estragou, eu ponho no canto, não uso mais, eu vou lá e compro outro. E o poder de compra que você não tem? O salário é baixo, o poder aquisitivo é baixíssimo, não tem como a coisa ir. Então fizeram uma coisa neste país que não estava preparado para receber. (Ronaldo).

Os *shoppings*, muito adequadamente chamados de templos de consumo, apresentam o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança e propiciam uma proximidade com o Outro, sem contato e sem confronto, onde é forte o sentimento de pertencimento a uma confraria de fiéis que professam a mesma fê: “compramos”. A exemplo dos condomínios fechados, os shoppings se constituem em ilhas de um outro mundo, fora do traçado urbano, em que a lógica e a rotina são subvertidas em nome de uma homogeneização quase total, como lugares sem lugar na trama da cidade. O BH Shopping ocupa, desde a sua instalação, um lugar de destaque no imaginário da população novalimense, modelando formas de se vestir, se divertir, se alimentar, formas de sentir e se posicionar frente ao mercado e à vida. Quanto maior o poder de sedução do mercado, mais próspera a sociedade dos consumidores e mais profundo o fosso entre os que

desejam e os que podem satisfazer os seus desejos. “A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora” (BAUMAN, 1998, p. 55).

Ao mesmo tempo em que esse individualismo consumista se processa, uma pressão para a abolição das diferenças e pela massificação, acaba barrando as singularidades e instaurando a repetição e a reprodução de modelos pré-figurados, “subjettividades prêt-à-porter” que acabam restringindo o campo do indivíduo. Esse duplo efeito conduz ao afastamento cada dia maior dos investimentos na vida comunitária ou na participação solidária, reduzindo também as possibilidades de defesa dos direitos. Ao indivíduo é transferida, então, a maioria dos atributos sociais e o que resta do Estado e das instituições não garante mais as possibilidades de trabalho, sobrevivência, saúde, segurança, moradia. “O outro lado da individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania...” (BAUMAN, 2001, p.46).

Irineu, cidadão participante de vários movimentos sociais, ex-vereador, ex-vice-prefeito, filho de expressivo militante do movimento operário, sindicalista, membro do partido comunista, se retirou da vida pública.

[...] não participo, minha vida agora é só casa. Sábado, fim de semana, sábado, eu encontro com uns amigos e vou tomar uma cerveja e no mais eu fico aqui. Mandeí contar meu tempo, já estava com trinta e sete anos de serviço, aí pedi aposentadoria, aí fiquei em casa, virei cozinheiro, então eu só sábado que eu saio e às vezes domingo, mas, no mais, só saio uma vez ao mês, que eu vou lá em Darci, aparo o cabelo, vou na casa da minha tia lá no Matadouro, venho embora para casa e fico aqui. (Irineu).

Se declara um consumista e se sente estranho frente às novas realidades de Nova Lima e aos novos moradores:

Era mais família, não era vizinho, era quase que uma família, né, mas hoje está rodeado de outras pessoas que às vezes muda, mudou gente aqui agora que eu não conheço, mas aqui, ali em baixo, aqui atrás é tudo gente mais antigo. [...] É aquilo que eu falei, que as pessoas, da minha época né, eu conheço, convivo, tenho relacionamento, mas os de hoje pouco conheço e eles pouco me conhecem também, então... não sei, porque vem de fora, não chega a ter um... A não ser que você seja uma pessoa que participa de tudo e está vivenciando tudo na cidade e tal, mas no meu caso assim é muito difícil, eu praticamente num... (Irineu).

Outros entrevistados comentam sobre o esvaziamento dos movimentos da sociedade civil e a desmobilização atual:

Eu vejo a Nova Lima de hoje muito a mercê de um planejamento, de um norteamento assim das ações, e tal, que não está contemplando, não está sendo respaldado pelo pensamento popular, da população. A coisa vem muito de cima pra baixo mesmo, a sociedade civil está totalmente desarticulada, na minha opinião, com

poucos lampejos isolados, resolvendo questões um pouco localizadas, algumas com sucesso, outras não. Quando eu cheguei à cidade, existia movimentos, várias articulações, tinha um dono da cidade, né, na época, tinha o grupo que tomava conta da cidade, que decidia os destinos da cidade, e tinha toda uma movimentação de uma série de entidades e pessoas, tentando virar a mesa mesmo, virar esse jogo. Aí nesse tempo quando eu cheguei eu vi a coisa bem efervescendo, eu lembro do MEL<sup>14</sup> acontecendo, das associações comunitárias presentes, conselhos funcionando. (Rodrigo).

Apesar da melhoria, a Nova Lima do passado, ela era mais, ela buscava mais as conquistas, com mais entusiasmo, com mais força. Porque na realidade também não tinha nada praticamente né. Então havia um movimento de luta muito grande, de reivindicação, o povo era muito participativo, em todos setores né, até no esporte. Nova Lima tinha o Vila Nova que participava do campeonato, ganhava campeonato, tinha vôlei, tinha basquete, tinha uma série de atividades..., mas era uma época, hoje é diferente, hoje as coisas são diferentes. (Irineu).

Rita se refere especificamente aos movimentos ambientalistas, que se especializaram e se profissionalizaram, se afastando dos ideais humanitários e preservacionistas:

Eu estava até falando outro dia, aqui na rádio, algo que tem a ver com isso também, um artigo do Manuelzão falando: “ganham-se os anéis e perdem-se os dedos, as organizações sem fins lucrativos investem na profissionalização e podem perder a sua motivação ideológica.” Esse é o artigo que é isso que você está falando, ou seja, Nova Lima cresceu, as organizações cresceram, se descaracterizaram, quem está lá é um profissional e não está ligado na idéia da coisa. (Rita).

O isolamento dos cidadãos e o desmanche das ações coletivas se relacionam diretamente com a perda dos espaços públicos, como locais de convivência e de manifestação, com as condições de acesso e visibilidade necessárias. A ascensão, nos nossos tempos, do âmbito privado como forma a ser cultivada e como armadura contra as duras realidades sociais, conduziria ao que Sennett chama de “tirania da intimidade”, que paradoxalmente esvazia a vida pessoal e “inibe o desenvolvimento das forças básicas da personalidade”. (SENNETT, 1988, p 17). Essa “visão íntima da sociedade” levaria à erosão da vida pública e vice-versa: “originou-se uma confusão entre vida pública e vida íntima : as pessoas tratam em termos de sentimentos pessoais os assuntos públicos, que somente poderiam ser adequadamente tratados por meio de códigos de significação impessoal” (SENNETT, 1988, p.18).

O esvaziamento da vida pública se relaciona com uma certa organização do espaço urbano em que o ambiente leva a pensar no domínio público como desprovido de sentido. Os prédios, as praças, as ruas são construídos segundo o paradoxo do isolamento em meio à

---

<sup>14</sup> Movimento Ecológico Livre, criado em Nova Lima em 1986, para lutar pela preservação do patrimônio natural, cultural e humano do município.

extrema visibilidade, o que, em última instância, levaria ao recolhimento ao âmbito da intimidade.

O espaço público morto é uma das razões, e a mais concreta delas, pelas quais as pessoas procurarão um terreno íntimo que em território alheio lhes é negado. O isolamento em meio à visibilidade pública e a exagerada ênfase nas transações psicológicas se complementam. (SENNETT, 1988, p. 29).

“O individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade. A rua, o café, os magazines, o trem, o ônibus e o metrô são lugares para se passar a vista, mais que cenários destinados a conversações”. (SENNETT, 2006, p.289). Dentro desta idéia foi criado o conceito de “não-lugares”, espaços desvitalizados, forjados para dar vazão aos fluxos e movimentos acelerados do capitalismo, à multidão desprovida de contatos singulares, significativos. A falta de conexão entre o âmbito privado e uma vida pública, cidadã, esvazia tanto o âmbito da coletividade, da participação política, quanto a vivência subjetiva, afetiva, singular. Para tamponar esse vazio existencial a grande maquinaria capitalística oferece produtos consumíveis, em todos os níveis, para todas as classes.

Raquel Rolnik nos fala sobre a prevalência das cidades como espaço de circulação de mercadorias e como essa função se sobrepõe a outros usos, modificando o tecido urbano, alterando paisagens, demolindo e soterrando outros espaços. “Hoje tudo é mercadoria e circula. As pessoas vendendo sua força de trabalho, os veículos despejados aos milhões pelas fábricas de carros, as cargas que distribuem uma lista interminável de bens a serem consumidos pelos moradores.” (ROLNIK, 1988, p.62).

#### **4.2.1 Sobre rodas**

Com a perda e o esvaziamento dos espaços públicos, a cidade se desumaniza, se torna exclusivamente espaço de circulação – de automóveis, de mercadorias, de pessoas a caminho de... Lugar de passagem e não de paragem.

Pela tecnologia, pela quantidade, pela facilidade das pessoas conseguirem automóvel, conseguir apartamento, vai ser um local de muita poluição. A estrada já foi duplicada, mas não vai dar sustento, apesar de estarem fazendo trevos e tudo. Como se abriu porta para vir, deveriam ter primeiro pensado, estudado e preparado para que sua chegada viesse rápida. Pensaram, duplicaram as estradas e tudo, mas esqueceram que de um bairro para outro tem que atravessar uma criança. Esqueceram que a cidade é pequena, que é uma cidade histórica, que não adianta uma ambulância passar correndo no centro da cidade, que ela não tem como resolver nada. (Fernando).

O medo da violência e o ritmo apressado, não permitem que se alonguem os olhares, as permanências. Causa estranheza flunar, perambular sem meta, sem objetivo. Adolescentes e crianças, tradicionais donos das praças e calçadas, onde espalhavam suas lúdicas e barulhentas formas de convívio, hoje passam no banco do carro, ou em coletivos apertados, rumo às múltiplas atividades de sua extensa agenda.

[...]é aquela história, você morava ali na Vila Operária, a três minutos de menino correndo ladeira abaixo da praça. Hoje você não vê isso aí, aquilo ali você não vê, menino não desce correndo ali mais, por que é carro subindo, carro descendo, é carro demais, é gente demais. A cidade cresceu e as pessoas da cidade..., eu acho que continua uma cidade muito de interior, a gente não percebeu esse crescimento desse outro lado de Nova Lima, muito forte e muito pesado. (Rita).

Os ruídos da cidade abafam os sons da vida. Sob o ronco dos motores os barulhos comuns da existência, dos afetos, da corporeidade se diluem.

Há quinze anos atrás, a gente andava de carroça, não se vê mais carroça, né. Será que ainda existe? Não é engraçado isto? Eu ouvia muito, muitas vezes as pessoas falavam que andar em Belo Horizonte era mais fácil que andar em Nova Lima, porque as pessoas andavam na rua. E andavam na rua e carro ia tranquilo. Hoje, nossa, dá até medo, eles vêm buzinando e gritando e xingando. (Fernando).

Richard Sennett, em “Carne e Pedra”, fala da experiência da corporeidade nas cidades, através dos tempos e como isto modelou os espaços, os corpos, as sensações. A apassivação dos corpos e o entorpecimento dos sentidos pela proximidade, pela velocidade, pela fragmentação, propiciam o isolamento individualista que o autor atribui, principalmente, ao estilo de vida da cidade contemporânea e à tecnologia audiovisual que tudo oferecem e permitem aos sentidos, sem que contatos e laços efetivos se configurem. Isso, aliado à rapidez dos deslocamentos pelo espaço colabora para a anestesia dos corpos, que vivem experiências fragmentadas e pouco ligadas ao ambiente e à coletividade.

“O espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele. [...] Transformado em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista, que só deseja atravessá-lo.” (SENNETT, 2006, p.17). Assim, o motorista se restringe a poucos e mecânicos movimentos e a um mínimo de reações exigidas para o ato de dirigir, se mantendo isolado da paisagem em que está mergulhado.

A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão com o espaço. Em alta velocidade é difícil prestar atenção à paisagem. [...] Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor. [...] O viajante, tanto quanto o telespectador,

vive uma experiência narcótica; o corpo se move passivamente, anestesiado no espaço, para destinos fragmentados e descontínuos. (SENNETT, 2006, p.18)

Trincheiras, passarelas, vias expressas materializam o mundo urbano da velocidade e dos grandes corredores direcionadores de fluxos, nos rápidos deslocamentos que não permitem travessias, atravessamentos ou encontros inesperados. Rígidas maquinações que impossibilitam outros movimentos, novas formas de estar no espaço ou devires fora do domínio da urgência. Os espaços públicos de circulação se tornam então propriedade do capital, suporte de vitrines, adereços do consumo, com reduzidas possibilidades de construções inventivas ou aglutinadoras.

Na fronteira entre Belo Horizonte e Nova Lima, um novo centro urbano absorve a demanda por áreas residenciais e de negócios para as classes abastadas da capital, alterando substancialmente a paisagem e os cenários, fazendo surgir uma outra Nova Lima, com alto padrão de consumo e tecnologia, ligada aos modelos internacionais de ocupação do espaço e ao estilo de vida das megalópoles. Ali está instaurado o ritmo acelerado da metrópole, a alguns metros de matas e montanhas, rapidamente recortados pelo tecido viário. A rápida ocupação dos espaços, com a implantação de grandes empreendimentos imobiliários, aumentou, em grandes proporções, o fluxo de veículos na região.

Eu vejo que o que vai acontecer, que na verdade já está até acontecendo, é que isso vai gerar um bloqueio no acesso à cidade, pra Belo Horizonte. Realmente o número de casas oferecidas, de espaços, de habitações oferecidas, se forem realmente ocupados, com o número de vias ofertadas, isto está completamente descompassado. (Rodrigo).

O trânsito se torna então um dos maiores problemas para o novalimense e para a vida na cidade. Com o significativo aumento do número de carros em circulação e estrutura viária insuficiente, o dia- a dia do cidadão se tornou penoso e seus deslocamentos tumultuados e atravancados pelo excesso de fluxo e pela estrutura viária insuficiente.

Eu já viajei, às vezes eu falo com o pessoal daqui de casa, é a única estrada, rodovia que você vê movimento pra lá e pra cá o dia inteiro, de madrugada, tudo tem. Você viaja aí oh... quilômetros e quilômetros aí, você passa, tem distância que você passa e não encontra com um carro..., aqui não, é pra lá e pra cá o dia inteiro, a noite inteira e a madrugada inteira. E, por exemplo, esses condomínios, eles fazem isto, eles não pensam que o pessoal daqui tem que trabalhar lá, então você sai daqui, você vai para escola, você vai trabalhar ou qualquer outra coisa, é uma dificuldade para você chegar, porque chega ali na trincheira ali e pronto, pára. (Irineu).

A concentração de prédios residenciais, condomínios e centro de negócios e entretenimento na região denominada Seis Pistas, no Vila da Serra, no Belvedere trouxeram

um fluxo de carros e do transporte coletivo que alterou significativamente o acesso do cidadão novalimense a Belo Horizonte.

[...] neste sentido de você sair daqui, ir para Belo Horizonte, antigamente você ia com alguns minutos, hoje você leva mais tempo. Outro dia eu fui cedo lá, tinha consulta marcada lá e quase que eu não chego, porque quando chega ali depois da trincheira, o negócio ali custa, porque é justamente horário de pico para aquela região lá, você custa a passar ali. (Irineu).

Rodrigo compara essa situação a de outras metrópoles, que vivem esse tipo de estrangulamento:

Então é isso mesmo, é virar tipo o que nós temos em São Paulo, que é o Barueri ali, pra o antigo Alphaville ali, o Alphaville velho lá, que era uma maravilha a quinze minutos de S. Paulo, e hoje, pode esquecer né, só se for de helicóptero. Você gasta uma hora e tal pra chegar no lugar. (Rodrigo)

Na sede do município o grande afluxo de carros também causa transtornos:

Nova Lima pelo crescimento, você já viu que a cidade tem um número de carros muito maior que a cidade poderia suportar, então vem o problema de você não ter onde estacionar, então a gente morre de rir deles falarem assim: “Compre em Nova Lima”, compra como? Quem não pode andar, que tem dificuldade de andar, não tem onde parar no centro da cidade, aqui é morro, quem é que vai subir com compra? Subir ladeira carregando, por exemplo, compras? Não tem jeito, então o engarrafamento, o local de estacionamento, não tem, Nova Lima não tem. É, Nova Lima está sofrendo as consequências do crescimento que não foi planejado. (Wânia).

É, porque o progresso, ele facilita pra uns e dificulta para outros, por exemplo, hoje para você sair, para você ir na rua é uma dificuldade, você vai de carro, você tem quase que deixar o carro na porta da sua garagem estacionado, você vai de carro e volta a pé para onde você tem que ir, você sai de casa e quase que você deixa o carro em casa mesmo. (Irineu).

Você não tem aonde estacionar seu carro, isso é meio ambiente, você não tem aonde estacionar o seu carro, ou seja, você faz parte daqueles que querem ter um carro, têm um carro, mas negam o direito do outro de ter, ok! Eu acho que isso é basicamente o meio ambiente de Nova Lima e quando eu falo do carro, eu estou falando da montanha. (Rita).

A questão da reduzida área disponível para os moradores da sede é citada como agravante para o problema:

As casas do centro de Nova Lima, do centro da sede, rara a casa que você tem hoje uma horta ou um jardim, porque fez um puxadinho, construiu, então não tem nem garagem. Não tem o espaço da garagem porque todo mundo foi construindo ali, porque a cidade não tem terra, a terra está na mão de três grandes empresas ou de especuladores, é caríssima, caríssima. Então você não vai gastar terra para construir garagem, no lugar da garagem você vai construir a casa do seu filho e ele, que tem o carro e o outro, vão botar ali na frente, então você tem isso aí cada vez mais e mais e mais. (Rita).

A violência no trânsito e a alta velocidade dos veículos se chocam com os hábitos e a rotina dos moradores:

Então as minhas duas filhas que moram, estudam em uma escola que fica a menos de trezentos metros têm que ir e voltar com alguém acompanhando, não porque elas vão ser assaltadas, mas porque o número de veículos está aumentando demais. A gente está em um certo local que não era desta forma, não adianta ter quebra mola, três, quatro, cinco, um do lado do outro, porque a pressa é demais. (Fernando).

Dona S. R., mexe com idoso, mexe com o grupo de convivência do idoso, ela toda segunda feira ela está aqui na rádio, ela fala assim: “mas você leva dez minutos tentando atravessar a Santa Cruz e quando você vai atravessar vem um motoqueiro e te ameaça”, ou seja, um idoso, não é o idoso não, a criança, o idoso, qualquer pessoa tem pavor das motos. Quando a gente fala em segurança a gente pensa só em crime, mas é a segurança da minha vida, o cara passa e me passa a moto por cima. (Rita).

A MG-30, recentemente ampliada, é motivo de orgulho e admiração, apesar de serem apontados aspectos preocupantes como a alta velocidade e a falta de espaços para pedestres e ciclistas, dentre outros. “A estrada, por exemplo, de Nova Lima para Belo Horizonte, melhorou, a gente não pode falar. Nossa Senhora, a duplicação daquela estrada foi um ganho, né?” (Wânia).

[...] a iluminação pública em termos de transporte melhorou, é muito bom uma estrada iluminada até Belo Horizonte, até o Alphaville, tem um trecho de Nova Lima bastante iluminado, asfaltado, mas não tem outro olhar que não seja do carro. Duplicação da estrada, não tem lugar pro caminhante, não tem lugar pro ciclista. Uma faixinha de um metro, não vai onerar mais nada, mas não se consegue ver isto. Nego quiser ir, não vai. Não tente ir a pé pra Belo Horizonte, o risco é muito grande, não faça isso. (Rodrigo).

O trânsito de Nova Lima piorou assim, isso em 6 anos que eu estou aqui, o trânsito piorou demais. Muito carro, a cidade muito pequena, não tem como estacionar, no centro de Nova Lima, eu falo pelo centro. Eu acho que isso aí é nítido. A estrada violenta, acho que essa estrada aí é muito violenta! O que é muito diferente daquela outra estradinha que tinha antes, que ia todo mundo devagar, muita curva, muita árvore. Abriu, ampliou, quatro pistas em que você corre e chega na cidade, que continua a meesma cidade. Tudo é simbólico, né? (Mirtes).

Podia ir todo mundo de bicicleta, não precisa ficar levando de carro, as mães nas portas. O próprio Colégio Santo Agostinho, se tivesse uma ciclovia, muitos meninos podiam vir de bicicleta, tranquilamente. A meninada? Sobe e desce ali fácil. Não tem, comé que faz? Tem que levar. Mais um carro na estrada, aí começa a dar engarrafamento... Agora é pior, faz a estrada que a gente acha que é pra acesso, aí vem um belo dum assessor da prefeitura e fala que “brevemente teremos uma Raja Gabaglia”, com a boca cheia, e tá caminhando pra isso... Breve vira a Raja Gabaglia, “tudo que a gente quer”, né? (Rodrigo).

A precariedade do transporte coletivo deixa desatendidas as populações que residem nos bairros localizados ao longo da rodovia, que sofrem dos extremos da atual condição do trânsito: os perigos da travessia da pista onde os veículos passam a 120 por hora, causando

inúmeros atropelamentos e a falta de espaço nos ônibus e lotações que se dirigem ao Shopping, Vila da Serra, Alphaville, Belo Horizonte, Contagem.

Cresceu tanto e pelo local que a gente tá morando aqui, a gente não tem ônibus porque o ônibus sai do centro da cidade, quando ele chega aqui já está lotado, não tem como descer e nem como subir mais e hoje está todo mundo com a cabeça assim cansada. Não adianta a gente ter grandes empresas próximas daqui, sendo que a gente não tem como se locomover para lá, não tem, dá medo de ir, tanto de ir como para voltar. (Fernando)

A cidade sobre rodas não dá trégua ao pedestre. Instaura sua rotina alucinante, seus engarrafamentos colossais, seus motores barulhentos, sobre os dias e as noites dos moradores. Os movimentos da cidade que não dorme, continuam presentes, nos altos sons dos carros e das casas noturnas, nas luzes que não se apagam, no ritmo ininterrupto.

O que evoca o urbano com mais força? A profusão de luzes, à noite, sobretudo quando se sobrevoa uma cidade – o fascínio das luzes, dos neons, anúncios luminosos, incitação de toda espécie – a acumulação simultânea das riquezas e dos signos. (LEFEBVRE, 1999, p.109).

A cidade das luzes que não se apagam afasta o que restava da fauna da região e mantém de sobreaviso o sistema: uma pequena falha e toda essa montagem desanda, fábricas param, aparelhos entram em pane, shoppings se trancam para não serem roubados. Blackout, liberando o negror dos tempos, sufocado por camadas de falso brilho.

#### ***4.2.2 Nos vãos da cidade***

*“Eu te vejo sumir por aí  
Te avisei que a cidade era um vão  
na sua mão.  
Olha pra mim,  
Não vai lá não.”*

(Vitrines; Chico Buarque).

Na cidade as pessoas se perdem de seus vínculos, de seus roteiros, de sua história. Na rua os rostos passam incessantemente, em *flashes*, evocando significados e emoções que não se concretizam em movimentos, contatos. Na multidão não sou ninguém, perco meu rumo. As massas têm vida própria, anulam a racionalidade individual, arrebentam barreiras, mudam sistemas.

A visão da cidade como um grande gargalo que engole e despeja multidões sem rosto, massa despersonalizada que não distingue singularidades, está bem expressa na hora do *rush*, com suas intermináveis filas de ônibus, os metrô abarrotados de pessoas que não se falam, nem se olham.

Sennett, fala das imagens modernas sobre a multidão como o modo espontâneo de expressão das mais baixas paixões humanas, “a multidão é o homem-animal libertado de suas rédeas” (1988, p. 364), e como essa imagem passa a adquirir um caráter explícito de classe, em que essas manifestações passionais viriam de subclasses ou de desajustados sociais, imagens coladas às chamadas classes perigosas, evitadas, impedidas, imobilizadas. Estas imagens das multidões se ampliariam nas idéias de comunidade, que aparece, então, como refúgio e defesa contra a turba sem rosto. “O quê que vocês estão fazendo aí? Não pode ficar andando por aí não. Vocês não viram a cerca lá em cima?” (Valter).

Dentro do modelo moderno de cidade racional e planificada, em que a rua se configura “como espaço próprio aos carros, inadequado aos homens”, a circulação se instala como atividade soberana e independente dos prédios, construções e da vida que aí pulsa. (MAIOLINO; MANCEBO, 2005, p.7). O gigantismo e a fragmentação, a ausência de contatos e de evocação de lembranças significativas, impede que se forme uma imagem afetiva da cidade que possa ser apropriada pelo cidadão.

[...] se com frequência se esfacela para os habitantes a possibilidade de apreensão do espaço urbano, se este se torna extremamente fragmentado, incapaz de ser capturado e memorizado, o que se esmaece, em última instância, é a possibilidade de se constituir sentidos para o território. (MAIOLINO; MANCEBO; 2005, p.8).

Vários entrevistados falaram da dificuldade em reconhecer os contornos dessa Nova Lima que cresceu, se modificou e como se sentem perdidos nessa nova cidade.

Eu acho que é tudo isso que eu estava falando antes, que Nova Lima está se perdendo. É uma cidade onde as pessoas ainda gostariam de estar sentando na calçada e ainda sentam. Você passa em alguns bairros desses por aí, Mingú, Cristais, Vila Operária, as pessoas ficam sentadas na porta da casa, elas ainda cultivam aquele hábito, mas por outro lado fica uma cidade tão cheia de carro, tão entupida, tão tolhida, barulhenta, poluição auditiva, essa coisa toda que as pessoas... Eu acho que é um negócio muito..., é uma contradição, dessa forma provinciana de Nova Lima ser, que mantém a estrutura, a identidade cultural dela e esse outro lado aí. (Rita).

Há uma variedade de percepções e sentimentos com relação à Nova Lima que cresce e se fragmenta, que progride ampliando espaços, provocando mudanças nas maneiras limitadas

e cristalizadas de ver e se inscrever no mundo. Quem vem de fora gosta desse crescimento, que torna a cidade mais atraente, dentro dos padrões urbanos esperados:

[...] quando eu cheguei em Nova Lima, eu achei nossa! que cidade simples, pobre, eu até não gostei muito. Não tinha desenvolvimento nenhum, a cidade era até muito feia, bonita pela natureza, agora foi crescendo, crescendo, crescendo, agora eu não quero sair daqui mais não. (Alice).

Eu acho que esse crescimento não deixa de ser interessante não. Eu gosto, sabe, de estar próximo das novidades, nós não podemos ficar igual mais uma tribo escondida, intocável. Nesse sentido eu acho bacana, desde que se respeite determinadas questões. Se essa chegada (da cidade grande) for organizada, com respeito às pessoas que estão aqui, respeito à questão da ecologia, eu acho que se as pessoas quiserem tirar proveito disso, elas vão tirar. Mas eu acho que elas têm que se organizar em classes, estarem reivindicando determinadas coisas. (Mirtes).

Os “nativos” ponderam:

Eu acho que está aí, você não pode negar, você tem que se preparar, mas eu não acho vantagem nenhuma em crescer demais, eu tenho certeza que não tem nenhuma mãe de adolescente que goste de ver o filho dela, pisssss! De repente não cabe nas roupas né, não cabe nas roupas, não cabe na porta, não cabe... Crescer todo mundo quer que cresça, mas o ritmo está rápido demais, a palavra sustentável fica muito difícil, não tem jeito de se crescer nessa rapidez com sustentabilidade... (Rita).

Eu sinto assim que a Nova Lima era uma terra, mas uma terra ecológica, não seria um pólo de apartamentos, condomínios que viriam todos para cá. Quando a cidade foi crescendo em torno de outros redores, aqui pra mim seria o lugar de tranqüilidade; não foi. De repente, virou um local para ser explorado mesmo, mas mais para o lado econômico, sócio-econômico, do que pela natureza que a gente tem. (Fernando).

Há a Nova Lima que resiste e que permanece dentro de padrões de convívio e relações de pertencimento e solidariedade próprios a um momento anterior, em que a sociabilidade se constituía em valor para os habitantes, e também, a Nova Lima dos atrasos políticos, do clientelismo, da subserviência ao domínio das mineradoras e suas ramificações.

Eu identifico essa forma de viver, que eu estou falando, provinciana, umas vizinhas da minha mãe que ainda põem a cadeira do lado de fora e ficam conversando no fim da tarde, isso eu vejo não é só lá na rua da minha mãe, não. Você passa ali do lado da igreja de Santa Efigênia, tem aqueles caras que ficam sentados naquele banquinho ali, qualquer hora que você passar eles estão ali sentados naquele banquinho, tem aqueles que sentam ali do lado da Câmara, na frente, tem aqueles que sentam debaixo daquela árvore lá na praça do mineiro, ok? E cada lugar da cidade tem . Tem uns que sentam em frente à igreja do Rosário, temos quem senta aqui em frente em um poste caído e no Matozinhos em Bicalho, então isso é espalhado pela cidade. Mas Nova Lima continua sendo ainda: se seu filho precisa de um emprego você vai pedir para um vereador, então continua sendo assim o estilo político. Vem um supermercado para cá, abriu uma seleção, deu gente, a fila até..., tiveram que fazer dois ou três dias, quando estava previsto para uma manhã, mas todo mundo já sabe que quem vai é o que o vereador indicar, é o que o secretário

indicar, mais ou menos uma coisa por aí e esse tanto que as pessoas vão atrás e vão cultivando este esquema. (Rita).

Alice, psicóloga, vê o lado positivo desse crescimento e diz que devemos nos adequar a essas mudanças:

Toda mudança traz o lado positivo e o negativo. Acho que positivo é o crescimento geral da cidade, a nossa região ali de trabalho, como que ela está cheia agora de indústrias, fábricas de Belo Horizonte mesmo, que vieram para cá e empregam pessoas da cidade e também de fora, mas acho que a maioria seja da cidade. Então dá mais oportunidades para as pessoas que não trabalhavam, que tinham que acordar cedo para ir a Belo Horizonte, deixavam filho, família, então é o lado positivo. [...] eu acho que a gente tem que ressaltar é o positivo mesmo, é o crescimento, a gente tem que caminhar para isto, a gente tem que se adequar a isto. A sociedade evoluiu também, junto com a cidade, né. (Alice).

Também é destacado o aumento nas oportunidades de trabalho, estudo e contato com novas possibilidades de ampliação pessoal e coletiva: “Com as mudanças de governo, novas empresas vão surgindo, novos cargos, a gente está tendo oportunidade de viver aqui, viver bem e também trabalhar.” (Alice).

[...] cresceu, cresceu a cidade, cresceu o comércio, cresceram as atividades né, de prestação de serviço, essas coisas, e mesmo com os condomínios, que é essa mão de obra aí que também eles estão absorvendo, que é empregada doméstica, arrumadeira, passadeira, lavadeira. Esse pessoal está tudo indo para aí, pedreiro, essas funções, né. Por outro lado vai também acarretando uma série de outras coisas, afeta o meio ambiente, afeta uma série de outras coisas, fica mais caro, a vida fica mais cara. Então é o de sempre né, você cresce, aí você tem que aumentar o tamanho da roupa, do pano, então você vai gastar mais, para você crescer, você tem que passar por isto, tem um preço, tem que pagar por aquilo, tem que pagar mais caro, né. (Irineu).

Ao mesmo tempo se sublinha a precariedade dos trabalhos oferecidos, a baixa capacitação da mão de obra local e a vulnerabilidade das ocupações:

Nova Lima não tem como, Nova Lima vai ser sempre cidade dormitório, a não ser que os arredores se transformem em pólos industriais. Eles estão tentando? Tão. A gente vê que tem muita indústria implantada aí nestes últimos anos, mas ainda não absorve a mão de obra, e outra coisa, Nova Lima não tem mão de obra especializada, então às vezes eles são obrigados a buscar gente de fora, e aí vem esta migração que está vindo para cá e Nova Lima é uma cidade boa de se viver, não é isto? (Wânia).

[...]meus alunos sempre estão fazendo algum trabalho, estão sempre conseguindo um trabalho, ou seja de professor, ou com computador, o outro trabalha com marketing, eles trabalham muito nessa área. Salão de beleza, empregada doméstica, então todos têm trabalho, não vejo que nenhum passe dificuldade de arrumar, de conseguir um trabalho. Mas é também tudo muito vulnerável, por pouco tempo, saem. Na minha área, por exemplo, é uma área delicada também, onde tudo é muito temporário. A gente não consegue um trabalho de alunos mesmo de teatro, gente

que quer trabalhar com teatro, por exemplo, aqui em Nova Lima, a gente não consegue, aí a gente leva os meninos pra fora, pra trabalhar com a gente em BH. (Mirtes).

### 4.3 Territorialidades

#### 4.3.1 Nova Lima são muitas

A grande extensão territorial de Nova Lima, entrelaçada, em grande parte, ao território belorizontino, cria dificuldades administrativas e complicações geradas pela diversidade de situações, padrões sociais, formas de se viver.

Nova Lima tem quase cem por cento de seu território em uma região extremamente rica do ponto de vista ambiental, isso é grande demais para a gente poder preservar. Vinte e cinco por cento da Apa Sul<sup>15</sup> está em Nova Lima, isso é grande demais para a gente poder dar conta, por isso que eles movem daqui, pra acolá, né. A Vale do Rio Doce é grande demais, você está entendendo? A cidade é grande demais nesse sentido, a renda que a prefeitura de Nova Lima ganha é grande demais para uma cidade de sessenta e nove mil habitantes, as possibilidades da cidade são grandes demais. É tudo que quando você fala que Vale dos Cristais vai ter vinte e cinco mil pessoas, todo mundo olha assim: “quê isso!”, que uma cidade, cinco cidades, né, então assim é tudo muito grande, muito grande. A gente não pode..., para resolver os problemas da cidade, a gente não pode pensar pequeno, não tem jeito de pensar pequeno. (Rita).

Esse grande território, constituído por múltiplas trajetórias, é percebido pelos entrevistados de variadas maneiras, às vezes de forma contraditória: uma Nova Lima fugidia de contornos pouco distintos, outra que permanece com uma identidade delimitada por antigos modelos, ainda uma outra que se lança por novos caminhos, novos perigos.

Acho que Nova Lima são várias. Essa frase é perfeita. Cada lugar é um lugar distinto. Porque se você pensar que Nova Lima começa ali naquele portal, porque você tem que pensar nisso, isso é real. Eu passo ali todos dias. Eu falo assim, é Nova Lima, porque é, o novalimense tem que assumir isto, tem que assumir esse lugar como dele também. Eu acho que ali é uma cidade completamente diferente. Cruzeiro, Santa Rita, José de Almeida é uma outra cidade. Os lugares, os espaços são muito diferentes. (Mirtes).

Dos vários cenários encontrados nas muitas “Nova Limas”, alguns foram especialmente citados pelos entrevistados, que aí residem e/ou trabalham, podendo se salientar os contrastes espaciais e de estilo de vida e se vislumbrar, em cada localidade, o

---

<sup>15</sup> Área de Proteção Ambiental-Sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

embate entre forças conservadoras ou de resistência e as forças de ruptura, muitas vezes invasivas e inadequadas.

Bairros do centro da cidade, Boa Vista, Vila Operária, Vila Passos, Retiro, Cristais, antes habitados pela população operária, ainda mantêm o convívio afetoso entre vizinhos que se relacionam intimamente, se apóiam e participam de uma expressiva vivência coletiva.

Nova Lima, ela é muito próxima da capital, mas ela conserva toda a característica de uma cidade de interior mesmo. Nova Lima conserva muito isto né, principalmente nós que moramos neste tipo de bairro aqui, igual Vila Passos, Vila Operária, pessoal é mais ligado, aquele vizinho que é mais que um parente às vezes né, então conserva muito isto. (Irineu).

Olha! Aqui ainda tem bairro, por exemplo, vou te dar a Boa Vista, eu falo que Boa Vista não faz parte de Nova Lima, eu falo que é uma rua só, todos moram naquela rua, então ainda há esse espírito, um espirra e todo mundo está ali, todo mundo sabe da vida de todo mundo, ainda é um pouco daquilo do passado, sabe? Esses bairros mais fechados, eles não sofreram tanto assim, influência ou transformações, lá ainda é muito o antigo, sabe? (Wânia).

Ao mesmo tempo, Sara, moradora da Boa Vista, reclama da descaracterização das fachadas dos bonserás, do asfaltamento da rua: “Colocou asfalto em tudo na Boa Vista, quando chega na ponte, quem tinha poder falou que não: a parte da Casa Grande da Morro Velho não foi asfaltada. Agora com esse escoamento de água quando chove, a água desce, até na ponte é uma cachoeira!”

Outras localidades, diretamente atingidas e atravessadas pelo “progresso” e pelas transformações sócio-espaciais, se ressentem pela quebra de condições básicas de convívio e pela instalação de modos de vida estranhos ao cotidiano dos moradores e que se impõem como modelo a ser implantado por todos. A vila José de Almeida encarna, dentre outros, o caso mais gritante dessa situação: cercado por condomínios, é o bairro mais distante da sede, no sentido Nova Lima/Belo Horizonte, fazendo fronteira com os condomínios Ouro Velho e Residencial-Sul.

[...] se não houver uma certa maturidade é um bairro que pode deixar de existir porque ele está fechado por dois altos condomínios e a pressão é muito grande. Eles pensam que uma vila de pessoas de classe inferior à deles não pertence, então eles estão vendo que a cidade nos quatro lados viraram condomínios, então está causando muitos problemas. (Fernando).

De características rurais, até a década de 80 tinha ruas sem calçamento, casas com grandes quintais, hortas, galinheiro, criação de porcos. Incrustado na Mata do Jambreiro, remanescente da Mata Atlântica, o dia-a-dia de seus habitantes era de intensa relação com a mata onde buscavam lenha, plantas medicinais e ornamentais, nadavam e faziam caminhadas

até a “represa da MBR” (hoje Vale), mineração que se desenvolveu ao seu lado, roendo a Serra do Curral e transformando a paisagem.

Os primeiros condomínios vieram, na década de 70, trazendo a proximidade com a classe abastada e com padrões de vida sofisticados, positiva em muitos sentidos, já que as possibilidades de trabalho aumentaram e vagas para domésticas, caseiros, jardineiros, lavadeiras, surgiram nas “Mansões”.

Era um terreno de fácil acesso, a gente não usava estrada, a gente usava trilhas, para se chegar até a BR. Eram poucos moradores do Vila do Ouro, Ville de Mansões que eram os bairros próximos, então a gente se sentia livre para andar, entrar e sair a qualquer hora. Aí então, não havia tantos condomínios e tantos moradores que nem imaginavam que era isto. Eles vieram procurando uma casa, em que eles pudessem passar o fim de semana só, são de outras regiões. (Fernando).

Atualmente, a realidade do bairro José de Almeida se transformou com os padrões discriminatórios e cerceadores impostos pelos novos moradores do Condomínio Ouro Velho, que entram em choque inclusive com os condôminos mais antigos, que não aceitam essas regras.

Os entrevistados Fernando e Mirtes, moradores do José de Almeida, falaram, em muitos momentos, dessa segregação e desses estranhamentos.

Dá uma questão de dor, a gente que construiu, nasceu e viveu aqui. De vez em quando a campanha toca: “Nós gostaríamos de saber se vocês têm o interesse de vender e tudo”, mas a gente não tem placa de vende-se lá fora... Às vezes eles fazem isto, mas no bairro também do José de Almeida tem muitas mansõezinhas começando a aparecer aí. (Fernando).

A região do Campo do Pires e Chácara Benito, também vive esse confronto com condomínios e empresas de vários ramos. Apesar das cercas e da segregação, alguns benefícios indiretos surgem, resultantes dos privilégios políticos de alguns grupos econômicos:

[...] na minha região tem a garagem da Via Ouro, que é uma empresa de Ônibus que é de Belo Horizonte, que agora coordena o transporte de Nova Lima, transporte de passageiros dentro da cidade. Eles só colocaram iluminação pública na região por causa da Via Ouro, porque a Via Ouro foi assaltada por pessoas de Belo Horizonte, os malotes da empresa com o recolhimento de todo o pagamento das passagens, aí exigiram: “vocês vão ter que iluminar tudo”, então a nossa região agora é toda iluminada. Antes nós procuramos a iluminação via prefeitura e ela dizia: “não! para você iluminar, você tem que pagar a iluminação da sua rua”, e como a nossa região não tem quase nada, fica muito caro para uma pessoa só. Ficamos no escuro por muito tempo, ficamos sem asfalto por muito tempo, era estrada de terra mesmo, na época da chuva era muito barro, aí, antes da Via Ouro chegar, asfaltaram, depois da chegada da Via Ouro colocaram a iluminação, então traz os benefícios para a cidade. (Alice).

O bairro do Galo, situado a meio caminho do município de Raposos, impactado pela presença da Usina de Ácido Sulfúrico e envolvido pela represa de rejeitos da mesma, também foi citado como lugar historicamente marcado pela poluição ambiental e pelo desrespeito às populações que ali residem. “Aconteceu isso no bairro do Galo, com o arsênico, o pessoal não tinha essa divisão que a gente tem no nariz, não. Ficou prejudicado o contato com a terra, a vegetação, tudo poluído.” (Ronaldo).

Honório Bicalho, Santa Rita, Bela Fama, localizados às margens da estrada para o município de Rio Acima, vivenciam dificuldades de outras ordens: desemprego, dificuldades com transporte, violência, drogas. A psicóloga Alice, que trabalha em H. Bicalho, fala sobre os graves problemas psicossociais da população:

Estas queixas estão entranhadas, acho que em todos que eu atendo, em alguns lugares mais que outros, por exemplo, em Honório Bicalho. É em Honório Bicalho é mais gritante, acho que a população é mais carente, é mais humilde, então o sofrimento parece que chega mais, mais cru, mais gritante. É uma clientela bem complicada. (Alice).

Alda, residente na região, se preocupa com a possibilidade do bairro “virar condomínio” e com as invasões de terra que presencia, apesar de ela própria ter invadido o terreno onde vive:

Quando eu morava em Honório Bicalho, eu morava na casa de minha sogra. Então meu filho teve uma crise muito forte de bronquite e eu tive que arrumar um terreno às pressas e eu invadi um terreno da Morro Velho. A gente construiu a casa de um dia pra outro, um barraco. Quando foi no outro dia, já tava lá dois policial e o carro da Morro Velho. Foram lá pra gente sair. Aí eu expliquei a situação, falei que eu tava disposta a pagar, mas tinha que ser do meu jeito, que eu pudesse pagar. Aí eles fizeram prestações pequenas pra eu ir pagando, acabou que quem pagou foi meu pai. Aí quê que aconteceu, meu pai pagou meu lote de duas vezes, eles não aceitam pagar de uma vez também não. Meu pai deu um bocado e deu outro bocado depois, de parcelado. Eles me deram um papel de compra e venda, escritura não tem não. Não consigo. Eu não pago imposto porque não tem nada. Tem vez que eu fico até com medo, de perder o meu lote. Porque eu tenho um papel de compra e venda simplesmente. (Alda).

O bairro Jardim Canadá, às margens da BR040, distante da sede do município, recebe migrantes de todo país em busca de trabalho e oportunidades. A grave situação social do bairro inclui urbanização deficiente, subemprego, alta rotatividade da população, falta de equipamentos públicos, violência. Dos entrevistados, Maura reside e Laura e José trabalham no bairro.

Porque eu tou lá no Jardim Canadá, a primeira vez que eu recebi a visita de parentes, eu não expliquei bem como era, só sabiam que era Nova Lima, então pegaram e foram para Nova Lima ali pelo shopping, quem disse que eles conseguiram chegar. Tiveram que ligar e eu fui direcionando por telefone. Eu acho assim que às vezes tem um preconceito com o bairro Jardim Canadá. Quando eu mudei pra lá eu senti isso, um, podemos dizer, choque de culturas. Quando você passa a viver lá é outra realidade. Mostra um bairro violento, com todas as dificuldades que todos os lugares têm, mas não é um bairro como é mostrado. É um bairro que tem a parte boa e a parte ruim, igual outros lugares têm. (Maura).

O choque dessa realidade com a de condomínios, como o Alphaville, *edge city* no extremo noroeste do município, é inevitável:

A diretora da minha escola lá no Jardim Canadá, ela morava no Alphaville e ela não pagava imposto. Durante dez anos, tem uma cláusula lá, que durante dez anos ela não paga nenhum imposto. Quer dizer, é um disparate, né. Por aí você vê que a coisa é desproporcional em todos os sentidos. (Lúcia).

Outros cenários, como os de condomínios, com variadas formas de inscrição no espaço e na vida da cidade podem ser citados. Alguns, como o Jardim de Petrópolis, são habitados por quem busca contato com estilo de vida interiorano, alternativo, como é o caso de Rodrigo:

Com isso, pra mim, viver em Nova Lima atualmente é excelente, muito bom, ainda com o acréscimo que é o lugar que a gente mora, que é o Jardim de Petrópolis. A gente conseguiu atrair pessoas muito interessantes, a gente vive numa comunidade muito gostosa, na base de muitas trocas, muita permuta, de companheirismo, de coleguismo, de ajuda mútua. A gente tá conseguindo viver isso lá e a grande maioria é de pessoas que vieram de Belo Horizonte e todo mundo com esse perfil, de querer viver numa cidade do interior, aproveitar da cidade do interior, o que ela tem de melhor e, se necessário, ir a Belo Horizonte pra algumas coisas, uma escola melhor, médico, o que for. Tem aquela questão cultural, né, pra ver um filme, ver uma peça... (Rodrigo).

Outras configurações, como Vila Castela, Conde, Vale dos Cristais, de altíssimo luxo, inteiramente apartadas do cotidiano de Nova Lima e seus moradores, aguçam, nos novalimenses, os sentimentos de desigualdade, exploração, invasão.

Essa multiplicidade fragmentada do território é percebida como preocupante e ameaçadora:

[...] então vai haver uma cidade que não vai ser uma cidade, cada bairro vai ter aquela individualidade, vão ser cidades em bairros né. O Alfaville vai ser uma cidade-bairro, Macacos vai ser uma cidade-bairro e Ouro Velho Mansões a gente vai dividir, é os ricos e os pobres; e isto está fazendo com que a cabeça dói né, dói muito. (Fernando).

### 4.3.2 Des-territorializações

*Por parte do capitalismo, a desterritorialização urbana vai de par com uma brutal territorialização sobre o rico e o pobre, o garantido e o não garantido. (Peter Pál Pelbart).*

O sistema capitalista, no seu atual estágio, provoca grandes desterritorializações no espaço das cidades, na vida das coletividades e nos territórios existenciais. Na chamada modernidade líquida se rompem as fronteiras geográficas e se constituem outras fronteiras, movediças, instigadas pelo capital fluante e pela busca de lucros instantâneos.

Os grupos sociais atingidos e excluídos pela grande máquina do capital se defendem como podem, se re-organizando, se re-territorializando em precárias condições de vida, buscando reproduzir fórmulas de ascensão ao sistema e modelos de sucesso baseados no consumo, no jogo das aparências, na forma de se vestir, de utilizar a tecnologia e, ao mesmo tempo, produzindo explosivas maneiras de se relacionar com a cidade e com as populações “bem garantidas”.

Em Nova Lima distinguimos desterritorializações evidentes, com as novas formas de ocupação, a diversidade das inscrições, as migrações trazendo realidades heterogêneas. Ao mesmo tempo, essa desterritorialização se dá, contraditoriamente, pela imobilização e pelo cerceamento das populações impactadas por todo esse processo de ocupação do território, acontecido à revelia de seus interesses e de seus desejos. A sede do município, cercada por grandes empreendimentos imobiliários e condomínios de alto luxo, com padrão de vida e estilos de morar correlatos aos das elites do primeiro mundo, se encontra sufocada e espremida no pequeno território que lhe restou. A sensação é de aprisionamento, impotência, sufocamento, expressos pelos entrevistados em suas falas. “Nós de Nova Lima, nós moradores, nós estamos sendo sufocados.” (Wânia).

Muitos grupos sociais podem estar ‘desterritorializados’ sem deslocamento físico, sem níveis de mobilidade espacial pronunciados, bastando para isto que vivenciem uma precarização das suas condições básicas de vida e/ou a negação de sua expressão simbólico-cultural. (HAESBAERT, 2006, p.251).

Também se desterritorializam os cidadãos quando as decisões são tomadas fora do âmbito de influência do município, em que a capacidade de entender e interferir nos rumos da vida social e na própria vida é drasticamente reduzida. “A generalização do uso do território se acompanha de seletividades de uso, governados por fatores estranhos ao lugar e à região.” (SANTOS, 2002, p.22). Enquanto “cada indivíduo se torna outro, mesmo sem sair do lugar”,

constituem-se processos de subjetivação que desembocam, muitas vezes, em adoecimentos, na falta de um mínimo de autodeterminação da vida e de manutenção de um “em casa” significativo.

Uma coisa está puxando a outra muito rápido, a pessoa pega um stress, ela pega uma doença, ela está indo para assistência e para o tratamento, ela está optando pelas drogas, sabe, porque está correndo demais, não é por culpa deles, é culpa talvez do mundo que está crescendo demais, mas há meios ainda de concertar a cidade. E a tendência é que as pessoas vão adoecer muito mais rápido, até os loucos pouquinhos que andavam pela rua, há uns anos atrás, eles nos cumprimentavam, eles aceitavam os alimentos. Hoje a cidade tem investido para não haver este tipo de tratamento, mas tem que haver isto também, isto faz parte da humanidade. (Fernando).

Desterritorializamo-nos nas grandes perdas, no desemprego, nas doenças, separações e na grande desterritorialização da morte. Também a violência, o desrespeito, a humilhação, a segregação, provocam rupturas nos territórios existenciais construídos com amor e luta.

A perda das terras natais, lugares onde o nosso “em casa” se dá de maneira mais suave e natural, constitui marca de nosso tempo de drásticas discontinuidades e fragmentações, que nos fragilizam, nos deixam literalmente “sem chão”. Toda essa fragilidade, a serviço da grande territorialização capitalística, globalitária, por sua vez subordinada ao crescimento da lucratividade, nos impede as re-territorializações criativas. “Uma imensa máquina produtiva de uma subjetividade industrializada e nivelada em escala mundial tornou-se dado base na formação da força coletiva de trabalho e da força de controle social coletivo.” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 39).

A longa história de privatização do território e expropriação das riquezas, em Nova Lima, fez com que toda uma rede composta por instâncias oficiais e extra-oficiais, governos, instituições sociais, religiosas, times de futebol, clubes de lazer, ONGs, se coloque a serviço da manutenção do domínio das mineradoras, e agora de suas subsidiárias e parceiras, impossibilitando livres manifestações, livre movimentação e a construção de espaços políticos que modifiquem essa situação.

Então eu acho que essa questão do espaço, não foi pensada, a coisa ficou aí. Eu vejo inclusive, a Anglo Gold, anos atrás fez aquela exposição dos projetos dela pra cidade: nada, absolutamente nada pensado pra população local. Tudo pra atrair as pessoas de fora, ou as pessoas mais endinheiradas da cidade, mas para a grande população, população que de fato é carente... (Rodrigo).

No cerne da questão da desterritorialização em Nova Lima estão os chamados Condomínios, espaços fechados em que a elite se isola e se defende do outro ameaçador: os não garantidos pelo sistema excludente, que não comungam da confraria dos grandes consumidores, mas almejam aí estar presentes. Grandes re-territorializações estão presentes

na modelagem intramuros dos enclaves das elites, com padrões exclusivos em termo de arquitetura, urbanização, estilo de vida. Nessas ilhas de bem-viver se repetem clivagens de classe, bastante homogêneas e avessas às influências externas e à vida que se desenrola na cidade.

#### 4.4 Invasões civilizadas

O impacto das novas realidades que se desdobram frente ao cidadão novalimense nos últimos anos é grande. “Como quinze anos reduziu, eles trabalharam tanto em quinze anos, que parece que tem trinta ou quarenta. O efeito foi muito forte. Teria que ter feito um estudo muito prolongado ao longo do tempo.” (Fernando).

O sentimento de invasão da cidade, do bairro, da vida também está presente. Os entrevistados usaram, muitas vezes, uma terminologia de guerra para dizer da chegada avassaladora da metrópole, dos condomínios, dos novos moradores ao território novalimense.

Olha, eu noto, por exemplo, uma expansão de casas, de condomínios, uma invasão, assim que Belo Horizonte está invadindo Nova Lima e que aquela região tranqüila, natural, está virando muito concreto agora. Mas eu sinto que as empresas estão vindo para cá também, as pessoas estão tendo mais oportunidades, o profissional é mais valorizado. (Alice).

Ah podia arrumar uma tropa de choque aí, para parar com eles, que eles ficam pra lá e nós prá cá, né. Ah sinto, sinto... eu lembro na época das campanhas, eu fui em Macacos, Macacos era só aquela ruinha ali, né. Aí nós estávamos conversando com as senhoras de lá, as mais velhas, e elas reclamando que estavam começando a construir em volta, o pessoal construindo casas, mansões lá e tal. Então eles já estavam sofrendo o problema, elas já estavam sem água, enquanto eles estavam construindo piscinas, né. Isto vai acontecer com a gente também, vai pegar nossa água. (Irineu).

Eu acho que retrai. A chegada dessa maneira gera... ela retrai, ela é diferente da nossa chegada. São chegadas distintas. Você chega devagar, vendo o que aquele lugar tem, respeitando aquele lugar, tentando somar com aquele lugar, é uma coisa. Agora, se você chega, só pra mais uma vez levar o ouro daquele lugar, retrai. Eu acho que é complicado pras pessoas, nesse sentido, não é bom. (Mirtes).

Falou-se de invasão dos lugares e também de invasão da vida por rostos estranhos, pelos carros, pelos prédios que se reproduzem velozmente, pelo asfalto. Invasão de ritmos de vida, pela aceleração da cidade, do capital globalizado que não tem barreiras. “A gente, as ruas públicas eram usadas até para jogar uma partida de peteca, mas como chegou todo mundo, agora está perigoso. Nossas praças vão acabar, se continuar desta forma, porque a região está muito próxima da capital, que já cresceu por todos os lados.” (Fernando).

Aparece também o sentimento de desvalorização da cidade e de seus moradores, cidadãos de segunda categoria, alienados das destinações dadas aos espaços:

[...] devastada pelo homem para..., vamos dizer para o seu bel prazer, né, estão fugindo da cidade para vir..., vamos dizer assim, chamando Nova Lima de uma zona rural, considerando Nova Lima uma zona rural e nós é que vamos sofrer as conseqüências disto, vamos sofrer não, nós estamos sofrendo. Nós de Nova Lima, nós moradores, nós estamos sendo sufocados. (Wânia).

A nova situação urbana em que a cidade e sua população foram envolvidas gera um sentimento de impotência e inadequação aos padrões exigidos pela nova população que chega, pela tecnologia e arquitetura avançadas. Nova Lima e os novalimenses parecem ser obrigados a “correr atrás” para alcançar o ritmo da metrópole. Mirtes se refere a uma falta de preparo da população para receber essas transformações e suas conseqüências:

Eu acho que tem que ter uma preparação da cidade, que vem da educação, da arte, da cultura, uma preparação para um fortalecimento para as pessoas receberem isso, porque isso tudo é mutável. As cidades elas não são iguais, elas sempre se transformaram e tudo, mas a população tem que estar preparada e preparada emocionalmente mesmo, e esse emocionalmente, na minha opinião, ele vem através do fortalecimento da educação e da cultura, né. Pra você não ter medo do outro, não se achar pior ou inferior do que o outro. E pra não haver embate também, porque se retrai há o embate, “você estão invadindo esse lugar, isso aqui é nosso”. Isso não é de ninguém, é de todo mundo. Todos nós temos direitos iguais, podemos morar, em Nova Lima, podemos morar em BH, podemos morar em São Paulo, onde a gente...não é? Aí eu acho que falta esse preparo mesmo. (Mirtes).

O marketing que transformou a região de Nova Lima em objeto da cobiça e dos sonhos das elites metropolitanas, alterou a imagem da cidade, vista como cidade rica, símbolo de status, uma ilha de bem viver no meio da agitação e da violência da metrópole:

Minha menina estuda na Federal, quando fala que mora em Nova Lima, “ah, a casa dela é uma mansão, mora em condomínio, o seu pai é muito rico... É qual o condomínio?” Eu quando eu vou lá no Shopping, por exemplo, e perguntam qual é meu bairro, eu falo assim com toda pose “Vi-la Pás-sos”, se falar Vila Passos é meio caído né (risos), para eles achar que é assim um Ville de Montaigne. Agora quando vem assim, é, aquela novela que passou agora, a Portelinha, é a mesma coisa aqui. (risos) (Irineu).

As conseqüências dessa visão colada ao município, para as populações pobres, são várias, como as dificuldades geradas pelo aumento do custo de vida e a insatisfação com relação às brutais desigualdades instaladas.

[...] quando eles fazem cálculo da renda per capita da cidade, eles fazem colocando este pessoal de condomínio e não é isso, né. Então isto aí tá ficando igual cidade de praia né, turista vai para lá, os preços vão lá em cima, aí é o público que paga

depois, o povo de lá é que paga, então aqui também é assim, você acaba pagando por esta proximidade. É outro padrão. (Irineu).

Essas desigualdades são sentidas na arquitetura e urbanização dos bairros e condomínios, nas oportunidades de trabalho, lazer, educação e cultura, nas perspectivas de vida.

Pra nós que trabalhamos com cultura, a gente corre o risco de mandar projetos pra lei de incentivo e o pessoal falar assim “Nova Lima não precisa, Nova Lima é rica.” E nossos projetos não são para os condomínios, é pra cidade, porque Nova Lima tem um centro mais pobre e a periferia rica, é o inverso das outras cidades. Então a gente tem que dizer “vocês não conhecem Nova Lima”.

A gente ganha os prêmios, mas como a gente não tem mídia, a gente tem que ficar muito atento, porque ... O Grupo X está construindo uma sede gigantesca aqui em Nova Lima, no Vale do Sol. Eles têm um tipo de trabalho que é complicado, eles têm uma postura, são muito jovens, pais muito ricos, então tem essa coisa de chegar e dominar mesmo. Eu morro de medo, nós temos que nos organizar, eles têm que ter espaço pra eles, o Grupo Y também vem, tem que ter pra todo mundo, mas é aquela história, a gente não pode perder espaço pro grande, praquele que é mais famoso. Os trabalhos são legais, mas tem que valorizar o trabalho das pessoas aqui de Nova Lima. Eu falo com os meninos, “vocês têm que montar grupo, gente, têm que criar um CNPJ pra vocês, pra gente criar uma associação das artes cênicas”. É só assim que a gente se fortalece, a gente não se fortalece sozinho. (Mirtes).

#### **4.4.1 Guetos de luxo**

A tentativa de se manter em âmbito íntimo e restrito as relações e os contatos, o que permitiria uma confortável alienação quanto às alarmantes condições sócio-políticas do nosso tempo, tem gerado aberrações urbanas, com o isolamento de grandes áreas das metrópoles para as elites e o surgimento de territórios precariamente ocupados pela pobreza.

Condomínios fechados, redutos feudais, tentam reconstituir uma forma ideal de vida comunitária, em que o estranho fica de fora. O que não faz parte do imaginário de uma vida bucólica e tranqüila se torna o inimigo. A partir disto, novas modalidades de condomínios fechados estão sendo construídas, reproduzindo pequenas cidades do interior, particulares, com sua pracinha, seu pipoqueiro, suas casas ao redor. Esquecem-se de que não há muralha que proteja contra a áspera realidade dos excluídos, presentes, no seu rico dia a dia, como domésticas, jardineiros, vigilantes, porteiros ou como possíveis agressores ou violadores.

Os condomínios, lugares de status, planejados para marcar e delimitar as diferenças sócio-econômicas, são formulações atualizadas, aperfeiçoadas no espaço-tempo, das tradicionais divisões do espaço urbano em bairros e regiões da elite e os chamados bairros populares, disposição que, no contexto atual, deixou de oferecer os requisitos básicos de

segurança e isolamento para as classes médias e altas. É importante destacar como uma sociedade globalizada, dita pós-moderna, que preconiza a descentralização e a ruptura das fronteiras gerou, em seu âmbito, essas estruturas medievais de caráter marcadamente separatista, pequenos feudos, onde a individualidade é supervalorizada. Nesses condomínios o item segurança vem em primeiro lugar, o que implica em impedir a livre circulação no seu espaço e em passar em revista qualquer cidadão que queira entrar nos seus “domínios” ou mesmo, que esteja nas imediações em “atitude suspeita”.

Esses espaços fechados criam um mundo à parte, paradisíaco, onírico, de total homogeneidade e de gozo pleno. Nesses sistemas voltados “para dentro” a realidade, a diferença, as contradições ficam de fora, fora dos muros, das grades, das cercas eletrificadas. A privatização da natureza, dos recursos naturais, dos cursos d’água e da paisagem impede que a população vizinha desfrute desses bens públicos e reforça a postura fortemente egocêntrica e alienada dos seus privilegiados moradores. Esses cidadãos de lugar nenhum se vinculam, nos casos extremos, unicamente a uma central operacional que promove o bom funcionamento interno; nos melhores casos a uma organização de condôminos para gerenciamento dos aspectos do cotidiano.

As grandes corporações, as megaempresas e os serviços classe A estão encastelados em espaços inacessíveis, ultra vigiados. O acesso a esses locais é propiciado por dispositivos e tecnologias estranhas ao cidadão comum. O sistema capitalista, que gerou toda essa gama de segregações e contradições e a insustentabilidade social e econômica, cria agora mecanismos para se defender de si mesmo.

A alteração do modelo centro-periferia, até então prevalente nas grandes cidades, trazendo a fragmentação do espaço urbano e o aparecimento de novas centralidades teria consequências já visíveis: agravamento dos conflitos sociais; aumento da poluição, do número de congestionamentos e do tempo de locomoção; maior consumo de recursos naturais (água, energia elétrica e combustíveis fósseis); maior incidência de problemas de saúde e causas de óbito (obesidade, acidentes de trânsito, problemas respiratórios, neoplasias); aumento dos gastos públicos com saneamento, segurança, saúde e educação (OJIMA, 2008).

A nova terminologia, criada para identificar variações, aperfeiçoamentos e amplificações no processo de apartheid urbano ligado aos grandes condomínios classe A, inclui as *Edge Cities*. Este conceito, surgido nos Estados Unidos na década de 50, prevê áreas planejadas no entorno das grandes cidades que incluem residências, escritórios, shoppings, serviços. Hoje existem naquele país 181 *edge cities* e apenas 45 metrópoles.

Em entrevista à revista *Veja*, o jornalista norte-americano Joel Garreau, autor de *Edge City: Life on the New Frontier*, afirma que as *edge cities* são a versão das cidades do século XXI, enquanto as metrópoles representam o modelo do séc. XIX. São empreendimentos privados, que se constituem em “cidades dentro das cidades”, estando, ao mesmo tempo, fora, pois não dependeriam do entorno geográfico e político-social para sua manutenção e desenvolvimento. Mantêm assim baixa interação social e pouquíssimos laços de compartilhamento territorial, enquanto demandam alto grau de articulação espacial, na forma de infra-estrutura e equipamentos para conectividade e fluidez. Isso fica, obviamente, por conta dos investimentos públicos. Nas palavras do jornalista, as *edge cities* acolhem “imigrantes ambiciosos”, várias etnias e raças, no entanto, “[...]as *edge cities* são classistas. Elas são criadas e usadas exclusivamente pelas classes média-alta e alta. Algumas pessoas acham esse tipo de separação da pobreza prejudicial para a sociedade.” (ZAKABI, 2008).

Assim o capitalismo pós-moderno se desvincula dos ideais democráticos e igualitários que fundaram a modernidade e as cidades, e cria novos modelos de convivência que não incluem a grande maioria, a massa dos excluídos pelos perversos e centralizadores mecanismos do mercado e do capital. A reprodução da desigualdade e dos modelos de segregação da sociedade, não cessa de se desdobrar sob novas/velhas formas de exclusão, que têm por objetivo manter as classes dominantes e as camadas mais privilegiadas protegidas do contato com estranhos que ameacem sua tranqüilidade e o gozo de sua riqueza, seus bens, seu estilo de vida apartado das mazelas sociais.

Dentro do processo, iniciado nas décadas de 50/60 nos Estados Unidos e também no Brasil, de criação de condomínios em áreas verdes próximas aos centros urbanos, podemos distinguir várias fases:

- 1) Casas de fim de semana em condomínios abertos para as classes médias e altas, em regiões bucólicas, dentro do movimento de volta à natureza e busca de qualidade de vida.
- 2) Os condomínios se fecham e passam a utilizar mecanismos de segurança e segregação.
- 3) Com o agravamento do nível de violência, poluição e stress nas grandes cidades, assistimos à procura por condomínios residenciais nas periferias, fortemente protegidos por muros, guaritas, sistemas eletrônicos, completamente apartados da região à sua volta.
- 4) Na década de 90, tal quadro se acelerou com a proliferação dos “enclaves” e criação de “*edge cities*”, grandes núcleos habitacionais ou de negócios, afastados do centro, dotados de infra-estrutura de comércio, serviços e equipamentos básicos, verdadeiras ilhas de bem-viver, à parte da cidade. Esses empreendimentos, voltados para a classe A, têm como

característica, o alto padrão das construções, o preço elevado, os lotes de grande extensão e a garantia de privacidade, segurança e da homogeneidade de contatos e relacionamentos intraclasse.

5) Nos últimos anos já se configura a tendência das classes médias, também se comportarem de maneira semelhante, nos condomínios fechados, em lotes de pequena metragem, em casas ou apartamentos padronizados segundo modelos estadunidenses, mantendo os requisitos de isolamento, segurança, seletividade e segregação. Tal tendência abarca também as classes C e D, que, em favoráveis momentos sócio-econômicos do país, buscam realizar o sonho da casa própria segundo o modelo das classes altas.

6) Chegamos ao ponto de escalonamentos internos dentro das próprias edge cities, em que vários níveis de espaços e construções são divididos por portarias internas e restrições à circulação.

Os entrevistados pela pesquisa, moradores de Nova Lima, falaram das desterritorializações vividas no processo de instalação dos condomínios ao redor da sede. Alguns as identificam como aprisionamento:

Então agora a gente está preso, preso mesmo, a gente é obrigado a andar com identidade, todos os carros são filmados para entrar e para sair, a gente não foi preparado para isto. Então, da mesma forma que a gente estava livre, agora a gente virou prisioneiro, principalmente nas brincadeiras que tinha, todo mundo interligado um com o outro. Muitos foram embora daqui e os que estão chegando não pensam o mesmo, tanto é que encheu de guarita, a qualquer hora tem um carro nos vigiando. (Fernando).

Porque, do jeito que as coisas vêm aqui, você tá fechado aqui dentro. Nova Lima, acabou tudo nosso aqui, o direito de sair, de dar uma volta nesses matos, conhecer, ir pra essas cachoeiras, poço, igual antes. Acabou tudo isto, você ficou preso aqui... encurralado. (Ronaldo).

Outros expressam um sentimento e percepção de “estrangulamento”, “abafamento” gerados pela secular falta de espaço de vida e atualmente pelo cinturão de condomínios e grandes empreendimentos ao redor das sede: “Nós de Nova Lima, nós moradores, nós estamos sendo sufocados.” (Wânia).

Rodrigo lembra a impressão que teve ao chegar à cidade no início de 90:

Em termos físicos a gente via assim, Quintas ali aquelas casas todas espaçosas e tal com espaço, né e do lado de cá não. Eu descia e era a casa de amigos, todo mundo abafado, umas casas meio sem espaço, na parte de baixo, a gente percebia realmente que havia uma diferença grande, né. (Rodrigo).

Essa situação se agrava com a expansão dos últimos anos: “As pessoas aqui não dão conta de resolver por si, não resolvem, não têm como resolver. ‘O que eu posso fazer, não tenho pra onde ir, tá cercado!’” (Rodrigo).

Não é só uma urbanização, é uma urbanização e uma ocupação dos quintais, dos espaços, porque onde tinha três, hoje tem vinte. Então se adensou, acabaram com os campinhos, onde era o campinho da minha casa, hoje é o prédio da associação do bairro, que eu não acho que seja ruim não, mas acabou o campinho. (Rita).

O déficit habitacional para as camadas médias e baixas é grande, com poucas iniciativas públicas e privadas, insuficientes para a grande demanda:

Eu vejo esse um problema seríssimo na cidade, acho que tinha que ter uma intervenção pública pesada nessa história, bancar mesmo. Tem aquelas primeiras casinhas que surgiram ali, que deu muita confusão porque a demanda é enorme. Se tem um déficit tão grande, vai dar mesmo, é aquilo mesmo. É claro que, com toda dificuldade, eu conheço algumas pessoas que moram ali, mas é isso mesmo, é o mínimo, a pessoa ter um terreninho, uma casinha e tal, toda feliz por ter uma casinha pequenininha, não importa, é uma casinha dela. (Rodrigo).

Outros falam de uma perda da cidade, perda de referenciais, de pontos onde a vida adquire consistência: “Parece que Belo Horizonte acabou e Nova Lima vai ser uma, vai ter que mudar, vai ser uma ótima Lima ou então uma antiga Lima, não uma Nova Lima mais.” (Fernando).

Ainda aparece uma idéia de empobrecimento, de deslocamento de classe:

[...] eu me sinto assim, como se eu estivesse mudando de classe, indo para a classe pobre, eu me sinto assim, porque eu não tenho condição de ir para lá, então eu vou ficar do lado de cá. Você vai acabar não tendo classe média, vão ser ricos e pobres, entendeu? Não tem jeito, vai haver só estas duas classes, na minha opinião. O centro da cidade virou a favela, você já viu algum lugar que a favela é o centro da cidade? Eu não conheço, só Nova Lima, Nova Lima o centro da cidade virou favela e os arredores condomínios de alto luxo, então você está vendo que a cidade está sendo sufocada pelos condomínios de alto luxo e a favela está ficando no centro da cidade. (Wânia).

Os moradores mais antigos de Nova Lima têm posturas bastante semelhantes sobre o assunto:

Não é que eu sou contra não. Eu acho até interessante igual está acontecendo, este entorno de Nova Lima sendo ocupado por condomínios e tudo, é preferível isto do que São Benedito por exemplo, Gorduras, que houve um crescimento totalmente desordenado, este não, é um negócio ordenado, é preferível isto né. Quem dera que todo mundo pudesse ter esta condição. Mas infelizmente nós vivemos em um país que não dá esta condição para nós. (Irineu).

É o que eu percebo na cidade. Ao redor fechado, pronto pra quem tem renda que normalmente não é daqui, pessoa de fora. Isso é notório, né. Então eu vejo isso mesmo, a questão espacial, porque se você tem a população crescendo e quem tá ocupando tá vindo de fora, onde é que esse pessoal daqui tá indo, tá cavando buraco, tá amontoando? (Rodrigo).

Se preocupam com o acirramento das desigualdades expressas no espaço urbano:

Eu sinto que do lado do condomínio é um nível de vida e do outro lado é outro. É muito interessante, porque o início do meu bairro parece uma favelinha, as casinhas todas juntinhas, mal elaboradas, sem reboco, eles vão construindo, eles vão invadindo. Há pouco tempo o pessoal da Conspar tem terreno lá e eles contrataram um segurança para tipo assim, “você vai ficar aqui noite e dia para as pessoas não invadirem mais”. Então as pessoas não têm condições de comprar terreno, elas estão invadindo, constroem as casas sem..., como é que a gente fala quando não tem aprovação da prefeitura? Sem a planta, e vão construindo sobradinhos, e já no condomínio... Aí eu olho para um lado eu vejo isto, que é a entrada quando estou chegando em casa, aí eu viro, eu abro a minha janela eu vejo aquele condomínio, muitas mansões, só mansão, então a discrepância econômica é gritante. (Alice).

Assim, paralelamente, vem se instalando uma população de baixa renda, trabalhadores informais em busca de trabalho nas “mansões”, que invadem terrenos e constroem precariamente.

### *Enfavelamento*

No projeto de modernidade, instaurado no Brasil no início do século passado, a invisibilidade dos pobres foi sempre um objetivo a ser alcançado, e as políticas urbanas cumpriram muito bem a função de garantir tal invisibilidade através da distância geográfica. Urbanizar, ordenar, regular ou ‘limpar’ os centros urbanos foram, e continuam sendo, ações de re-direcionamento daqueles que estão “fora do lugar”. (LAGO, 2006, p.47).

No outro extremo da malha segmentarizada que recobre as metrópoles, estão as áreas habitadas pela pobreza e pela miséria, pelos grupos desvalorizados socialmente, pelos “consumidores falhos”, pelos excessos do sistema excludente. Nesses redutos a população se organiza de maneira a sobreviver, produzir, amar, consumir, se divertir, com modelos e expectativas cada vez mais próximos dos da elite dominante, sendo que ainda persistem focos de invenção e resistência, estilos de vida ligados a outras raízes e trajetórias que não as do capitalismo tardio.

Se anteriormente a segregação no padrão centro-periferia gerava uma exclusão localizada, agora ela está em toda parte, com os limites entre a pobreza e a riqueza tendo que ser delimitados por fortes esquemas de segurança. As antigas vilas, bairros e cidades operárias, que mantinham certo padrão de conforto e dignidade para os trabalhadores, se

desfizeram frente à necessidade de se buscar outros mercados de trabalho ou novas “virações”, que incluem as atividades ilegais e a criminalidade. A partir dos anos 80, o chamado crime organizado se monta nas cidades, ao lado da corrupção policial, configurando um terreno propício para o vertiginoso aumento da violência em todos os sentidos.

No cotidiano das metrópoles a pobreza está cada dia mais associada à criminalidade e ao tráfico de drogas. Se a pobreza até o final do século XX estava ligada à classe operária, organizada em torno dos seus interesses, com a desregulamentação e desproteção trabalhista, acontece também o “salve-se quem puder” nas favelas e periferias pobres. A dispersão provocada pela instabilidade e flexibilização trabalhista deslocou o operariado de seus núcleos, instaurando a rotatividade de empregos e de moradia e distribuindo nas periferias e favelas a pobreza gerada pela globalização. Os antigos bairros, vilas e cidades operárias do Brasil se dissolveram no tecido pós-moderno das cidades, nos movimentos pendulares das regiões metropolitanas, na heterogeneidade e na mistura, mas também, e principalmente, em novas formas de segregação.

O centro da cidade virou a favela, você já viu algum lugar que a favela é o centro da cidade? Eu não conheço, só Nova Lima, Nova Lima o centro da cidade virou favela e os arredores condomínios de alto luxo, então você está vendo que a cidade está sendo sufocada pelos condomínios de alto luxo e a favela está ficando no centro da cidade. (Wânia).

No perímetro urbano de Nova Lima, surgem, redutos e grotões de pobreza, abrigando uma população que vive precariamente, muitas vezes migrantes atraídos pelos programas sociais do município: “Eu vejo o processo de enfavelamento aumentando, aqui em cima, no Montividiu, Nossa Senhora de Fátima, Cruzeiro, está acontecendo, está aumentando, apesar dos benefícios sociais também terem sido bastante ampliados.” (Rodrigo).

Nova Lima é uma cidade rica, tem uma população, vamos dizer assim de base, estabelecida, mas tem alguns grotões de pobreza muito pesados, que a cidade não conhece. Eu acho que agora... é a primeira administração que está fazendo alguma coisa, mas eu acho que ainda faz pouco, para essa história desses bolsões de pobreza. Então são coisas assim que você tinha pobres em Nova Lima, mas pobres que trabalhavam na Mina de Morro Velho, pobres, eu não estou falando disto, eu estou falando de uma outra coisa que se criou em Nova Lima, então isso aí acaba sendo, cerne de problema sério. Ali você tem centro de droga, você tem centro de tudo o que você quiser, de tudo, de tudo, de tudo..., que Nova Lima teria que tratar isso aí de uma outra forma. (Rita).

Paralelamente aos grandes empreendimentos, vem se instalando uma população de baixa renda, trabalhadores informais que invadem terrenos e constroem precariamente, em busca de trabalho nas “mansões”.

Neste Plano Diretor deles, se não tiver um estudo destas favelas que estão sendo formadas e isto for acudido a tempo, o que vai acontecer, o lado de Belo Horizonte com condomínios de alto luxo e estes lados que vão indo para Bicalho e outras coisas, vai começar a ser tomado. Do jeito que está, dá uma olhadinha perto do CAIC<sup>16</sup>, a favela que está se formando ali, com problemas seríssimos, problema de violência, problema de tráfico de drogas, problema de HIV, você vai ficar espantada, passa por ali. (Wânia).

#### **4.4.2 Segregações**

No mundo alcochoado, maleável e informe da elite global dos negócios e da indústria cultural, em que tudo pode ser feito e refeito e nada vira sólido, não há lugar para as realidades obstinadas e duras como a pobreza, nem para a indignidade de ser deixado para trás, nem tampouco para a humilhação que representa a incapacidade de participar do jogo do consumo. (BAUMAN, 2003, p.59).

A perpetuação do sistema capitalista, na forma como atualmente se apresenta, exige alto grau de segregação, o que em países ricos se configura na presença de grandes contingentes de imigrantes, em busca de melhores condições de vida, habitando guetos e periferias, sujeitos a discriminações múltiplas. Tal quadro culminou com as guerrilhas raciais em países europeus e, recentemente, na extrema proposta de construção de um novo “muro da vergonha” entre Estados Unidos e México.

No Brasil, como nos outros chamados países do terceiro mundo, essa situação mundial já está instalada desde a sua colonização, já que as populações nativas foram as primeiras a serem excluídas dentro de seu próprio território, agravando-se esse quadro com a “libertação” dos escravos no final do séc. XIX. O séc. XX já se iniciou com o processo de enfavelamento a caminho, em paralelo com a urbanização crescente de suas principais cidades. As populações empobrecidas, invadidas em seus espaços por interesses alheios aos seus, se deslocam por todo o território nacional, em busca de um lugar ao sol, se localizando nos arredores e bolsões de miséria das grandes cidades.

A cidade está cindida com a segregação de grandes massas excluídas de bens e equipamentos urbanos, ao lado de áreas privilegiadas pelos investimentos públicos que beneficiam interesses privados, via aparelho estatal. Esse modelo segregativo se repete dentro dos municípios periféricos, independente de sua situação sócio-econômica. Há sempre locais em que a riqueza monta sua cidadela e a pobreza seu reduto e em todos os casos são as elites dominantes e seus interesses que definem as localizações.

---

<sup>16</sup> Centro Educativo que reúne vários órgãos e serviços à população.

Após séculos de segregação, efetuada pela colonização inglesa e pela elite dirigente das mineradoras, Nova Lima vive uma nova segregação, a dos grandes empreendimentos imobiliários para a classe A, que impedem, aos antigos moradores, a livre circulação e o contato com a natureza, através de muros, guaritas, cercas eletrificadas e forte esquema de segurança.

Há quinze anos atrás podia contar os moradores que tinha no bairro, como hoje os moradores de classe alta vieram todos, então quando muda de vigilante eles já assustam, eles perguntam: “Você está indo aonde?”. Aí é um bairro que tem uma coisa muito engraçada que eu estou vendo acontecer, que nunca teve, as ruas todas são sem saída, todos os finais das ruas que atravessam para chegar no bairro, as ruas têm cercas. Todas as ruas, daqui, descendo do Ouro Velho até aqui, todas as ruas são fechadas. Ninguém pode passar daqui para lá e a única rua que é a principal, ela tem uma guarita e já teve casos da pessoa sair, passar por uma guarita lá em cima e parar em outra aqui em baixo. É tudo monitorado e antes não. A gente, era tudo caminho, nossos trilhos, era gostoso, nossa! (Fernando).

[...] não pode entrar não, o condomínio, pelo menos este, acredito que todos aqui em Nova Lima. Este nosso terreno é dividido com eles com uma tela, então não tem como passar e quando eu vim morar aqui a gente transitava, não tinha problema, porque é natureza e não se deve cercar a natureza, e eles cercam, e tem o riacho no fundo. O riacho ficou e ninguém pode mais ter o acesso à água, se quiser pisar lá na água, pegar nas pedrinhas, não pode mais. (Alice).

E aqui, Nova Lima, você não pode ir mais na água, tá fechado, tá cercado. Geraldo Mingau<sup>17</sup> morreu, acabou, não tem mais espaço. Você vai entrar pra direita já tem segurança tomando conta, tem um empreendimento vindo. As próprias banquetas quase todas fechadas, (ou totalmente deterioradas) ou abandonadas, realmente... Uma cidade dessa, pelo amor de Deus. E toda hora tá lá, grandes empreendedores chegando e um preço baixo desse. (Rodrigo).

Os moradores dos novos condomínios têm, em geral, posturas segregativas com relação aos bairros vizinhos, havendo disputas internas entre os moradores mais antigos dos condomínios e os mais recentes.

[...] centro da cidade é muito difícil, os condomínios aqui, quem comprou foi gente que nem pertence a Nova Lima, maioria das pessoas que moram nestes bairros aí, não tem nenhum contato com o povo de Nova Lima não, com gente natural daqui de Nova Lima. Não tem este convívio mais assim não, eu não vejo mais assim não. (Wânia).

Como a gente está numa confluência de bairros, quando a gente veio pra cá a gente pensou muito nisso: a gente pode trabalhar com a comunidade e pode trabalhar também com os condomínios, sustentando isto. Nisso eu percebo uma grande diferença. Eu acho que essa troca ela não existe, no meu olhar. Eu sinto que há uma dificuldade, de um entrosamento do condomínio Ouro Velho com o José de Almeida. E há ao mesmo tempo uma luta, que existem pessoas muito interessantes

---

<sup>17</sup> Vigia de uma das matas, designadas como área de preservação pela Lei Orgânica do município e que se constituía numa das áreas mais visitadas pela população, hoje ocupada por condomínio.

que vieram pra essa Nova Lima há muitos anos atrás, que foram as primeiras pessoas que vieram pra morar no Ouro Velho, elas não querem a cancela. As ruas foram fechadas, foram cercadas, com uma cancela, aliás, eles não têm nem uma cancela, é uma guarita. Eles estavam usando cordas e tudo, mas não concordamos. As reuniões são feitas aqui. O pessoal que não quer a guarita, eles tão brigando... Então isso é interessante, existe um núcleo de pessoas que estão numa classe média privilegiada que não querem a cancela e hoje lutam com pessoas que vieram depois e que moram no mesmo bairro, pertencem mais ou menos à mesma classe, que acham e querem a cancela. (Mirtes).

As posturas discriminativas partem também das instituições e dos órgãos governamentais, como no caso citado por Rodrigo:

Quando foi pensada a Apac<sup>18</sup> era perto ali do Vila do Ouro, aí quando falaram daquele presídio perto dos bacanas, nossa! Foi um auê. Então naquela época quando rolou, teve um impacto, as pessoas preocuparam, aí jogou para Honório Bicalho. Pessoal de Honório Bicalho deu uma espiadinha, mas era pobreza né, não tinha expressão, não conseguia espaço no Estado de Minas, não conseguia repercussão na imprensa, ficou sendo lá mesmo. (Rodrigo).

#### 4.5 Alterações ambientais, contato com a natureza

A questão ambiental, calcanhar de Aquiles do sistema capitalista, que não consegue disfarçar sob malabarismos publicitários o agravamento das condições do planeta, é em Nova Lima fonte de preocupação, angústia e sofrimento para os moradores da sede e principalmente para as populações vizinhas de empreendimentos industriais e imobiliários. “Eu vou falar pelo o que eu ouço, o trem está feio viu (risos) o trem está feio, você fica sabendo de cada coisa!” (Irineu).

Eu acho que essa questão de ambiente em Nova Lima eu tenho até medo de falar... O que eu observo, essa transformação que está todo mundo vendo aí, a estrada que foi cortando tudo, os condomínios subindo as montanhas, mudando completamente a paisagem. A paisagem hoje de Nova Lima é outra, o quadro que se pinta hoje é completamente diferente, e, o que eu ouço falar, acho que a questão do meio ambiente é seríssima. (Mirtes).

A importância do meio ambiente preservado em Nova Lima, passa pelo cotidiano dos seus moradores, pelo seu lazer, pelo prazer de viver, pela sensação de liberdade. Também pela instauração de uma nova assinatura para a cidade, que de “Terra do Ouro” passaria a ser a “Terra do Verde”.

---

<sup>18</sup> Associação de Proteção e Assistência ao Condenado, presídio que trabalha com uma proposta de re-integração social dos condenados.

[...] é o patrimônio que Nova Lima tem, é o tesouro mais precioso que ela tem nessa era. Principalmente em termos econômicos, não é isso que eles estão vendendo, não é isso que as grandes imobiliárias vendem? E as grandes imobiliárias que eu falo é Odebrecht, é a Anglo Gold Ashanti, que é tudo que eles têm para vender, é a Vale do Rio Doce com seu Águas Claras<sup>19</sup> lá, é o que tem de mais precioso na cidade. (Rita).

Com a manutenção de grande parte dos recursos naturais intactos durante séculos, em função do domínio das mineradoras, a população se acostumou a conviver com as matas, montanhas, flora e fauna, incorporadas ao seu cotidiano, e agora se ressentido com as grandes modificações e com a devastação, imprimidas ao meio ambiente da região.

Nova Lima não foi construída para ser do jeito que está sendo aqui, a gente está envolvido com montanhas, matos, matas, esquilos. Tá tudo assustando a gente, não tem aquele ar puro mais. A visão, pelo lugar que eu moro, a natureza já está totalmente sentindo falta do que era. A mata está virando mais é um esconderijo, agora ela é esconderijo de adolescentes e o acesso a ela, até a lagoa, está sendo monitorado. Já houve até incêndio que durou mais tempo e eles não... Não sei se é por falta de interesse de manter, ninguém está investindo, então acho que é a única mata que ainda é muito bonito e a gente ainda consegue lutar para preservá-la, porque fora dela já está tudo virando condomínio. (Fernando).

Eu não concordo com o que estou vendo, lógico que eu sou antiga, eu acho que essa mata, ela tinha que ser preservada, deveria haver um estudo em cima do que eu estou falando. Você não pode impedir o progresso, ninguém pode impedir o progresso, isso é até tolice falar, mas você pode controlar para que as coisas..., para que o modernismo chegue, sem também que liquide com o meio ambiente. Nós não temos mais a mata do Jambreiro, cadê a mata do Jambreiro? Você já viu os morros por aí? Quem fotografou esses morros por esses últimos tempos vai ter uma relíquia, porque realmente a mata está sendo devastada. (Wânia).

Fernando, guardião da mata e das nascentes, se angustia e se revolta com a situação atual:

A gente já viu, nasceu sendo explorado por outras mineradoras e tudo que são. De repente eles pegam o centro da mata e vai falar que é um estudo, só de ser um estudo já vai destruir, já vai começar a destruir. As próprias nascentes estão sendo prejudicadas, como cresceu muito, já está virando: os córregos não estão tão limpos como eram antes, os pequenos peixes que a gente apanhava antes até com peneirinha mesmo, já não se vê mais. A gente ia nas nascentes, brincava, passeava, da região do Biocor, até o centro tinha um rio limpinho, tranquilo, que todo mundo passava por ele e aí, como a sociedade está mudando muito, eles não têm interesse. (Fernando).

O perfil montanhoso da cidade, já bastante atingido pela corrosão da Serra do Curral pela mineração de ferro, se revela danificado pelos sulcos e escavações do processo de urbanização e pela remoção da cobertura vegetal, constituída por campos e cerrados e sua

---

<sup>19</sup> Mega-projeto residencial desenvolvido pela Vale/MBR, que prevê, inclusive, um lago de profundidade abissal ocupando a cava deixada pela extração mineral.

diversidade biológica. “A cidade vai ter que ser preparada porque as montanhas sumiram, as maritacas agora não param em qualquer lugar mais não, elas não estão tendo alimentos mais, estão assustadas também, são seres vivos e agora é muito difícil encontrar uma cobra na rua.” (Fernando).

Hoje as montanhas aqui estão todas peladas né. Estão peladas, limpinho. Ali onde eles estão construindo não sei o que é, deve ser negócio da Copasa, lá era um lugarzinho bonitinho e tal, fizeram um paredão lá de todo tamanho. Não têm nem cuidado de respeitar a característica da região, mas eles querem fazer tudo diferente, para ser diferente, para ter progresso. (Irineu).

A questão climática também preocupa os moradores que já identificam várias modificações: “[...] mudou muito, hoje é muito mais quente, antigamente em Nova Lima você olhava uma hora desta assim, as árvores estavam tudo, as folhas estavam balançando, os galhos, hoje não, está tudo parado lá.” (Irineu).

[...] a chuva está escassa, não chove mais. Nossa! Chovia muito, a gente vinha para cá e era muita chuva. Era um clima úmido, agora o clima de Nova Lima está muito parecido com o de Belo Horizonte, seco, um clima que faz mal à gente, à saúde, às crianças. E eu ainda me sinto muito privilegiada, porque tenho ar puro na minha janela, não deixo cortar uma árvore e a gente ainda respeita a natureza, mas cada um devia fazer a sua parte. É muito difícil. (Alice).

A gente tinha prazer de passear nas calçadas, nas estradas que eram de terra, hoje em dia é o asfalto. Uma chuva que caía há dez anos atrás não fazia estrago nenhum, se chovesse três meses não havia estrago nenhum. Não havia tanta enchente e nem era tão perigoso. A gente via desta região o centro da cidade todo coberto com uma névoa, era uma neblina tão bonita, que a gente via no por do sol e com esta mudança tudo agora é asfaltado. Pela população que está chegando, tudo tem que ser asfalto, pelos automóveis. Como a água cai e não tem por onde entrar mais, a tendência é ir para um local só, por isso é que há enchentes. Há perdas e muito grandes, as pessoas estão tendo dificuldades e ficando muito tristes em ver isto. (Fernando).

A relação do homem com a natureza se alterou em função dos interesses econômicos e de toda uma dinâmica social.

A gente soube destruir a natureza de uma forma que era boa, a gente apanhava a madeira que já tinha morrido para fazer a comida. Você se sente privado disto, não tem o mínimo interesse de fazer mais, por que o que se vê hoje são caminhadas próximo aonde tem alguém vigiando. (Fernando).

Quando eu vim para Nova Lima, meu tio comprou um sítio neste condomínio, foi o primeiro comprador, mas não era um condomínio. Eles vendiam pequenos sítios, aí na época ele conseguiu pagar e tudo, ele não era fechado, não era loteado nem nada. Era muita natureza, muita, muita árvore, a gente subia em árvore, a gente chupava manga, a gente pisava na água, a gente, nó! Nós nadamos naqueles riachos todos que tinham uma água geladinha, muito bom, uma água cristalina, pedrinhas, a gente não via queimadas, a gente... Era proibido até cortar árvores, desmatar, ele teve que pedir aprovação no IEF para poder limpar o terreno, para poder construir uma casa e

hoje em dia eu não vejo mais isto. Da minha casa eu ouço barulho de motosserra, eu vejo queimadas [...] (Alice).

O papel das empresas e dos grandes empreendimentos na destruição da natureza é identificado pelos moradores, assim como o descompromisso dos poderes instituídos:

[...] é justamente, mas a Morro Velho simplesmente ela deixou, porque ela não precisa da água mais, ela entregou para a Prefeitura, igual a mata do Jambreiro né, entregou. Não interessa, entrega, porque sabe que deixou para a Prefeitura, daí a pouco está lá, estão construindo um condomínio lá. (Irineu).

Hoje por exemplo eu dei uma notícia aqui do índice de coliformes fecais na Lagoa dos Ingleses, mas a Lagoa dos Ingleses foi sempre tida pra gente como um paraíso, era um lugar assim..., e não só a Lagoa dos Ingleses, mas todas as lagoas ali daquela região lá, do Rio de Peixe para lá, da região dos lagos de Nova Lima, sempre vista como água pura, água limpa. Hoje está lá, cheia de cocô, porque foi ocupada de uma forma, por gente que quer curtir a natureza, mas que fez essa coisa aí, ou seja um meio ambiente mais ou menos entre aspas, a preservação do meio ambiente totalmente entre aspas. (Rita).

São muitas as críticas aos órgãos encarregados de zelar pela integridade ambiental, que, cercados por grupos e interesses poderosos, se mostram inoperantes:

Eu acho que o grande desastre da administração é a questão ambiental, acho que é um desastre pensado, sabido, não é desastre de “Oh!”, estão sabendo o que aconteceu [...] A questão ambiental, pra mim, eu acredito mesmo que a coisa foi negociada, a mesma situação da Marina lá do Ministério do Meio Ambiente, acaba que chega uma hora que não dá conta mesmo, que realmente a pressão é muito grande, o próprio governo declarando que a questão ambiental tem um entendimento, para o desenvolvimento do país, essas coisas. Então aqui acho que a opção é essa mesmo, colocar uma pessoa que não tem a menor sensibilidade ambiental, na gestão da secretaria. (Rodrigo).

Eu acho que Nova Lima vai pelo ralo do esgoto é por isso aí, vai literalmente. A Lagoa dos Ingleses está lá porque não tem um secretário de meio ambiente que tenha uma visão, nunca teve, que eu me lembre. Alguém que queira preservar esse patrimônio que a gente tem, porque o secretário do desenvolvimento trabalha para desenvolver a cidade, o secretário de educação trabalha pela educação, o secretário de saúde trabalha pela saúde e esse pessoal tem trabalhado mesmo. Já o de meio ambiente trabalha contra o meio ambiente. Ele é um secretário de jardinagem vagabunda, você está entendendo? (Rita).

A relevância do cuidado com os mananciais e os cursos d'água da região é salientada como uma das grandes perdas pra qualidade de vida da cidade e do planeta: “A gente tá caminhando mesmo pro aquecimento global, é notório, os dias estão cada dia mais quentes, então o clamor por água aumenta a cada dia e Nova Lima que tinha uma aguada maravilhosa tá aí ficando sem água, literalmente sem água mesmo pra uso.” (Rodrigo).

Esse é também o aspecto que evidencia a falta de autonomia dos poderes instituídos frente aos grandes interesses econômicos:

A coisa do dinheiro rápido, o próprio Jardim de Petrópolis sofre com isto, já ofereceram asfalto algumas vezes, asfalto é uma rapidez para oferecer. A gente fala não, sem captação de água pluvial a gente não quer, pode ser até asfalto, mas com captação de água pluvial decente. Tem? Não. Então pode levar esse asfalto pra outro lugar. Pronto. Pelo amor de Deus, ficar com esse papo furado. Não gente, nós temos preocupados é com a água, nós temos dinheiro pra pagar pneu velho, pra conserto, com certeza nós damos conta desse recado aí. Não temos precisando da prefeitura dessa forma, precisamos cuidar da água. Vocês vão cuidar da água? Não, então deixa nós na terra mesmo, não tem outra alternativa? Não, o dinheiro é só pra asfalto. (Rodrigo).

Eu conversando com as donas lá do Ciclo da Terra, eles pararam de produzir tudo porque a nascente que fornecia água para eles, que vinha lá do Morro do Elefante<sup>20</sup> secou, dentro do espaço da secretaria e a secretaria não está nem aí, muito antes pelo contrário, quer dizer essa é a cidade, como é que você faz para..., as mudanças de Nova Lima são essas eu acho. (Rita).

A privatização dos espaços públicos de lazer e de contato com a natureza ameaça os mananciais:

Bem ali, próximo mesmo, você anda um pouquinho na mata, você vê uma árvore imensa, grossa, que tem uma nascente próximo da árvore, nasce água purinha mesmo, mas como está mais no meio do mato... Tem esse condomínio novo que está lá, é um condomínio longo que vai daqui até quase lá nos Cristais agora. E muitas coisas que ninguém lembra e ninguém vai saber, mas em frente onde tem um local de vendas dos terrenos ali em cima, de plantão, ali onde eles montaram um escritório, há um tempo atrás ali já foi barreira de polícia, engraçado é que ali tem uma nascente de água. Onde passou a máquina, existia uma nascente ali. (Fernando)

A gente perdeu, você não tem mais, por exemplo, você vai passear no Jambreiro, tem a MBR, chega lá tem uma cancela lá que num..., antigamente eu era escoteiro, a gente fazia acampamento lá na Serra, lá no Pára Raio. Você lembra do Pára Raio? Era uma espécie de uma casinha que daqui direto, a gente via uma espécie de uma casinha branca, pintado de branco, só que nesta época já estava todo descascado, né, estava no tijolo, mas nós fomos lá. Hoje está fechado, você vai pelo Rego dos Carrapatos, chega lá no açude, tem uma porteira lá, em todos os lados também tem, tá tudo fechado. (Irineu)

Então aí os espaços estão todos fechados, até um pouco mais longe, Rio Acima, né., Canto das Águas fechou várias cachoeiras. Você tem um espaço mais longe, do Viana, você tem Cocho D'água, também fechado, então estão sendo fechados os espaços naturais, de lazer, a água principalmente. (Rodrigo).

---

<sup>20</sup> Morro com formato de um grande elefante deitado, tombado pela Lei Orgânica Municipal, muito escalado pelos moradores, até que foi isolado para a criação de um enorme empreendimento imobiliário, Quintas do Sol.

Muitos salientam a importância da cultura e da educação no processo de resistência à ocupação predatória e à degradação ambiental: “A educação é que vai mudar isso tudo, a educação.” (Ronaldo).

Eu estou falando isso aí porque Nova Lima poderia ter uma qualidade de vida muito melhor, se ela cuidasse um pouquinho mais da instrução. Nova Lima já era para ter escola integral, em todas as escolas dela, eu não sei porque não tem, deve ter algum motivo, eu quero crer que dinheiro não seja. (Rita).

Até é uma área que eu participo muito pouco, acho que eu deveria participar mais, porque eu acho que cultura e meio ambiente têm tudo a ver. Um povo que preserva a sua cultura, ele não vai deixar sua cidade, sua água, sua árvore, suas plantas, quer dizer sua saúde ir pelo ralo também. Tudo tem a ver no final das contas. Não pode falar de saúde sem falar de meio ambiente, não pode falar de meio ambiente sem falar de cultura e educação. Não adianta você falar com as crianças: “Vamos cuidar do riacho.”, não adianta, tem que contar a história, qual é a história do homem em relação a esse riacho, quê que essa criança tem em relação a ele pra ela poder ter interesse em cuidar desse riacho. E o quê que chega pra essa criança, tem um riacho aqui no José de Almeida, completamente poluído, a criança não imagina como que era um riacho limpo! Então não adianta a gente só falar, a gente tem que mostrar, a gente tem que fazer um trabalho juntos. (Mirtes).

#### 4.6 Espaços de cultura e lazer

A área cultural, de maneira geral, foi muito elogiada, se salientando a riqueza das manifestações culturais.

Eu acho a parte cultural de Nova Lima muito rica, muito. Todas as manifestações culturais, religiosas, carnaval, futebol, a casa de cultura, todas estas casas aí, muitos trabalhos com natureza, com ferro, com aço, com coisas naturais. Eu acho esta manifestação toda de cultura, eu acho muito rica, as escolas, as festas juninas né, as festas religiosas, tem agora a festa de Nossa Senhora do Pilar, os shows, as bandas... É congado, é tudo muito admirável, as festas de Macacos, festival de inverno, ah é tudo muito lindo, está de parabéns. (Alice).

A importância do Teatro Municipal e dos cursos de formação permanente foi ressaltada, se identificando políticas públicas favorecedoras:

O Teatro tem oferecido muitos espetáculos bons, esta escola de dança é maravilhosa, a escola de música é fora de série, eu acho que quem tem vocação pra, vamos dizer aí, pra qualquer tipo de arte, tem tido oportunidade de desenvolver, de participar, porque a prefeitura tem colocado isto a disposição de qualquer um, de qualquer classe social. E os espetáculos que vem aqui são de preço, às vezes gratuitos, às vezes preço razoável né, dá para qualquer um freqüentar. (Wânia).

Ao lado da boa programação foi citada a discriminação de classe ainda presente nos espaços de cultura: “E eu vejo até o teatro aqui, com ofertas maravilhosas de coisas, muita

coisa, em grande parte vazio, grandes eventos e tal. O público local não dá valor, quem conhece, nos condomínios, não tem coragem de descer na cidade, ninguém conhece a cidade.” (Rodrigo).

Eu fui convidado... , quando eles entregaram aquele piano lá, aí eu fui, fui eu minha esposa, fui nessa promoção... Eles custam a abrir né, e abre só uma portinha assim, não sei para quê aqueles portões de todo tamanho lá, aí entrei na fila com a minha esposa e tal, aí na hora que eu fui entrar veio uma senhora do outro lado, aí ela veio lá de cima, eu todo solícito esperei, dei ela passagem, mas só que a minha esposa saiu na frente, aí ela parou e olhou para mim assim de cima embaixo, assim com aquela cara assim de nojo né, “mas o que você está fazendo aqui, você não tem nada o que fazer aqui”( risos) aí eu: “faz o favor”, ela assim:” acompanha a sua esposa”, “não, não eu prefiro que a senhora, a preferência é da senhora” (risos) mas é aquele negócio, as pessoas..., “você não devia estar aqui não, aqui é só para nós que somos da alta”, né. Então hoje é que está mais acessível, porque lá dentro estava cheio de servente, de pessoas mais simples e tinha a gente, né, e as pessoas não aceitam isto, as pessoas não aceitam. (Irineu).

O teatro está sempre vazio, uma casa maravilhosa de espetáculos, a gente tem o segundo teatro melhor de Minas Gerais, Nova Lima. Uma casa que tem todo recurso, sempre tem coisas bacanas lá e as pessoas não saem. E as pessoas, elas têm medo do teatro, eu percebo isto. (Mirtes).

A influência de Belo Horizonte nas preferências culturais da população, principalmente a mais jovem é comentada:

Você é influenciado pela cultura do mais forte, é influenciado, pela propaganda, pelos hábitos da cidade grande, algumas vezes, vamos dizer, a influência é até benéfica, porque você acostumar a ir em palestras, você acostumar a ir em teatro, é muito importante, mas também sofre aquelas conseqüências : hábitos, publicidade, tudo chega até a gente, né. (Wânia).

A falta de um movimento cultural de peso e que dê consistência às características que identificam Nova Lima em termos históricos, vivenciais, sócio-políticos é apontada como o grande problema nessa área.

Eu sinto que a cidade não tem um movimento, Paulo José falou isso na palestra, a cidade que não tem identidade, não tem teatro. Não adianta você ter um teatro maravilhoso e a cidade, as pessoas não terem desejo de falar alguma coisa, nesse teatro. Mas não é fácil fazer as pessoas irem além, ler uma poesia e pensarem mais que as palavras falam, o que você pode dar pra isto, o que o seu corpo fala dessa palavra. Isso ainda é difícil que é a questão da intenção, que é morta. Ela é difícil porque a identidade cultural está meio perdida, muito abafada. A proximidade com Belo Horizonte, os jovens que não se interessam por arte, pela cultura, não valorizam o que tem aqui, as cavalhadas de São Jorge, de São José Operário, até tem uns trabalhos que são legais. (Mirtes).

Ao mesmo tempo foi bastante mencionada a falta de espaços de lazer em Nova Lima. Com a crescente ocupação do território pelas classes altas, suas casas hollywoodianas, seus

equipamentos privados, o novalimense perdeu seus espaços de lazer prediletos, junto à natureza, nos cursos d'água, nas trilhas das montanhas ou nas matas remanescentes.

[...] eu acho que a cidade perdeu, a cidade perdeu muito com esses espaços de lazer que foram destinados aos empreendimentos imobiliários pra pessoas abastadas, a maioria dos empreendimentos, não de interesse da comunidade. Poucas pessoas daqui que estão usufruindo desses empreendimentos, pouquíssimas. (Rodrigo).

Os grandes investimentos em infra-estrutura, em urbanização e ambientação são feitos para as áreas e empreendimentos voltados para essa nova população classe A, que tem a seu dispor espaços sofisticados, às vezes pouco utilizados, como é o caso das áreas de lazer de condomínios verticais.

Eu não preciso de um espaço público de lazer, eu tenho a minha casa que é um espaço particularizado maravilhoso, eu não tenho essa demanda. Ali no Jardim de Petrópolis todos nós já temos nossos espaços de lazer resolvidos, nossa área já nos permite ter um lazer próprio. As outras pessoas desses condomínios todo mundo tem condição de estar filiado a um clube. Agora, quem realmente precisa, até pra melhorar a condição dela enquanto pessoa mesmo não está contemplada. Eu acho esse ítem aqui nulo. (Rodrigo).

A ausência de espaços públicos de convívio (e o abandono dos existentes) onde possam acontecer encontros criativos e aglutinadores, restringe a vida dos moradores a contatos esvaziados e mecânicos, especialmente das crianças, já impedidas de permanecer nas ruas por questões de segurança.

Que praça? Não tem praça. José de Almeida, Ipê, não têm praça, outro bairros que eu fui não têm praça, não têm lugar de convivência, onde as pessoas se encontram. Aqui tem uma quadra do Ouro Velho, mas as crianças do José de Almeida não podem ir. Quando tem uns eventos aqui na rua, por exemplo, eles vêm em peso, estão sempre presentes. Sinceramente eu acho que essa questão ela influencia demais, não tem como, porque muda o comportamento. É aquela história que a gente conversou, né, gera o medo, gera o estranhamento. (Mirtes).

A falta de um parque municipal, bem cuidado e seguro e que possa oferecer espaços de lazer e recreação, práticas físicas e contemplativas, para as várias camadas e idades, também é enfaticamente citada:

E a falta de espaço público de lazer, então é um negócio, pô, isso é realmente é um clamor pra quê, pra alcoolismo, droga e violência. A gente passa, eu não consigo deixar de ficar chateado quando a gente sai. [...] Eu acho que são medidas, eles ficam achando maravilhoso ceder um espaço como aquele ali pra uma empresa, que vai gerar cinco empregos, gente, pelo amor de Deus. Não precisa dessa empresa aí não, deixa essa empresa pra lá, libera um parque ali pro os meninos, uma quadra. É o tipo do investimento péssimo, péssimo investimento. É vender barato demais uns espaços assim. Gente, libera pro povo! (Rodrigo).

O próprio Rego Grande, aquela máquina ali que era um local..., não é? Tudo! Foi se acabando, a cidade não tem área de lazer, nenhuma, uma cidade, um município deste tamanho com tanto verde, com tanto dinheiro, não tem um parque, não tem um parque de diversão, diversão que eu estou falando: o parque Municipal de Belo Horizonte, com brinquedos. Agora eles estão colocando aqui, acolá, alguns equipamentos de ginástica, então se atende um tipo da população e tem que atender mesmo, mas precisaria ter muito mais e muito mais bem olhado, muito mais cultivado. (Rita).

Também a área esportiva e o tradicional futebol, foram citados como carentes de espaço e organização:

Agora lazer Nova Lima não tem muito não, apesar de ter os ginásios poliesportivos que eles colocaram por aí, eu não vejo muito não. Tem essas escolinhas, tem essas ONGs por aí, que tentam incentivar isto, bom na escola, bom de futebol, bom na escola, mas eu vejo isto ainda engatinhando. (Wânia).

Nova Lima era uma cidade que já era para ter, do jeito que ela tem futebol de várzea, e um público determinado... Nova Lima tem dinheiro para isso e muito, porque Nova Lima deu os campos de várzea, todos hoje são cercados. Tirou, né, e não deu outra coisa em troca, o dar aí é muito bobo, uma coisa muito boba para uma coisa tão importante quanto essa... (Rita).

Os locais que permitiam a organização espontânea de atividades esportivas também foram perdidos, ocupados, privatizados, em função do estrangulamento espacial vivido pela sede:

O meu amigo J., ele era presidente na sede, e eu enquanto estava no Nacional<sup>21</sup>, eu não permiti que negociasse a área lá que tinha um campo nosso ali, aí ele negociou, ganhou o campo cá em baixo perto Ciclo da Vida<sup>22</sup>. Deixaram lá e eles estão construindo um condomínio lá e o povo que usava ali para transitar, para passear e tal, hoje não pode nem passar. (Irineu).

Mas o que acontece com os campinhos hoje, é um negócio muito difícil porque você tem os meninos na casa da minha mãe, “Zezé onde é que você foi?” estava imundo, estava num campinho. O campinho era no alto da rua assim né, no alto da rua, ficava lá com a meninada toda, todo mundo de olho, igual eu falei antes, que em Nova Lima todo mundo vê todo mundo e todo mundo sabe. Hoje os campinhos, uma parte deles é cercado, para que as crianças não entrem e não detonem, então você tirou este espaço dessas crianças. Então o menino detona o campo, não é fechar o campo e cobrar para o menino entrar não, é abrir o campo e botar alguém que tome conta de verdade e que está lá..., e que é uma pessoa que chega e que se saiba fazer respeitar pela criança. (Rita).

---

<sup>21</sup> Agremiação esportiva local.

<sup>22</sup> Núcleo de práticas agro-ecológicas voltado para a capacitação da comunidade.

Queixa-se principalmente da perda dos espaços de contato com a natureza, o que no perímetro urbano é representado pelas banquetas/regos, lugares de passeio e exercício físico, últimos redutos de acesso livre para o cidadão comum.

Você vê o Rego Grande, aquilo é um negócio que tem que ser conservado, preservado, eu acho que não custava nada para a prefeitura. A gente fala muito mal da Morro Velho, mas tem muita coisa boa na Morro Velho, porque antigamente quando o Rego Grande era da administração da Morro Velho, o negócio era bem cuidado. Hoje não, você passa lá, é uma sujeira, não custava nada a prefeitura colocar igual era antigamente, aquelas equipes de pessoal, de conservação, para varrer, para limpar, né. (Irineu).

Rego Carrapato gente, o Rego do Carrapato foi retratado, você via pintores famosos virem aqui para pintar o Rego do Carrapato, é mata Atlântica, ali é mata Atlântica. Cadê? Onde que está? Você via animal..., animal selvagem mesmo né, zanzando. Na minha época de criança, eu lembro meu pai indo caçar, um dos esportes praticados pelos ingleses, pelo povo aqui, era caçada, caçar o que lá agora, não tem mais, acabou, foi sendo destruído e já vai sendo destruído né, é o preço do modernismo, né... (Wânia).

## 5 VIVENDO A NOVA CIDADE

*“Eu não sou especialista não, sou sofredora disso...” (Rita).*

### 5.1. Jeitos de ser, maneiras de viver

Muitas maneiras de viver coexistem nessa nova cidade que se desdobra e se multiplica, algumas reproduzindo velhos modelos, outras rompendo com tradições e enrijecimentos, outras, ainda, fragmentando e esfacelando possibilidades de um convívio significativo e de pertencimento a um grupo social e a uma coletividade articulada.

Os modos de vida atuais são ainda fortemente atravessados pela presença secular da mineração, mais do que se poderia a princípio imaginar. Os aspectos espaço-ambientais e o processo de metropolização, no nível local, assim como as grandes questões no nível mundial, como a poluição, o consumo, a descartabilidade, o medo, a violência, a qualidade de vida, também se apresentam como fortes demarcadores do cotidiano e das práticas de si dos habitantes dessa cidade.

A fama positiva de Nova Lima como cidade “boa de viver” é reconhecida e confirmada por muitos moradores, principalmente pelos que aqui chegaram recentemente: “Me sinto uma vitoriosa de ter voltado pra minha terra. Só a gente que sai daqui sabe dar valor ao que é da gente. Não tem terra como Nova Lima. Pra ganhar dinheiro é S. Paulo, mas pra viver é Nova Lima.” (Lúcia).

*Eu adoro viver aqui, ainda mais o lugar em que eu moro é muito ar puro, muita natureza, as pessoas se conhecem. Em Belo Horizonte eu não conhecia nem o meu vizinho da esquerda e nem o meu vizinho da direita, morava em uma casa, o muro alto, eu não via a rua, só via o céu se olhasse para cima. Em Nova Lima a gente tem mais segurança, a gente conhece as pessoas. (Alice).*

*Eu vou te falar que hoje eu sou outra pessoa. Ter mudado pra cá me fez realmente ser outra pessoa, porque a cidade vai te deixando dura, enlouquecida, tensa, os compromissos com o horário, você não tem tempo de observar, você não olha, você não vê nada. Então eu não tinha nenhuma relação com a natureza, eu nunca tive. Eu trabalhava com criança, eu trabalhava com teatro, mas não tinha esse tempo pro olhar. Então ter vindo morar aqui me fez virar outra pessoa, muito mais tranqüila. Foi o próprio espaço que foi me fazendo isso. Hoje eu observo as plantas, eu vejo beleza nisso, eu vejo vida, me emociono com pequenas coisas que antes não me emocionavam. Eu acho que isto é pelo fato de eu vir morar aqui. (Mirtes).*

O bem estar e a realização, expressos pelos novos moradores, contrastam com a angústia, a sensação de perda e aprisionamento manifestados pelos nativos e pelos moradores

da sede, pressionados por várias situações que ameaçam seus modos de vida. No entanto, as recentes mudanças nas formas de ser, de se relacionar, de se posicionar frente ao mundo e à natureza são sentidas tanto pelos moradores mais antigos, quanto pelos que chegaram mais recentemente.

As pessoas que vinham pra Nova Lima eram pessoas que buscavam um contato com a natureza, vinham pra Nova Lima com uma outra relação, de respeito, de tranqüilidade. Agora eu sinto o seguinte: muitos shoppings, muitos shoppings, quer dizer, tem esse olhar do comércio, olhar do econômico o tempo inteiro, é o que vale dinheiro, é o lote, quer dizer, não era assim. (Mirtes).

Nas relações do dia-a-dia, distinguem-se padrões conservadores e de manutenção de formas afetuosas de convivência e de vizinhança ao lado de posturas marcadas pelo individualismo, pelo descaso com os espaços públicos e pela coletividade. Os entrevistados falam das mudanças nas formas de convívio, geralmente relacionadas às questões de ordem sócio-econômica.

Eu acredito que há quinze anos atrás o convívio era mais natural, mais simples, as pessoas conviviam mais, sem olhar tanto o poder aquisitivo, até porque Nova Lima não tinha tantas mudanças, não estava tão elitizada. Porque o desenvolvimento traz estas camadas, então as crianças começam a se separar, “ah não brinca com fulano”, o fulano mais pobre brinca com os coleguinhas mais pobres... (Alice).

A gente prefere sair num sábado ou domingo que eram os dias de encontrar com os amigos, mas a gente não tem mais os amigos, não tem mais os diálogos, então a gente está fugindo daqui e talvez está sendo pior. Era uma terra onde todo mundo sabia o nome de todo mundo, todo mundo dava bom dia para todo mundo. Hoje em dia está tudo mais difícil, as pessoas estão andando mais assustadas, porque pelo fato da cidade estar crescendo tão grande, não são só os ricos que estão vindo, as outras pessoas estão vindo porque acham fácil acesso. Já não existe aquelas escolas de samba como era antigamente, já não existe aquelas praças bonitas que todo mundo cuidava. (Fernando).

Antigamente, era aquele convívio de comadre, a gente vivia na casa de um, pedindo uma coisa emprestada e a vida vai obrigando cada um a olhar os seus problemas, os seus interesses, não tem tempo para muita amizade, muito, muito raro, viu. (Wânia)

Ainda existem formas de convívio baseadas no respeito, no carinho e no cuidado com crianças e idosos:

Eu vejo aqui na casa de mamãe, é o dia inteiro, é gente o dia inteirinho. Tem pessoas que vêm aí todo santo dia só para conversar, porque hoje também ela não sai né, ela tem dificuldade de andar, só fica sentadinha lá, passou por uma fase difícil, agora já está bem, e o dia inteiro é gente lá. Fica todo mundo muito preocupado, muito atencioso com ela, tanto pessoa de idade como pessoa mais nova, homem e mulher, então, acho assim, é um povo carinhoso. (Irineu).

A falta de espaços de convivência não impede que se inventem maneiras de se encontrar, em pontos estratégicos, nem que seja de passagem:

Nova Lima tem muito pouco espaço de convivência, vamos dizer assim oficialmente, mas as pessoas se criam no espaço de convivência, não é? Esses lugares que eu estou te falando que se transformam numa praça onde você fica ali e as pessoas já sabem que fulano vai estar ali, e já passa por ali, mais ou menos, passa dois dedos de prosa e vai embora e não é só gente mais velha, meninada também faz a mesma coisa. (Rita).

Os moradores antigos, falam das camadas sociais, da estratificação espacial e dos fatores que distinguem os antigos bairros operários de outros, projeções na superfície das relações estabelecidas no subsolo:

Nos lugares que eu morei sempre teve esta característica. Eu morei no Míngú, eu saí com meses né, mas morei aqui na Volta Redonda, também era quase que todo mundo amigo, antigamente a Morro Velho também tinha isto né, as diversas camadas... Então ali na Volta Redonda tinha, eles trabalhavam quase todos juntos né, então eram muito ligados uns com outros. É fundo de Mina né, é o pessoal mais sem classificação profissional, é o que ia lá no fundão, que ficava cá em cima puxando o carrinho, o que ia lá em baixo encher o carrinho e que esvaziava o carrinho cá em cima né. Rua Nova, Areão, lá na Fábrica de Bala também era e depois aqui, igual Cristais, Chácara, quase que tudo, era tudo em família né. Conforme também nas Quintas também era, tinha o pessoal só que de outro nível. (Irineu).

Essa modelagem feita a partir da divisão de classes estabelecida pelas minas, permanece na Nova Lima de hoje, atravessando o cotidiano e as maneiras de ser: “Nova Lima sempre foi uma cidade de diferenças, né, de estratos e camadas da sociedade. Essa segregação eu acho que ela se faz, continua se fazendo, continua sendo, numa cidade.” (Rita).

Também se falou da receptividade do povo novalimense aos que chegam, característica adquirida na sua história de cidade mineradora, sujeita a diversos fluxos de migração, e que permanece até os dias de hoje.

Eu acho que o novalimense é um povo assim muito, muito aconchegante, muito amigo, muito solidário, acho que isto fica daquela época em que a gente, isto o pessoal mais antigo né, é aquela solidariedade que existia, porque foi uma necessidade da época, em que o povo participava, ajudava os operários que estavam em greve, os operários que estavam em dificuldade. (Irineu)

Nova Lima é considerada uma cidade que qualquer pessoa que chega é bem acolhida, acho que nós temos que preservar isso mesmo. Quando nossos netos tiverem aí, eles falarem, “Nó, Nova Lima consegue acolher as pessoas até hoje”. A mineração foi embora, mas a acolhida ficou, né. (Lúcia)

### *Estranhamentos*

Ao lado do decantado progresso, das novas oportunidades e possíveis ampliações, Nova Lima é uma cidade que cresce e se perde, se dilui, se acelera, que acirra seus processos de segregação sócio-espaciais e seus estranhamentos.

“Estrangeiros em sua própria terra”, assim se expressam alguns entrevistados com relação à instauração de estilos de vida, ritmos e posturas dos novos moradores, que em número crescente nos últimos anos impõem, através de cerceamentos e mecanismos de reprodução ou contágio, seu modo de vida à cidade. “Eu acho que o crescimento da cidade é uma mudança muito grande, é o crescimento onde ninguém conhece mais ninguém, ou seja está entrando nesse ritmo de coisa [...]” (Rita).

Você tem medo de cumprimentar uma pessoa, ela atravessa do outro lado porque ela imagina que pode ser assaltada, então aquelas grandes casas que não tinham alarme ou funcionário, podia chegar e abrir e entrar, pois o portão ficava aberto, hoje em dia não pode mais. (Fernando).

O sentimento de pertencimento a uma comunidade, a uma história e rotina de vida, cultivado pelos moradores mais antigos, dá lugar a um estranhamento generalizado.

Era mais família, não era vizinho, era quase que uma família, né, mas hoje está rodeado de outras pessoas que às vezes mudam, mudou gente aqui agora que eu não conheço, mas aqui, ali em baixo, aqui atrás é tudo gente mais antigo. Tinha aquele negócio, você levava um bolinho, um biscoito, chegava um vizinho novo sempre se aproximava assim né, hoje não tem muito disto não. (Irineu).

Você chega na prefeitura, você não conhece ninguém, você chega na Câmara, você não conhece ninguém, você está entendendo, mas você conhece, é um negócio muito..., que assusta inclusive, assusta, assusta. Porque fulano é filho de beltrano, mora em tal lugar, é assim que você faz a sua rede social daqui, recompõe a sua história né. (Rita).

Os “nativos” são tratados como perigosos e inconvenientes pelos moradores dos condomínios, que, com suas guaritas e seu arsenal de segurança, afastam qualquer possibilidade de contato. O cotidiano dos moradores está atravessado por essas interdições, cercas, desconfianças, que atuam na modelagem de maneiras de se vestir e andar pelas ruas, no estilo das casas e no comportamento público.

Hoje em dia tem o pequeno pobre e o grande rico; às vezes a gente está andando, fazendo uma caminhada, a gente é assustado e as pessoas que estão ao nosso lado se assustam com a gente. Não tem mais como você andar de sandália, de chinelo ou mesmo descalço na rua. É uma ameaça. A gente tem que andar e andar bem, bonito,

andar bem bonito socialmente, por fora, mas por dentro o coração continua, mas ele está sendo muito afetado. (Fernando).

Esse estranhamento se estende aos serviços e ao comércio novalimense, pouco procurado pelos novos moradores: “O problema desse povo dos condomínios, é que esse povo não desce para comprar na cidade. Tinha que ter uma política de atrair esse pessoal pra cá. Não atrai. Acaba ficando só o consumo local mesmo.” (José). A desconfiança prevalece: “[...] é claro que ainda tem muita desconfiança, desse povo, do usuário, do serviço novalimense, do serviço de Nova Lima, ficam desconfiados...” (Rodrigo).

Os novalimenses, acostumados às práticas de acolhida e ao convívio quase familiar com seus vizinhos, estranha a postura dos novos moradores, avessos ao contato e aos laços de amizade. Sente-se que o morador dos condomínios só deseja usufruir das vantagens e privilégios de estar morando nesse “pedaço do paraíso”, sem se ligar à vida da cidade e de seus habitantes:

Tem uma questão política aí que é muito séria, aqui a maioria das pessoas não vota em Nova Lima, então não tem interesse. Acho que você tá vindo pruma cidade, tá morando numa cidade, você tem que transferir sua vida pra essa cidade, você tem que votar nessa cidade, senão como é que vai ser? E as pessoas não assumem isto. Tem uma prima minha que ela podia ter o filho no Hospital Vila da Serra, com o médico que ela queria, o lugar melhor pra ela ter, mas ela não teve pro menino não ser novalimense. Não dá pra gente entender uma coisa dessas. Eu moro na Nova Lima dos pobres, não é dos ricos, não. (Mirtes).

Assimilações também acontecem, com a influência de estilos de vida cosmopolitas, sobre a vida de comunidades ancoradas sobre modos de vida interioranos. No bairro José de Almeida, limite entre a Nova Lima/sede e a região dos condomínios, coexistem casas de antigos e novos moradores que quase não se relacionam. As casas dos antigos moradores foram modificadas buscando se assemelhar ao padrão das chamadas “mansões”, com muros altos, portões fechados c/ interfone, demonstrando que a assimilação de contextos invasores pelas comunidades invadidas, é uma realidade.

Alguns moradores de condomínios procuram romper a postura excludente e conviver com a cidade e seus habitantes:

As pessoas estão optando por estar aqui... Aí, inicialmente a gente estava lá e vinha a Nova Lima, agora a gente sente que ali já é Nova Lima, Jardim de Petrópolis já é Nova Lima, é uma característica da cidade também. Eu vejo isto acontecendo também em outros condomínios, acho que têm essa relação, interessante, comunitária. (Rodrigo).

*“É pouco grito!”*

A constatação da desvalorização do cidadão novalimense, inicialmente frente ao colonizador inglês e atualmente frente ao morador dos condomínios, atinge, em cheio, a questão da auto-estima e do longo processo de humilhação a que o povo novalimense foi submetido. Isso está presente no cuidado desigual despendido com os bairros da elite e os ditos “populares”, nos diferentes equipamentos públicos disponíveis nos mesmos, na vergonha que se tem da cidade “feia”, sem recursos, frente aos luxuosos excessos urbanísticos e tecnológicos de uma outra Nova Lima.

Eu sinceramente tenho vergonha quando tem carnaval em Nova Lima, fica essa badalação toda, o turista que vem aqui e chega ali no Bonfim, ou mesmo no centro da cidade. Quem nunca veio em Nova Lima, vê aquela coisa toda do carnaval, chega aqui, aquela cidade feia. Sinceramente eu sinto vergonha. (José).

Essa faceta envergonhada da população surpreende quem chega, seja pelo ocultamento de talentos em potencial, seja pela ausência de espaços públicos de encontro e “badalação”.

O que eu achava diferente aqui era a história das coisas meio escondidas, acho que é o próprio relevo, a cidade, os becos, umas ruas que a gente não enxerga direito, você não tem uma visão, não chega a vê-la, quando você olha de cima assim. Quando você entra, você não acha muito os lugares, não sabe aonde encontra as pessoas. Não tinha aquele point famoso que toda a cidade tinha. Você fala assim, gente, não é possível, em que toca que esse povo tá? (Rodrigo).

As pessoas não saem muito de casa, no meu ver, para ir ao teatro por exemplo. O teatro está sempre vazio, uma casa maravilhosa de espetáculos, a gente tem o segundo teatro melhor de Minas Gerais, em Nova Lima. E as pessoas, elas têm medo do teatro, eu percebo isto. Então nós já tivemos algum evento lá que a gente foi pra porta da igreja e a gente foi pegando as pessoas pela mão “Vamos ao teatro, gente. Tem a abertura de um evento lá assim, assado”, e aí as pessoas foram. Pelas mãos de alguém que levava, alguém que conduzia. Eu acho que essa dificuldade de relacionamento, não é só de Nova Lima, acho que o mundo hoje está um pouco frio, as pessoas estão com muito medo umas das outras, tão querendo buscar só o seu desenvolvimento, o seu valor, e esquecem do grupo. (Mirtes).

Eu acho que o povo de Nova Lima continua com essa história, continua a viver escondido, não é um povo pra fora, que se solta e tudo mais, inclusive eu vejo que até a turma, pessoal de uma geração, minha geração, dos quarenta e poucos, essa turma toda continua fazendo algumas produções, algumas coisas assim meio isoladas, meio fora da cidade. A coisa não acontece aqui, você não encontra a turma por aqui. Você vê as figuras de qualidade, mas que você tem que garimpar para achar, a coisa não fica destacada. E a gente, graças a Deus, por estar aqui há muito tempo, o trabalho de garimpo já está bem adiantado, e agora as pessoas ficam só se revelando, né. (Rodrigo).

Fala-se também da passividade da população, de sua acomodação, de seu horizonte restrito: “Nós estamos aceitando, a gente está ficando escondido mesmo. Eles estão falando, a gente está vendo, mas poucas pessoas vêm, estão sozinhas, não têm como lutar.” (Fernando).

Eu acho o povo de Nova Lima muito quieto, muito sossegado, essas associações de bairro, elas poderiam dar muitos bons frutos. Eu acho que o povo tem que aprender a gritar, tem que aprender a cobrar. Eu acho que o povo ainda é submisso. Oh Nina, o medo, olha aqui, eu já vi gente não ter coragem de abrir a boca. Ainda há aquele medo do coronelismo que nós tivemos, a época dos coronéis ainda não foi, ainda não conseguiram cortar as cabeças dos coronéis todos não, apareceram outros, você entendeu? Então o povo ainda é submisso, o povo ainda não descobriu a força que tem e isso de modo geral não é Nova Lima não, é o Brasil todo. (Wânia).

A gente percebe que já mudou. Não tanto, ainda tem uma coisa em Nova Lima, talvez esse contentamento com pouco, o pessoal se contenta com pouco, então qualquer pouquinho que é dado acaba que, pessoal quieta o facho, fica por aqui mesmo, não avança demais, né, nessa questão do descontentamento e partir pra algum tipo de violência e agressão. (Rodrigo).

Eu percebo uma cidade muito passiva diante de determinadas situações, de determinados contextos, porque a gente vem pra cá pra Nova Lima buscando espaços, buscando outras propostas de trabalho, um outro público. Então a gente encontra um público mais resistente, que tem muito medo de arriscar, de se entregar. É uma cidade generosa, mas ao mesmo tempo com muita dificuldade com o novo, muitas vezes com medo. (Mirtes).

O sentimento de impotência e apatia, que às vezes se denuncia, contrasta com o ethos guerreiro já apontado, que no século passado sustentou um forte movimento de resistência aos desmandos e às precárias condições de trabalho. O caráter brincalhão e irreverente, ao lado de uma surda indignação, parecem ser os traços que sinalizam para a manutenção, nos dias de hoje, dessas forças de re-existência e preservação de uma dignidade de classe e da solidariedade entre iguais.

Alguns propõem maneiras de se valorizar a cidade através do embelezamento do espaço urbano, do cuidado e da arte.

Ela tem condição de melhorar sim. Ela vai ficar no meio desses condomínios, mas quando eles ver a gente lá de cima, vai ver tudo bonito lá embaixo. “ah que coisa bonita lá que eles fizeram, olha isto, olha aquilo...” E de repente vão até querer descer pra Nova Lima “ô gente comê que tá aí?”. Acho que isso faz parte, muda a história, muda o visual. (Ronaldo).

A vizinha Belo Horizonte é citada com as intervenções no espaço urbano que “deram certo” e resultaram em valorização do cidadão. Praça da Estação, av. Paraná, av. Afonso Pena foram citadas como exemplo de planejamento em função da vida da população, o que faltaria a Nova Lima.

Como que Belo Horizonte mudou! Eu tava vendo a planta da Afonso Pena, de não sei quantos anos... Agora Nova Lima é uma cidade o quê, sem projeto. Foi construída, mas sem projeto. Não tem planejamento não, cada um fez uma casinha aqui, fez a outra ali, “tem esse beco aqui que nós vamos fazer uma rua pros cavalos passar, pras carroças passar”. (Ronaldo).

Eu fico torcendo pra ver Nova Lima, domingo, na praça, a praça acontecendo com atividades, as pessoas juntas, unidas em torno de alguma coisa, sabe? Eu acho que isso ajuda demais. Eu vejo BH, hoje, os festivais, o Festival Internacional de Teatro, quer dizer, os beloizontinos se encontram pruma atividade que é mundial, internacional, a cidade fica famosa por causa disso, valorizada. Valorizar sua cidade é muito bom, você sente orgulho disso, então eu acho que falta isso em Nova Lima. Até pensei em propor algumas coisas, uma cidade-parque, sabe. Eu vejo, não tem brinquedos nas ruas da cidade, não tem parque, então o quê que a gente pode fazer, para criar esse movimento de valorização da cidade, que aí as pessoas que vêm, falam “nossa, essa cidade é muito bonita, muito organizada, dá licença da gente andar na sua gangorra, eu quero participar”. Senão as pessoas entram “nossa, mas não tem nada”. Aí eu não quero mais ser Nova Lima mesmo não. (Mirtes).

## 5.2. Meninos na cidade

Nas sociedades contemporâneas, principalmente nas metrópoles brasileiras, em que os espaços são privatizados e definidos pelo pertencimento social de seus usuários, a criança torna-se uma das principais vítimas da segregação através do espaço. É fundamental a formulação de políticas públicas de lazer voltadas para a infância. Espaços que ocupem o lugar da rua, tradicionalmente o lugar da produção e transmissão da cultura infantil. (LANSKY, 2006, p.13).

Se a vida na cidade se desdobra em múltiplas facetas, algumas terríveis, outras viabilizadoras de possíveis, o que acontece com essa população invisível, esses meio-cidadãos a reboque das decisões dos adultos?

Quando o mundo da modernidade produziu o modelo de família nuclear que deu sustentação às necessidades do sistema capitalista, a infância se tornou centro da vida doméstica e foco principal dos procedimentos de reprodução de uma subjetividade capitalística, que se estendem das classes mais altas até aos meninos da periferia. Essa família mínima, organizada para restringir à intimidade do lar os contatos significativos, avessa aos espaços públicos e às manifestações coletivas, limita a vida de sua - cada dia mais reduzida - prole a rotinas de estudos e diversão permeadas pelos equipamentos da sociedade de consumo e pela tecnologia midiática.

O mundo das crianças de hoje é motorizado, movido a controle remoto, mídias eletrônicas, à parte do corpo das cidades. Navegam pelo mundo virtual com desenvoltura e, muitas vezes, não se deslocam sozinhas nem pela própria rua. Por outro lado, a meninada dos cortiços e das favelas se desloca com agilidade e desembaraço pelo espaço urbano, “donas do

pedaço”, apresentando sua ousada linguagem corporal e seus apelos, aos amedrontados transeuntes. Até que sejam parados por alguma perseguição policial ou por alguma guerra de grupos rivais.

A metrópole arrasta os meninos para sua roda viva, da batalha pela sobrevivência, de longas jornadas de trabalho e transporte, do trânsito caótico, da segregação, da violência.

Eu acho que as crianças foram desenvolvendo à força, pela chegada da cidade. Nova Lima era uma cidade moradia muito tranqüila, então as crianças brincavam muito na rua, nas ruas não passavam muitos veículos, não tinha tanto transporte, lotação, como tem agora, não tinha o que tem agora, o tal do moto táxi. Então ficou mais perigoso atravessar a rua, brincar na rua ficou mais violento também. (Alice).

Crianças e adolescentes esquecidos e “menorizados” pelos projetos políticos, pela distribuição orçamentária, pela produção acadêmica, são relegados a segundos planos. Seja para as crianças das camadas abastadas, circulando com motoristas em direção à apertada rotina de suas agendas lotadas ou para aquelas dos bairros pobres e periferias, submetidas, desde cedo, com a ausência prolongada dos adultos, a responsabilidades domésticas, em toda parte há abandono e solidão, desde a extrema solidão da população infantil “de rua”, à reclusão em escolas, apartamentos e instituições disciplinares. “Porque a cidade cresceu, os pais todos trabalham, as mães trabalham, as creches não dão conta” (Rita).

Então a liberdade do jovem e da criança foi acabando e eles estão tendo que se adequar a essa nova realidade. As mães estão deixando as crianças mais em casa, “ah, não vai brincar na rua, não vai brincar com o vizinho”, então restringe muito a vida da criança e do adolescente, aí ele chega na escola e ele quer brincar, aí que está a grande questão. (Alice).

O acesso, o lado infantil, os adolescentes, eles estão procurando trabalho, eles não estão preparados, eles estão presos, eles não têm mais aquela facilidade de locomoção. Como cresceu tanto, as coisas ruins têm vindo lá atrás também, tá vindo muita droga, facilidade de chegar e está atrapalhando muitos adolescentes. Eles não estão tendo como brincar mais, a área de liberdade que a gente tinha, de passear, de ir para a mata, de tudo, eles não estão preparados para isto mais. (Fernando).

Os entrevistados são unânimes com relação à grave situação em que se encontra a infância e juventude de Nova Lima com relação à falta de espaços adequados ao lazer e ao crescente avanço da drogadicção.

Nova Lima não está fugindo do quadro aí do Brasil não, muita violência, muita droga, a vida das famílias, eu acho que todas as famílias vamos dizer assim, quase todas, sofrendo as mesmas conseqüências desta modernidade aí, dessa juventude que não tem limite, né, que a juventude não tem limite. (Wânia).

Vindo do Campo do Pires, já chegando ali, uns meninos ali na rua, penso assim, que tristeza! E logo à frente, pouco antes do Via Ouro<sup>23</sup>, um espaço enorme liberado, tem um negócio lá que parece é da Conspar<sup>24</sup>, cedido. Gente, pô, faz uma área de lazer ali, faz umas quadras, libera isso aí né. Põe os meninos pra ficar brincando, jogando bola, jogando vôlei, o que for, um parquinho, aquelas madeiras, investimento pequeno, coisa besta. Agora fica ali aquela meninada no meio de pai bebendo, outros se drogando, e aquela meninada fica vendo aquela cena, age por imitação, é uma tristeza. Realmente é uma produção explosiva, eu temo muito. (Rodrigo).

Nova Lima não tem espaço de lazer para o jovem, nenhum. Para você ter uma idéia, quando eu falo em associação comunitária, quando a presidente de lá, que é super ativa, eu ajudo a divulgar, falo, dou força, do jeito que eu posso, vou lá etc. Quando ela faz uma sessão de vídeo lá, enche. Essa meninada quer fazer as coisas e não tem atividade, tudo isso que a gente está falando faz parte de isso aí, você não tem, você tirou os campinhos. Você vai no Galo aqui, você tem um bar ali em frente uma pracinha que a meninada fica ali toda..., o dia inteiro, qualquer hora que você for lá eles estão lá, não têm o que fazer. (Rita).

Atingidas pela privatização dos espaços de lazer junto à natureza e pelo processo de segregação instalado no município, as crianças vêm restritos seu universo e suas possibilidades de inscrição social.

Vendo pelo José de Almeida, as crianças observam, né, o bairro Ouro Velho, é um condomínio que tem cancela. “Não posso passar, só podem passar determinadas pessoas”, quer dizer, isso já é uma questão dura pras crianças do José de Almeida e de bairros que também sofrem com esse tipo de coisa. Eu acho que criança não deveria ver isso, isso cria uma revolta nas crianças, então não sei como processam isso, como que tá sendo, como que a escola trabalha isto, se eles pensam isso, mas enfim, eu acho que é uma questão a ser levantada e pensada, perguntar pros meninos, o quê que eles sentem, o que eles acham, se eles não acham nada. (Mirtes).

Então assim quando você fala em juventude numa cidade como Nova Lima, que não tem escola em tempo integral, eu não diria nem escola, educação em tempo integral, o que fazer com esses meninos? Não tem, os campinhos foram fechados, você perdeu o que tinha na infância da minha idade, da minha geração e não deu nada em troca, você não tem espaço de lazer para a meninada, não tem nada! Você não tem instrutores, porque você precisa de gente que leve as crianças, você não tem os guias para fazer essa coisa aí, porque isso tudo pode ser promovido e não é promovido uma vez na vida não, promovido como parte dessa educação que eu estou falando, que tem que ser o tempo todo. (Rita).

O jovem daqui não tem, não tem o que fazer, não tem passeio, não tem um campo bonito, não tem o que se fazer. A gente, quando era novo, a gente ia pra Rio Acima, pra não sei onde, pra Banqueta, pro Rego dos Carrapatos pra nadar. Eu aprendi nadar ali ... Nesse alto aí das Quintas Dois, pegava esterco, colhia flor do campo. Então eu tive uma juventude e uma infância muito movimentadas, sabe, e meu pai, minha mãe, a gente visitava os presépios e tudo, mexia com Pastorinhas<sup>25</sup>. Então hoje eu falo isso, os meninos não sabem, né? (Sara).

---

<sup>23</sup> Empresa de transporte lotada no município.

<sup>24</sup> Grande construtora lotada no município.

<sup>25</sup> Grupo de mulheres, vestidas de pastoras, que no período natalino se deslocava pela cidade, cantando e dançando marchas alusivas à data, festejando o nascimento do deus-menino.

Visões variadas da adolescência do município, que vão desde as mais positivas até as mais preocupantes perspectivas são expressas pelos entrevistados.

O adolescente, o jovem, pelo menos os contatos que eu tive, são um pessoal assim bem participativo, bem orientado, tem uns desvios aí né, mas pelo menos no que eu tenho convivido, eu acho um pessoal com uma cabeça boa, bem orientado, preocupado com o futuro, estudar, em aprender coisas, em conhecer. Hoje também eles têm muito mais chance de cursar escolas, você tem uma diversidade muito grande de escolas, de possibilidades para eles, antigamente era difícil né. (Irineu).

Os adolescentes coitados, eu estou assim... adolescência é uma fase tão bacana, tão cheia de novidades, tão cheia de ...É o que eu falo, os meninos poderiam ser mais felizes se eles tivessem mais criatividade. Mas a criação foi cortada na vida deles, então eles estão sendo orientados pela televisão, qualquer um, a maioria deles. Zé de Almeida, Jardim Canadá, as meninas, a sexualidade muito aflorada. Então eles ficam só nesse mundo deles do desejo, do desejo material. (Mirtes).

Nova Lima que não se preparou para fechar a Morro Velho, não se preparou para crescer, de repente explodiu e essa menina está toda aí ao Deus dará, perdida, desorientada, não tem emprego, para você conseguir emprego na cidade, igual eu estou falando, você tem que ser apaniguado de alguém. (Rita).

O alheamento das crianças e adolescentes com relação ao patrimônio cultural, à história e à trajetória de lutas da população trabalhadora é uma realidade, mesmo nas famílias que participaram e vivenciaram todo processo de embate entre o sindicato e a mineração.

Eu tenho uma neta de 14 anos e foi no meu aniversário, estava reunido ali em baixo e tal e de repente ela chegou até chorando: “Vô, eu tô boba”, porque alguém contou para ela alguma parte da história do meu pai, do bisavô dela e mamãe, os problemas que nós passamos naquela época. Ela ficou toda chorosa, chorou mesmo, emocionada. Não sei quem é que contou, não sei por que não, porque se você vai sentar para conversar isto nunca eles querem..., sempre tem um joguinho para fazer, sempre tem uma televisão para ver... Porque antigamente não, você sentava, contava história, conversava, contava experiência, hoje em dia não tem isso. Você saía, por exemplo, para a escola, fazia excursão, ia lá no Rego dos Carrapatos, “porquê tem esse nome?”, ia no Rego Grande, “o que é o rego grande?”, “o que é o Bicame?”, hoje a escola não ensina isto, não mostra isto, meu tempo de escola mostrava. Você ia nesses cruzeiros que tem aí, uma mina ali em baixo né, hoje em dia não, hoje eles estão mais preocupados com a eleição americana do que com isto... (Irineu).

Mirtes compara a visão crítica dos alunos do Colégio Santo Agostinho, que serve às classes abastadas dos condomínios, à passividade e desinteresse, ou às reações violentas dos alunos de escolas dos bairros novalimenses:

[...] a gente estava falando, explicando pros meninos como funciona uma Câmara, qual a função dos vereadores, a função do poder executivo, do legislativo e do judiciário. Os meninos do Santo Agostinho colocaram o colégio abaixo, questionando, falando mesmo, dando depoimentos do que eles não acham bom, do que eles não gostam, acham que está errado. Bem diferente da passividade dos

adolescentes das outras escolas que entenderam o assunto, mas não se manifestaram nem contra nem a favor. (Mirtes).

No Jardim Canadá, nas poucas vezes que eu tive lá, a gente não conseguiu nem fazer, nem falar, nem começar uma história, porque a intenção deles era destruir. Eu fiquei assustada. Deu uma briga de gang lá, os professores simplesmente trancaram a porta e ninguém fez nada. Eu perguntei, ninguém vai falar, fazer nada? “Não, deixa eles brigando e fecha a porta.” Eu não acreditei que eu estava em Nova Lima. (Mirtes).

A ociosidade aliada às oportunidades de contato com as drogas, à facilidade de aquisição de bebidas alcoólicas forja uma geração em situação de risco, já ligada a pequenos furtos e aos atos de violência e vandalismo. “[...] há muito tempo tinha um cartaz em todos os bairros: ‘proibido a venda de bebida alcoólica e cigarro para menores’ mas se eu pedir minha filha para ir no bar ali comprar...” (Fernando).

Eu estou vendo assim: é droga, álcool à vontade, os meninos começam a freqüentar um bar com dez anos, onze anos, doze anos, e a venda de bebidas é permitida, ninguém cobra. Eles não têm outra alternativa, não são acostumados a freqüentar o teatro, o cinema, que nem tem, Nova Lima não tem, né. Então a consequência reina, difícil para os pais que não sabem mais como vão educar os filhos, difícil para os professores, difícil para todo mundo! (Wânia).

[...] o outro fato é o menino que morreu com uma canivetada, acho que um morreu com uma canivetada e o outro morreu baleado aqui na quadra, ou seja, a quadra tinha se transformado num local de encontro da meninada que mexia com droga, ok? (Rita).

A sensação de perigo iminente cerca a população infantil da cidade e restringe seu espaço existencial.

Então se a criança participava do carnaval, o adolescente, a mãe deixava ir sozinho há uns dez anos atrás e hoje a mãe não deixa, a mãe fala: “eu vou com você”. O jovem que quer ir na “sexta na feira”<sup>26</sup>, a mãe fala: “eu vou com você”, porque na “sexta na feira” agora tem os problemas, roubam boné, cordão, oferecem drogas. (Alice).

E antigamente você não..., “Ah! Não quero que você ande com o menino de fulano porque o menino é assim, assim e assim”. O mau elemento, mas os maus elementos você batia o olho neles de longe. Hoje essa coisa se misturou de uma forma tal que as pessoas ficam apavoradas e não sabem como dar conta desses adolescentes, né? Está aí essa questão toda da violência, da violência. (Rita).

A questão da drogadicção, invadindo rapidamente as escolas, as ruas e a vida das famílias, preocupa a todos, principalmente pela inexistência, no município de espaços e

---

<sup>26</sup> Feira em praça pública, que acontece na cidade às sextas-feiras à noite, e se tornou ponto de encontro de adolescentes e jovens novalimenses.

serviços que abordem a gravidade do problema. “[...] se você ver a quantidade de jovens desorientados, perdidos, que vão bêbados para a escola às sete horas da manhã! Nova Lima não precisava ter isso, não precisava. O ritmo é muito rápido, muito acelerado.” (Rita)

Eu tenho dó é desses adolescentes que tão por aí, usando droga, essas coisas, não tem um centro de recuperação em Nova Lima que você fala assim “Ó fulano de tal tá usando, vão colocar num lugar assim pra recuperar”. Não existe. Sabe o quê que acontece, isso vai virar uma epidemia. Eu fico com dó é do futuro do país, porque, quem vai dirigir esse país? (Ronaldo).

Mirtes, com seu trabalho teatral tenta abordar esses adolescentes já envolvidos com o uso e o tráfico de drogas:

Eles ficam muito distanciados, eles vêm prum espetáculo, tou falando de meninos que já tão nesse processo aí de drogas. Eles entram, vêm de bicicleta, deixam a bicicleta aqui no pátio e ficam de longe. Aí eu falo “gente vamos lá assistir o espetáculo” “não, não daqui a pouco nós vamos embora” Eles ficam, ficam até o final, é só a gente não falar nada com eles, entendeu? Chamo, falo “que bom que vocês vieram! Legal!” Então eu acho que são coisas que deveria ter muito, sempre ter, um trabalho aqui, na praça, sempre uma atividade, porque isso vai aproximando os meninos das outras pessoas, da arte, de uma escolha profissional... (Mirtes).

Os apoios institucionais são pequenos:

Então a gente faz eventos aqui, com restos de patrocínio. A gente tem às vezes fundos prum espetáculo, aí a gente traz o espetáculo e faz. Eles vêm sempre aqui, a gente faz muitas atividades, brincadeiras na rua, às vezes na associação, tudo sem verba. Não existe uma verba específica prum trabalho aqui, esse seria meu sonho. Desenvolver um projeto real, que se pudesse montar um grupo, que as crianças pudessem fazer uma série de atividades... (Mirtes).

Frente a tudo isto, às mudanças aceleradas, as famílias, desde as tradicionais às novas configurações que se apresentam, se mostram assustadas e buscam a ajuda de profissionais do campo psicossocial para orientação e tratamento.

Eu acredito que é a evolução social, é uma diferença de como eles viveram há anos atrás, como eles foram criados, como eles viveram com os pais deles e agora acompanhar toda esta evolução. E como acompanhar um desenvolvimento e construir, ensinar algo que eu não vivi? Então é difícil, a tendência dos pais é recuar e deixar os filhos dentro de casa. Orientar como eles foram orientados; como não conseguem, recorrem aos profissionais. Estão, amedrontados e perdidos, muito perdidos. Eles estão tendo que aprender na marra, mas acabam aprendendo, com a dor a gente também aprende né, tem que aprender. (Alice).

### 5.3 A cidade do medo

*“Há medos urbanos de toda natureza:...eles habitam o cotidiano dos cidadãos e o envolvem num drama. A cidade do medo termina por criar, todos os dias, novos medos”.* (Milton Santos).

A urgência, o medo e a violência são, sem dúvida, ao lado do individualismo, as manifestações mais evidentes da vida nas megalópoles. Com a redução dos espaços de convivência e da esfera pública, com o aumento do tempo de trabalho e de locomoção, com o esvaziamento da organização político-comunitária, ocorre um estranhamento entre os sujeitos-cidadãos, entre vizinhos e parceiros, entre anônimos companheiros de viagem em ônibus superlotados. Mais distantes ainda aqueles que a situação sócio-econômica separa e aprisiona, em gaiolas de luxo ou vidas sem perspectivas. Milton Santos nos alerta para o medo da pobreza e dos pobres, em que tememos mais as próprias vítimas que as circunstâncias causadoras da miséria. “Sendo assim, teríamos que nos preparar para viver sob temores mais vastos e profundos, porque, no maravilhoso mundo novo que agora nos preparam, as grandes cidades no Brasil serão ainda maiores e mais carregadas de miséria” (SANTOS, 2002, p.126).

A questão da violência, geralmente associada ao tráfico de drogas, aparece na fala dos novalimenses entrevistados como fator que vem romper o padrão de vida tranqüila cultivado pelos moradores e que se tornou atrativo para muitos habitantes dos novos condomínios. É também associada à vinda de uma população de favelas vizinhas, atraídas pelas festas locais, principalmente o carnaval e pelo marketing através da mídia.

A cidade tem que melhorar para receber o que está chegando, mas ao mesmo tempo vem a violência, vem a insegurança. A Via Ouro foi assaltada por pessoas de Belo Horizonte e isto foi comprovado e tudo pela policia, então isto atrai o olhar de outras pessoas. Nova Lima é muito próxima a Belo Horizonte, são 25 km? Então é muito rápido o transporte. O carnaval atrai às vezes muita bagunça, violência, um lado todo ruim, vem gente de fora também para bagunçar, então tem o lado positivo e o negativo, a sociedade tem que lidar com este crescimento de maneira favorável. (Alice).

[...] uma coisa que eu tenho visto em Nova Lima acontecendo com mais frequência, a violência, e essa violência parece que ela está sendo muito estimulada, crescendo, por esse excesso de drogas que tá tendo em Nova Lima aí agora. Então droga tá gerando violência sim, tá ficando perigoso isso aí, já tem gangues, coisa que nunca teve em Nova Lima, agora já tem, cada um comanda uma área. Isso tá colocando em risco as pessoas. Eu fico observando e onde tá isso aí, droga, gera violência. Já tem muitos casos acontecidos em Nova Lima, por causa disso. (Ronaldo).

Nova Lima está ficando perigosa, principalmente por causa do tráfico de drogas, esta proximidade com essas favelas, com essa favela aí, logo aí na entrada de..., na saída de Nova Lima, quer dizer, é caso preocupante, e vejo que as coisas vão é

piorar, a tendência é piorar, quanto mais crescer, né, o crescimento vai trazer mais problemas. (Wânia).

A rede transnacional de poderes que sustenta o tráfico de drogas e perpassa os bairros, favelas, periferias, instaurando o clima de guerra, violência e vale-tudo, vai matando mais que os grandes conflitos internacionais. O modelo do Mercado, absoluto e despótico, que a todos impõe o seu ritmo e propicia e estimula o crime-negócio globalizado, é tomado e utilizado pelas organizações do tráfico. Isto frente a um Estado diminuído e corrompido em todos os escalões e que perdeu, em grande parte, o monopólio legítimo sobre a violência. Os efeitos dessa desregulamentação, baseada na dominação e na tirania do capital sobre a vida humana, se expressam pela violência generalizada que vai tomando conta de todos os âmbitos da vida coletiva.

Era uma cidade que tinha pouquíssimos policiais militares. Hoje em dia é guarda municipal, é tanta coisa que a gente não imaginaria que iria mudar em tão pouco tempo. Eles estão muito privados, eles têm medo de entrar numa área de uma pessoa, os usuários de droga mesmo e eles serem ameaçados. Eles estão deixando as coisas correrem mais soltas, não que eles não sejam profissionais, que eles não tenham capacidade para fazer isto, mas eles sentem com medo. Se um policial prender alguma pessoa, ele tem medo depois de ser, do filho dele não poder andar mais na rua. Eles têm tanta liberdade de trabalhar como não têm ao mesmo tempo. (Fernando).

Alba Zaluar, antropóloga com anos de pesquisa e vivência nos guetos e favelas, analisando o universo da pobreza, da violência e do tráfico de drogas, relaciona a postura da hierarquia do tráfico e sua economia subterrânea com as condições do capitalismo atual, com a montagem de uma rede altamente eficiente, que se utiliza dos furos do sistema político-econômico e da precariedade da educação e das relações comunitárias para se instalar.

O clima de guerra, presente nas ruas, nos bares, nas casas das favelas e nas cercanias, onde o medo das balas perdidas se estende aos bairros contíguos, cria situações de pânico e estranhamento entre moradores. Também nas praças dos bairros de classe média e na própria vizinhança essa rede se estende aumentando a insegurança do cidadão. “As consequências sociais são catastróficas, na medida em que não é mais possível prever o comportamento alheio e deixa de prevalecer a confiança sem a qual não existe vínculo social positivo.” (ZALUAR, 2004, p.400).

A disseminação dos atos criminosos, por todo tecido social, muda a relação entre as pessoas e abala as certezas que embasam o ato de “sentir-se em casa” na cidade: “Eu já não tenho visto mais criancinhas saindo em carrinho para tomar o sol da manhã, não fazem mais isto, têm medo.” (Fernando).

A velocidade das coisas e das mudanças, por exemplo, é a questão da droga na cidade. Como é que essas pessoas que sempre deixaram a casa delas aberta - na casa da minha mãe as pessoas entram e saem - elas hoje têm que fechar a casa, porque o menino vizinho mexe com droga e vai entrar na sua casa procurando tudo para pegar e para vender e ela sabe que aqueles meninos que estão na esquina são netos da amiga dela. Então é uma mudança de uma forma muito e muito pesada para as pessoas. (Rita).

A questão da segurança passa a ter peso para os moradores, altera os ritmos de vida, introduz novos sentimentos, sensações, posturas:

Quanto mais distanciado o bairro, menos policiais tem. Eles se concentraram todos no centro da cidade, dependendo da hora, num bairro distante é difícil, está dando muito medo. Tem gente que mora a cinco minutos do ponto de ônibus até a casa e está andando de quinze a vinte minutos a mais com medo, para ter mais claridade, alguém vendo para que possa chegar depois das dez, onze horas. Eles têm muito medo agora. (Fernando).

A questão de segurança, a gente começa a ter problemas que a gente não tinha. Jardim de Petrópolis ainda não, mas aqui na cidade eu tou vendo acontecer, notícia chegando a toda hora. Realmente piorou muito, infelizmente, a gente começa a ter assalto, roubos, seqüestros-relâmpago, essas coisas. Não tem muita divulgação, acho até bom que não tenha, ficar divulgando demais essas coisas, acaba generalizando e criando um estado meio de terror. (Rodrigo).

Agora, a cada casa que eu passo eu vejo uma empresa prestando trabalho de segurança e até então não havia isto, eram usadas cercas mesmo, cerca de arame para os animais não fugirem. Agora é tudo murado, com cerca elétrica e vidro e sendo monitorado vinte quatro horas por dia. Está havendo stress mesmo e isto é a pior coisa quando uma pessoa teve livre e tem vontade de fazer as coisas... E está piorando porque o consumo de drogas está sendo muito grande e os assaltos, as pessoas estão tendo muita facilidade. Vai haver um tempo que todo mundo vai ter que andar com segurança próximo, ou então como a capital, deve encher a cidade de câmaras filmando tudo, a gente vai estar preso dentro do que a gente tentou construir de forma diferente. (Fernando).

A violência adquire contornos variados, traçados no cotidiano de uma cidade que não se reconhece:

A minha mãe um dia saiu de dentro do quarto e tinha uma pessoa no fundo da casa que correu, isso para ela é uma violência, alguém que corre. Porque ela está acostumada até a chegar e ver alguém na sala lá “oh dona Maria estou aqui telefonando”, isto não é uma violência. Não é o fato de entrar na casa dela, é como você entra. Então para ela ter que fechar a porta, o portão, é um negócio que a violenta muito né. Inibe a vida, inibe a vida assim dela não saber... (Rita).

É lógico que tudo isso acaba sendo uma questão nacional e mundial, por mais que se trabalhe isso, hoje em dia o negócio está complicado. Antigamente não, você podia transitar livremente, tranquilamente e hoje não, ainda mais com este negócio de droga então ...Os nego estão invadindo casa, estão matando. Hoje mesmo fiquei sabendo que um filho de um primo meu está preso porque estava roubando na padaria, quer dizer, você fica intranquilo né, tem que ter a casa muito bem fechada, muito bem vigiada. Você não sabe, não pode receber qualquer pessoa porque você não sabe o que você vai receber, então realmente está complicado. (Irineu).

[...] esse fim de semana, a menina que trabalha aqui na rádio foi assaltada, quer dizer, não sei se a gente pode chamar isso de assalto, mas passaram dois motoqueiros, ela estava com uma bolsa a tiracolo, agarraram a bolsa e saíram arrastando ela pela rua, levaram a bolsa com celular, eram dez reais que ela tinha para pagar uma conta. Então esse tipo de coisa deixa as pessoas muito inseguras né, como em qualquer lugar, mas só que isso em Nova Lima começa a ficar de uma forma que não combina com a manutenção dessa característica de província que ela tem, que ela ainda tem muito forte. (Rita).

Lúcia atribui esse aumento da violência à vinda dos condomínios e à fama de Nova Lima, como cidade rica:

E com isso tá tirando a tranqüilidade nossa, né. Porque a marginalidade chega junto, porque através de tudo isto... Passa na televisão: “Nova Lima, condomínio tal...” Bandido que tá lá no Rio de Janeiro “Opa,vou pra Nova Lima, lá é que tá a mina!” e vai acabando com nós aqui. Chega e entra no meio da gente aí, onde muita droga tá entrando. Vem de fora! Vai aconchegando aí e daí vai começando...tira a tranqüilidade. Eles, do condomínio, ficam tranqüilos, por que eles têm segurança, nós não temos. (Lúcia).

#### 5.4 Adoecimentos

O adoecimento da população em função do seu modo de vida e das condições sócio-ambientais está marcado, em Nova Lima, pelos efeitos da mineração, com a trágica presença da silicose, os rastros nefastos das barragens de rejeitos e das chaminés da antiga produção de arsênico, hoje Usina de Ácido Sulfúrico, com dermatoses, problemas respiratórios e neurológicos associados à prolongada convivência com a poluição de água, ar e terra. Os efeitos na subjetividade se tornam visíveis na drogadicção, principalmente no alcoolismo, secularmente arraigado ao dia a dia da população operária. “Tem muitas pessoas que bebem, é uma visão de uma outra Nova Lima, você vê isso na cidade e isso é seríssimo. Muitas drogas. O José de Almeida, por exemplo, é um bairro que tem muitos problemas com droga.” (Mirtes).

Nova Lima é uma cidade, isso várias pessoas já me falaram, cardiologista já me falou, psicólogo já me falou, pediatra, psiquiatra, uma cidade com um número muito grande de pessoas viciadas em bebida, droga e antidepressivo. Então é uma cidade que não pode esquecer que ela está nesse problema e age como se não estivesse, ela age como se não soubesse e são coisas que não são complicadas de se fazer. Elas podem exigir um pouco mais de investimento, mas não são coisas assim de alta tecnologia. Por isso que eu estou falando que, na saúde, Nova Lima conseguiu criar um CTI, que é de alta tecnologia, ou seja, que implica em um gasto grande, mas não consegue resolver problemas muito menores, mais fáceis de sanar e mais, todo mundo comenta, qualquer médico da cidade sabe te falar... “O Doutor trata de fulano, mas o problema dele não é coração, é bebida.” (Rita).

Por outro lado, o acelerado processo de metropolização, pelo qual o município vem passando, deixa suas marcas na constituição das subjetividades com adoecimentos típicos dos aglomerados urbanos. Os temores e a ansiedade, nos grandes centros, se apóiam em atos concretos e percepções da realidade que disseminam justificado terror e insegurança. Há, no entanto, uma generalizada atemorização coletiva, produzida pela ruptura das possibilidades de compreensão e modificação dos impasses sociais gestados no seio do Capitalismo Mundial Integrado, que se torna patológica e provoca diversas formas de sofrimento mental.

Com relação ao crescimento na atualidade dos transtornos alimentares (anorexia e bulimia), de ansiedade (pânico, fobia social, etc.) e da dependência de substâncias psicoativas, Ferreira Neto pontua que “a mudança do perfil epidemiológico das modalidades de sofrimento mental tem uma associação evidente com os processos sociais e urbanos na contemporaneidade” (2004, p.8).

Alice, psicóloga da rede pública e do sindicato, relata a mudança no perfil da clientela que a procura e sua relação com as agruras da metrópole:

Olha, a clientela tem trazido cada vez problemas mais graves, problemas associados a outras áreas, por exemplo, a psiquiatria. Quando eu comecei a atender, por exemplo, no sindicato, apareciam poucas queixas de distúrbios graves, psiquiátricos, agora isto é gritante. A gente nem ouvia falar nestes distúrbios que a gente ouve falar hoje em dia. As queixas pareciam mais tranqüilas, mais leves, muitas vezes um pequeno desajuste comportamental, familiar. Hoje em dia é um desencontro total entre pais e filhos que resulta em distúrbios graves, comportamentais, alimentares, muita depressão, muita síndrome do pânico, muita coisa assim, difícil, que envolve além da própria pessoa, a família, o trabalho, a sociedade, o tempo passando muito rápido, as pessoas vivendo com pouca qualidade de vida e é difícil digerir toda essa mudança. O ano começou ontem e amanhã já é o natal; e difícil de realizar os planos e os sonhos, os desejos, acredito que por estas mudanças todas, as pessoas têm padecido mais, os consultórios têm ficado mais cheios, os psicólogos têm tido mais trabalho, mas continuam mal remunerados. (Alice).

Suely Rolnik, falando sobre a síndrome do pânico, transtorno do nosso tempo, diretamente associado à vida nas grandes cidades, coloca a resistência a embarcar em processos de individuação não previsíveis e não programados, como anestesiante das possibilidades de construção de novas subjetivações. No pânico, a anestesia já não basta e o corpo se imobiliza na dependência de um outro que o conduza e o garanta. A subjetividade calcada em esquemas identitários pré-estabelecidos entra em crise frente à pulverização das experiências e ao esfacelamento das dualidades e pressupostos sobre os quais o sujeito se alicerçava. A realidade caótica exerce aí sua função demolidora das representações que pareciam conferir sentido à vida.

Fernando, usuário do serviço de saúde mental do município, às voltas com o alcoolismo, relata sua experiência e de seus companheiros e localiza nas transformações sócio-ambientais as origens dos distúrbios que enfrentam.

Eu notei que a mudança está causando um grave problema na saúde mental das pessoas, por não estar tendo liberdade e se sentindo presos, eles estão adoecendo mais rápido. As pessoas de mais idade já estão ficando com medo também de uma porção..., uma coisa vai puxando a outra. Aí sinto muita falta, as praças não são como eram antes, eu acho que tem que trabalhar nas praças também e não está difícil não. Porque o tratamento que eu faço, com algumas pessoas que também estão lá, a gente vê que há chance ainda de amenizar o problema, porque se continuar assim o que a gente vai dizer para os nossos netos? Isso influi sim, porque há tratamentos, mas as drogas estão muito pesadas e a angústia que uma pessoa sente de estar preso ela fica... Ela lembra de dez anos atrás quando ela ia para a aula, ia todo mundo. Agora, como está todo mundo realmente em uma prisão livre, está influenciando na saúde mental das pessoas. Não tá sendo muita vantagem porque a tendência vai ter que ter muito mais psiquiatra, mais psicólogo, para estudar porque o tempo de vida vai encurtar. (Fernando).

A chegada de modos de vida característicos da metrópole e do capitalismo tardio ao cotidiano de Nova Lima provoca nos seus habitantes abalos e estranhamentos, sofrimento e conflito, produtores de adoecimentos difíceis de ser abordados com os mecanismos usuais da Saúde Pública. A estas formas de sentir e de se colocar frente à metrópole, se juntam as ações violentas, advindas não só das necessidades de sobrevivência na selva de pedra, mas também de perversas formas de ataque e eliminação das diferenças de classe, de origem, de religião, de gênero, de opção sexual, potencializadas pela concentração e pela proximidade espacial. Extremas formas de reação e negação a tudo isto são produzidas, como no caso do grande aumento na taxa de auto-extermínio, na maioria consumados na “Ponte dos Suicidas”

#### ***5.4.1 Uma ponte entre dois mundos***

Graves formas de adoecimento psíquico e social se mostram relacionadas com as modificações empreendidas no espaço da cidade, visando atender a interesses econômicos de empresas ou grupos, sem que a população local seja envolvida no processo. O impacto causado por padrões e perspectivas oriundos do projeto de cidade do capitalismo globalizado, sobre uma sociedade em processo de desmonte, tem fortes efeitos na subjetividade.

A Estrada de Contorno, que passando por fora de Nova Lima, se liga a Rio Acima e Raposos, construída no final da década de 80 para escoar a produção de ácido sulfúrico da usina instalada no bairro do Galo, alterou substancialmente uma agradável região, ao pé do Morro do Elefante, muito utilizada para lazer da população, com suas águas, suas matas, suas

trilhas. Nela foi erguido um grande viaduto, chamado pelo povo de “pontilhão” ou “ponte dos suicidas”, pois se tornou, a partir da década de 90, local de grande incidência de tentativas de suicídio, em grande parte consumada, sem que alguma ação dos órgãos públicos fosse efetivada.<sup>27</sup>

Muitas análises já foram ensaiadas para dar conta do alarmante fato, dentre elas a de que a ponte estaria materializando todo o processo de ruptura acontecido pós-90, com os múltiplos impactos sobre a vida e o psiquismo do cidadão novalimense. A grosseira estrutura de concreto, ancorada sobre a singela beleza natural e sobre a sensibilidade dos moradores e caminhantes, promoveria (des)territorializações difíceis de ser processadas, rompendo com estilos de vida, memórias, lugares de convívio, certezas e virtualidades.

Multari, em seu trabalho sobre os suicídios ocorridos na ponte, identifica aspectos psicológicos ligados ao ato e a sua crescente ocorrência:

Tomando os dados já apresentados, na pesquisa documental, identificamos como motivos que levaram ao suicídio, tanto entre os atos cometidos quanto a tentativas, problemas nas relações afetivas e familiares, problemas financeiros e, em três deles a causa identificada foi depressão, motivos que vão de encontro com o imaginário social. (MULTARI, 2007, p.34).

O trabalho citado busca levantar o alcance social do fato, sua representação no imaginário da cidade, os efeitos na vida dos moradores. Dentre outras posições, há a que localiza o auto-extermínio como uma característica da cidade: “As pessoas tendem a achar que a comunidade, no geral, tem tendência ao suicídio” (p. 35), como também aparece a postura de banalização da questão: “O povo já está até acostumado” (p. 36). Ao mesmo tempo em que se fala do choque de cada ocorrência no município, pois se trata de “pessoas conhecidas”, há uma tentativa de minimizar o fato, tornando-o corriqueiro e de pouca importância para a vida social. Parece atuar aí o tabu com relação ao tema e uma recusa a se pensar na questão que se coloca para além dos fatores intra-subjetivos: “O que está acontecendo com esta cidade e seus moradores?” Essa recusa parece se estender às autoridades que silenciam e demonstram ignorar os suicídios acontecidos.

A autora conclui então que o suicídio, como problema social de Nova Lima, “precisa ser discutido e compreendido pela população e pelos governantes [...] deixando de tratá-lo como um ‘tabu social’, pois enquanto deixamos de discuti-lo e debatê-lo, os casos continuam acontecendo e em taxas crescentes” (MULTARI, 2007, p. 42).

---

<sup>27</sup> A exceção a ser registrada fica por conta da polícia militar que efetuou a pesquisa cujos dados embasaram o trabalho citado.

O levantamento epidemiológico dessa questão, como de várias outras que atravessam o dia-a-dia novalimense, como é o caso da drogadicção e da depressão, é dificultado pelos interesses dominantes, fato muito visível com relação aos fatores de epidemiologia ambiental ligados à atividade mineradora, historicamente falseados em benefício das empresas, como no secular e vergonhoso caso da silicose e atualmente, no caso dos graves efeitos da atividade da usina de ácido sulfúrico e ao recente impacto das transformações promovidas no espaço urbano.

As abordagens na saúde pública, para se aproximarem de uma efetividade e resolutividade mínimas, deveriam estar ancoradas em uma concepção política da saúde da população, numa autonomia mínima com relação aos interesses hegemônicos e no entendimento dos processos de subjetivação que produzem os adoecimentos e suas possíveis restaurações.

Para que se delineiem alguma perspectivas de mudança neste quadro, as nossas prováveis linhas de fuga devem ser também potencializadas e ancoradas em planos de consistência coletivos, produções desejanter, contágios de toda ordem buscando a instauração da vida pulsante numa outra cidade.

## 5.5 Linhas de Fuga

*“O ideal seria lutar para manter, aqui é um lugar bom de se viver ainda”*  
(Fernando).

*“Cabe a nós, sufocados por esses fluxos de opressão coletiva, a recusa desses processos hoje dominantes no nosso cenário urbano? Que outras possibilidades de apropriação do espaço urbano podemos pensar e viver nesse contexto, fora da equação diferença/desigualdade/segregação?”*  
(Ferreira Neto, 2004b, p.8).

No seu texto “Restauração da Cidade Subjetiva”, escrito para o colóquio “Homem, cidade, natureza; a cultura hoje”, organizado pela UNESCO, no Rio de Janeiro, em maio de 1992, Félix Guattari localiza, dentro de sua proposta ecosófica, linhas de fuga e possibilidades inventivas no seio do espaço urbano.

Falando de desterritorializações do ser humano contemporâneo, do nomadismo generalizado, da perda definitiva das “terras natais”, Guattari enfatiza o paradoxo entre a circulação constante de pessoas, veículos, imagens e, simultaneamente, a petrificação e a imobilização com a repetição do mesmo padrão em formas infinitamente diferentes.

Os espaços para o inusitado são quase nulos dentro da “superfície de controle”. Sob a aparente multiplicidade, programações impõem caminhos, atitudes, sentimentos, que ameaçam paralisar a subjetividade. O que podemos contrapor a tal processo massificador seria a reconstituição de uma relação particular com os cosmos e a vida, em processos de singularização únicos e ao mesmo tempo coletivos.

Essa subjetividade em estado nascente – o que o psicanalista americano Daniel Stern denomina “o si mesmo emergente” – cabe a nós reengendrará-la constantemente. Não se trata mais aqui de uma “Jerusalém celeste”, como a do Apocalipse, mas de restauração de uma “Cidade Subjetiva” que engaja tanto os níveis mais singulares de pessoas quanto os níveis mais coletivos. (GUATTARI, 1992, p.170).

Eu penso que é um trabalho que a gente vai fazer junto, eu vou pegar o catálogo mesmo de telefone e vou ligar para um e vou ligar para outro. Vamos nós mesmos fazer um trabalho por conta própria, fazer nossos grupos ecológicos, fazer nossas caminhadas, tentar convidar nossos filhos para aprenderem o que é isto, andar mais descalço. O meu pensamento é este porque a gente vai ter, se fizer isto no domingo, uma cabeça muito mais livre para começar uma semana pesada. (Fernando).

Trata-se então de destacar-se de um falso nomadismo, desvitalizado, repetitivo, serial que nos deixa no mesmo lugar para permitir a verdadeira errância do desejo, inventiva, revolucionária e transformadora. Guattari via no Brasil, as condições para o desenvolvimento de uma máquina imensa, um “ciclotron de produção de subjetividades mutantes.” (ROLNIK, 1996, p. 96).

Nova Lima tem condições, tem condição porque ela tem gente com cabeça, porque eu acho que o principal é você ter o ser humano com cabeça para fazer a coisa. Eu acho que Nova Lima tem e está desperdiçando. Nova Lima tem dinheiro e Nova Lima, se souber fazer isso, pode fazer o futuro dela de uma outra forma. (Rita).

O Brasil, desde os modernistas, passando pelos tropicalistas, nos deu a “vacina antropofágica”, proposta terapêutica para uma “ecologia da alma”, superadora das dicotomias e das segregações, potencializadora das invenções libertadoras dos fluxos múltiplos e das diversidades híbridas tropicais. Possibilidades de uma subjetivação maquínica antropofágica que nos remeta à vivência da positividade do caos, motor dos novos agenciamentos transformadores, da abertura para o outro, para as diferenças, instigadoras de amplificações. Desmontagem das escleroses urbanas, do *modus vivendi* capitalista.

Alguém vai ter que lutar por isto e vai ter que ser a gente mesmo, porque o alimento está todo cheio de coisas tóxicas e tem muita maneira de resolver isto. Não precisa ir em um clube para nadar não, ainda tem as nascentes, ainda tem alguns rios que coitados estão sendo poluídos, mas é a gente que vai ter que fazer isto. Tem que reunir grupos, chamar imprensa, pegar umas poucas nascentes que existem e mostrar que ali existe uma nascente, que ali não pode ser tocado de maneira nenhuma. Tem que acompanhar bem próximo mesmo as matas e auto-educar as pessoas nas praças.

Porque a partir do momento que a gente lutar por isto a imprensa nos apoiará porque não é uma questão política isto, é uma questão de vida. (Fernando).

Nos dizeres de Suely Rolnik “é preciso resgatar a vibratibilidade do corpo, a receptividade aos efeitos do mundo na subjetividade” (1999, p.8), ao que Guattari acrescentaria na sua proposta ecosófica, indicando linhas de recomposição das práxis humanas: “a ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendem a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho.” (GUATTARI, 1995).

Eu não deixo a peteca cair não, primeiramente um cuidado espiritual. Eu tenho muita fé e eu não abro mão da minha fé por nada, por teoria nenhuma. E eu busco a minha fuga com a natureza, gosto muito de andar descalça, de mexer na terra, deixar a terra entrar na unha... Eu acho que tem uma troca de energia entre a terra, a natureza e o ser humano, então eu pego na terra, gosto de cachorro, em casa eu tenho muito cachorro, aí eu sento na grama, eu deito, eles sobem em cima de mim. Isto é gostoso, este olhar a natureza, agradecer. Da minha casa eu vejo aquele Morro do Elefante, nó! lindo! Aí eu agradeço a Deus, falo: olha que bom que eu tenho esta natureza, quanta gente queria ter isto, aquilo não tem dinheiro que pague. (Alice).

Seja através dos espaços de vida: “é apenas em um clima de liberdade e emulação que poderão ser experimentadas as vias novas do habitat e não através de leis e circulares tecnocráticas.” (GUATTARI, 1992, p.174). Ou pela via da arte:

É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais consequentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística [...] A arte aqui não é somente a existência de artistas patenteados, mas também de toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias. (GUATTARI, 1992, p.115).

Os meus alunos de teatro são alunos que representam várias camadas, então eu posso falar por aí. Eu tenho alunos de teatro que são estudantes, alunos que são empregadas domésticas, cabeleireiro, tem homossexual, travesti. É muito interessante esse universo que eu trabalho em Nova Lima, O que eu posso falar dessa transformação foi o processo de viver com arte. Acho que, hoje, como eles tiveram essa experiência com arte, eles são pessoas diferentes, estão buscando outras questões de vida. Eu sinto um desejo de mudança nessas pessoas, uma vontade de aprender. (Mirtes).

Boaventura S. Santos (1997) propõe, frente à crise dos paradigmas da modernidade, uma heterotopia: Pasárgada 2. “Em vez da invenção de um lugar totalmente outro, proponho uma deslocação radical dentro de um mesmo lugar, o nosso.” (p. 325). Em Pasárgada 2, que “não é um lugar inventado, é o nome inventado de um lugar da nossa sociedade”, se trabalha com a idéia de transição paradigmática, se busca conhecer a condição atual do paradigma decadente e, mais importante, identificar “as vibrações ascendentes” do(s) paradigma(s)

emergente(s). “Trata-se de uma arqueologia virtual porque só interessa escavar sobre o que não foi feito e, porque não foi feito, ou seja, porque é que as alternativas deixaram de o ser.” (p.324). Essa arqueologia buscaria tudo o que foi ocultado e esquecido pelos saberes e poderes oficiais, o não-permitido, o não-dito: “[...] a escavação é orientada para os silêncios e para os silenciamentos, para as tradições suprimidas, para a perspectiva das vítimas, para os oprimidos, para as margens, para a periferia, para as fronteiras [...]” (p.324).

A gente não pode deixar pensar que está tudo perdido. A gente tinha que fazer um círculo de reuniões e pegar alguns trabalhos. Eu, no local que eu estou fazendo tratamento, há pessoas lá que estão com vontade de sair e que nunca foi ao Rego dos Carrapatos, mas ainda tem lugares bonitos e ainda tem muito como sair ainda né, então é questão de consciência mesmo. Eu quando percebi que eles vão acabar com as águas, vou sozinho lá, vou tirar foto e vou acompanhando os finais de semana como é que está. Porque a hora que a primeira máquina passar, apesar da gente não ter força, mas eu quero que tudo isto seja registrado. (Fernando).

Santos propõe então um paradigma eco-socialista que decorre de um diálogo cultural amplo e opera reformulações significativas nos conceitos de propriedade, desenvolvimento e consumo. “Na sua definição mais simples, o eco-socialismo é democracia sem fim” (p.345), ou seja, radicalmente democrático, em luta contra o *apartheid* identitário-cultural e a opacidade das relações sociais despolidizadas, dessingularizadas. “Mas se a gente deixar que a cidade de pedra tome conta de tudo, nós vamos ficar a mesma coisa. Então eu escolhi a convivência por isto. Nós temos que aprender a conviver.” (Lúcia).

Assim, as adesões à sonhada alternativa de sociedade, passam pelas subjetividades, rizomáticas, multidimensionais, solidárias. Ampliando e garantindo espaços para que essa multiplicidade se constitua e seja praticada nos pequenos e grandes grupos sociais, se montam novas possibilidades de vida. “As coligações a favor do paradigma emergente são possíveis na exata medida em que a ele aderem, uma a uma, as diferentes dimensões na subjetividade dos indivíduos e dos grupos sociais” (SANTOS, 1997, p.346).

A gente vai ter que fazer uma reunião de todo mundo que tem amor à natureza, amor à vida, que quer ver seus filhos bem e com saúde, a gente mesmo vai ter que reunir todos que ainda têm esta vontade de ver que a vida é boa e começar a trabalhar em cima disto. Fazer uma mudança na sociedade, um trabalho escolar, não sei muito bem como explicar, mas a gente vai ter que mudar. (Fernando).

Ao que se poderia acrescentar o que Alba Zaluar propõe como possível caminho: a reconstrução do tecido social, que embasaria novas formas de convivência e novas formas de legitimidade, com o Estado reassumindo o controle legítimo sobre a violência e a articulação de múltiplos circuitos de reciprocidade e solidariedade, ao mesmo tempo em que se buscaria a

repolitização dos laços sociais. O almejado equilíbrio entre as tensões sociais e a cooperação, que acontece nas competições esportivas e, no caso brasileiro, nos desfiles de escolas de samba, seria um bom exercício a ser estendido para outros campos. (ZALUAR, 2004, p.209)

Estar na metrópole, exige exercícios e estratégias diárias de sobrevivência na floresta urbana. Micro e macropolíticas, articulações cidadãs. Parar um pouco para olhar, diminuir os ritmos, relativizar. Se ligar a coisas pequenas e grandes causas, tirar o foco das comodidades do pequeno mundo familiar: “Viver além do imediato, viver do que morreu mas recordamos, viver do que ainda não nasceu mas esperamos. Mover-se por motivos políticos, motivos de cidade, que abraçam e ultrapassam motivos só de casa.” (GONÇALVES FILHO, 2007, p.191). Ter no mundo virtual um aliado para estar conectado com o momento, com o coletivo: “a cidadania, o exercício social na *urbis*, passa hoje por esse sentimento de conexão generalizada. [...] Não está em pauta aqui o abandono da cidade física pela cidade virtual, mas propiciar a sinergia entre o espaço de fluxos planetário e o espaço de lugar das cidades ‘reais’”. (LEMOS, 2004, p.19).

Nesse novo milênio algumas iniciativas no campo virtual anunciam movimentos e articulações de uma Nova Lima que pode se renovar de maneira criativa, exercitando a liberdade de expressão e novas inscrições sociais. Uma TV via internet, a *TVNL*, brinca com as coisas da cidade, com os tipos curiosos, como no quadro *Figuraça*, com acontecimentos das ruas, festas, arte, lugares. O blog *Megafone Virtual* põe “a boca no trombone” e, a exemplo do site do *Professor Massote*, coloca em discussão a vida política local e os esquemas de poder globais que aqui incidem, com linguagem contundente, fortemente contestadora dos atrasos e desvios éticos, da corrupção em vários níveis, esmiuçada e revelada em detalhes. O site/movimento *Casa Cidadania & Diversidade* traz interessantes resgates históricos e discute o cenário contemporâneo, apresentando, com bom humor, biografias de personagens com trajetórias significativas para a cidade.

A busca de saídas para as situações de opressão territorial e existencial em Nova Lima, talvez passe também pelo que Bauman, no Posfácio de *Modernidade Líquida*, comenta sobre o mundo instável e fugidio, sobre a fragilidade que acomete a todos, nestes tempos porosos e flutuantes. O nomadismo e o desenraizamento seriam então estratégias de transgressão, de estar dentro e fora dos lugares, numa assumida posição autônoma em relação ao espaço: “O ‘enraizamento’, se existir, só pode se dinâmico: ele deve ser reafirmado e reconstituído diariamente – precisamente pelo ato repetido de ‘autodistanciamento’, esse ato fundador, iniciático, de ‘estar em viagem’, na estrada.” (BAUMAN, 2001, p.238). Quem sabe dessa maneira possamos nos livrar de estranhamentos, amarras e programações, dores das perdas e

pesados moldes que nos impedem de usufruir adequadamente da amplitude das grandes cidades, utilizando a potência da diversidade como alavanca para mover as enferrujadas engrenagens do capitalismo secular?

Cabe a nós, sim, prestidigitadores do presente, articular as virtualidades apontadas e vividas, frente a estas realidades duras e caóticas dos nossos espaços vivenciais e das grandes metrópoles. Como aponta Milton Santos: “Pode-se até imaginar que, a prosseguir como vamos, as grandes cidades serão tão fragmentadas material e socialmente quanto já o são hoje os seus moradores. Todavia, tal fragmentação pode levar à recriação de uma vida coletiva local, não independente da aglomeração como um todo, mas representativa das condições de vida reinantes em cada fragmento” (2002, p.128). Ou, como assinala Pelbart: “múltiplas cidades em cada ponto de vista, unidas por sua distância e por sua divergência.” (1997, p.36)

Apostemos nisto, trabalhem para isto.

## 6 DISCUTINDO O VIVER NA CIDADE: IMPASSES E POSSIBILIDADES

É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização, e que resista a todos os empreendimentos de nivelção da subjetividade.[...] Em qualquer escala que essas lutas se expressem ou se agenciem, elas têm um alcance político, pois tendem a questionar esse sistema de produção da subjetividade. (GUATTARI, 1986, p.50).

Construir em grupo uma visão atual, crítica do tempo/espaço novalimense; construir estratégias de discussão dessas realidades e de possíveis intervenções. Falar do que não se fala, tornar públicos sentimentos que dizem respeito ao cotidiano de segregação vivido secularmente, sob formas variadas, nessa cidade. Assim o grupo focal realizado ultrapassou os objetivos tradicionais da pesquisa e se lançou por um caminho que promete desdobramentos e retomadas, em vetores de singularização que se delineiam, nas trajetórias de vida que se entrecruzam com aspectos sócio-políticos e espaço-ambientais, em nível local e planetário.

A opção por realizar o grupo focal veio da vontade de colocar em discussão a temática das transformações em Nova Lima, em um grupo heterogêneo, com diferentes inserções sociais. Se, nas entrevistas individuais, a escuta atenta e a interação dual permitem pormenorizar o assunto e registrar nuances, no grupo vai se construindo um clima coletivo, no contato entre diferentes trajetórias e cenários e nas conexões propiciadas pelo momento do encontro. Tal acontecimento pode se constituir em elemento agenciador de mudanças e movimentos, tanto no nível das subjetividades quanto na organização social e na prática da cidadania.

Pensando nos três níveis da Revolução Molecular sugeridos por Guattari: o infra-pessoal, o das relações sociais e das relações das forças políticas, o trabalho do grupo versou sobre essas possíveis virtualidades, fazendo circular idéias, impressões, sentimentos, histórias, propostas de atuação.

Convidei para participar do grupo oito pessoas, usando como variáveis a idade, profissão, local de moradia, escolaridade e local de trabalho, desses comparecendo sete, quatro mulheres e três homens, aqui relacionados:

**Sara:** pedagoga aposentada, 52 anos, coordena uma creche, mora no bairro Boa Vista.

**José:** técnico em design de interiores, 43 anos, mora no bairro Vila Passos, trabalha no Jardim Canadá.

**Lúcia:** aposentada, trabalhava com serviços gerais no Jardim Canadá, 64 anos. Nascida no Retiro, já morou em S. Paulo por 18 anos, mora agora no Cascalho.

**Maura:** professora, 40 anos, nascida em Itapecerica, está há 6 anos em Nova Lima, mora e trabalha no Jardim Canadá.

**Valter:** técnico em turismo, 27 anos, trabalha como comprador e mora no Bom Jardim.

**Alda:** faxineira, 30 anos, nascida em Teixeiras, mora há 22 anos em Nova Lima, em Honório Bicalho.

**Ronaldo:** eletricitista, 53 anos, 1º grau, nascido na Boa Vista, morou no Galo, atualmente mora na Olaria. Aposentado da Mina de Morro Velho, hoje trabalha em Belo Horizonte.

O local escolhido para realização do trabalho foi o Centro Comunitário Santa Efigênia, no bairro Bom Jardim, que possui salas amplas e aparelhagem de projeção. As cadeiras foram dispostas em semicírculo para facilitar a visão da tela e dos participantes entre si. Três auxiliares se incumbiram das anotações e das gravações do trabalho que durou 2 horas e 35m.

O trabalho, realizado em Maio de 2009, foi construído com base nas entrevistas individuais feitas anteriormente e na literatura estudada. O roteiro montado sofreu variações e adaptações, feitas para acompanhar o fluxo da produção do grupo que, com entusiasmo, dava sinais de não querer interromper as discussões querendo continuar falando e interagindo por mais tempo. O roteiro proposto foi:

- 1 – Explicações iniciais sobre a pesquisa e regras do grupo focal.
- 2 – Apresentações dos componentes.
- 3 – Exibição de slides para localizar o tema.
- 4 – Discussão.
- 5 – Intervalo para lanche.
- 6 – Trabalho com palavras-chave identificadas nas entrevistas individuais.

### **6.1 Dinâmica das discussões**

Na **introdução** expliquei rapidamente o tema de minha pesquisa: “Meu tema é a vida em Nova Lima, eu estou estudando como as pessoas estão vivendo, sentindo, percebendo as transformações acontecidas nos últimos anos, em Nova Lima. Transformações de vários níveis. Eu não quero de vocês informação, quero saber o que vocês estão sentindo, percebendo, pensando do que está acontecendo. Como é esse estar em Nova Lima?” Recomendei que se evitasse enveredar pelas questões político-partidárias, pois não faz parte do trabalho esse tipo de análise, mas que as políticas da vida seriam bem-vindas.

Já nas **apresentações**, surgiu, em meio à diversidade de situações de vida, uma visão otimista e a expressão de amor pela cidade, junto com a vontade de colaborar para uma

mudança efetiva de suas seculares condições. José falou de sua paixão pela cidade e de seu interesse em ajudar Nova Lima, mas “ainda não sabe como” e se diz incomodado com o “parasitismo” dos novalimenses, parados, acomodados, “talvez por influência da mídia”. “Eu sinto que aqui em Nova Lima as pessoas são um pouco alienadas, têm muito medo de reivindicar. [...] a gente fica um pouco revoltado, as coisas aqui não mudam.”

Alda, que morava em Teixeiras, diz que gosta de Nova Lima e não quer sair da cidade e Maura, vinda de Itapecerica, diz ter estranhado, a princípio, o ambiente de seu bairro (Jardim Canadá), mas que agora tudo está mudando, com as pessoas mais comprometidas. Lúcia, novalimense, que morou em S. Paulo, expressou sua alegria por poder voltar a Nova Lima: “Me sinto uma vitoriosa de ter voltado pra minha terra. Só a gente que sai daqui sabe dar valor ao que é da gente. Não tem terra como Nova Lima. Pra ganhar dinheiro é S. Paulo, mas pra viver é Nova Lima.”

Valter, que trabalhava em BH, diz que “é gostoso trabalhar aqui”, mas vê incompatibilidade entre as necessidades da população e as políticas públicas adotadas. Ronaldo diz que acompanha tudo que acontece e acha Nova Lima uma cidade boa de viver, mas se queixa da droga, “que atrapalha a paz da cidade”. Sara, como outros, aponta a necessidade de melhorar as áreas de saúde e educação e da cidade “caminhar para frente”, no sentido de superar os limites e barreiras.

Tudo isso posto, passamos à **exibição de slides** sobre a cidade. A seqüência foi montada com imagens recentes da sede de Nova Lima e entorno, evidenciando as discrepâncias e a multiplicidade de cenários. Foram usadas fotos tiradas por mim em visitas intencionais a lugares expressivos ou em perambulações criativas; fotos retiradas de documentos preparatórios ao Plano Diretor da cidade e de sites relativos ao tema.

A intenção inicial era situar o tema, através de imagens, mas a apresentação de slides provocou um belo diálogo entre as fotos e as vivências, cenas e memórias de cada um, enredadas na paisagem e no território de Nova Lima. História do presente, genealogia cartográfica.

Por várias vezes a exibição foi interrompida, pelos participantes, para compartilhar informações ou expressar sentimentos sobre alguma foto, tendo a discussão se iniciado e encorpado antes mesmo do término da projeção. Os componentes do grupo estavam, quase todos, bastante investidos e motivados pelo tema, dispostos a produzir algum saber e algum fazer que possa ser utilizado em direção à superação dos problemas da cidade e de seus habitantes.

Alguns slides geraram maiores manifestações como os que mostravam as placas de proibição de entrada e permanência em áreas cercadas do território: “Isso é o que vai podando...” (Ronaldo); “Isso aí que é a incompatibilidade, que eu digo” (Valter). Os slides que focalizavam imagens de casas espetaculares dos condomínios despertaram reações entre irônicas e deslumbradas: “Que lindo!” (Alda); “Isso não é filme americano, não?” (Valter). E quando as fotos da sede começaram a ser apresentadas: “Agora nós voltamos à realidade” (Ronaldo)

Uma imagem despertou grande burburinho, por mostrar grande placa da prefeitura, colocada na MG-30, dizendo “AQUI TEM NOVA LIMA” e apresentando um diagrama dos condomínios da região: “Então aí só tem os com-domínio, os sem-domínio não aparecem”. (risos) (Valter). Alda se espanta de seu bairro-distrito estar incluído nessa seleta lista: “O que Honório Bicalho está fazendo nessa placa?” Mais tarde concluiria: “Acho que Bicalho vai virar mesmo condomínio.”

As imagens relativas à mina de Morro Velho e à atividade mineradora causaram impacto: “Isso é barra de ouro? Gente! É por isso que tá tudo crescendo desse jeito, uai!” (Ronaldo). Ao ver fotografia de balde cheio de ouro: “O que é isto? Lavagem?” (Valter). “São as pedras.” (Ronaldo). “Diamantes!” (Alda).

Duas fotos sobre a represa de rejeitos da usina de ácido sulfúrico no bairro do Galo provocaram o relato de muitas experiências com relação à poluição de ar e água, nesta e outras regiões, além de puxar questões como a da silicose e dos impedimentos para o crescimento da cidade. A imagem da “lagoa de veneno” evoca lembranças, constatações e uma crescente compreensão dos sentidos desse lugar e de sua conexão com a história da mineração no município, entrelaçada ao cotidiano de cada um. O diálogo sobre o tema segue na íntegra:

**Ronaldo:** Essa é a barragem de arsênico do Galo?

**Alda:** Hoje parece que não tem tanta água lá, não.

**R:** Essa é uma delas, tem outras.

**Valter:** Essa é a primeira lagoa de rejeitos do Brasil. Naquela região o pessoal que tinha contato com isso não tinha orelha, não tinha a cartilagem, né.

**R:** Aconteceu isso no bairro do Galo, com o arsênico, o pessoal não tinha essa divisão que a gente tem no nariz, não.

**Lúcia:** Eu tive um primo que morreu, todo, todo, todo cortado de arsênico. Ele trabalhava diretamente com ele lá no Galo, acabou todo...

**A:** E essas crianças brincando lá não tem perigo?

**R:** Ah, vivem soltas, né. Ficou prejudicado o contato com a terra, a vegetação, tudo muito poluído...

**L:** A gente ia buscar goiaba lá, não tinha nem bicho, as goiabas do Galo não davam bicho.

**V:** Umas goiabonas bonitas, né. Se fosse saudável!

**R:** A poluição era violenta naquela época, a represa na época da seca, ficava com aquelas manchas brancas e o capim bem baixinho, o gado comia, morria. Morreu gado demais quando morei lá perto. O gado come o capim, no outro dia tá morto.

**Nina:** E agora, você acha que é melhor o nível de poluição?

**R:** Tem poluição sim. Se você for lá de madrugada, depois de 11 horas, meia noite, por aí, você sente que eles soltam lá, eles queimam o produto e sente cheiro violento. Minha mãe morava lá perto da barragem, na época de laranja, as laranjas ficavam todas queimadas, com a casca toda queimada...Veneno...Por que lá tem é ácido sulfúrico...Então eles não queimam esse produto, não descarregam toda essa queima que eles fazem lá, durante o dia. Só fazem isso à noite.

**V:** Até dá pra observar, mas à noite, voltando de ônibus, lá das Quintas, da estrada você vê. Olha pro Mingú que você vê uma fumaça branca, sempre saindo.

**L:** Quando a gente vai pra Raposos, naquela volta do Galo ali, o fedor é terrível. Eu passo quase todo fim de semana pra ir pro sítio, aí vai chegando lá até meu neto fala: “Nó que fedô!”

**A:** Quando desce ali pra Honório Bicalho também, passando em Bela Fama, o cheiro ali é muito forte, também.

**V:** Eu fico imaginando que se tem uma corrente de chuva, isso vai pra nuvem, se espalha e chove na cidade inteira; sai da represa, pega Raposos, Bicalho, Rio Acima...

**R:** Se o cheiro chega até esse espaço todo, vai descer, de certa forma pesa e vai contaminando, vai poluindo.

**A:** De manhã, quando eu acordo, eu sinto um cheiro muito forte de cloro, mas muito forte mesmo, eu cismo que é porque eu moro perto daquela fábrica Cataguases. Não sei o que é, mas é muito forte, chega o nariz ficar seco de tão forte.

**N:** Fabricação de cloro.

**A:** Diz que aquela água que sai de lá é um perigo.

**R:** A pessoa vai respirando, sem pensar, quando vai ver...

**José:** É uma coisa que a gente não pode ver, mas prejudica.

**V:** Essa que é a perigosa, a longo prazo.

**R:** É igual silicose. A pessoa trabalha a vida inteira dentro da mina, aposenta com 15 anos, quando aposenta com 15 anos é porque o negócio é feio mesmo. A pessoa sai acha que tá levando a vida normal, quando chega certa idade, que ele vai perdendo as defesas, isso é normal do ser humano, ela vai acontecendo. Eu já fiz exame, eu tenho perda parcial, o cara que me examinou, pneumologista, que fez raio-X, disse que é silicose parcial, mas ela é progressiva. Porque progressiva? Quando chega certa idade ela vai tomando conta. Ela começa a te prejudicar. Você passa a respirar mal e vai, vai até você subir pelas paredes, quer um pouco de ar e não consegue.

**A:** Costuma perder a parte de movimentação das pernas, também, a visão...

**R:** Infelizmente, se você for hoje em qualquer hospital, você vai ver gente lá subindo pelas paredes, querendo respirar e não pode. Até a morte. Isso é a realidade.

**N:** O preço da barra de ouro é caro.

**R:** Eu conheço gente, tem história demais em Nova Lima, demais da conta. O que eu acho, que a gente tá vendo pelas fotos aqui, o que o povo deu pra isso aqui, o que o povo já deu de si, deu de vida pra isso aqui, eu que acho Nova Lima teria que ser um...

**L:** Um paraíso!

**R:** Um paraíso. Mas acontece que só vieram, tiraram, levaram embora e deixaram essa seqüela que é...

**A:** Tem um senhor que eu cuido, ele trabalhou na mina muitos anos, hoje ele não anda mais, as pernas não ajudam mais, a visão também ele perdeu... Ele fala que ele aposentou com três salários, hoje ele ganha um salário e pouquinho. E um auxílio-doença de 225,00.

**R:** Agora o quê que eu acho disso tudo? A gente vai pensando nas coisas como elas acontecem. Mineração Morro Velho na época, ela tinha dificuldade de arrumar pessoas pra trabalhar. Então saía gente em comitiva por aí fora, um ônibus, tinha uma pessoa que buscava gente lá fora para trabalhar aqui. Então o quê que aconteceu, posso estar enganado e se eu tiver falando demais você me corrige, o que eu acho é o seguinte. Quando precisa do pessoal e está com dificuldade de encontrar, “o quê que nós vamos fazer gente, nós não podemos deixar isso crescer muito não. Não podemos dar educação, não podemos pagar salário alto, que esse pessoal daqui uns tempos, os filhos deles não vão querer continuar com isso aqui não. Então nós vamos ter que limitar esse povo.” Como aconteceu, meu pai trabalhou na mina, meu filho trabalhou na mina, como muitos e muitos por aí fora. Eu não posso estudar meu filho, mandar ele pruma faculdade, eu sou limitado. Então cada um daquela família, a empresa deu um lugarzinho pra eles morar, quando eles crescerem vão

entrar pra dentro da mina, vão dar sequência. É o que aconteceu. Nova Lima poderia ser melhor. Nova Lima tinha tudo pra ser melhor.

**N:** Você falou que Nova Lima poderia ser um paraíso, por todo esse preço que foi pago. Ela é um paraíso, mas não para quem pagou o preço.

**V:** Siga seu sonho! (aludindo à placa de propaganda de condomínio).

**R:** Só tem paraíso em volta dela! O povo todo quer usufruir desse paraíso que tá em volta dela aí.

**N:** Vamos terminar de ver os slides, pra conversarmos sobre os pontos que chamaram atenção, mas a gente já viu que a questão da mineração é uma ferida de todo mundo.

## 6.2 Sobre viver em Nova Lima

Após os slides partimos para a conversa sobre o assunto, sobre as imagens, as impressões, os sentimentos. Conversa animada, entrelaçando memórias, sonhos, constatações, desejos. Meu papel de mediadora muitas vezes foi alterado pela minha condição de moradora, bastante envolvida no debate e na temática abordada.

Durante a discussão apareceram basicamente as mesmas questões colocadas pelos entrevistados individualmente. Confirmaram-se os dois grandes eixos sobre os quais gira a problemática sócio-ambiental da cidade e a sua influência na produção de subjetividade:

a presença da atividade mineradora e o acelerado processo de metropolização do município, com suas resultantes: o estrangulamento espacial e a criação dos condomínios. As referências e análises relativas à mineração e aos condomínios vão recortando toda a conversa e reaparecendo em vários momentos, retrançando os fios, atualizando as reflexões.

Alguns aspectos foram agora menos enfatizados que nas entrevistas, como o **trânsito**, talvez pela grande utilização, pelos componentes do grupo, do transporte coletivo, já acostumados com sua precariedade e com as longas esperas, percursos demorados. O tema **consumo** foi bastante explorado, apesar de não constar das imagens ou das palavras apresentadas. A **ponte dos suicidas**, presente em duas imagens, para minha surpresa, foi apenas ligeiramente comentada. Podemos supor que agiu aí a, já apontada, resistência ao tema-tabu, fonte de angústia e espanto para a população. Ou realmente, o impacto do fato seria reduzido, frente a outros sofrimentos de maior amplitude.

Seguem trechos dos diálogos que considereei tocar em questões significativas e que expressam como o grupo sente e percebe a cidade, seus sentidos, seus desejos, seus fazeres.

*Coisas daquela época*

A conversa se reiniciou com Sara e Lúcia relembando as boas coisas da cidade que estão se perdendo:

**Sara:** Eu não sou saudosista, porque a gente tem que evoluir. Eu acho que eu não tou tão velha assim, sou cinquentona e tudo, mas eu já sinto minha infância diistaante, sabe, com uma mudança que teve sem planejamento e acho que a gente não tá agregando bem, a gente está é se perdendo. Uma cidade que, não sei se algum governante, autoridade, tem sensibilidade pra preservar um pouquinho nossas raízes. Tem um futuro, o presente, até o passado atrás, que ele exige o novo..., mas tem um lado da estrada que a gente tá perdendo, as paisagens, as águas, e (em *off*) eu sinto que ninguém faz nada, gente.

**Lúcia:** Ontem eu tava com meus filhos na cozinha conversando e a gente tava comentando sobre a droga, porque lá o bairro que eu moro, infelizmente, é o caos. Você conhece né, José, você sabe que aquele pedacinho ali do Cascalho, a droga anda solta mesmo. Eu tava comentando, tava lembrando daquele tempo ali da praça, que nós tínhamos a praça, na minha juventude, onde os rapazes davam a volta por fora e as moças por dentro. Era uma coisa linda, maravilhosa, não tinha maldade. Então eu estava passando esses valores pros meus filhos. Eu falei com eles: “Hoje, vocês não sabem viver, é só bar.” Você não vê mais, é só barzinho, nesse barzinho dá uma briga, entra droga. Eu falei, pra Nova Lima voltar a ser gostosa, tranqüila, teria que voltar às raízes nossas. Era pacata, era pacata sim, mas era saudável.

Na sequência, aparece a questão do domínio da mineração sobre o território e sobre a vida das pessoas:

**Lúcia:** Eu acho que os valores já vão perdendo assim. Agora, a mineração, pelo que eu conheci dos meus pais, a gente ouviu, a mineração dominou Nova Lima.

**Ronaldo:** Dominou e limitou.

**L:** Nem política se tinha, porque tudo na política era em torno da mineração. A mineração falava assim, assim era. Agora abriu os campos, mas abriu pra quem tem. Pra quem não tem...

**R:** Porque ela fez o seguinte, ela veio, explorou nosso solo, tirou a riqueza do nosso solo, não dividiu um pouquinho mais com o povo de Nova Lima essa riqueza, de jeito que limitou as pessoas. Isso aqui podia ser melhor, muito melhor. E no final agora, que já está chegando no final, quê que ela fez, ela cercou todo mundo aqui e abriu espaço pra todo mundo lá fora cercar a gente. Que são os terrenos que é dela.

(Todos falam ao mesmo tempo, grande envolvimento).

**Sara:** Isso é coisa do progresso, mas nós tivemos muitas perdas.

**R:** Até isso ela tomou do povo, que é a liberdade de ir e vir e passear por esses matos aí, igual todo mundo antigamente ia. O quê que ela fez, tirou tudo e cercou. “Isso aqui não é seus não. Vocês tão de fora. Acabou.”

**L:** Inclusive, eu tenho um sítio em Raposos, um pouco pra frente de Raposos, 3 quilômetros, eu tive um problema seríssimo há pouco tempo, com a Morro Velho. Meu terreno divide com um piquete da Morro Velho, dali pra lá é tudo Morro Velho. Meu terreno não tem água, a água que eu uso, tinha que tirar de uma nascente que fica dentro do terreno da Morro Velho. Nós inocentemente, canalizamos a água, quando a gente tava com a canalização pronta, fomos barrados porque a água pertencia à Morro Velho, água no solo, pertencia à Morro Velho. Aí eu tive que correr atrás, dei sorte porque tinha pessoas influídas lá dentro, senão eu não teria água hoje não, porque a minha palavra não valeria não. Eu só consegui porque tinha uma pessoa mais forte do que eu lá dentro. Hoje eu tenho a água que é da Morro Velho, mas eu tive que pedir uma autorização pra usar. É um absurdo!

**Alda:** A água não é de ninguém, é do governo!

**L:** Ela diz que é dela e quem sou eu que vou poder discutir com ela, que a água é uma nascente e não pertence a ela.

**Nina:** Há pouco tempo saiu no jornal que as pessoas que tiram areia em Honório Bicalho, queriam criar uma cooperativa, uma coisa assim, para regularizar a venda. Não puderam, porque a única “pessoa” que pode extrair alguma coisa ali daquela região do rio é a Morro Velho. Eles tavam tentando fazer um movimento pra pagar ou liberar.

**A:** São coisas que mexem com a vida da gente...

**L:** Agora, lá no meu terreno, eles entraram, furaram pra fazer sondagem, sem me pedir autorização, sem nada. Olharam se tinha ouro, quer dizer, se tivesse ouro eles me tomavam o sítio, né. Eu acho que não tem, porque não me tomou até agora. Quer dizer, não me procurou, não pediu autorização, simplesmente, foi olhar se tem. Ali pros lados de Sabará tem uma mina ali, eles tavam furando tudo. Quer dizer eles têm essa autoridade de entrar no quintal, que é meu, e eu não podia usar a água que passava nas terras deles.

**N:** Quando Sara diz “ninguém faz nada, a gente tem expectativa, a coisa parece que vai...”, eu ia perguntar assim “porque será que ninguém faz nada?”. A resposta parece ser essa, é um domínio.

**R:** É um domínio que não tem como, a gente fica impotente.

É estabelecido então um paralelo entre passado/presente, mineração/condomínios, salientando a continuidade da grave questão territorial que atravessa o espaço/tempo:

**Valter:** Não sei se dá pra fazer um paralelo entre passado e presente. A gente tinha em Nova Lima antigamente os ingleses e tinha o povão. Hoje a gente tem a sede e tem os condomínios. Uns falam: Nova Lima alta, Nova Lima baixa. Antes os ingleses em cima, o povão em baixo, hoje você tem os condomínios em cima e a sede em baixo. Você pode falar da Nova Lima do lado direito e do lado esquerdo, são paralelos que a gente pode fazer entre o passado e o presente. Antigamente a Morro Velho tinha capangas, na história dela, então se lá na frente, bem longe, o dono dessa terra toda, era tudo uma terra só, lá pros cantão, em Sabará, longe do escritório, tivesse alguém morando lá, chegava capanga: “olha, você tem uma semana pra sair, se você não sair, a gente vai vir quebrar tudo”, e fazia mesmo. Hoje você vê naquelas placas ali “Propriedade particular”, pro povo não entrar. Quando começou a cercar ali o condomínio Quintas do Sol, um amigo meu foi tentar fazer uma caminhada lá, apareceu um cara com uma garrucha “não pode entrar mais não, pode cascar o fora”. A mesma coisa que aconteceu lá atrás, está acontecendo de novo. Eu acho que é uma coisa assim...

**N:** Muda, mas não muda.

**V:** Acho que a mina, apesar de ter mudado em diversos pontos, durante esses anos todos, existe uma cultura que ficou interna, enraizada, nas suas diretrizes, nos seus diretores, que foi passando, de geração em geração, na diretoria, lá dentro, essa forma de administrar, de encarar o município como tal, continua e fixa, a gente sente isso. Eu tenho vontade de comprar um lote em Nova Lima, eu tenho vontade de morar aqui, só que em Sete Lagoas um lote é 30 mil, aqui é 90 mil. Como é que se compra um lote em Nova Lima? Impossível!

**M:** Aqui na cidade também, esse preço todo? (Muitos falam juntos) Porque na minha região o custo de vida é alto, inclusive os lotes também, só que eu achei que era pro lado de lá, não aqui. Aqui também tá alto assim?

**V:** Num condomínio o lote é um milhão, que me falaram, lá no Vale dos Cristais. Na sede você acha lote aqui por 70, 80, 90 mil reais. Como é que cê compra um lote desses? Fica difícil, né? De vez em quando aparece um ou outro loteamento popular, assim bacana, mas a classe média fica sem ser assistida. Pra cada 15, 20 condomínios você pode ter um condomínio popular ou pra classe média. Diante de tanta terra que tem! É uma ironia falar de expansão imobiliária em Nova Lima, sendo que você não acha lote pra comprar.

**L:** Só acha pra quem tem, pra quem não tem...

A conversa se dirigiu então para o confinamento dos moradores da sede em restrita área de tão grande território e os problemas habitacionais daí decorrentes, já se arriscando uma possível saída via educação.

**R:** Por isso que eu acho que Nova Lima agora tem que preocupar sabe com quê? Esse povo tem que preocupar muito, mas muito mesmo pra poder sair disso, pra poder melhorar isso aí, mudar essa história, investir em massa na educação mesmo. Que é só assim mesmo que esses meninos que tão vindo aí agora vão conseguir vencer essa barra afora. Porque, do jeito que as coisas vêm aqui, você tá fechado aqui dentro. Igual você falou, um lote aqui dentro de Nova Lima é 90 mil. Oê dá 90 mil, mas você tá sabendo que está preso, que só à volta é que... Nova Lima acabou tudo nosso aqui, o direito de sair, de dar uma volta nesses matos, conhecer, ir pra essas cachoeiras, poço, igual antes. Acabou tudo isto, você ficou preso aqui.

**J:** Encurralado!

**R:** Você tá encurralado.

**S:** E a população constrói...

**R:** Então o pouco que tem aqui, o que ficou aqui ...

**S:** E com isso, os filhos de Nova Lima constroem do lado do pai, em cima, no fundo e fica aquela imagem que mostrou aí, inacabado.

**L:** Aquela aglomeração!

**R:** É o famoso puxadinho, né.

**S:** Puxadinhos. A frente é feia, o lado é feio, o fundo é feio. Você vai em bairros que eram muito bonitinhos, Boa Vista, Vila Operária tinham estrutura bonitinha, simples. Mas hoje é sobrado sem acabar, uma barbaridade.

**J:** Nova Lima até na década de 80, eu lembro, parece que a explosão veio de 80 pra cá.

A geração de 60, em 70 eram adolescentes, em 80 todos eles casaram e a explosão começou e começaram a disputar o espaço, essas construções no fundo de casa.

**S:** O último plano de casa própria que teve aqui foi o do BNH, nas décadas de 60 e 70, bairro mais popular aqui, depois disso não.

**L:** Nunca existiu, nunca teve nada.

**V:** O último loteamento que teve aqui na região foi o do bairro Cariocas, que a princípio seria um bairro popular, mas a carência do município foi tão grande que ficou pra classe média.

**L:** Igual o BNH, era pra ser casa popular, mas quem conseguiu adquirir era só quem tinha um pouquinho mais...

Aparece, então, na conversa a situação dos moradores da sede frente à realidade dos condomínios. Fala-se em igualdade, em fé, em educação.

**R:** Nova Lima vai servir pra dar o quê, pra esses condomínios todos que tem aí em volta de nós, vai dar suporte pra esses condomínios. Emprego, eles precisam de faxineira, de jardineiro, porteiro. Eles vão ajudar Nova Lima é dessa forma.

**J:** O problema desse povo dos condomínios, é que esse povo não desce para comprar na cidade.

**R:** Ninguém, ninguém compra nada em Nova Lima.

**J:** Tinha que ter uma política de atrair esse pessoal pra cá.

**R:** Eles não têm estrutura.

**J:** Não atraí. Acaba ficando só o consumo local mesmo.

**L:** E com isso tá tirando a tranqüilidade nossa, né. Porque a marginalidade chega junto, porque através de tudo isto... Passa na televisão: “Nova Lima, condomínio tal...” Bandido que tá lá no Rio de Janeiro “Opa, vou pra Nova Lima, lá é que tá a mina!” e vai acabando com nós aqui. Chega e entra no meio da gente aí, onde muita droga tá entrando. Vem de fora! Vai aconchegando aí e daí vai começando...tira a tranqüilidade. Eles ficam tranqüilos, por que eles têm segurança, nós não temos.

**S:** Acho que não vai ter não, se não cuidar do povo, eu acho que ninguém vai ter tranqüilidade. Ninguém.

**A:** Eu tenho observado que tem aparecido muitas pessoas diferentes por aqui.

**S:** Nós somos ameaçados mas eles também estão aí correndo risco.

**R:** Eu acho que a coisa funciona assim, eles tão criando um monstro, pra mais tarde atormentar. Porque esse pessoal, parece que eles não pensam no futuro, não têm sensibilidade de ver, “olha, tem que ter igualdade, todo mundo tem que caminhar junto, todo mundo”. Essa diferença que tem aí de renda, isso é que acaba com tudo. Porque o ser humano pra sobreviver nessa terra ele não precisa de tanto, não.

**S:** Nem precisa ser igualdade, ele precisa de teto.

**R:** Isso daí passa a ser uma doença. Querer sempre mais, mais, mais, isso daí passa a prejudicar todo mundo.

**S:** Uma doença que prejudica quem sofre a doença e também quem não sofre mas é vítima dela.

**N:** Quem tem que alimentar essa doença.

**A:** A fé também está bem baixa, né.

**R:** A educação é que vai mudar isso tudo, a educação.

Fala-se de uma crise de identidade e na descaracterização da cidade em meio a tantas mudanças e interferências que não respeitam sua cultura, sua história, seu espaço de vida.

**V:** Acho até que Nova Lima, a gente pode falar, que a gente passa por uma crise de identidade. A questão da educação, a questão daquelas coisas nostálgicas, que apesar da gente ter que evoluir, mas a gente tem que ter uma referência. A gente pode exemplificar basicamente nos aspectos culturais de uma cidade. Nem sempre pra você ter o novo, o moderno, a gente tem que exterminar o que é antigo. A gente tem exemplo de construções no município, a Casa Sales é destruída, os bonserás simples, não existe nenhuma política, por exemplo “Ô gente, vamos abater no IPTU, pra que você mantenha a fachada da sua casa”. As casas todas das Quintas, praticamente, são casas que poderiam ter mantido a fachada. E a gente pega tudo descaracterizado. Não é só lá em cima não, os bonserás também todos descaracterizados.

**J:** O próprio centro da cidade muito fechado, os passeios...

**R:** Os passeios, não tem como o pessoal andar aqui.

**V:** A própria praça, descaracterizada totalmente.

**R:** Quê que tem que fazer? “Ô gente nós vamos dar ocê o cimento e o cascalho, dá pra arrumar seu passeio?” Vamos ajudar, vamos fazer o passeio, vamos melhorar a situação.

**A:** Pintar as casas, né.

**R:** Vamos pintar tudo direitinho, vamos melhorar o aspecto.

**S:** E a cota do ...

(Todos falam ao mesmo tempo, não dá para distinguir.)

**J:** Mas sabe qual que é o problema, a questão é de amor pela cidade, as pessoas que trabalham nas obras da cidade, fazem de qualquer jeito. A reforma da Praça do Mineiro ficou um horror gente, dá vontade de chorar.

**V:** Tirou a identidade toda da praça. A Praça Bernardino de Lima também, todo mundo, minha mãe, meu pai falam dessa voltinha, mulher fica dentro, rodando prum lado, homens por fora, rodando pro outro. Mas não, “você tem que deixar na terra, construir uma praça toda moderna com palmeiras”. Aí tudo bem você tem uma praça toda moderna, mas qual que é a vida nisso? Você tem uma casa histórica, aí você muda a fachada, qual que é a vida disso na cidade? Você pode pegar essa não identidade dos nossos patrimônios e jogar naquilo que a gente está se perdendo, nos nossos aspectos naturais, nossas matas aí. Tudo aquilo que é referência de Nova Lima... Um slogan de Nova Lima já foi, Nova Lima Terra do Ouro. Qual que é a identidade que a gente tem, o quê que está se formando? O quê que vai ser Nova Lima daqui a 20 anos? Com sinceridade. Se me fizer essa pergunta, eu não sei responder.

*A Casa do jardim*

A discussão passa então a girar em torno do relato de Lúcia sobre a casa de sua família, que tinha um belo jardim, presente em postais da cidade e citado no artigo “Humilhação Social : humilhação política” (GONÇALVES FILHO, 2007, p.187).

**L:** Então, eu vendi aquela casa onde é a Clínica hoje, perto da igreja de Santo Antônio, aquela casa era nossa. Era o cartão de visita de Nova Lima, quem conheceu pode falar. Eram 400 metros de jardim.

**V:** Onde eles tiravam aquelas fotografias?

**L:** Isso. Era um cartão de visitas de Nova Lima, já saiu no Fantástico, já saiu nos jornais.

**J:** Onde que era, a da esquina, ali no Retiro? A que tinha um jardim na frente?

**L:** Era da minha mãe, minha mãe que cuidava. O ano inteiro tinha flores. Quando Dr. W. comprou, nós tivemos que vender porque nós não tínhamos condição de manter a casa. Tivemos que vender. Os pais morreram, não tinha condição para um ficar, então com o coração na mão nós vendemos. Ele ia fazer uma clínica, eu falei “que bom, ele vai fazer uma clínica do coração, num jardim desses, toda pessoa que chegar aqui mal, vai se sentir bem” Falei com ele: “você vai manter o jardim?” Ele falou assim: “não sei, eu vou pensar”. Acabou. Ele pôs cimento. Minha filha foi fazer uma entrevista lá, ela falou assim “Dr. W., minha avó vai vir aqui te puxar o pé”. Porque ele jogou veneno no jardim, as petúnias nasciam de novo. Elas ficaram anos e anos, tem 14 anos que minha mãe morreu, e as petúnias voltavam. Agora ele pôs placa de cimento, pra acabar com tudo.

**R:** Pra não sobreviver. Não faz isso comigo não.

**L:** Pra você ver, é uma casa, eu tou contando o caso de uma casa, e no conjunto, e no total? Quer dizer, chegam assim com ambição, porque ficar pondo cimento num lugar tão bonito, e ainda tratar do coração, eu não sei...

**S:** Que coração?

**J:** É muita insensibilidade!

**L:** Trazer pedra de cimento, tão duro! O pessoal do Retiro fala assim “Nó, vocês acabaram com o Retiro”. Mas o quê que eu podia fazer, como é que eu vou manter e não dependia de nós. Os antigos: “Nó que pena, que dó!”... É a vida, né.

**N:** Aí que é a questão da política, se tem uma política no município para preservar essas coisas, vai ter uma ajuda numa hora dessas, ser visto com outros olhos. Tentar intervir, né.

**S:** É uma questão de educação também, porque com a modernidade, a mídia, e tudo, é só a educação mesmo, eu sei que em país desenvolvido surgem os contra... Então, eu acho que essa geração, através da mídia, ela começou a perder um pouquinho, a não dar valor. Por exemplo, móveis. Quê que você faz, um móvel antigo na sua casa, tem que jogar tudo fora, pôr tudo a perder. Se você tem uma cama boa, bonita, “não, tem que jogar fora, comprar outra.” Nem sempre o novo vai te atender muito bem e às vezes o velho poderia ser usado. Mas hoje o consumo, perdeu-se o controle, então não se tem lugar de pôr lixo. Com isso as pessoas não dão valor, não observam um belo jardim, uma bela louça, é sempre o novo, e principalmente o que não dá trabalho.

**Maura:** Prático.

**S:** Então, o jardim dá trabalho? Ninguém quer ter trabalho. Joga cimento ali, acabou.

**V:** Planta tem que cuidar, aguar todo dia... Bota cimento!

**S:** Por incrível que pareça, vem de um médico! Quê que você espera de um médico? Que ele tenha sensibilidade pra cuidar de um coração. Se ele não sabe olhar um jardim! Olha procê ver, tem tudo a ver, não tem? Tá ligado uma coisa com a outra.

**J:** Tá faltando mais apoio do governo..., mesmo.

**S:** Não sabe admirar um belo jardim, numa noite de luar. Isso pra ele...

**L:** Não serve pra nada.

**S:** Não tem valor. Uma coisa vai puxando a outra.

**L:** No ano passado, no dia das mães, o meu filho, com uma fotografia, mandou fazer um quadro, que eu tenho na minha casa. Na hora que ele chegou com o quadro, eu me senti dentro de casa, eu vi os móveis, eu senti minha mãe mexendo. Eu senti dentro da casa, sabe? A pessoa que pintou, ela pintou numa perfeição, que eu voltei. Minhas meninas, que ainda tavam pequenas, falaram, “Nó mãe, que saudade da casa de vovó!” Pra nós ficou a casa da vovó, ficou a casa da mamãe. Mas num todo, tá lá, virou um nada.

### *Lanche filosófico*

Tento então interromper o trabalho para o lanche, mas os participantes não dão sinais de querer parar com a conversa, que continua animada, versando agora sobre consumo irresponsável, o lixo, a descartabilidade das coisas no mundo de hoje. Essa temática, provavelmente foi provocada pela referência à descartabilidade da cultura e do estilo de vida novalimense frente ao novo padrão imposto, em detrimento de sentimentos, desejos e interesses.

Resolvo trazer o lanche para o meio da roda, sem interromper a conversa, que continua sobre o tema descartabilidade: profissões que desaparecem, embalagens, chegando à questão da relação entre as classes sociais. O papo evolui para formas de aproximação entre culturas diversas, sobre o medo, o novo, a quebra de barreiras e o estilo de vida simples que se almeja alcançar.

**R:** O povo paga por essa briga nojenta entre os países.

**N:** A gente paga e não sabe que está pagando.

**R:** É ser humano gente, é ser humano...

**N:** Se a gente pegar essas pessoas que têm poder aqui em Nova Lima, que dominam tudo, e ficar sabendo do dia a dia deles, vamos ver que são pessoas como a gente, que têm necessidades, tristezas, têm sentimentos.

**L:** Às vezes são colocados numa posição, completamente diferente do resto da população.

**M:** São pessoas que estão fazendo o jogo delas ali dentro daquela estrutura.

**L:** E a gente fazendo o nosso...

**R:** Se interagissem, né, se as pessoas tivessem sensibilidade para interagir essas culturas, melhoraria muito. Ia ser uma troca.

**J:** Ser humano é uma coisa muito doida, não é gente?

**R:** Você é bonitão, é ricaço, mas tem uma pessoa simplesinha ali que você pode aprender muita coisa com ela. Mas tem essa separação aí, essa barreira.

**N:** E o medo, hem? As cancelas, os guardas, vigias de todo jeito, e as câmaras de vigilância... Cada dia sofisticada mais.

**R:** Mas sabe o quê que é isso? Isso é por causa do medo, medo de um monstro que eles mesmos criam. Aí ficam cercado esse monstro pra não entrar na casa deles.

**L:** E não tem como cercar. Eles escorregam mesmo.

**J:** E a gente tem muito medo, né. A gente sonha, a gente quer batalhar, mas o medo é maior que tudo.

**R:** O que o poder faz com a mente do ser humano, como que a pessoa vai, vai, pisa em tudo, passa por cima de tudo!

**V:** E como que o medo envelhece, o medo engessa. Vamos supor, a pessoa pelo medo vai se isolar, viver numa ilha.

**R:** Cria impérios e mais impérios. Aí vem, vem a doença, aí é que a mente começa a trabalhar. Porque tudo isso? Quem vai me salvar agora, o meu poder?

**V:** Como seria se a gente tivesse coragem de desbravar algumas coisas?

**J:** Todos aqueles que foram sofreram muito, Tiradentes por exemplo, todo mundo que passou por isso.

**R:** Infelizmente o ser humano não tem sensibilidade pra isso não.

**J:** Nessa questão dessa insensibilidade, o que está acontecendo com o ser humano pra ficar tão insensível? Você acha que a mídia tá fazendo isto? Tem uma parte que está muito sensível, mas o outro lado tá muito mais.

**V:** Eu acho que essa quebra de barreira, nos últimos anos, o que a gente viveu, os meios de transporte, as comunicações evoluíram e facilitou o contato entre culturas, o diferente aumentou, ele causa medo. Causa a diferença, causa o risco, aquilo que é minha cultura, que me garante, porque a minha cultura é minha segurança.

**J:** A gente é muito baseado na segurança, né.

**V:** Então o novo, tem que saber. Eu acho que as culturas têm que se comunicar de igual pra igual. Se ela comunicar assim, “eu posso mais que você”, se tiver hierarquia nessa comunicação entre culturas, aí é um risco. Se acontecer de forma harmônica, sem hierarquias, aí ela pode ser harmoniosa, mas sempre vão existir os fundamentalistas, aquele pessoal que não enxerga outra coisa, só enxerga esse Deus é o meu, essa terra é minha.

**N:** Você pode falar assim “o meu é bom, o meu é ótimo”, daí você não precisa falar que o do outro não presta. Não precisa desmerecer o do outro.

**V:** Você pode ter uma segurança do seu e reconhecer o do outro.

(Discussão geral sobre o fundamentalismo.)

(Peço para preparar a tela para a apresentação das palavras)

**R:** Só que agora o mundo sente necessidade de mudança.

**L:** Ele evoluiu demais e agora chegou no limite.

(Discussão geral sobre a situação crítica do mundo)

**V:** A pessoa rala, rala, rala a vida inteira, monta um casão, a maior mansão, quando vai chegando no final da vida, a felicidade do cara é jogar milho pras galinhas. É o que eu quero pra mim desde cedo, começar cedo, não tem coisa melhor não.

**L:** É melhor começar cedo, você começa do fim da linha. Eu já comprei o meu cantinho. Sábado passado padre Gouveia foi lá benzer minha gruta, ele falou: “mas é mesmo, isso daqui é um pedacinho do céu”. É lá longe, no alto do morro, onde não passa quase ninguém, a serenata que eu tenho é dos passarinhos, não tem coisa melhor não. Você acordar de manhã, com aquele sol alto, dia de lua cheia, aquela lua pertinho, sabe. Não tem nada melhor não.

É barulho, é briga, é não sei o quê. Eu que moro em frente um boteco, tem briga, tem não sei o quê. Não, lá é minha paz.

V: Eu gosto é de pegar minha bicicleta, pegar minha trilha, tou feliz, eu volto novo.

### 6.3 Palavras, palavras

Projetei então 24 palavras, extraídas das entrevistas individuais, para que cada um escolhesse uma para comentar, dizendo por que a escolheu, qual o seu sentimento sobre ela, dentro do tema abordado. São elas: COTIDIANO, INVASÃO, ESTRANHOS, CONVIVÊNCIA, BARULHO, MINA, PERDIDOS, METRÓPOLE, TERRITÓRIO, SUFOCADOS, DESIGUALDADES, PROGRESSO, VIOLÊNCIA, MUROS E CERCAS, EXPLORAÇÃO, OPORTUNIDADES, MEDO, ESPAÇO, POLUIÇÃO, SEGURANÇA, TEMPO, TRÂNSITO, MEMÓRIA.

É importante salientar que, das palavras escolhidas pelos participantes, só uma, violência, teve conotação negativa, as outras seis expressando, de forma esperançosa, as possibilidades de mudança e de novos caminhos.

A primeira palavra, não por acaso, foi *território*, escolhida por Maura, que quis salientar a grande extensão territorial e a separação entre os bairros, com destaque para a situação do Jardim Canadá, seu crescimento e mudança de perfil, com a expulsão da pobreza, que não consegue mais sobreviver numa região que se elitiza.

**Maura:** As pessoas chegam perdidas no lugar, por falta de emprego, se não tiver uma acolhida, ela se sentir assim, pela situação dela, pra começar, é um problema... Esse custo de vida por ser alto lá também, muitas pessoas não conseguiram ficar, tiveram que voltar. Chegaram sem condição de estruturar a vida delas, elas não tiveram como ficar, voltaram. Conheço muita gente que não teve como ficar aqui. Até o que muita gente sabe, muita gente de favelas, querendo sair de favelas para morar lá e aí não conseguiram ficar, porque o custo de vida é alto, tiveram que sair. Tanto que tá ficando só quem realmente conseguiu se estabilizar. Até essa estrutura de espaços, de construções inacabadas que a gente vê, tá totalmente mudando. Tá todo mundo fazendo sua fachada.

Eu acho assim que o bairro, quem sabe possa até futuramente se emancipar. E agora é o que eu estou falando, é estranho ser um bairro de Nova Lima, por causa, geograficamente. O que ficou estranho foi o território, a divisão, essa volta toda que dá. Mas se tivesse uma política pública para olhar mais por esse lado, aglomerar mais, ter uma atenção especial. Então essa palavra território me chamou atenção pelo diferencial de Nova Lima, que também vai crescendo.

V: Tem uma estrada que eles estão fazendo que vai sair pertinho ali.

**M:** Então, por esse lado vai ficar mais próximo.

**A:** Tem até nome de rico a estrada.

**V:** Via Rio de Peixe.

**A:** Não gente, é chique, eles falam, estrada “reeaalll”.

**R:** Estrada Real.

**N:** Mas a Estrada Real não é essa não, é aquela que passa por Bicalho.

**V:** É Via Rio de Peixe.

**N:** Essa vai sair no Jardim Canadá.

**L:** Pra facilitar vir pra Nova Lima, do Jardim Canadá.

**M:** Eu fico assim até comovida com o trajeto que os moradores fazem todo dia para estudar, trabalhar e fico feliz com a possibilidade de poder ser olhado com carinho, é um perigo os meninos da escola nessa estrada.

A segunda a falar foi Lúcia, que escolheu a palavra *convivência*:

**L:** Eu acho que o que nós vamos ter que fazer, de agora pra frente, é conviver com toda essa estrutura que está chegando. Porque eu acho que condomínios rodeando, nós vamos ficar um miolinho, se não tiver estrutura pra suportar tudo isso... Nós temos que criar isto entre nós...

**R:** Descobrir uma boa maneira de lidar com o que tem aí...

**L:** De estruturar com isso, porque senão vai ficar assim a parte alta, como já é, e cá em baixo nós vamos virar uma favelinha. Vai ficar os grandes no alto e nós encolhidos cá em baixo. Eu acho que é um direito nosso, que nascemos e crescemos aqui, de ter uma estrutura forte pra sobreviver em Nova Lima. Igual eu falei, não tem como viver aqui. Eu vivi em São Paulo, que é uma cidade de pedra, lá é pra trabalhar mesmo. Lá não tem esse prazer que a gente tem aqui. Mas se a gente deixar que a cidade de pedra toma conta de tudo, nós vamos ficar a mesma coisa. Então eu escolhi a convivência por isto. Nós temos que aprender a conviver.

O debate se estende à convivência com os condomínios e suas desigualdades.

**V:** Convivência ou a não convivência. Com esses condomínios aí não há convivência, não há sinergia.

**R:** Porque não vai ter convivência com o pessoal, não tem como você pular a cerca lá e dizer “Oi, comé que tá aí?”. Você vai chegar na portaria lá...

**V:** O cara com uma garrucha na mão.

**A:** Mas dá pra conviver com nós que somos empregados deles, sabia?

**N:** Conta pra gente como que é sua convivência, lá.

**A:** Eu trabalho lá no Condomínio Veredas das Gerais, sabe. Comigo eles são ótimos, tudo de bom.

- J:** Tem muita gente de Nova Lima morando lá, também.
- A:** Nós convivemos num meio aqui que mora lá.
- R:** Mão de obra vai ser aqui de Nova Lima mesmo, condomínio vai...
- L:** Tomar conta, né.
- R:** Com certeza.
- A:** Agora eu notei uma coisa, tudo do pessoal de condomínio aí, os negócios deles é tudo em Belo Horizonte. Não é aqui não.
- L:** Nova Lima é para morar, né.
- A:** Eles trabalham em Belo Horizonte.
- L:** Compram em Belo Horizonte.
- J:** Consomem lá.
- A:** São dezesseis cômodos.
- N:** Quantas pessoas moram nessa casa de dezesseis cômodos?
- A:** Duas pessoas, dezesseis cômodos. Aí eu lavo e passo pra ela também, mas tudo incluído na faxina. Lavo, passo e ainda faxino a casa toda.
- R:** Você já pensou, duas pessoas, dezesseis cômodos.  
(Todos comentam ao mesmo tempo sobre o assunto)
- A:** O terreno em volta da casa é enorme, é lindo. Eles gostam muito de verde lá.
- J:** Tem jardim a casa?
- A:** Tem jardim. Tudo gramado. Lá não tem é muro gente, igual a gente mura.
- M:** Não precisa, né, porque tem portaria.
- V:** Tem cerca pra todo lado...
- N:** O muro que tem lá é invisível.
- V:** É a famosa “cerca viva”, segurança armado.
- A:** Eu achava que era porque eles eram muito íntimos.

Alda escolheu a palavra *oportunidades*, pensando nas restritas oportunidades de emprego para quem não tem estudo. Relata também sua batalha para voltar a estudar: “Eu chego em casa lá pelas dez, vou dormir, no outro dia levantar cedo de novo, trabalhar. Não é todo mundo que agüenta fazer isto que eu estou fazendo. Mas a gente tem que fazer.”

É a vez de Sara falar sobre *cotidiano*, traçando caminhos de sensibilidade, de atenção ao outro e de pequenos gestos renovadores.

**S:** Com tantas dificuldades a gente tem que valorizar o cotidiano. Ser mais observadores, ser gentis, semear amor. Viver bem, ter tranqüilidade. Semeando vai florescer. Acho que a

valorização do cotidiano é pra gente não virar pessoas áridas, né, que não observa, que não enxerga nada além do nariz. A gente olha as pessoas, convive, conversa, observa, deixa uma palavra boa, ou até escuta mais, porque a gente tem o hábito de falar e é praticamente isto. E a gente vai florescendo...

A partir daí o grupo se lembrou da característica de bom acolhimento que a cidade tem, lembrando o antigo aforismo “Quem bebe água do Rego Grande volta sempre.”, hoje em dia desmoralizado pelo nível de poluição e contaminação do riacho.

A: A senhora que já está mais tempo aqui, eles têm costume de dizer que pessoa que chega aqui e toma água de Nova Lima, sempre que volta.

L: Bebeu a água do Rego Grande... mas a gente não pode beber ela mais! Porque a gente bebia a água do Rego Grande. Agora não tem como, não dá. (risos).

Valter fala então sobre *progresso*.

V: Eu acho que essa palavra, o significado que ela tem hoje é muito daquela idéia do ideal republicano, logo que surgiu, que é sinônimo de crescimento, a qualquer custo. Eu acho que a gente vê isso em Nova Lima, a gente teve a duplicação da MG30, tudo ótimo, mas ela foi feita, na minha opinião, para atender à expansão dos condomínios. A gente vai ter a belíssima estrada Rio de Peixe, vai ligar Nova Lima ao Jardim Canadá, tava precisando disso, mas o que vai ter na margem disso? Condomínio. Ou seja, a gente paga imposto, a gente que tá pagando essa obra e a gente vai ser beneficiado, com certeza, mas dos beneficiados, a gente é o primeiro a pagar, mas como beneficiado, a gente deve ser o quarto ou quinto. Então eu acho que o progresso, esse crescimento a qualquer custo, deveria ser modificado como desenvolvimento. Como conceito a gente trabalha com essa palavra, porque você sabe que a mineração é importante, vai trabalhar os recursos naturais que não podem ser perdidos, mas quando você trabalha o desenvolvimento você sabe que as pessoas também são importantes. Você criar um condomínio é importante economicamente, mas também não pode esquecer do pessoal que mora na cidade, que precisa, que tá crescendo e precisa de um loteamento. Você vai trabalhar o desenvolvimento, vai trabalhar em todas as margens, você não vai desconsiderar, “Ah, não vou minerar pra não deixar marca”. Precisa, mas precisa haver harmonia, e quando você fala progresso, a palavra no decorrer dos anos tomou um sentido pejorativo, crescimento a qualquer custo, é exterminar o que é antigo. Se o significado dela passar pra desenvolvimento eu vou ser fã dessa palavra, mas no momento eu não sou fã do progresso.

A conversa se dirige para os privilégios dos moradores dos condomínios.

**L:** Agora você sabe que nós pagamos, né, mas quem tá lá dento dos condomínios não paga não, pra eles pagar um imposto, vai levar anos.

**V:** Tem dez anos de isenção.

**L:** A diretora lá da minha escola lá no Jardim Canadá, ela morava no Alphaville e ela não pagava imposto. Durante dez anos, tem uma cláusula lá que durante dez anos ela não paga nenhum imposto. Quer dizer, é um disparate, né.

**V:** E o nosso aumenta.

**L:** Por aí você vê que a coisa é desproporcional em todos os sentidos.

**M:** A pessoa mais simples ela paga, tem medo de tomar a casa, perder né.

**L:** Mas eles já constroem, já fazem a construção com essa autorização, né, durante dez anos.

**A:** Devia ser o contrário, né, porque se a pessoa não vai morar num condomínio é porque não tem condição de pagar.

**V:** É triste, a gente vê a influência do progresso, o progresso trouxe a luz na MG30, mas até onde a luz da MG-30 vai? Porque ela não se estende até outros bairros, Bela Fama, Nossa Senhora de Fátima? A luz da MG30 vai até onde os condomínios estão. Porque a luz da MG30 não vai até Bicalho, não vai até o Galo, ou até Raposos, até Rio Acima? Então ela é limitada, a iluminação da MG30. É o progresso.

A palavra escolhida por José foi *espaço*, segundo ele a coisa que mais o incomoda na cidade, pois se fosse “bem projetado, mais harmonizado, seria a salvação da coisa”. O assunto despertou acalorada discussão sobre as limitações e a estagnação impostas pelo controle da mineração sobre os recursos naturais, econômicos e sociais da cidade.

**J:** Acho que o que falta muito em Nova Lima é a questão do espaço mesmo, esse “descuidado” que a população tem com o espaço em Nova Lima. Eu, como novalimense, tenho vergonha de andar em Nova Lima, com turistas, de levar a pessoa num bar, no centro da cidade, tem que levar a pessoa numa BR por exemplo. O centro podia ter uma coisa melhor, não tem nada, não tem um café, um bar-café, por exemplo, uma livraria, Nova Lima não tem. Pra despertar mais essas pessoas que moram nesses lugares mais pobres pra ter um outro olhar, outra visão da coisa.

**N:** Você acha que isso tem a ver com o que a gente conversou antes, de não ter espaço pras coisas aqui, do dinheiro não ter circulado durante grande parte do tempo, as pessoas não constituíram uma base, uma condição...

**A:** Não ter dinheiro pra... aquele limite que eu falei, fica só naquilo: “Ninguém pode passar disso não, tá gente, só até aqui.” (risos). É isso mesmo gente.

**J:** Nova Lima não tem uma livraria bacana, tem que ir em Belo Horizonte...

**V:** Restaurante, por exemplo, com comida internacional. A Morro Velho, pros diretores dela que vêm aqui, ela mantém um restaurante de cozinha internacional na Pensão Retiro. Agora nessa questão do espaço, você vê aquele inferno que é ali a Santa Cruz e aquele espaço ocioso ali da Morro Velho, que ia fazer Gold City, fez um auê, propaganda e até hoje nada, está lá, outro elefante branco. Quê que vai ser ali?

**R:** Esperando alguém chegar ali, com muito dinheiro mesmo e...

**V:** E às vezes vai fazer uma coisa e não vai nem envolver o município, por exemplo, tá aquele muro lá, ninguém sabe, a gente olha pelas gretas pra ver o quê que tem lá dentro, não sei se rolou uma pesquisa pela cidade, pra saber se o projeto deles vai ser harmonioso pra cidade, se pode desafogar um pouco o Trânsito ali na Santa Cruz, na Bias Fortes, que está um caos.

**J:** É falta de interesse político mesmo, não sei o que passa na cabeça desse pessoal, Nova Lima tem anos que tá nisso.

Questiono a concepção de feiúra de uma cidade e os modelos de beleza dominantes. Segue-se então uma discussão sobre o cuidado com a cidade, as coisas simples que fariam de Nova Lima um lugar mais bonito e agradável.

**N:** Às vezes a gente acha feio aquilo que é nosso, nós achamos que a gente é menos do que quem tem outro padrão e às vezes a beleza precisa é ser cultivada.

**J:** A gente vai em outros lugares muito simples, mas a gente sente bem e gente faz essas comparações. Melhor cuidado, cidade pequenininha, mas tudo muito bonitinho. Nova Lima podia ser assim, e é fácil ser assim, porque que não é assim?

**N:** Não é pra sofisticar.

**J:** Não é pra sofisticar, um quintal bonito, plantar uma árvore, fazer uma coisa com classe, simples. É simples de fazer, mas não faz.

**L:** Seria um cuidado.

**R:** Como que Belo Horizonte mudou! Eu tava vendo a planta da Afonso Pena, de não sei quantos anos...

**J:** Olha a avenida Paraná, quem viu a Paraná há dez anos atrás, olha como mudou!

**V:** Praça da Estação! A Praça da Estação era horrível!

**R:** Como mudou tudo!

**N:** Mas considerou o ser humano que estava andando ali.

**R:** Claro. Agora Nova Lima é uma cidade é o quê, sem projeto. Foi construída, mas sem projeto. Não tem planejamento não, cada um fez uma casinha aqui, fez a outra ali, “tem esse beco aqui que nós vamos fazer uma rua pros cavalos passar, pras carroças passar”.

**V:** Mas pode ser bonito isso!

**J:** Lá na Europa eles fazem aquelas casinhas, pintadas todas de branco, eles põem uma jardineira, recebem gente do mundo inteiro, fica todo mundo encantado. É isso que eu queria que Nova Lima fosse. O cara chega enfia uma janela aqui, outro enfia uma porta ali, não tem estética, não tem harmonia. Lá na Europa, eu vi numa revista, eles pegaram uma cama e colocaram dentro de um estaleiro, é aquela coisa que surpreende, aqui não tem isto. Dava pra ser assim.

**V:** Um exemplo prático disto são os ziguezagues<sup>28</sup>. Nenhuma cidade que eu vou tem o tal do ziguezague, maravilhoso, mas aqui em Nova Lima, tá faltando pedra, bota cimento, asfalto!

**R:** Deve ter gente querendo asfaltar o ziguezague!

**N:** Já teve vereador que apresentou projeto de asfaltar e tirar o ziguezague, foi uma luta pra gente conseguir barrar.

**S:** Colocou asfalto em tudo na Boa Vista, quando chega na ponte, quem tinha poder falou que não, a parte da Casa Grande da Morro Velho não foi asfaltada. Agora com esse escoamento de água quando chove, a água desce, até na ponte é uma cachoeira!

(Todos falam sobre o assunto ao mesmo tempo)

**R:** Faz tudo sem planejamento! É tudo política mesmo.

**L:** E a cidade de Nova Lima não foi projetada pra crescer. Olha que luta que é pra passar uma lotação naquela Vila Operária, as casas tudo na rua, não tem um espaço pra você pôr nada.

**R:** Vou mudar esse seu exemplo pra dentro da Mina. Mina de Raposos, parece que as galerias foram furadas para anão. Então eles furavam de acordo com o tamanho deles, “tou cabendo aqui, tá bom”. O que aconteceu? Chegou a necessidade de modernizar a mina, eles falam “mecanizar a mina”, colocar máquinas pra tirar o minério. Teve lugar na Mina de Raposos, quando eu trabalhei lá, que teve picar a máquina em três, para poder descer e passar lá, baixinho. Lá na frente que eles começaram a expandir com um espaço maior.

**N:** Nova Lima é a mesma coisa.

**R:** É, como eu tava falando, já que não tem jeito, não tem como eu alargar aqui a Santa Cruz, Bias Fortes, vão fazer isso daqui bonito. Vão colocar passeio...

**N:** Restringir transporte de caminhão...

**R:** Sinalizado, direitinho, nós vamos fazer bonito, isso aqui, pra todo mundo que vier aqui ver a coisa bonita. É histórica, é antiga, mas é uma coisa boa de se ver.

---

<sup>28</sup> Ladeira feita de escadas em ziguezague, construídas para o transporte por burros, presente em alguns pontos da cidade.

**R:** Não tem uma legislação, “olha gente, aqui não pode fazer isso, isso, isso”. Então precisa de projeto, de trabalhar em cima disso, ter interesse de melhorar Nova Lima.

**J:** É um resgate...

**R:** Ela tem condição de melhorar sim. Ela vai ficar no meio desses condomínios, mas quando eles ver a gente lá de cima, vai ver tudo bonito lá embaixo. “Ah que coisa bonita lá que eles fizeram, olha isto, olha aquilo...” E de repente vão até querer descer pra Nova Lima “ô gente comé que tá aí”. Acho que isso faz parte, muda a história, muda o visual.

**V:** Muda muita coisa.

**R:** É coisa simplesinha, pequenininha, mas com um toque muito bem dado se torna bonito, aconchegante.

**J:** Não precisa gastar muito não, o negócio é feito com bom gosto mesmo. Pode ser simples. A nossa sociedade... tem uma escritora, educadora também, que fala muito isto, eu li um livro muito bonito dela, ela fala que nós somos muito práticos, a nossa sociedade é muito prática, imediata e isso é muita praticidade mesmo, pode ser de outra forma. Eu estava vendo outro dia, a escola Emília de Lima está fazendo cem anos. Se eu pudesse dar um presente pra aquela escola, eu daria tirar aquele asfalto que vai até na porta da escola. Gente, antigamente não era aquilo, era aquele pé-de-moleque. Isso já é um resgate, eu acho interessante.

**S:** Isso é um absurdo...

**R:** Muito bonito, tem condições sim. Mudar esse visual, mudar essa intenção. Sentar com essa gente, “Tem condição de mudar isso aqui? Vamos mudar.” Ah, precisa de verba, precisa, mas tem que mudar isso aqui, vamos ver como é que fica.

**J:** O pouco que você faz, dá um efeito muito grande.

A conversa caminhou para as invasões e o processo de enfavelamento na cidade.

**A:** Mas hoje em dia o pessoal mais carente, eles tão chegando num lugar, agradou do lugar ali, “eu vou construir aqui” e faz a casa ali e pronto. Lá perto do campo, você viu? Levantaram muitos barracos lá, já tem seis casinhas ali. Eles vão levantando e pronto.

**S:** Se a prefeitura não tiver um controle, se não tiver o controle de seu espaço... A Mineração Morro Velho tinha o controle sobre tudo.

**R:** Ela era poderosa, ela apoderou de tudo.

**S:** E aqui a gente tá muito perto de Sabará, Santa Luzia, só favela.

**V:** E não era assim Santa Luzia, nem Sabará.

**S:** E aqui, acho que as favelas não chegaram até aqui porque lá na Mineração Morro Velho tinha controle e bota pra rua. E “é meu, é meu”, igual você falou, você levanta a casa hoje, no outro dia eles tão lá. Até hoje, onde que eu moro, tem uma família que fez um cômodo, na

banqueta, lá no fundão. Pois eles desapropriaram. Eu acho que é uma coisa justa. Agora, se a prefeitura perder o controle do espaço dela, um invade aqui, outro invade ali, acho que é a pior forma, a pior dificuldade que se pode enfrentar. Eu acho que a prefeitura, os órgãos públicos têm que ser vigilantes nessas invasões, senão a cidade se transforma numa favelinha, mal urbanizada...

A última palavra a ser trabalhada foi *violência*, escolhida por Ronaldo, que a relaciona ao mundo das drogas.

**R:** Eu fico observando e onde tá isso aí, droga, gera violência. Já tem muitos casos acontecidos em Nova Lima por causa disso.

**A:** Que eles já tão calando, tipo, calando as pessoas.

**R:** Tá ficando cada vez mais perigoso isso aqui.

**V:** Não sabia que tava assim, não.

**A:** Já foi uns dois ou três já, só esse mês passado.

**R:** O tráfico de drogas expandindo, expandindo com força e fica tudo apertado, esquisito. Lá no Retiro, eu moro no Retiro, tem um parque ecológico, eu moro a dois minutos do parque. Eu ando no parque eu vejo ali, eu já tou cansado de ver, eu ando praqueles lados só pra ver as bocas de fumo, tem muita boca de fumo.

**J:** Aquele parque fica aberto, eles fecham numa certa hora?

**R:** Não é um parque, não é porteira fechada, fizeram uma cerca lá, arrancaram o portão. Não tem vigilante, não tem nada. Lá quem vai caminhar às vezes tá correndo até risco, que a pessoa sai dum mata daquela, sai dum beco daquele, cai na banqueta drogado. A pessoa fazendo caminhada de repente pode ser até agredido... Não vai ter jeito não. Isso daqui vai tomar conta se continuar do jeito que tá... Nós tamos falando de uma cidade pacata, com disciplina, pá, pá, pá, até quando?

**M:** Não serve de consolo não, mas...

**R:** Eu tenho dó é desses adolescentes que tão por aí, usando droga, essas coisas, não tem um centro de recuperação em Nova Lima que você fala assim “Ó fulano de tal tá usando, vão colocar num lugar assim pra recuperar”. Não existe.

**S:** Mas eu acho que isso também vem do estímulo de cultura, entendeu?

**A:** Eu acho que tem, só não sei onde é. Só que tem um problema, é trinta no máximo, só pode ficar trinta pessoas lá. É lotado.

**J:** É uma ONG?

**R:** É público.

**A:** Não, tem que pagar. É um salário.

**R:** Existe uma controvérsia. Eles falam que a pessoa tem que querer, não é Nina, a pessoa tem que querer. Se ela não quiser ela não vai, ela continua. E você acha que as pessoas que tão nessa vida vão querer? Teria que usar uma outra maneira de tratar dessas pessoas. Sabe o quê que acontece, isso vai virar uma epidemia.

**A:** Porque é triste, é duro ver a pessoa assim se acabando.

**R:** Eu fico com dó é do futuro do país, porque, quem vai dirigir esse país? Será que o cara que vai estar lá na frente, dirigindo o país, será que ele vai tá com a carreirinha de pó pra cheirar lá na mesa? Porque já vai pra esse caminho!

Encerro o trabalho, pois já ultrapassamos o horário combinado e os participantes da próxima reunião a ser feita no local já esperam há algum tempo. Combinamos novos encontros para retomar o tema e para um retorno com relação à dissertação.

**N:** Vocês gostariam de encontrar uma outra vez pra gente conversar?

**R:** Ô, quando marcar, estamos aí...

**L:** Um papo tão gostoso, pra gente poder por pra fora o que a gente sente, né.

**N:** Ter outras formas de falar dessas mesmas coisas, criar outras maneiras.

**R:** De repente, desses encontros pode surgir alguma solução. Quem sabe, a gente vai colhendo informações, saber realmente o que está acontecendo e através disto aí a gente pode procurar um caminho pra mudar alguma coisa.

**V:** Se você quiser, eu tenho umas fotos de Nova Lima antiga, tenho muitas.

**N:** José, você também falou que tem foto, lá do Geraldo Mingau.

**V:** Das minhas trilhas de bike, também...

**N:** Então, quem sabe a gente reúne pra ver essas fotos e conversar sobre isto. Quando?

**L:** Quando for melhor pra você.

**N:** Se outra pessoa promover, por exemplo, montar o Power Point, pode ser?

**V:** Tá certo, pode ser.

**N:** Eu posso ficar por conta de trazer alguma técnica pra movimentar. Muito obrigada, gente.

**L:** Isso só faz crescer.

**A:** Eu adorei, aprendi um tantão de coisa com vocês.

(Conversa geral, perguntas sobre a vida pessoal).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento empreendido nessa pesquisa me levou a conhecer, em profundidade, aspectos da história de Nova Lima ligados à sua trajetória como cidade operária e seus desdobramentos, sua (trans)formação em cidade dos condomínios e os processos de subjetivação que nessa passagem se produziram. As questões relativas à modernidade e ao capitalismo contemporâneo, em sua relação com a grande cidade, que se expande, metropolizando os arredores, se mostraram conectadas às questões espaço-ambientais características do território novalimense, monopolizado, recortado, segmentado.

As falas dos moradores entrevistados, aliadas às minhas percepções e concepções, completaram a montagem do mapa em que as macro-influências se misturam com as micropolíticas do cotidiano, os pequenos gestos, o exercício da cidadania, as expectativas, as vontades. Um mapa peculiar como tantos outros que poderiam ser montados por outros caminhos.

As rápidas mudanças, que se desencadearam nessa região e no mundo desde que esse projeto foi construído (2006), trazem o risco de que alguns dados e análises se mostrem desatualizados, apesar dos esforços empreendidos para recompor certos trechos do trabalho.

Alguns pontos me parecem importantes e devem ser ressaltados, como avanços dentro do campo pesquisado e como caminhos possíveis, caracterizados por:

- Abrir possibilidades de novos estudos e pesquisas a partir das discussões, levantamentos e relatos aqui colocados lado a lado, em conexão.
- Ter se constituído em dispositivo de escuta e ampliação de vozes não ouvidas pelas instâncias oficiais, agenciando encontros, reflexões, tomadas de consistência de afetos, afetações, saberes e fazeres das muitas “nova limas”.
- Poder funcionar como base para futuras ações e movimentos de politização do cotidiano e de retomada de uma participação cidadã.
- Exercitar metodologias inventivas, apropriadas ao traçado proposto, aderindo, na prática, à condução rizomática da pesquisa, trabalhando por conexões, entradas múltiplas para uma certa linearidade. O livro *Cartografia e Devires*, organizado por Tânia Galli Fonseca e Patrícia Kirst foi um bom companheiro nesse exercício.

O rumo e os percursos do trabalho foram impulsionados por múltiplas instâncias: uma fala, uma foto, uma memória, uma demanda, uma teoria. Uns e outros, por conexão e contágio, se enredaram e se puseram em agenciamento, construindo novas trilhas, pontes,

atalhos. Tudo isso funcionou como motor agenciador de movimentos e entusiasmo nos momentos de cansaço e aridez.

Se, de início, imaginei ter que realizar uma grande investigação documental, ela foi reduzida por ter encontrado o excelente material produzido pelo grupo de pesquisadores ligados à UFMG e à PUC-Minas, apresentado em muitos artigos e no livro *Novas Periferias Metropolitanas*, organizado por Heloísa de Moura Costa, fonte de informação e aprofundamento das questões espaço-ambientais que me inquietavam.

A falta de dados no município, ou sua indisponibilidade, me deixou sem algumas informações importantes, como, por exemplo, a informação atualizada sobre o número de condomínios instalados no município e a área que ocupam. Essa e outras lacunas estão certamente conjugadas com alguns excessos, duplicações, redundâncias, que não pude perceber ou optei por manter já que as sutis diferenças, nuances delicadas que conferem sabor ao texto, me pareceram importantes como registro da riqueza do tema.

#### *Ensaando uma síntese*

É necessário comentar e ordenar alguns aspectos, que se destacaram no desenrolar de todo processo, seja na pesquisa empírica ou no levantamento de dados e informações.

O grande problema, a questão fundamental para o morador de Nova Lima está ligada à questão do espaço: à desigualdade de sua distribuição, ao estrangulamento da sede, à restrição de acesso ao território, às segregações. Também à privatização de espaços públicos e à dificuldade dos filhos de Nova Lima se fixarem na cidade, pelo alto custo da terra e dos imóveis. A questão espacial atravessa toda a vida da cidade, as atividades de cultura e lazer, o convívio, as possibilidades de encontro.

Percebe-se uma revolta, um clamor generalizado com relação à discrepância entre o espaço destinado aos condomínios e o que sobrou para os moradores da sede, além de se criticar bastante os altos investimentos públicos para favorecer os grandes empreendimentos privados. O sentimento de perda perpassa os relatos: perda de espaço, do contato com a natureza, de um estilo de vida e convívio, da saúde mental.

O cidadão novalimense se sente pressionado pela cidade grande, “de pedra”, que chega à sua porta, ao seu cotidiano, com a perda de padrões de convivência e de qualidade de vida cultivados pela população. Pressionados pela perda dos espaços de circulação, lazer e contato com a natureza, dilapidada e cercada pelos grandes empreendimentos imobiliários; pressionados pelo acirramento das desigualdades e da segregação herdadas do processo de

colonização e exploração mineral; pressionados pela expansão urbana da capital, os habitantes de Nova Lima se angustiam e adoecem. Aumentam a drogadicção, a depressão, as taxas de suicídio.

A divisão cidade alta/cidade baixa, oriunda da estratificação instalada pela colonização britânica e atualizada na separação condomínios/sede foi bastante comentada, assim como a falta de planejamento e o despreparo da cidade para enfrentar o crescimento acelerado que vivencia, se mencionando um despreparo do poder público, das empresas e da população para as novas realidades.

Há em muitas falas uma negação da cidade grande e uma necessidade de reafirmar modos de vida bucólicos, rurais, simples, desprentensiosos, que constituíram as maneiras de ser novalimense. Ao mesmo tempo se expressa um estado de confusão entre Nova Lima e Belo Horizonte, uma dissolução dos limites entre os dois municípios, uma mistura dos problemas de ambos. Não se distinguem mais os contornos de Nova Lima. Uma cidade pequena? Uma cidade enorme?

A visão que se tem da cidade é ambígua, inconsistente, ambivalente. Há incertezas, há desamparo, há espanto. O contraste entre a vida interiorana que ainda se cultiva e uma nova cidade, que se diz “de primeiro mundo”, com ritmos e espaços de metrópole, colabora para que o novalimense se encontre perdido nesse grande território que, no entanto, não oferece áreas disponíveis para os nativos. O novalimense, acostumado às práticas de acolhida e ao convívio quase familiar com seus vizinhos, estranha a postura dos novos moradores dos condomínios, avessos aos contatos e aos laços de amizade. Tentam entender e propõe saídas para tal situação.

A descaracterização da cidade, de sua arquitetura, de suas praças, foi bastante destacada, se enfatizando a importância do cuidado com os espaços públicos e com o patrimônio cultural, para que o cidadão se sinta valorizado e se promovam novas formas de contato e participação social. Deseja-se preservar uma história demarcada no espaço da cidade, mesmo que essa história tenha sido de dor e humilhação. É a partir desses marcos que as singularidades se afirmam e podem se recompor frente à massificação de um sistema de signos homogeneizante, acachapante, sem história.

Durante a pesquisa as referências à mineração fizeram emergir lembranças, histórias cheias de resignada ironia, trechos da vida de cada um e de toda coletividade. Uma ferida viva, mobilizadora de lembranças, atitudes, revolta, orgulho, opiniões.

Apesar das diferentes posturas, os moradores da sede comungaram do sentimento de amor pela cidade, misturado à vergonha e à indignação com o descaso pelos moradores

antigos e pelas raízes da cidade, além da esperança em mudanças conquistadas através da participação e empenho da população.

### *Desdobramentos e continuidades*

Já se disse que não há pesquisa sem intervenção, que estaria presente, em graus diversos, em todas as pesquisas. Neste caso isto aconteceu desde quando cada entrevistado se debruçou sobre o tema e pôde ordenar suas idéias sobre os tópicos propostos no roteiro, que nesse aspecto foi didático. Muitos entrevistados expressaram o desejo de dar continuidade a essa possibilidade de falar e discutir as questões que atravessam o viver em Nova Lima. Mais ainda no grupo focal que, a partir da sinergia entre os componentes e a pesquisadora, formulou claramente a disposição de dar continuidade aos encontros, chegando a se delinear como seriam agenciados.

Surpreendi-me com o envolvimento dos entrevistados e com a pulsação do tema no seu dia-a-dia. O seu potencial de movimentação e sua vontade de continuar falando sobre tudo isto me assustou um pouco, já que não tinha uma proposta clara a esse respeito. Minha trajetória militante influenciou, certamente, nessa postura dos participantes, já que alguns enxergam em mim uma possível organizadora de grupos de atuação que busquem saídas pra os impasses e incômodos apontados pela pesquisa.

Junto ao meu desejo de ver se desenrolarem novas possibilidades de ação e re-existência na cidade, é prudente avaliar de que lugar eu estaria atuando e com que desdobramentos. Já está, entretanto, acertado com o grupo, um encontro para comunicação de “resultados” da pesquisa e discussão dos efeitos provocados pela sua articulação. A partir daí poderão se produzir oportunidades de conexões e agenciamentos, re-territorializações desejantes na cidade que se transforma.

“Mas o que queremos enfatizar até o grito é que também há infinitas cidades virtuais, que apenas esperam fora do tempo chamado ‘útil’ [...] o momento de atualizar-se como acontecimentos para revolucionar o espaço chamado urbano.” (BAREMBLITT, 1997, p. 15).

### *Caminhos Possíveis*

Poderíamos dizer, num trocadilho, que os problemas de Nova Lima são O Capital e A Capital. As soluções almejadas passariam, então, por vários níveis, desde as modificações no capitalismo globalitário, nos processos de massificação e nos ritmos da metrópole até a

alteração da grave questão territorial da região. Passariam também pela instauração de um “querer viver juntos” que não aconteça pela acomodação acrítica às desigualdades sociais, nem pela despolitização do cotidiano e se encaminhe à busca das relações gentis e respeitadas entre cidadãos, companheiros de viagem. Repolitização dos laços sociais, poderes públicos que representem os cidadãos, seus direitos, suas necessidades: uma fórmula óbvia e pouco praticada.

Que outros rumos Nova Lima e seus moradores podem apontar para romper com o silêncio secular, com as impossibilidades instaladas no seu território? Há saídas para o medo, a apatia, a alienação, para os estranhamentos e a auto-repressão, que não sejam só através do deboche, da piada, da ironia? Que novos traçados podem romper esses cercados, esse aprisionamento?

Se Nova Lima vive transformações que impedem a produção de subjetividades livres e potentes, através de cerceamentos que vão do nível espacial ao dos territórios existenciais, é urgente a instauração de autênticas transformações produtoras de autoconfiança, de liberdade de movimentos, de alegria. Que se construa um outro novo nas fissuras do sistema, diferente do novo fabricado para promover a repetição e o aprofundamento das desigualdades. Desejos, memórias, reflexões, tudo deve estar disponível para que haja possibilidade de rearticulações, inclusive as político-econômicas, que propiciem a fluência da vida.

Buscar as virtualidades da cidade. Recuperar a capacidade de expressão do novalimense, a possibilidade de falar, dizer o que pensa, o que sente. Fazer acontecer coisas na cidade, através da arte, da política, do exercício do pensamento.

Recuperar a possibilidade de contato com a natureza, com o território negado e expropriado, com territórios de vida, com o próprio corpo. Recompôr laços sociais que se esgarçaram, romper as barreiras de um individualismo narcísico. Se organizar coletivamente, reinstaurar platôs de movimentações solidárias, associações entre singularidades que se afinam e buscam exercitar formas de urbanidade e civilidade.

Fazer a vida acontecer fora das estereotípias, dos lugares marcados, da reprodução dos moldes capitalistas, do consumismo vazio, dos contatos despotencializados, das falsificações. Afirmar posturas éticas e estéticas de uma vida baseada na alegria.

Utopias ativas, virtualidades de uma cidade que quer se reinventar, sobre as carcaças da exploração mineral, da exploração do homem, da invasão de seus espaços de vida. Exercício cotidiano de cada um e de todos nós.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. Contradições espaciais, conflitos ambientais e regulação. In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.
- ASCHIDAMINI, Ione M.; SAUPE, Rosita. Grupo focal – estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**, jan-jun. 2004, 9 (1), 9-14. Disponível em: [www.ceamecin.fmg.br](http://www.ceamecin.fmg.br).
- AUBERT, Nicole. **Le culte de l'urgence – la société malade du temps**. Paris: Flammarion, 2003.
- BAREMBLITT, Gregório. Ecopráxis: discurso inaugural. In: **Anais do Congresso A cidade vivente: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea**. Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997.
- BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1998.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENEVIDES, Regina. Orelha. In: FONSECA, Tânia G.; KIRST, Patrícia G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, v.19, n.4, out/dez. 2005.
- BRITO, Fausto; SOARES, Marcy R.; SOUZA, Renata G. **A migração intrametropolitana na Região Metropolitana de Belo Horizonte: uma comparação entre os municípios de Contagem e Nova Lima, (1991 – 2000)**. 2006. Disponível em: [www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/.../D06A065.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/.../D06A065.pdf)
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALDEIRA, Tereza P. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos CEBRAP**, Rio de Janeiro, nº 47, mar. 1997.

CORREIA, Telma de B. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Rev. Bras. Estudos urbanos e regionais**. A.3, n.4, maio 2001.

COSTA, Geraldo M.; PACHECO, Pollyanna D. Planejamento urbano no ambiente metropolitano: o caso do município de Nova Lima na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

COSTA, Heloísa S. de M. Contracapa. In: COSTA, Heloísa S. de M.(org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

COSTA, Heloísa S. de M. Introdução. In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

COSTA, Heloísa S. de M. Mercado Imobiliário, Estado e natureza na produção do espaço metropolitano. In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERREIRA NETO, João L. **A formação do psicólogo: clínica, social e mercado**. São Paulo: Escuta, 2004a; Belo Horizonte: Fumec/ FHC, 2004a.

FERREIRA NETO, João L. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. **Revista do Departamento de Psicologia**. UFF. Rio de Janeiro, jul.-dez. 2004b. Disponível em: [www.uff.br](http://www.uff.br).

FONSECA, Tânia M. G.; KIRST, Patrícia G. (orgs.). **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREITAS, Eliano de S. O movimento ecológico e a (re)produção social da metrópole ao sul de Belo Horizonte. In: COSTA, Heloísa de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte. 2006.

GONÇALVES FILHO, José M. Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, Beatriz P. (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

GROSSI, Yonne de S. **Mina de Morro Velho: a extração do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Edit. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1995.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Nathália A. **Regiões metropolitanas**: aspectos jurídicos. 2004. Disponível em: [www.jus2.uol.com.br](http://www.jus2.uol.com.br).

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, David. Espaços urbanos na “aldeia global”: reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do séc. XX. **Cad. Arquit. Urbana**, Belo Horizonte, n. 4, maio 1996.

KIRST, Patrícia G., et al, Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tânia G.; KIRST, Patrícia G. (orgs.). **Cartografia e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LAGO, Luciana C. A dinâmica espacial em curso nas metrópoles brasileiras: algumas questões para discussão. In: Costa, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

LANSKY, Sami. Cultura infantil no espaço livre público. In: **Participação e poder público**; artigo 03, São Paulo, 2006. Disponível em: [www.usp.br/fau/eventos/paisagem\\_e\\_participacao/poder\\_publico/A03\\_lansky](http://www.usp.br/fau/eventos/paisagem_e_participacao/poder_publico/A03_lansky). Acesso em: dez. 2008.

LE VEN, Michel M. **Dazinho**: um cristão nas minas. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2005.

LE VEN, Michel M.. **Dazinho**: um cristão nas minas. Belo Horizonte: CDI, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEMOS, André (org.) **Cibercidade**: as cidades na cibercultura. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2004.

LINHARES, Lucas R.; MAGALHÃES, Felipe N.; MONTE-MÓR, Roberto L. Urbanização extensiva e desconcentração espacial no Eixo Sul do Entorno Metropolitano de Belo Horizonte In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

MACHADO, Leila D.; LAVRADOR, Maria C. Loucura e Subjetividade. In: MACHADO, Leila D.; LAVRADOR, Maria C.; BARROS, Maria E. B.(orgs.). **Texturas da Psicologia**: subjetividade e política no contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAIOLINO, Ana L. G.; MANCEBO, Deise. Territórios urbanos: espaço, indivíduo, sociedade. **Mnemosine**, vol.1, nº 1, 2005. Disponível em: [www.cliopsyche.cjb.net/mnemosine/viewarticle.php?id=36&layout=html](http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemosine/viewarticle.php?id=36&layout=html).

MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tânia M. G. e KIRST, Patrícia G. (orgs.). **Cartografia e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MATOS, Ralfo E. Reflexões acerca da expansão da grande cidade na atualidade e de seu papel na expulsão e recepção da população. In: COSTA, Heloísa S. de M (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

MATTOS, Carmen G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível em: [www.nates.UFJF.br/novo/saudecoletiva/2007](http://www.nates.UFJF.br/novo/saudecoletiva/2007) .

MELO, Ciro F. de C. B. **Nova Lima, ontem e hoje**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

MENDONÇA, Jupira G.; PERPÉTUO, Ignez H. O. A metrópole belo-horizontina em expansão: periferação da riqueza ou polarização social? In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

MINAS GERAIS. **Manifestações folclóricas no município de Nova Lima**. Nova Lima: Prefeitura Municipal de Nova Lima, 2000.

MULTARI, Shirlei S. **Os suicídios ocorridos na ponte sobre o Ribeirão Cristais na cidade de Nova Lima e a representação social dos habitantes da cidade**. Trabalho apresentado ao Programa de graduação da PUC-Minas, núcleo São Gabriel. Belo Horizonte: 2007.

NOVA LIMA. **Diagnóstico preliminar ao Plano Diretor**. Nova Lima: JW Consultores Autorizados Ltda., 2005.

OJIMA, Ricardo. A cidade de riscos e a fragmentação urbana: os desafios para a gestão o século XXI. **Patrimônio**: revista eletrônica do IPHAN. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=98>. Acesso em 09/09/2008.

ORLANDI, Luis B. L. Implicações dos processos de subjetivação na contemporaneidade. In: **Texturas da Psicologia**: subjetividade e política no contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PAULA, João A. Novas Periferias Metropolitanas. In: COSTA, Heloísa S. de M. (org.). **Novas periferias metropolitanas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

PELBART, Peter Pál. A cidade virtual. In: **Anais do Congresso A cidade vivente**: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997.

PELBART, Peter Pál. Subjetividade esquizo. In: PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 161-173.

PEREIRA, William C. Castilho: **Cidade e urbano como espaço-tempo**. Belo Horizonte: PUC-Minas/ Instituto de Psicologia/ Mestrado, 2006.

ROBINSON, Patrícia G. Cartografando a onda teen. In: FONSECA, Tânia G., KIRST, Patrícia G. (orgs.). **Cartografia e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. **Cadernos de Subjetividade**. v.4. São Paulo: 1996.

ROLNIK, Suely. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: SANTAELLA, Lúcia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (orgs.). **Caos e ordem na filosofia e nas ciências**. São Paulo: Face e FAPESP, 1999.

ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica. In: MACHADO, Leila D.; LAVRADOR, Maria C.; BARROS, Maria E. (orgs.). **Texturas da Psicologia**: subjetividade e política no contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

ROMAGNOLI, Roberta C. A Cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v.21, n.2, 166-173, 2009.

ROMAGNOLI, Roberta C. A invenção como resistência, por uma clínica menor. **Vivência**. Natal: n.32, 2007.

ROMAGNOLI, Roberta C. Famílias na rede de saúde mental: um breve estudo esquizoanalítico. In: **Psicologia em Estudo**, vol.11, nº 2, Maringá, maio/ago., 2006.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tadeu (org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANTOS, Boaventura S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Milton. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SILVA, Rosane N. Inventando uma outra psicologia social. In: FONSECA, Tânia M. G. e KIRST, Patrícia G. (org.). **Cartografia e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SIMONE, Magali. Fuga para condomínios: opção acessível para poucos. **O TEMPO**, Belo Horizonte, 30 de dezembro de 2006. Cad. Cidades, p. A14 e A15.

SOUZA, José R. **As minas de ouro de Morro Velho**. Belo Horizonte: [s.n.], 1999. (publicação independente).

SPOSITO, Maria E. B. A cidade dentro da cidade: uma Edge City em São José do Rio Preto. **Scripta Nova**, v.VII, n.146, agosto 2003. Disponível em: [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(045\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(045).htm) . Acesso em: 09/09/2008.

SUANNO, Marilza V. R. **Auto-avaliação institucional e metodologia do grupo focal**. Goiânia, 2002. Disponível em: [www.pedagogiaemfoco.pro.br](http://www.pedagogiaemfoco.pro.br) . Acesso em 10/12/2006.

TORRES, Haroldo da G.; MARQUES, Eduardo C. Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno municipal. **Rev. Bras. Estudos urbanos e regionais**. n° 4, mar. 2001.

VILLELA, Bráulio C. **Nova Lima**: formação histórica. Belo Horizonte: Cultura, 1998.

ZAKABI, Rosana. O sonho americano. **VEJA on-line** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/150502/entrevista.html>. Acesso em: 09/09/2008.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

## APÊNDICE A

### Glossário

**Bonserás:** habitações constituídas de várias unidades conjugadas, grandes barracões, com instalações sanitárias e tanques coletivos, destinadas aos trabalhadores menos qualificados.

**Carreiros:** responsáveis por encher com a pá e empurrar os carros onde é transportado o minério, se autodenominando “ralé da mina”.

**Chocos:** Blocos de minério que não caem durante a dinamitação, ficando meio soltos e podendo desabar posteriormente, soterrando os trabalhadores.

**Feitores:** chefes de turma, responsáveis pela fiscalização e execução do trabalho no realce e por “limpar o choco”.

**Fogo falhado:** dinamite não detonada que fica no interior da pedra, que explodia quando tocada pela perfuratriz, causando, quase sempre, a morte do mineiro.

**Footing:** passeio noturno, “depois da reza”, em que moças e rapazes giravam em direções diferentes em torno da praça da matriz.

**Gaiola:** elevadores abertos que transportavam mineiros, terra e minério, nas suas subidas e descidas dentro da mina.

**Horizonte:** campo de trabalho, com sua trama de galerias e realces, que se abria a cada “stop”, parada das gaiolas e carros de transporte.

**Panelas de gás:** acúmulo de gás natural encontrado nas rochas, que se incendiava no contato com a chama do lampião de carbureto do trabalhador.

**Pica-pau:** carpinteiro que trabalhava com as escoras e dormentes de madeira dentro da mina.

**Realce:** salão, tipo caverna, de onde se extrai o minério.

**Scones:** pequenos bolos que acompanhavam o ritual do chá das cinco.

**Sambado:** se diz pejorativamente do mineiro que, adoecido com o excesso de calor e com a falta de ar puro, tem transtornos motores e neurológicos que obrigam a sua retirada do ambiente de trabalho.

**Staff:** Direção e técnicos graduados.

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

1 – COMO VOCÊ PERCEBE, SENTE A NOVA LIMA DE HOJE? E A DO PASSADO?

2 – COMO É VIVER AQUI ATUALMENTE?

3 – O QUE VOCÊ SENTE QUE MUDOU? / FALE SOBRE AS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA CIDADE. / FORMAS DE VIDA NA CIDADE: O QUE MUDOU? O QUE PERMANECE IGUAL?

4 – FALE SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES:

- ECONÔMICAS / SOBREVIVÊNCIA / TRABALHO

- CONSUMO / PADRÃO DE VIDA

- DIVISÃO ESPACIAL DA CIDADE / HABITAÇÃO

- MEIO AMBIENTE / ESPAÇOS DE CONTATO COM A NATUREZA / PAISAGENS

- CONVÍVIO SOCIAL / CULTURA / USO DO ESPAÇO PARA LAZER / INDIVIDUALISMO

- SEGURANÇA / ESPAÇOS PÚBLICOS / RUAS E ESTRADAS

- PROBLEMAS SOCIAIS / MOVIMENTOS DA SOCIEDADE

5 – O QUE VOCÊ PENSA DESSAS MUDANÇAS?

6 – FALE COMO PERCEBE O TAMANHO DE NOVA LIMA.

7 – VOCÊ PERCEBE A CHEGADA DA CIDADE GRANDE? EM QUE ASPECTOS?

8 – COMO VOCÊ SE SENTE COM RELAÇÃO A ISTO?

9 – COMO INFLUENCIA A VIDA DAS PESSOAS? E A SOCIEDADE COMO UM TODO? VANTAGENS E PROBLEMAS.

10 – VOCÊ VÊ RELAÇÃO ENTRE O QUE ESTÁ ACONTECENDO EM NOVA LIMA E O QUE ACONTECE NO MUNDO? FALE SOBRE ISTO.

11 – FALE SOBRE O CIDADÃO NOVALIMENSE DE HOJE E DE ALGUM TEMPO ATRÁS. E AS CRIANÇAS? E OS ADOLESCENTES? O QUE MARCA O NOVALIMENSE?

12 – QUAIS SÃO SUAS EXPECTATIVAS PARA A CIDADE? QUAIS AS SOLUÇÕES E PERSPECTIVAS?